

DR. A. A. MARTINS VELHO

As Potências Ocultas do Homem

OU

Os Grandes Problemas da Vida

Magnetismo
Espiritismo—Ocultismo



LISBOA
Livraria Classica Editora
de A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 17

1920



FILOSOFIA E MORAL ESPÍRITA

Reincarnação

Lei do Progresso Indefinido

Imortalidade

Lei básica do Espiritismo

Justiça

Lei moral suprema

Ao seu Presado amigo e Eminente Clinico Naturista

Dr. Amilcar de Sousa

Com demonstração de subida consideração e agradecido afeto

O Autor.

Capítulo I

A Ciência Antiga

Há de haver sem dúvida muitas pessoas que se hão de sorrir ao lerem o título que encima este capítulo - **SCIÊNCIA ANTIGA**.

Pois os antigos tinham porventura algum corpo de doutrinas a que se possa, com justiça, qualificar de ciência?

E mais admirados ficarão com a nossa afirmação categórica no sentido afirmativo.

Sim; os antigos possuíam um vastíssimo corpo de doutrinas em variadíssimos ramos de ciência contemporânea. Simplesmente êsses conhecimentos constituíam o monopólio exclusivo da classe sacerdotal, que era a classe sábia de então e por isso mesmo dominante. E é por causa dêsse monopólio que a ciência antiga é hoje denominada oculta.

Para darmos uma ideia aproximada do que era a ciência nesses tempos remotos, basta respigar ao acaso nos autores gregos e romanos tudo o que eles sumariamente nos indicam a tal respeito, e ao mesmo tempo é mister ter uma noção sumária sôbre a forma porque o ensino era ministrado nessas épocas remotas.

*

* *

Nos povos do Oriente asiático, no velho Egito e nas nações meridionais da Europa o ensino era ministrado da seguinte forma.

As creanças eram educadas primeiro no regaço da família pelos pais, que lhes davam a educação cívica e instrução elementar.

Depois passavam a receber dentro da sua tribo a instrução profissional: e se a creança não mostrava aptidões superiores, ficava por aqui limitando-se a conhecer bem a técnica do ofício que havia aprendido.

Os que, porém, denotavam possuir o germen de aptidões superiores iam viver para a cidade mais próxima, onde havia um templo qualquer servido por um numeroso corpo sacerdotal e adquiria aí a qualidade de adepto ou discípulo, que lhe garantia o poder instruir-se nos princípios elementares de várias sciências, entre as quais figuravam a terapeutica como parte essencial do ensino.

Passados alguns anos de aprendizagem, quando o adepto tenha já demonstrado possuir os conhecimentos que de viva voz havia recebido, era admitido a tomar parte nos Pequenos Mistérios, onde, depois de ter passado, por numerosas provas, algumas delas terríveis, recebia o 1º grau de Iniciado nos Pequenos Mistérios, que equivaliam em certo modo aos cursos dos nossos liceus.

Este grau de ensino dava aos Iniciados determinadas prerrogativas civis e políticas, tais como a de poder exercer certas funções públicas.

Mas se o Iniciado não se contentava com isso, e queria ascender muito mais acima, então deixava a sua pátria e ia estudar num dos grandes focos de ensino superior, que se encontravam nos grandes pagodes do Hindustão, nos grandes templos da Caldea ou da Pérsia, nos templos hipogeus do velho Egipto, ou mesmo nos grandes santuários do paganismo helénico.

Eram essas as grandes Universidades de então, pois que ali se estudavam todos os conhecimentos humanos então conhecidos.

Mas os conhecimentos aí ministrados e, mais do eles ainda, o método de estudo e investigação científica, que adoptavam eram mantidos secretos para o vulgo e somente transmitidos, debaixo do mais rigoroso segredo, aos adeptos, que lenta e gradualmente os iam adquirindo, depois de provas rigorosíssimas, vencidas as quais o adepto conquistava o título de Iniciado nos Grandes Mistérios, ou Filho de Deus.

É por isso que ao complexo de todos os conhecimentos científicos dos Pequenos e dos Grandes Mistérios, se dá hoje o nome de Ciência Oculta, ou Ocultismo.

*

* *

No que deixamos dito se vê que os iniciados nos Grandes Mistérios eram os grandes sábios de então e ao mesmo tempo sacerdotes de diversas graduações, e no campo científico uns dedicavam-se à astronomia, outros à medicina; uns eram engenheiros, outros eram matemáticos, físicos, químicos ou naturalistas.

Mas todos eles estavam intimamente ligados ao mesmo centro de ensino, dispondo mesmo nalguns sítios de uma língua sagrada, comum, que todos conheciam e falavam.

Moisés, o legislador do povo hebreu, foi um dos mais célebres iniciados nos altos mistérios de Isis, e foi também a êsse centro de estudos do Egipto que os grandes filósofos da antiguidade grega foram buscar os conhecimentos superiores, que os tornaram célebres.

Foi aí que Licurgo e Solon foram beber a arte de governar os homens, foi aí que Pitágoras bebeu a sua ciência prodigiosa, e onde Platão se inspirou para lançar as bases da sua remontada filosofia.

Para demonstrarmos com toda a evidencia que os antigos possuíam uma vastíssima ciência que abrangia inumeros ramos dos conhecimentos humanos e que os possuíam muitos séculos antes que os europeus fizessem as mesmas ou análogas descobertas, vamos num curto resumo indicar os principais conhecimentos que eles possuíam.

Dutens, na sua obra, hoje rara, intitulada - Origem das descobertas atribuidas aos modernos, dá-nos a demonstração palpavel de que laboram em gravíssimo êrro todos os que supõem que os antigos eram uns ignorantes e que todos os conhecimentos científicos são descobertas recentíssimas.

É assim que a imprensa foi descoberta na China cinco séculos antes que Guttemberg a descobrisse na Europa.

A química geral inorgânica e orgânica, a química medicinal e a industrial atingiram um enorme desenvolvimento entre os antigos, como se pode verificar lendo-se o capítulo que Dutens no livro citado consagra á química.

Os egipcios e atraz deles os gregos conheceram o segredo para a fabricação das pedras finas, tais como rubis, esmeraldas, safiras e topázios.

Grande número de escritores antigos nos atestam que um grande número de ácidos, de compostos básicos e de sais eram conhecidos desde remotas eras, bem como o alcool e o éter; mas as fórmulas do seu fabrico eram mantidas debaixo do mais rigoroso segredo.

E além disto eles conheciam mesmo o fabrico de certos produtos industriais, cujas fórmulas perdemos, e hoje são desconhecidas, tais como o vidro maleavel, de que falam Plínio e Petrônio, e os processos secretos que os egipcios empregavam para embalsamar os cadáveres.

Valeriano na sua Vida de Alexandre afirma-nos que os exércitos indianos empregavam canhões de bronze,

e Porfírio afirma-nos tambem que Constantino Porfirogeneta tinha no seu exército peças de artilharia, e que a pólvora e outros explosivos eram empregados nos exércitos, afirmam-o Valério, Flaco, Júlio Africano, e mais especialmente ainda Marco-Greco que chega a dar a receita para fabricar a pólvora, cujos componentes eram os mesmos que hoje se adotam.

A bússola era desde remota antiguidade conhecida pelos chinêses, que a dividiam em 12 rumos principais, subdivididos em muitos outros secundários.

Em astronomia estavam tambem muito mais adiantados do que geralmente se supõe. Assim sabe-se hoje que muitos séculos antes da nossa era já os chinêses sabiam calcular os eclipses do sol e da lua, e consequentemente conheciam a esfericidade da Terra; e tanto eles como os caldeus, e os egipcios conheciam perfeitamente o período de 6:585 dias e um terço, passado o qual os eclipses do sol e da lua se repetem fatalmente na mesma ordem durante um grande lapso de tempo.

Plutarco afirma que Pitágoras acreditava que a Terra não ocupava o centro do nosso grupo solar, mas antes era ela que se movia em tórno do Sol, originando assim os dias e as noites.

E esta mesma doutrina era ensinada por Aristarco, Filolau, Seleuco e Timeteu de Locres.

O mesmo Plutarco nos afirma que, segundo Demócrito a aparência leitosa da Via-láctea era resultante de ela ser composta por uma infinidade de estrelas fixas cuja claridade se confunde atenta a enormíssima distância a que de nós se acham.

E Anaximenes, Heraclito e Aristóteles diziam que as estrelas fixas eram grandes massas de ignição em tórno das quais giram planetas que a enorme distância a que se acham não nos deixam vêr.

Com quanto pareça certo que os antigos não conheceram as lunetas astronómicas nem os telescópios nem outros instrumentos similares, é certo que eles conheceram as lentes côncavas e convexas, a que chamavam vidros ópticos e vidros ardentes, e o seu emprêgo para ampliar a grandesa dos objectos pequenos, e que conheceram tambem as leis da refração da luz quando

atravessa meios de densidades diversas. Aludem a estes factos Plutarco, Jumblico, Aulo Gelio e Séneca.

Muitos séculos antes que Papin fizesse experiências com a sua marmita, dava Leonardo de Vinci o plano para a construção de um canhão a vapor, e Antemo de Trabes e Agatias fizeram experiências sobre as aplicações da força do vapor.

Até mesmo a electricidade e as aplicações da sua força foram conhecidas nos tempos antigos. Prova-se isto com a afirmação de Tito Lívio e de Plínio, que nos dizem que Tulo Hostilio querendo evocar a força eléctrica, seguindo para isso as instruções de um manuscrito de Numa Pompilio, morreu fulminado por um raio, por não ter calculado bem o choque de retrocesso.

E como o raio era considerado a arma de Júpiter, por isso davam a êste o nome de Júpiter Elicio, o que equivalia a chamar-lhe Júpiter Tonante ou Trovejante.

Para se vêr até que ponto os antigos sabiam lidar com a electricidade, basta dizer que, segundo afirma Sozoménes na sua História Eclisiástica, os sacerdotes etruscos defendenram a cidade de Nárnica a golpes de raio, contra as hostes de Alarico, e que esta cidade não pode ser tomada.

É também certo que os sacerdotes egípcios manejavam o raio com a mesma facilidade com que nós hoje manejamos o vapor.

É certo que os antigos não conheciam a telegrafia eléctrica, nem a telegrafia sem fios, mas em compensação, muitos povos orientais conheciam a telegrafia psíquica que lhes dá resultados equivalentes.

Assim, por ocasião da revolta dos cipais da Índia, os bazares indianos conheciam o resultado das batalhas duas horas antes que o telegrafo lhes transmitisse as notícias.

O mesmo facto nos atesta Fernando de Lesseps com respeito aos árabes da Tunísia.

As leis da gravitação, cuja descoberta inicial se atribui a Newton, era já conhecido dos antigos. Assim Plutarco dizia que uma força recíproca fazia gravitar os corpos celestes, um para os outros, e por isso também na Terra todos os graves tendem para o centro desta.

A lei formulada por Newton, que estatue que dois corpos se atraem na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distâncias, era conhecida por Pitágoras, como se vê da sua doutrina sobre a harmonia das esferas. Dizia ela que duas cordas, uma das quais tivesse comprimento duplo da outra, dariam ambas a mesma nota musical, sempre que a corda de comprimento duplo sofresse uma tensão quadrupla da outra.

Essa mesma doutrina era abraçada por Plínio e por Macróbio, além de outros.

Como se vê pela resumidíssima sùmula que fizemos das principais conquistas científicas dos antigos, eles não eram tão ignorantes como geralmente se supõe. E é por suspeitarem isso mesmo que as maiores notabilidades científicas dos séculos XVI, XVII e XVIII se ocuparam com afinco do estudo de diversos ramos de ciência antiga correlacionada com a astrologia, a alquimia, a cabala, a magia, etc.

É assim que Goete confessa ter-se ocupado muito da alquimia, Newton da cabala, Rogério Bacon de astrologia, e muitos outros vultos notáveis de outros ramos da Ciência Oculta.

*

* *

Mas como poderam os antigos, bastante desprovidos dos instrumentos e aparelhos científicos, que hoje enriquecem os nossos laboratórios e salas de estudo, avançar tanto no domínio das ciências de observação e análise?

Foi graças ao método de investigação que empregavam, método que era completamente diverso do que se adota actualmente.

Na ciência moderna emprega-se exclusivamente o método analítico; ao passo que os antigos, sem desprezarem por completo a análise, adoptavam de preferência como base, um método essencialmente sintético - O MÉTODO DA ANALOGIA.

É certo que em mãos pouco habéis pode não dar grandes resultados; mas manejado por um investigador prudente e habil pode dar resultados prodigiosos.

Não podemos infelizmente explicar em que consiste êste método; porque isso nos forçaria a sair muito fora do plano deste livro. E por isso limitar-nos-êmos a dizer que segundo o método analítico cada ciência constitue um corpo de doutrina isolado e independente das outras ciências, sem que entre elas haja uma ligação íntima, pois que todas elas se dividem multiplicados ramos, cada um dos quais busca a sua completa independência.

Desta sorte o estudioso, depois de ter adquirido uma noção muito rudimentar da ciência mãe, verificando que não pode estudá-la atentamente em todos os seus ramos, é obrigado a especializar-se em um só ramo para assim poder estudá-lo atentamente.

É assim que em todo o ensino moderno não ha um plano geral de conjunto, não ha uma síntese, que os englobe a todos, e subordine a princípios comuns.

É êsse o principal defeito do ensino moderno.

Na ciência antiga dáva-se o contrário disto. O nexos existia sempre entre todas as ciências, e, partindo sempre do conhecido para o desconhecido, conquistavam-se novas verdades com o auxílio poderoso da analogia que governa todo o Universo.

*

* *

Mas naquilo em que os antigos excederam muitíssimo os conhecimentos científicos da actualidade é na ciência da alma humana, no conhecimento dos seus íntimos segredos e nos enormíssimos poderes ocultos, que só a MAGIA nos revela em grau mais ou menos elevado.

Porque a MAGIA consiste unicamente em saber utilizar as forças naturais desconhecidas ou mal compreendidas do vulgo.

Se essas forças naturais são utilizadas com o fim exclusivo de fazer bem, ou para o progresso da ciência, diz-se magia branca ou simplesmente magia. Se porêem êsses segredos e poderes são utilizados com o intuito de fazer mal, então chama-se goécin ou magia negra.

A magia branca trabalhou sempre pelo progresso e pelo bem estar geral, e é a ela que se devem todos os progressos da física e da química.

Pouco e pouco ela foi entregando ao público, os seus segredos, reservando para si apenas o conhecimento e a utilização prática da força psíquica, que é a força mais poderosa da Natureza.

É na alma que residem os mais profundos mistérios do mundo oculto, mistérios que por toda a parte nos cercam, mesmo naquelas coisas que à primeira vista mais simples nos parecem.

Assim, por exemplo, o facto de mover-mos um braço ou uma perna num ou noutra sentido, é a coisa mais trivial e comesinho, e todavia que mistério profundíssimo que essa simples acção encerra! Basta que queirâmos movê-lo, os músculos apropriados, e não outros, põem-se em acção, e com tanta celeridade que o nosso pensamento nem tempo tem para se fixar nesse desejo. Como sucede isto?

Se analisamos com um microscópio o mais ínfimo insecto, ou invisível infusório, essa análise põe-nos desde logo em frente de problemas assombrosos e insolúveis.

Porque é que os germen de vida encerrados no trigo que foi encontrado numa das pirâmides do Egipto não perderam a sua vitalidade e passados mais de quatro mil anos poderam ainda germinar e produzir fruto, como se a existência dêsse germen datasse apenas do ano anterior?

*

* *

Não precisamos apresentar mais exemplos de fenómenos, que, parecendo banais e vulgares pela frequência com que os vemos, são todavia no seu amago profundamente maravilhosos.

Para o homem que estuda atentamente os fenómenos ocurrentes, tudo quanto nos rodeia é maravilhoso ou sobrenatural, como antigamente se lhe chamava.

O termo de sobrenatural ou milagroso é porêem um termo erróneo, porque nada ha que esteja fora ou acima das leis naturais.

Ao passo que a humanidade estuda e progride, o campo do sobrenatural, que é o desconhecido, vai-se restringindo.

Tudo o que há cem anos era um milagre, uma utopia ou um impossivel, é hoje uma realidade, uma vulgaridade, até.

A viação a vapor ou eléctrica, o telegrafo com fios ou sem eles, a aviação, o telefono, etc., que os sábios de há cem anos nem sequer sonhavam, são hoje trivialidades para toda a gente.

O sobrenatural foge a unhas de cavalo diante do progresso humano.

Podemos, pois, com segurança chegar a esta conclusão que é e será sempre verdadeira:

O sobrenatural ou o milagre nunca existiu, nem existe.

Duvidar de um fenómeno ou duma ordem deles, é lícito, e é uma prova de modéstia e de prudência científica; mas a incredulidade é uma prova de vaidade e de ignorância sistemática.

*

* *

A Ciência Oculta ou Esotérica, como vulgarmente se lhe chama modernamente ter-se-ia afundido por completo na noite tempestuosa e rude trazida á Europa pelas invasões bárbaras do Norte e pelas lutas fanáticas dos árabes e dos cristãos da Meia-Edade, se alguns adeptos da velha ciência, não houvessem conseguido salvar alguns manuscritos preciosos, e transmitir oralmente a novos adeptos as conquistas científicas acumuladas no decurso de muitos séculos, mas sempre debaixo do mais rigoroso segredo.

E com razão se mantinha esse segredo, que era para os iniciados uma questão vital, porque a opinião publica e a justiça medieval era de uma parcialidade e fanatismo feroz, e tinha um critério bifronte para apreciar e julgar os fenómenos maravilhosos. Se eles eram produzidos por indivíduos da classe eclesiástica, - eram qualificados de milagres, e os seus autores tornavam-se candidatos à beatificação póstuma.

Se eram operados por seculares, ai deles; porque eram logo suspeitos de diabolismo, e eram condenados à fogueira como bruxos, feiticeiros, etc.

Esta concepção errónea das coisas, êste critério abstruso prejudicou imenso a civilização da humanidade, impedindo a livre expansão do pensamento, e condenou muitos inocentes a penas infamantes.

Mas a despeito de todos os contratemplos e rigorismos que a superstição tenta opôr à liberdade do espírito, êste acaba sempre por triunfar.

E assim sucedeu no século XVIII.

Os exageros implacaveis da crença e o concomitante fanatismo religioso produziram, como era fatal e justo, uma reacção filosófica igual e contrária.

Á credulidade supersticiosa dos séculos anteriores sucedeu o scepticismo materialista do século XVIII, e o positivismo negativista do século passado, que abrigaram uma rude campanha contra a doutrina espiritualista.

As teorias da progressão indefinida dos seres e da seleção natural, proclamadas tão brilhantemente por Lamarck e Darwin, vieram ainda concorrer mais poderosamente para radicar nos espíritos a descrença materialista de que os enciclopedistas do século XVIII se haviam feito estrénuos propagandistas.

Experiências posteriores, porém, vieram demonstrar, que essa doutrina, apesar de verdadeira no fundo, era deficiente, ilógica e incompleta.

E com efeito, afóra outros elementos de prova, de que mais tarde falaremos, a lógica mais rigorosa exige que a evolução dos seres não acabe com a morte; mas antes se continue para além dela.

Que a morte implica consigo a desorganização dos tecidos e o acabamento da individualidade corpórea ninguém de boa fé o pode negar.

Mas (tratando por agora somente do homem) perguntamos: - apoz a morte dele estará tudo acabado para o homem?

Aquilo que em vida constituiu a sua individualidade e a sua personalidade, terá perecido por completo?

A eternidade das moléculas ou antes dos átomos materiais, que constituem os corpos, é hoje doutrina geralmente aceite: portanto se eles não podem aniquilar-se é porque continuam a sua evolução eterna com os próprios elementos de que dispunham em vida.

Ora, se a parte física continua evolucionando com os seus elementos desagregados, a parte psíquica, isto é, o sentimento, a inteligência, a memória e a vontade, que reunidas constituem a personalidade humana, devem também continuar evolucionando apoz a morte, sob pena da evolução deixar de ser evolução.

Portanto só êste argumento de per si nos leva à suposição, aliaz bem fundada, de que a personalidade humana não acaba com o facto da morte.

Para verificarmos, porém, se esta suposição é uma realidade, ou não passa de uma ilusão, torna-se indispensavel ir pedir êsses elementos de prova à magia, que compreende tres ramos das sciências ocultas, a saber: o MAGNETISMO, o ESPIRITISMO e o OCULTISMO.

Convem, antes de prosseguir mais avante, definir o que se deve entender por OCULTISMO.

A ideia que vulgarmente se liga a esta palavra é uma ideia falsa, que importa banir da linguagem científica.

Êste termo traz à memória ideias de bruxaria, de diabolismo, de fantasmas e coisas miraculosas.

Mas os sábios da antiguidade, como os modernos, não admitem milagres nem artes diabólicas, e consideram todos os factos da Naturêsa como resultantes de leis naturais, embora desconhecidas.

Para êles, como para nós, o Ocultismo compreende todos os conhecimentos científicos, cujo estudo era mantido secreto, e só era conferido a discipulos escolhidos a que se dava o nome de iniciados e adeptos, conforme o grau de conhecimentos que adquiriam.

Compreende-se também pelo nome de Ocultismo o estudo de fenómenos que não podem ser completamente percebidos pelos nossos sentidos físicos vulgares; mas só podem devidamente compreendidos pelos nossos sentidos hiperfísicos, a que Paracelso dava o nome de sexto princípio.

Assim a sciência vulgar é o estudo das aparências das coisas, ao passo que a sciência oculta estuda a realidade das coisas, o seu modo de ser íntimo.

Tem, pois, como fim especial achar uma solução ao mesmo tempo positiva e mística aos grandes problemas da Natureza que teem atormentado o homem em todas as épocas: - Deus, o Bem, o Mal, o Mundo visível e o invisível, o Homem e a Alma humana e o seu destino futuro.

O ocultismo remonta á mais remota antiguidade, embora o termo só comece a encontrar-se na Idade Média. Antes dessa época empregava-se o termo esoterismo, que era equivalente.

Os filósofos alexandrinos davam o nome de Secção Esotérica a uma classe escolhida entre os seus melhores alunos, e era só a êsses que ministravam os seus ensinamentos mais abstratos, que os discípulos ordinários não poderiam compreender.

Durante os primeiros séculos do cristianismo esta escola esotérica continuou subsistindo mesmo no seio do cristianismo nascente, com o nome de gnósticos, e é forçoso reconhecer que esta escola filosófica prestou um apoio considerável á religião nascente.

Como porém a escola gnóstica se propagasse extraordinariamente entre os cristãos, ameaçando a soberania absorvente do alto clero, foram os gnósticos perseguidos como herejes e obrigados a esconder-se.

Forçados pela necessidade eles reuniam-se então em segredo, fundando sociedades secretas, onde se conservou intacta a tradição ocultista.

Foi assim que nasceram as associações de Iniciados herméticos, de Cavaleiros adeptos de S. João, e dos Cavaleiros Templários.

Êstes tinham a peito reconstituir a fraternidade obliterada dos antigos templos orientais, e teriam sem dúvida

infundido na sociedade cristã as luzes quasi apagadas da verdadeira doutrina, quando, em 1312, atraído e falsamente acusados de crimes gravíssimos, foram perseguidos e condenados á morte muitos deles, e os demais dispersados.

Uma boa parte dos que escaparam ao morticínio fundaram as associações secretas dos Rosa Cruz e dos Franco-Maçons.

É desta época que data, segundo parece, o termo do ocultismo, para designar o complexo de conhecimentos, que até então eram reservados aos iniciados, e que resultavam das reminiscências das velhas sciências orientais, aliadas com as teorias Neo-platónicas, com as da Cabala e da Gnose, doutrinas estas que, nessa época de crassa ignorância, eram todas classificadas de heréticas, sendo os que as seguiam condenados sem remissão á fogueira.

Por isso os ocultistas de então, para poderem transmitir aos iniciados os seus conhecimentos secretos, sem os revelarem aos profanos, começaram a escrever numa linguagem convencional cheia de perifrases misteriosas e simbólicas, publicando obras notáveis, mas enigmáticas para o vulto.

É neste estilo que escreveram as suas obras Renchliu, Agripa, Paracelso, Cardan, Portel, Robert Flud, os quais viveram no período que decorre de 1455 a 1637. Seguiram posteriormente o mesmo sistema Van Helmont, Silezius, Poiret e Swedenborg.

É de Swedenborg que derivam as sociedades de ocultistas e iluminados do passado século; pois que êle foi o precursor de Martinez-Pascal e de Cláudio de Saint-Martin, que por seu turno foram os inspiradores de Lavater e Wronski, de Elifas Levi e de Luiz Lucas; que por outro lado foram os precursores de todos os ocultistas modernos e contemporâneos.

*

* *

Sob a designação genérica de SCIÊNCIAS OCULTAS, compreendem-se uma imensidade de ciências estudadas e cultivadas desde a mais remota antiguidade, e que se englobam todas sob a designação comum de Magia, ou ciência dos Magos.

Dentre elas distinguem-se como primaciais - a Psicologia ou ciência da alma, intimamente ligada ao Magnetismo ou conhecimento das forças ocultas e superiores da alma; o Espiritismo ou ciência da alma post-mortem; a Astrologia, ou ciência que estuda a influência dos planetas sobre os seres vivos e as coisas, e que é um dos mais antigos ramos das ciências adivinatórias; a Alquimia, que se ocupa do estudo íntimo dos seres inferiores (minerais e vegetais); a Quiromância, ou adivinhação pelas linhas da mão; a Cartomância, que pretende ler o futuro nas cartas de jogar; a frenologia, a fisiognomonía, que pertence á mesma categoria das artes adivinatórias, e outros mais, que é supérfluo citar: e, finalmente, a Teosofia, que apesar de se inculcar como a ciência suprema, é de todas as ciências ocultas a menos científica; porque os conhecimentos que propaga não teem base científica; pois são exclusivamente bebidos na tradição e numa pretendida revelação, obtida em estado de êxtase.

E são essas doutrinas que constituem o fundo do ensino da célebre Sociedade Teosófica, da qual mais adiante tornaremos a falar.

O ocultismo, abrangendo o complexo dos conhecimentos humanos mais transcendentés, leva o espírito do homem, por uma lógica irresistível a abraçar convicto a teoria espiritualista, porque fóra desta ficam sem explicação racional os fenómenos mais transcendentés da naturêza humana.

Note-se porém que o espiritualismo científico moderno, baseado solidamente na lição da observação e da experiência, e nas teorias ocultistas, se por um lado repele e combate por insuficiente e ilógica a doutrina acanhada dos positivistas e materialistas antigos e modernos, por outro lado nada tem de comum com o espiritualismo abstrato e vão da velha filosofia medieval.

*

* *

Em primeiro lugar convem acentuar desde já que as duas expressões ESPÍRITO e MATÉRIA deveriam ser banidas da linguagem filosófica, como traduzindo, ideias falsas.

Aquelas duas expressões teem o defeito de darem a entender que espírito e matéria são coisas essencialmente distintas e antagónicas; quando a verdade é que entre essas duas entidades não ha opposição de qualidades, nem de naturêza.

Ha apenas sublimação de qualidades; da mesma maneira que entre os animais superiores e o homem não ha diversidade de naturêsa, mas graus diversos de evolução.

Em vez dessas duas ideias falsas, nós empregariamos apenas a expressão substância para designar a essencia das coisas, a que vulgarmente se dá o nome de espirito, e dariamos o nome de forma áquilo que habitualmente chamamos matéria.

Assim teriamos a substância abrangendo a totalidade dos seres. Dariamos o nome de força à substância num estado de rarefação maior ou menor, e a forma significaria a substância mais ou menos condensada.

Assim a substância em qualquer grau de dinamização ou de condensação é por sua natureza eterna, mas a forma é caduca e perecível, e sujeita a infindas desagregações e transformações.

Desta sorte acabaria toda a divergencia entre espiritualistas e materialistas; porque matéria e espirito passariam a ser simples modalidades ou estados de substância.

Como porém as coisa são o que são, e não o que deveriam ser, nós teremos, para sermos compreendidos, de continuar a empregar a velha terminologia, o que aliás para nós é indiferente, depois de havermos expendidos o nosso modo de ver a propósito do sentido que se deve dar ás palavras espírito e matéria.

*

* *

Posto isto diremos que as mais recentes aquisições no domínio das sciências fisico-naturais e psíquicas leva-nos à convicção de que matéria e espírito coexistem, inseparavelmente unidas, em todos os seres do Universo, desde a molécula mineral até ao ser mais perfeito da criação, e são norteados ambos pela lei suprema - a progressão indefinida dos seres.

A evolução progressiva das espécies, reconhecida e proclamada no mundo físico por Lamark e Darwin, é um facto que os espiritualistas de boa fé não põem nem tentam pôr em dúvida.

Mas essa evolução, assim limitada no mundo físico, é, já o dissemos, insuficiente e ilógica.

Para pôr as coisas no seu verdadeiro pé, é indispensavel estender essa evolução do mundo físico ao psíquico, proseguindo na sua escala ascendente mesmo depois da desagregação material a que se chama morte. Só assim é que a evolução dos seres se torna real e indefinida.

Desta sorte o progresso do ser continua-se indefinidamente além da morte, como se continuou aqui durante a vida terrena.

Assim o homem não é, como o pintam os materialistas, um personagem efêmero como a borboleta, personagem que por um acaso do destino nasce rei ou carvoeiro, banqueiro, ou mendigo, filantropo ou salteador, entidades estas que, mais cedo ou mais tarde, vão encontrar na morte, que a todos aguarda, um destino igual, exactamente igual, isto é - a redução a pó, a cinza, a nada!...

Que injustiça! que horror! que absurdo!..

Assim, para uns vão todos os gozos, toda a felicidade, todo o bem estar! Para outros todas as dôres, todos os sofrimentos, todos os trabalhos!

Ora, analisando com atenção a sociedade em que vivemos, verificamos que parece ser essa a lei que governa o nosso mundo.

Se a vida humana se limitasse a isto que estamos vendo, seria isso a negação absoluta de toda a justiça! a negação de Deus!...

Não pode ser!...

É indispensavel que, após a morte, a vida humana tenha uma continuação qualquer, na qual se possam compensar por qualquer forma as injustiças da vida actual.

E com efeito ESSA COMPENSAÇÃO EXISTE.

A demonstração completa e cabal dessa grande verdade não é coisa que se possa fazer em meia dúzia de palavras; essa demonstração ha de resultar apenas de tudo o que temos a dizer neste volume.

A sciência esotérica, tem hoje todos os elementos necessários para provar, com documentos visiveis e palpaveis, que a morte não é o aniquilamento do ser, mas apenas a sua transformação debaixo de outras modalidades, vivendo em novos meios mais depurados e subtis.

O homem é uma individualidade composta, mas na sua essencia indesctrutivel, entidade que pelos seus próprios esforços se aperfeiçoa e progride em sucessivas existências, depurando-se a pouco e pouco pelo trabalho e pelo sofrimento.

A felicidade não é (como aqui vemos), o privilégio deste ou daquele; a felicidade tem de ser o quinhão de todos. distribuido a cada um segundo os próprios méritos ou esforços, felicidade que não depende da Graça ou do capricho de nenhum ser superior ao homem.

Assim o pede a Justiça imanante da Naturêsa, assim o reconhece a Razão, e assim o afirmam todos os Espíritos que, tendo já deixado a Terra, vivem actualmente nas regiões do espaço.

*

* *

Segundo a filosofia espiritualista medieval e a moderna, isto é, até meados do século passado, o homem era um composto de duas substâncias diversas - um espírito vitalizante e intelectual e um corpo, que lhe fornece órgãos para a sua acção sôbre o mundo externo.

Esta teoria é hoje deficientíssima, porque não pode explicar muitos factos.

Segundo a psicologia moderna; (que todavia não é nova, pois conta muitos milhares de anos de existência) o homem é um composto ternário, isto é - formado por tres substâncias, o corpo, que todos nós conhecemos, o perespirito, (que os ocultistas chamam corpo astral), princípio subtil, (normalmente invisível) e o espirito ou alma, princípio mais subtil ainda, e por consequência invisível tambem.

Tais são os componentes do homem segundo a doutrina espirita e a ocultista ou esotérica pura, que representam hoje o espiritualismo científico-moderno.

E dissemos esotérica pura, porque convem não confundir com os ocultistas da Escola teosofica neobudica de Adyar, que, começando por combater todas as escolas espiritualistas da Europa, e por lançar a discórdia entre elas, tentou açambarcar em seu proveito exclusivo todo o movimento ocultista da europeu, pretendendo fazer crer que só ela era a depositária única da ciência oculta oriental. Essa empreza inglória foi tentada por um antigo medium espírita Mme. H. P. Blavatsky que com êsse intuito escreveu vários livros indigestos e sem método, denotando a ausência de conhecimentos científicos sérios.

Essa tentativa ambiciosa custou-lhe crueis desilusões e o descrédito completo da sua doutrina em França.

Atacado violentamente por essa escola teosofica, o ilustre chefe do ocultismo francês, Mr. Papus, por única resposta limitou-se a publicar a sua curta e conhecida história na revista de ocultismo - Le voile de Isis no ano de 1891.

Essa escola teosofica para mais se diferenciar da teoria ocultista europeia, tentou basear todo o seu sistema no algarismo 7, que applicava a esmo a tudo.

Assim segundo esta teoria o homem era um composto não de tres princípios mas sim de sete.

Porém o que é facto é que êsses sete princípios não passavam de subdivisões dos tres fundamentais; como se verifica no seguinte quadro, onde se estabelecem as correspondências ente essas diversas entidades:

Alma

alma do corpo psíquico 7 - Alma

vida do corpo psíquico 6 - Budi

matéria do corpo psíquico 5 - Manas

Corpo Astral

alma do corpo astral 5 - Manas

vida do corpo astral 4 - Kama Rupa

matéria do corpo astral 3 - Linga Sharira

Corpo

alma do corpo físico 3 - Linga Sharira

vida do corpo físico 2 - Jiva

matéria do corpo físico 1 - Rupa

Vê-se pois que os 7 princípios do homem, segundo a teosofia são apenas subdivisões dos 3 princípios aceites pelos espiritas e ocultistas antigos e modernos.

Mas como a existência desses 7 princípios não está demonstrada, como a dos 3 fundamentais, nem é fácil vir a sê-lo; nós com quanto reconhecâmos que a admissão dos 7 princípios poderia lançar alguma luz sôbre certas questões de psicologia, e antropologia transcendentales, preferimos seguir a teoria espírita e ocultista, porque essa é perfeitamente demonstravel.

*

* *

O problema da vida, que é o fundamento de toda a psicologia, depende da averiguação de tres outros problemas, que se podem formular pela maneira seguinte:

1.º - O que é o homem?

2.º - Donde vem?

3.º - Para onde vae?

Tais são os assuntos de que vamos tratar no capítulo seguinte.

*

* *

Actualmente porêm as sciências ocultas deixaram de ser ocultas, pois que podem ser estudadas por qualquer pessoa regularmente lustrada, que se proponha estuda-las.

É certo todavia que embora todo o homem medianamente ilustrado possa ter umas ideias sumárias de Sciências ocultas, bem poucos podem adquirir êsses instrumentos num grau intensivo: já porque êsse estudo exige, como preliminar, conhecimentos scientificos consideraveis e mais ou menos enciclopédicos; já porque, para tal estudo se fazer com proveito, é indispensavel pôr de parte todos e quaisquer conceitos filosoficos, ou religiosos anteriormente adquiridos.

Não quer, porêm, isto dizer que as Sciências ocultas combatam ou repilam o sentimento religioso; pois pelo contrario é certo que o estudo do ocultismo transforma a religiosidade, que nos vem da educação, e que tão só dinama na fé numa convicção indestrutivel, que tem a sua base perduravel na razão apoiada pela experiência.

CAPÍTULO II

Os componentes do Homem

Segundo o afirmaram desde milhares de anos todos os ocultistas e o reconhecem hoje os magnetizadores e os espíritas, o homem é um composto de TRES PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS, intimamente unidos: o CORPO FÍSICO, o CORPO ASTRAL ou PER-ESPÍRITO e a substância inteligente - ESPÍRITO ou ALMA.

O CORPO FÍSICO (que os egípcios apelidavam - Khat e os cabalistas - nephesch), é quem suporta todos os elementos constitutivos do homem encarnado. O seu centro de acção está no abdomen.

O CORPO ASTRAL, (que os egípcios chamavam Ka e os cabalistas) ruach anima e dá vida a todos os elementos que compõem o homem, tem a sua séde e centro de acção no peito e na parte pósterio-inferior da cabeça. O ESPÍRITO (apelidado klou pelos egípcios, e neschamah pelos cabalistas), tendo o seu centro de acção no cérebro, embora parte dele não penetre totalmente nele, é quem governa e norteia o organismo todo sob o ponto de vista intelectual. É ele que no homem constitui a sua parte essencial e eterno.

Porém estas tres partes estão intimamente ligadas entre si; por tal forma que o corpo físico depois de, mediante a força que recebe do corpo astral, ter creado para si - o esqueleto, como suporte geral, os músculos como agentes do movimento e os órgãos digestivos como elementos de renovação, fornece ao corpo astral as hematias, e os órgãos circulatórios com as respectivas dependências, fornece também ao espírito os órgãos do sistema nervoso consciente.

O corpo físico dirigido na sua marcha pelo instinto manifesta-se pelas necessidades: o CORPO ASTRAL dirigido pelo SENTIMENTO revela-se pela paixão; e o espírito dirigido pela razão manifesta-se pelas determinações da vontade

I. O Corpo

É inutil descrever com minudência o que de todos é conhecido.

Por isso limitar-nos-hemos a dizer que - nos VEGETAIS e nos ANIMAIS - o corpo é um agregado de células vivas, independentes entre si, as quais, em virtude de uma força inteligente e organizadora, se agrupam formando tecidos de diversa natureza e órgãos diferentes, destinados a produzir funções variadas.

Ora essa força misteriosa organizadora do corpo vegetal ou animal não pode ser a coesão, porque essa liga apenas uns aos outros átomos da mesma natureza; e também não pode ser a

afinidade, porque essa congrega entre si átomos dissimilhantes, para com eles constituir a molécula.

A célula vegetal ou animal é forçosamente muito mais do que isso, e muito diversa na sua essência, porque a célula é um conjunto de moléculas, que ficam assim constituindo um organismo independente e superior.

Qual é pois a força que organiza a célula, qual a que agrupa as células de diferentes naturezas para constituir os tecidos, qual a força que reúne tecidos diversos para formar os órgãos, e que agrupa órgãos diferentes para constituir a planta ou o animal; e isto (note-se bem) obedecendo em tudo a um plano preconcebido e uniforme para cada espécie, e variável sempre para cada indivíduo?

E, quando o animal está já constituído e vivo, qual é a força que transmuda os alimentos ingeridos em sangue, em músculos, em ossos e em pele?

Qual é, a força que tais prodígios opera?

A estas perguntas o fisiologista materialista sente-se embaraçado, e só responde com subterfugios, que nada esclarecem, e que por tanto não logram satisfazer-nos.

O psicólogo moderno, porém, apoiado na lição incontestável dos factos, responde-nos: - essa força inteligente, organizadora e assimiladora, que anima o vegetal ou o animal, e que actua sempre segundo um molde-tipo, prestabelecido para cada espécie, essa força misteriosa é aquilo a que os espíritos chamam PERESPIRITO, e que os ocultistas denominam CORPO ASTRAL.

II. O Corpo Astral

A ideia da existência do CORPO ASTRAL é antiquíssima na história da filosofia.

Chamavam-lhe os índios - linga sharira, os persas - kaleb, os gregos davam-lhe o nome de ochema, os cabalistas ruach.

Ele está no corpo, e ao mesmo tem fóra dele, irradiando-se constantemente para o exterior

Pode mesmo evadir-se dele, e ir ao longe realizar vários actos, durante o sono magnético, e mesmo durante o sono natural. ficando todavia prêso ao corpo por um laço fluídico que se se rompesse traria como consequência a morte do corpo.

O perespírito é uma substância fluídica, mais ou menos subtil, composta do substractum dos elementos provenientes das anteriores encarnações, tornando-se por isso tanto mais subtil quanto mais elevado se acha o ser na escala da perfectibilidade.

Sintetizando assim o estado de adiantamento do ser, cujos progressos vai fixando, o corpo astral assegura assim a conservação da individualidade em cada uma das encarnações, servindo-lhe de molde ou fôrma para a sua renovação molecular.

Atraindo a si (no embrião) as moléculas materiais que a mãe lhe fornece, o perespírito as agrupa e afeiçoa em harmonia com o tipo do ser a que pertence, assegurando assim o desenvolvimento normal, do novo ser segundo essa orientação prestabelecida.

É o perespírito quem preside e governa todos os fenómenos fisiológicos da respiração, da alimentação e assimilação dos alimentos - extraíndo deles toda a matéria apropriável, afeiçoando-a a cada órgão, e eliminando do corpo todos os elementos que lhes sejam inúteis ou nocivos.

É êle quem, no indivíduo, mantém a identidade consciente do ser; pois que, sendo doutrina corrente em fisiologia, que todas as moléculas do nosso corpo são eliminadas e substituídas por outras num período de sete anos (ou mesmo em menor prazo, segundo outros), é lógico supor que, passado êsse período, nós não deveríamos ter a consciência de sêmos a mesma pessoa, que eramos anteriormente a êsse período.

E todavia é certo que essa renovação celular não obsta a que tenhamos a consciência nitida de que somos agora exatamente os mesmos que eramos nos anos anteriormente decorridos.

É porque o perespírito, como força permanente de assimilação, substituiu pouco e pouco as células as células gastas por outras novas idênticamente orientadas

*

* *

Mas, dir-nos-hão, tudo isso é uma teoria muito bem engendrada; mas não passa de uma fantasia de sonhadores, porque êsse perespírito ninguém o viu, nem sabe onde esteja?

Tal afirmação é um erro.

A psicologia moderna nada afirma que não possa provar, é uma ciência positiva, caminha sempre com as provas na mão.

Mas, por outro lado, argumentar contra a existência de uma coisa com o fundamento de que essa coisa nunca se viu, não é argumento que se colha.

Ha tanta coisa por êsse mundo fora, que nunca ninguém viu!...

Por ventura viu já alguém a força da gravidade, ou o calorico? E a electricidade? E as ondas hertzianas?

E apesar disso ninguém ha hoje que ouse negar a existência de tais forças.

Pois o mesmo se dá com o perespírito ou corpo astral.

Embora habitualmente êle não seja visível isso não é razão para se negar a sua existência.

Mas casos ha em que o per-espírito se torna visível e deixa vestígios permanentes da sua existência.

Apezar de devermos conceber o per-espírito como uma substância fluida tenuíssima, que banha, por assim dizer, todo o nosso organismo, é todavia certo que muitas vezes êle irradia para fora do nosso corpo por uma forma visível para certas pessoas.

E essa irradiação, que é maior ou menor, segundo os indivíduos, manifesta-se visivelmente na aura, ou eflúvio ódico, descoberto por Reichembach, e que modernamente foi estudado minuciosamente por Beirac, Baraduc, e Rochas, além de outros observadores de nomeada.

É por isso que este fluido, a que se tem dado os nomes de ódico, neurico, magnético, força psíquica, etc.; é hoje admitido por muitos fisiologistas, muitos dos quais são hostis (pelo menos na aparência) às teorias espiritualistas.

Este fluido é visível na escuridão para os sensitivos, e para os sonambulos lúcidos, e é tão real e verdadeiro, que o encontram e revelam as chapas fotograficas, como o demonstram as experiências do Dr. Baraduc, entre outros, que apresentam curiosíssimas reproduções de impressões digitais, e outras de variadas espécies.

Os sensitivos são indivíduos, (geralmente de sexo feminino), de uma susceptibilidade nervosa mais ou menos considerável, que, por êsse facto se tornam susceptíveis de, no seu normal, verem em plena escuridão, quaisquer irradiações luminosas, que as pessoas não sensitivas não podem aperceber.

Em dez ou doze pessoas quaisquer é fácil encontrar um ou dois sensitivos.

*

* *

Para se fazerem experiências dêste género, encerram-se num quarto escuro, onde não possa penetrar o mínimo raio de luz branca ou colorida, seis ou oito pessoas, e aguardam os fenómenos luminosos durante meia hora ou mais.

Se entre elas houver algum sensitivo, êsse indivíduo começa pouco e pouco a ver vagamente as outras pessoas e os objectos circumjacentes, em virtude da claridade difusa que irradia de todos êles; e, passado algum tempo mais começa a ver claridades mais vivas e definidas, saindo, em forma de pinceis, dos olhos, nariz e boca de cada um dos outros.

Se porêm o sensitivo o é em grau muito elevado, nesse caso o sensitivo observa em torno da cabeça dos circunstantes, e mesmo em torno do corpo todo, auréolas luminosas coloridas, que todos os sensitivos afirmam ser de uma beleza notável.

Os sonambulos lúcidos, durante o se sôno vêem também essas auréolas, mas em grau mais subido, porque essas projecções luminosas se estendem a muitos centímetros de distância, conforme o seu grau de clarevidência.

Segundo as mais recentes observações e experiências, feitas pelos Drs. Luys, Goudard, Iodko, conde de Rochas, e Henri Durville, pode afirmar-se com toda a segurança:

1.º - que todas as pessoas de ambos os sexos emitem de todo o seu sêr, e mais especialmente dos olhos, nariz e dedos fluido ódico ou vital em maior ou menor quantidade.

2.º - que essa quantidade é tanto maior e mais intensa quanto melhor é o estado de saúde física e psíquica dessa pessoa.

3.º - nos homens esse fluido é azul do lado direito e vermelho do lado esquerdo; ao passo que nas mulheres é esverdeado do lado direito e alaranjado do lado esquerdo.

4.º - nos homens o fluido é mais intenso e brilhante do que no sexo feminino.

5.º - que na mesma pessoa a intensidade das radiações e vivacidade da cõr variam com o seu estado sanitário físico e psíquico.

6.º - que os indivíduos anestésicos bilaterais, isto é os que são privados de toda a sensibilidade não emitem radiações algumas.

*

* *

Vê-se pois destas experiências que onde não ha vida sensitiva - não ha irradiações ódicas, o que nos leva a supôr que a sensibilidade não é (como geralmente de crê) uma faculdade da alma, mas sim uma propriedade exclusiva do perespírito.

Isto mesmo se confirma com a seguinte experiência magnética.

Se magnetizarmos um bom passivo magnético, de aqueles que dão todas as diversas modalidades do sono, depois de êle ter passado pelos estados letargico e catalético, costuma em alguns produzir-se um novo estado, no qual a sensibilidade abandona completamente o corpo, que fica totalmente anestesiado, e vai localizar-se em tórno do corpo, a uma distância, que varia segundo os passivos magnéticos.

Nas nossas experiências pessoais, até hoje só de dois passivos magnéticos pudemos obter êste interessantíssimo estado. Um era um rapaz de 17 anos, e o outro era uma menina da mesma idade; mas de um nervosismo exaltado.

Nele a exteriorização da sensibilidade produzia-se a uma distância de 12 centímetros, ao passo que nela o fenómeno se dava á distância de um metro.

Quando, neste estado de sono, se pica com um alfinete o corpo do passivo em qualquer ponto da epiderme, êle não sente dôr alguma. se porêm se pica a camada aeriforme sensível em qualquer ponto, o passivo acusa logo dôr na região cutânea correspondente.

O que demonstra isto?

Simplesmente que a sensibilidade não é uma propriedade do corpo físico, mas sim da substância aérea, que se exteriorizou, isto é do perespírito ou corpo astral.

A existência e naturêsa fluidica do per-espírito pode demonstrar-se ainda com muitos outros fenómenos, tais como o sonambulismo lúcido, a mediunidade transcendente, as aparições telepáticas, os duplos das pessoas vivas, etc., fenómenos estes de que oportunamente falaremos.

Mas, poderão perguntar-nos o que vem a ser esse per-espírito, essa força vital, que tantos fenómenos produz?

Qual a sua proveniência?

A resposta a estas perguntas só pode dar-se entrando no vastíssimo campo das hipóteses; porque tudo quanto respeita a desvendar as causas primárias, é sempre hipotético.

A teoria porêem que mais satisfaz a inteligência e a razão é a do Fluido Universal ou Eter, preconizada por Richnowski.

Êste ilustre sábio, que conseguiu isolar o Eter de todos os corpos da Naturêsa, e estudar-lhe atentamente as suas curiosas propriedades, sustenta que o Eter é a fonte inexaurível da Vida Universal, a causa determinante dos movimentos planetários e siderais a causa produtora do calor, da luz, do movimento, etc.

Modificado, ou adaptado aos organismos vegetais ou animais, torna-se fluido vital, ódico ou magnético. Ê este fluido que percorre as fibras dos vegetais, e os nervos dos animais, conduzindo a Vida ao aparelho cérebro-espinhal, que é o acumulador dela.

Ê êle o élo, o medianeiro, que reúne a substância condensada do corpo físico á substância subtilíssima da alma espiritual.

A experiência nos mostra que é nesse fluido vital, alheio ao corpo, que reside a força organizadora e mantenedora da Vida, que é independente dos elementos anatómicos, os quais se desagregam e morrem, logo que, por uma causa qualquer, êsse fluido abandonar o corpo

III. A Alma

Substância subtilíssima por essência, a ALMA i constitui no homem a sua personalidade, a sua verdadeira individualidade, o seu EU indestrutível.

Ela é a consciência manifestando-se sob o tríptico aspecto da memória, inteligência e vontade.

Embora ela seja um princípio activo simples na sua íntima constituição, a filosofia considera-a muito complexa nas suas qualidades morais específicas e nas suas manifestações externas.

Progressiva por essência, a Alma adquire dia a dia qualidades novas, que a enriquecem e depuram, elevando-o na hierarquia ascensional dos seres.

Essas qualidades, que constituem os seus títulos de nobreza, provêm:

1.º - Das aquisições realizadas nas suas encarnações anteriores.

2.º - Das aquisições efectuadas na encarnação actual.

As aquisições realizadas nas vidas anteriores são arquivadas e conservadas pelo perispírito; mas só se patenteiam durante o tempo em que a alma, privada do corpo material, resume em si toda a sua personalidade.

*

* *

Assim, no estado de desincarnada a alma conserva a memória fiel de todas as suas existências anteriores, tendo, durante esse estado, a consciência total de todos os progressos realizados e das responsabilidades morais que contraiu.

Quando porém mais tarde volta a incarnar, como as moléculas que estão constituem a parte orgânica da sua memória não faziam parte integrante da personalidade anterior, o perispírito tendo de actuar através desse organismo novo, não pode recordar-se, nem reproduzir factos, em que êsses órgãos não tiveram parte.

Daqui resulta não nos podermos recordar, nas nossas diversas existências físicas, dos factos passados em outras vidas, por serem êsses factos alheios á parte física da nossa personalidade actual.

Mas essa fica latente no espírito, que só a pode acidentalmente reproduzir em certos casos de profundíssima hipnose.

Mas, embora essa recordação fique temporariamente obliterada, o que em regra não fica perdido nem esquecido por completo são as aquisições e aptidões intelectuais ou artisticas, e as qualidades morais ou tendências conquistadas nas vidas anteriores, aptidões que muitas vezes resurgem por uma forma brilhantíssima, durante o período infantil da vida logo que a creança toma posse integral do seu novo organismo. Tais são essas creanças prodígios, que assombram com a precocidade do seu talento, as gerações suas contemporâneas.

Tal foi Pico de la Mirandola, célebre poliglota e erudito italiano do século XV, que tendo apenas 12 anos de idade defendeu em Roma teses - De omnire scibili, mostrando-se profundo conhecedor de todas as sciências conhecidas no seu tempo; mas cuja vida se prolongou apenas até aos 26 anos de idade.

Pertencem á mesma categoria certas creanças de 6 a 8 anos que modernamente se tem revelado como matemáticos prodigiosos ou como maestros distintíssimos.

*

* *

Assim, pois, a sciência espírita, baseando-se na observação e nos dados científicos mais rigorosos, tem como ponto assente, que - a consciência normal ou actual de cada um de nós encerra apenas uma parcela da nossa individualidade pensante.

A outra parcela, que se não vê, fica latente durante o período de cada incarnation, e só se manifesta durante os períodos da sua existência meramente psíquica.

Desta sorte a alma compreende duas fazes, - uma consciente; que é a que respeita á vida actual; - outra inconsciente, ou antes sub-consciente, que é a que resulta da reminiscência de todas as vidas corpóreas anteriores.

E, deve notar-se que, a experiência demonstra que o nosso Eu inconsciente é muito superior em valor intelectual ao nosso Eu consciente, o que corrobora a teoria que deixamos expandida, e que se demonstra a cada passo com os sonâmbulos lúcidos.

Nós tivemos ocasiões de sobra para observar êste facto num sonâmbulo lúcido que tivemos, e com o qual realizamos umas 80 sessões. Virgilio era um rapaz de 17 anos, de uma instrução rudimentar, mas, quando estava sonâmbulo, mostrava-se arguto e sabedor, a ponto de mostrar estranheza por me vêr empregar com êle certos termos, que eu empregava para êle melhor me compreender. Dormindo, não era a mesma pessoa, pois se mostrava de uma inteligência apurada e de uma consideravel agudeza, o que aliás não possuía no estado normal.

Devemos ainda notar que nestes estados da vida anormal, como são o sonambulismo profundo, o transe mediumnico, e nalguns casos patológicos, em que o corpo se acha anestesiado, vários elementos da sub-consciência podem manifestar-se, revestindo até por vezes uma das personalidades anteriores.

Estas manifestações extra-normais são e serão sempre um problema insolúvel para todos os que, alheando-se ás teorias neo-espiritualistas, não admitem como base fundamental do problema da Vida a teoria da reincarnation, ou pluralidade de existências da alma neste e em outros planetas.

*

* *

Mas, afinal de contas, o que vem a ser a alma?

Na impossibilidade de definir uma coisa, que se aceita apenas por uma necessidade imperiosa da razão; mas que não se pode analisar nem conhecer intimamente, temos de nos contentar com conjecturas.

E assim diremos: - que a Alma é porção de substância, distraida da Força Universal do Cosmos para com ela constituir cada individualidade perfectivel.

Actuando atravez dos órgãos cerebrais, é ela - a parte pensante, raciocinante, e consciente de cada indivíduo, é ela quem guarda e arquiva os conhecimentos adquiridos, e quem, guiada pelas sugestões do instinto, da sensibilidade e da razão, delibera, querendo ou não querendo tal ou tal acto.

Assim a inteligência, a vontade, a memória e a consciência são produtos da alma, ao passo que a sensibilidade é uma faculdade do per-espírito ou corpo astral.

CAPÍTULO III

Donde vem êle?

Agora, que já respondemos á pergunta inicial que formulámos: - QUEM É O HOMEM? é justo tratarmos da segunda interrogação: - DONDE VEM ÊLE?

Será um ser esporádico no meio da Natureza, ou terá por ventura raízes mais ou menos profundas no seio de outros seres?

Se consultarmos os teólogos christãos, que teem a pretensão de conhecer a fundo essas árduas questões, eles dir-nos-hão ex-abrupto e em tom dogmático, invocando a Bíblia, que a questão é muito simples, e nem admite discussão.

O homem é um ser áparte na Creação; pois que foi fabricado do limo da terra e directamente pelas próprias mãos do Creador. E que a mulher foi fabricada com uma costela daquele, para assim demonstrar que a origem dos dois é um tudo igual. Perante razões de tal pêso os sábios materialistas sorriem-se e dizem-nos:

- O homem é apenas o animal mais aperfeiçoado da Natureza; descendente directo de uma casta de macacos mais aperfeiçoados, chamados primates, cujos representantes desapareceram para sempre nalguma convulsão geologica do globo.

*

* *

Não pensam estes ilustres sábios nos absurdos que ressaltam da sua hipótese; pois que a sua teoria tem como base fundamental uma mera hipótese gratuita e completamente destituida de provas, qual é desapareição total e completa dos célebres primates, que nunca ninguém viu.

E qual é a razão natural que podia determinar a desapareição total desses seres? A única razão que poderia especiosamente seria que os primates desapareceram por se lhes tornar impróprio o clima. Mas essa razão esbarra no absurdo flagrante de continuar o clima a ser próprio para

todos os simianos, antecessores dos primates e igualmente para todos os homens, seus pretendidos descendentes.

Por seu turno os espíritas e ocultistas sorriem-se também das teorias dos teólogos e dos positivistas, e vêm por sua vez dar-nos a sua opinião.

-O homem, dizem eles, é com efeito o último elo actual da escala animal, mas nem é descendente dos imaginários primates, nem de qualquer outra espécie de macacos antropoides.

As diversas espécies de animais resultam de criações independentes e progressivas, determinadas pelas forças vivas do planeta, e não resultam de cruzamento entre raças diversas.

Á fôrça creadora do nosso planeta não se esgotou ainda; e tudo nos leva a crer que uma nova raça humana, mais cheia de vida e menos materializada do que a actual, ha de surgir um dia, num ponto qualquer do planeta.

Assim a progressão das espécies é com efeito indefinida.

Por consequência á pergunta que formulamos: - DONDE VEM O HOMEM?

Respondemos:

Vem da animalidade por via de encarnações sucessivas, tendo previamente percorrido analogamente a vasta série do reino vegetal.

*

* *

Agora que já averiguamos - quem é o homem, e donde vem, cumpre-nos encarar de frente o terceiro problema: - PARA ONDE VAI O HOMEM?

È isto o que vamos tratar de demonstrar em tudo o que vai seguir-se.

Embalado em sonhos fugazes que se esvaem, e em ambições insofridas, que lhe tiram o repouso de espírito, o homem, em geral, vai passando a vida sem perguntar a si mesmo para que veio ao mundo, até que um dia o perespírito, reconhecendo-se impotente para continuar a manter a vida funcional no seu corpo; ou seja pelo cançasso geral dos órgãos, (como sucede na extrema velhice); - ou seja em consequência da destruição súbita e irreparavel de um órgão essencial á vida; o perespírito, envolvendo na sua substância o princípio inteligente e subtil, que apelidamos - alma, apresta-se a abandonar o corpo, farrapo inutil, que já nada vale.

Êste abandono, que é sempre mais ou menos penoso, principia geralmente pelas extremidades, donde começa a fugir o calor animal, que todo se refugia nos órgãos abdominais e torácicos, como que concentrando-se para uma derradeira defesa.

Mas, chegado o momento fatal, em que é forçoso abandonar o último reducto, a alma com o seu invólucro aeriforme - evola-se definitivamente, deixando o corpo unicamente entregue ás

leis gerais da química; a qual o dissocia e decompõe nos seus elementos primordiais, entrando o corpo, assim decomposto, no reservatório imenso da Natureza, onde passa a ser assimilado por novos e multiplicados seres.

Entretanto a alma, como que atordoada por aquela separação, por vezes brusca e penosa, fica geralmente, durante um período mais ou menos longo, num estado de perturbação ou inconsciência do seu novo estado, naquele meio novo, em que passa a viver.

Êsse estado de perturbação dura por mais ou menos tempo, conforme as condições psíquicas, em que o falecido desincarnou.

Porque, se nos últimos tempos da sua vida terrena êle tinha já na consciência - a crença na imortalidade, e se não tinha levado para o plano astral remorsos, que exigissem uma expiação penosa, êle estranha apenas a deslocação do meio, mas em breve se afaz á sua nova situação.

Mas se, pelo contrário, todo entregue ás materialidades da vida terrena, êle nunca se havia alado, nem aspirado sequer, a regiões mais puras, - se foi em toda a sua vida terrena um materialista enragé teórico e prático, - então a sua situação naquele novo meio é bem pouco lisongeira.

Como êle não acreditava na imortalidade, e todavia se sente ainda vivo, imagina que não morreu, e como nada vê em tôrno de si, e a sua torva consciência o remorde constantemente pelos erros cometidos; - sente-se só e ás escuras; e não sabe explicar a si próprio o abandono cruel a que os seus parentes e amigos parecem te-lo votado.

Sente durante mais ou menor tempo os sofrimentos da doença ou do golpe que o prostrou, e que se lhe afigura continuar ainda, e, se foi suicida, sente ainda durante muito tempo as dores pungentes dos ferimentos que a si próprio causou.

São inumeros os espíritos desincarnados, que, guiados por outros mais felizes, acorrem ás sessões espíritas a queixarem-se do que sofrem, e a pedirem luz, orações, etc.

Mas, coisa curiosa! - de tantos e tantos, que se teem manifestado na nossa presença, nenhum até hoje se queixou de estar sendo torrado nas chamas eternas do inferno, ou mesmo nas transitórias do purgatório!

E todavia, queixam-se com veemencia de grandes sofrimentos; mas estes são inteiramente morais, tais como remorsos cruciantes, solidão, abandono dos seus parentes e amigos, escuridão profunda, etc.

*

* *

Compare-se agora esta doutrina justa e sensata com a que, em tom dogmático, nos proclamam quasi todas as religiões

Apoz a morte, dizem elas, a alma, se era a de um homem justo e bom, passa a viver no Céu ou no Paraizo, lugar destinado a passar numa beatitude indolente, contemplando estática a face do Creador.

Se porém tem na sua bagagem erros graves, que reclamam expiação, nesse caso passa a viver temporariamente no Purgatorio, sofrendo a expiação dos seus pecados, até que purificado possa ascender ao Ceu.

Se porém os erros do falecido eram tais que para eles não ha expiação possível, então baixa a viver ETERNAMENTE nas profundezas do Inferno, sofrendo a combustão das chamas sem fim, como justo castigo dos seus pecados.

Ora uma tal doutrina repugna em absoluto com o mais rudimentar bom senso; a concepção de sofrimento dos eternos briga fundamentalmente com a razão e com a noção que formamos da Justiça Divina.

Pois é certo que repugna á razão que as almas boas passem a eternidade numa contemplação beatífica e na mais estéril ociosidade, e por outro lado repugna á Razão que a Justiça Divina seja mais implacavel e feroz do que a justiça humana; pois ao passo que esta procura sempre tornar o castigo proporcional ao delicto; a Justiça Divina viria a impôr um castigo eterno a delictos transitórios, pois que são obra de um momento de alucinação. Um castigo assim seria simplesmente um absurdo.

Mas argumenta-se dizendo que a ofensa feita ao Ser Infinito só póde ser expiada com uma punição infinita.

É um erro crassissimo.

Como o Ser Supremo é infinitamente perfeito não pode ser afectado nem ofendido por um ser tam minimo como é o homem.

Por consequência não pode haver crimes para com a Divindade.

Só os pode haver para com o homem ou para com a sociedade.

Deus está tanto acima da humanidade, que não há ofensa desta que o possa atingir. O ser finito não pode ofender o infinito.

*

* *

A Morte, se tomarmos esta palavra, no sentido de - acabamento do ser, é uma expressão errónea e viciosa; porque, na sua essência, não pode acabar: porque a substância, seja ela sólida, líquida ou aeriforme, não pode aniquilar-se.

Pode apenas mudar de forma, de estado, de modo de ser; porque a essência das coisas é persistente e eterna: só a fôrma, que é uma mera aparência, é que está mudando a cada instante.

Nós não nos parecemos agora física, moral e intelectualmente com o que eramos quando apenas contávamos alguns meses de idade; e daqui a 30 ou 40 anos havemos de fazer uma grande do que agora somos.

E todavia em todos os estádios da vida somos e seremos sempre a mesma pessoa, apesar de estarmos sempre mudando.

Da mesma forma, apoz esse fenómeno que se chama a morte, nós continuaremos a existir, embora sob uma forma diversa, e num plano ou mundo diferente.

Assim a morte é apenas uma mudança de fôrma, um estádio mais da evolução humana.

O corpo vai para a terra decompor-se nos seus elementos químicos, para assim poder entrar na composição de novos seres.

Mas a parte mais nobre do homem - o perespírito, onde reside a sensibilidade, e a alma, séde da inteligência, da memória, da consciência, e da vontade, sendo por sua natureza indecomponíveis, - vão para o espaço viver em liberdade uma vida nova.

*

* *

E, com efeito, que razão ponderosa podia haver para que a vida acabasse no túmulo?

A que mesquinhas proporções ficaria reduzida a lei natural da evolução e da transformação das espécies?

Que justiça seria a da Natureza, predestinando uns seres para infusórios, ou insectos, outros para peixes ou quadrupedes, outros para voarem no espaço, e permitindo que outros revestissem desde logo a forma humana?...

Que revoltante injustiça seria a que tal permitisse, encadeando inexoravelmente todos os seres a uma sorte cega, fatal e estúpida!...

E dentro da espécie humana teríamos o mesmo fatalismo degradante, inexoravel e cruel.

Porque assim uns teriam por sorte as riquezas, e os prazeres, enquanto que a outros só caberia por sorte a pobreza, os desgostos e os trabalhos!...

Que horror, santo Deus, que injustiça revoltante!

Não pode ser!

A lógica mais rudimentar exige outra coisa; pois que reclama como indispensável a continuidade do ser em evoluções sucessivas, que permitam a cada ser, por mais ínfimo que êle seja hoje, a faculdade de poder ascender na escala da perfectibilidade por uma forma indefinida.

E nós, que hoje ocupamos o estádio superior da animalidade actual, - que razão se opõe a que possâmos ter, apoz a morte, novas metamorfoses, em novas existências?

Exgotou-se por ventura o poder creador da Natureza, por forma tal que já não lhe seja possível crear um ser que seja superior ao homem?...

Seria o cumulo da vaidade supor que o homem, minusculo ser na imensidade do Cosmos, representasse o ser mais perfeito que a Natureza pudesse conceber e crear.

*

* *

Posto isto façamos um confronto entre os materialistas e os espiritualistas; vejâmos a diferença que medeia entre êles, e as consequências que dessa diferença podem dimanar para êle ante o problema da morte.

O materialista, seja êle um ignorante ou seja um sábio, é sempre um desgraçado; porque intellectualmente é um miope: pois que na curteza do seu horisonte intellectual - nem sabe quem é, nem donde veio, nem para onde vai.

Não sabe quem é, porque julga-se apenas uma porção de matéria organizada, quando é muito mais do isso: - Donde veio? nem êle se importa com isso. Basta-lhe saber que é filho de seus pais, quando sabe.

Não sabe tambem, - porque está neste mundo, nem o que cá veio fazer, visto que sendo (segundo êle julga) um mero produto do acaso; assim como nasceu em tais ou tais condições, podia igualmente nem ter nascido.

Para onde vai? Tambem nunca perguntou isso a si mesmo; ou se chegou a perguntar, a sua consciência tão miope, como a sua intelligência disse-lhe apenas - que havia de ir para o cemitério, onde a sua personalidade toda iria alimentar os vermes da terra, e servir de pasto ás ervas e ás flôres.

Esperanças? Sonhos de felicidade? tido isso para êle são meras illusões, em que não cuida, porque é positivista.

Se nos cemitérios se abrigassem apenas os restos mortais dos materialistas, estes deveriam mandar inscrever nos pórticos deles aquela frase cruel que o imortal Dante diz ter visto inscrita á entrada do Inferno: - *Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate!* (Perdei toda a esperança, ó vós que entraís!).

Que triste vida a daquele, cujas esperanças se encerram no curto espaço que medeia entre um berço e um túmulo!...

Com que medonho horror não deve êle encarar a aproximação da morte, que para êle representa -o aniquilamento total, o NADA!...

*

* *

Vejamos agora qual a situação do espiritualista ante o mesmíssimo problema.

O espiritualista convicto, seja êle um ignorante ou seja um erudito, - é sempre um homem feliz; porque o seu horizonte é vastíssimo, e riquíssimo de esperanças fagueiras.

Retrotraindo pela imaginação á época remotíssima em que a sua essência vital animou os minerais, os vegetais e os animais inferiores, êle vê a sua origem perder-se ao longe na nebulosidade das épocas, que de ha muito se afundiram na voragem dos tempos, e, comparando os progressos realizados nessa enorme série de séculos com os que antevê a percorrer no futura, êle sente-se verdadeiramente imortal, e essa consideração enche-o da mais consoladora esperança no futuro que o aguarda.

Por isso a morte não o aterra; porque sente que ela é apenas o pórtico de entrada para uma existencia nova, cheia de esperança na melhora da sua situação futura.

Por essa razão é que dissemos que o espiritualista sincero e convicto - é sempre um homem feliz.

Quando mesmo a crença na imortalidade da nossa alma fôsse - uma mentira, que não é; seria mister inventa-la e incuti-la no ânimo de todos, para assim dar aos homens a felicidade e a confiança, que de outra sorte eles não poderiam ter.

Por isso devemos todos alimentar, sempre bem vivida, no coração de nossos filhos a crença na imortalidade, como penhor da sua felicidade futura; e assim teremos bem merecido desta pobre humanidade, que tão desgraçada é, pela sua descrença ou indiferença pelos princípios salvadores, que podiam fazer a sua grandeza e o seu bem estar.

O espiritualista convicto caminha pela vida fóra, como o navio veleiro, que, impellido pelas brizas fagueiras, vai singrando, com mar bonançoso, por entre as ondulações do oceano, tendo a fugir-lhe pela prôa os clarões animadores da imortalidade, que o aguarda, levando na sua bagagem nautica, como instrumentos preciosos de navegação, as inspirações da verdade, do belo e do bem.

O seu ideal é abreviar o mais possível o prazo, durante o qual tem de estar sujeito ás reincarnações sucessivas, afim de ascender com rapidez á situação daqueles que não carecem já de corporizar-se para progredir.

Para atingir esse ideal o mais rápido possível, é indispensável não nos desviarmos da senda do bem, (por vezes bem espinhosa), e procurarmos encaminhar para o mesmo trilho os nossos semelhantes; porque, fazendo-o assim, cumpriremos um dever de caridade, e todo o bem que lhes fizermos, reflectir-se há directamente sôbre nós mesmos.

*

* *

Mas em que consiste, perguntar-nos hão talvez, essa vida psíquica, que se passa no plano astral?

Em que se ocupam nesse novo mundo os espíritos desincarnados?

A resposta a esta pergunta não é das mais faceis; porque, como as condições da vida física e psíquica são completamente diversas, tudo o que a tal respeito podemos saber provêm das revelações parciais feitas por diversos espíritos desincarnados.

Como porêem estes se acham em condições de perfectibilidade e de evolução muito variáveis, e as comunicações de espíritos elevados são ainda pouco abundantes, não é muito fácil explicar em que consiste esse estado de perturbação mental temporária, em que os espíritos se encontram ao entrarem no plano astral, pois que cada um pinta esse estado melhor ou peor, consoante a sua experiência própria, a qual é variável, e por vezes contraditória na aparência.

Fazendo porêem o apuramento sintético dessas revelações, podemos ter como certo o seguinte.

Na vida terrena normal cada um dos cinco sentidos tem um corpo especial, que lhe é próprio, e através do qual percebe uma determinada ordem de sensações.

Assim, nesta vida que agora temos, e nas condições normais, nós só podemos vêr pelos olhos, ouvir pelos ouvidos, cheirar pelo nariz, etc.

Na vida psíquica, porêem, como os órgãos de todas as categorias desapareceram, ou estão inibidos de funcionar (estados magnéticos), a sensibilidade anímica das diversas espécies achase condensada em uma espécie de sentido único, que se acha espalhado por toda a massa do perespírito.

É exactamente isto o que se dá com os sunambulos lúcidos, que vêem pela testa, pela nuca, pelo estomago ou pelas pontas dos dedos: podendo os outros sentidos exercer-se similarmemente por qualquer ponto da epiderme, e podendo tambem exteriorizar-se para fora do corpo.

Desta sorte vê-se que, na vida normal, há um conjunto de faculdades diversas, ao passo que na vida psíquica há uma faculdade única, uma espécie de consciência geral de todas as potências do espírito.

Assim, na vida normal terrena toda a potencialidade sensitiva, intelectual e emotiva da alma se decompõe em faculdades e sentidos diversos, - há uma análise; na vida psíquica todas as faculdades se resumem em uma só, - há uma síntese.

E como nos desencarnados inferiores o perespírito é relativamente grosseiro, estes - sentindo-se vivos, tendo consciência, embora vaga, de que existem, - julgam viver ainda no meio terreno; mas, como não podem saciar as suas paixões, - sofrem por essa privação.

Estes espíritos inferiores, ainda demasiado adstritos às leis da matéria, como as suas aspirações se acham condensadas todas na terra, - vagueiam invisíveis pelos meios em que viveram, e muitas vezes manifestam a sua presença por uma forma bem evidente, em determinadas casas, por meio de ruídos extraordinários, vozes diversas, luzes, e mesmo aparições de variada natureza.

O seu estado psíquico, torna-se em certo modo nebuloso, porque a privação dos órgãos, causa-lhes por vezes o suplício de Tântalo, o que produz neles um estado de semi-inconsciência.

São geralmente estes espíritos que acorrem ordinariamente às sessões espíritas de grupos incipientes, onde vêm buscar um bocado de luz, de consolação e de esperança.

*

* *

Passado porém esse período de perturbação, o espírito toma, por assim dizer, posse de si mesma, e dá uma espécie de balanço á sua situação moral; conhece os erros que cometeu, e que necessita emendar,; e como todas as suas tendências o arrastam para o mundo material, não tardam em reincarnar, revestindo um novo personagem, afim de procurar a sua reabilitação nessa nova existência.

Se porém o desencarnado se acha numa situação moral mais elevada, se tinha já na vida anterior a crença na sua imortalidade, então o per-espírito, mais apurado e subtil, não tarda em compreender a transição, porque passou, adapta-se facilmente aos recursos de que dispõe, acha-se bem, nesse novo meio, reconhece a superioridade da sua situação actual, avóca a si a recordação das existências passadas, reflecte sôbre os progressos realizados, e traça o seu plano de vida para os futuros aperfeiçoamentos.

Para estes a reincarnação pode ser ás vezes uma conveniência; mas não uma verdadeira necessidade para o seu progresso ulterior.

*

* *

Quando porêm os espíritos atingem o depuramento moral suficiente para poderem prescindir das reencarnações como meio da sua progressiva evolução, então esses espíritos felizes integram-se no plano geral da Criação, elevam-se em categoria intelectual pelo conhecimento mais intenso da natureza das cousas, e da potencialidade dos fluidos, dedicam-se desveladamente a obras de patrocínio e benemerência, auxiliando e inspirando os espíritos incarnados e desincarnadis por meio de sugestões habeis, que, sem tirarem a cada um a responsabilidade e mérito das suas resoluções, operam todavia como inspiração tutelar.

A vida d'além-túmulo não é, como erradamente se pensava, uma vida de ociosidade esteril, e de beatitude inglória; é antes uma vida de estudo e de operoso labor, trabalhando todos constantemente na prática do bem, e no progresso incessante de cada um e de todos.

É isto o que a sã razão aconselha, e o que as revelações dos espíritos mais adeantados a cada passo nos testificam.

*

* *

Desta sorte justifica-se aos olhos dos homens a Justiça Divina, que a concepção absurda do Céu e do Inferno apoucava e deprimia, tornando-a parcial e faciosa; vindo assim a conciliação entre a justiça humana e a divina a encontrar-se numa doutrina, cuja origem se perde na noite dos tempos; pois que há 5000 ou 6000 anos a vamos encontrar enraizada e florescente entre os povos do velho Indústão, entre os Egipcios e os Gaulezes, com o nome de Metempsicose, ou transmigração das almas, e hoje rejuvenescida e depurada de absurdas superstições, com o nome de Reincarnação das almas em novos e sucessivos corpos, encontrando assim neles novos meios de depuramento e progresso.

Esta doutrina, cheia de largas consolações e ensinamentos profícuos, foi trazida para as veigas férteis da poética Helade pelo sábio Pitágoras, que tendo viajado bastante no País do Nilo, a fôra beber nos ensinamentos esotéricos dos sacerdotes de Osiris, que por seu turno a haviam recebido da tradição sacerdotal bramanica, que remontava já então a centenas de séculos.

Essa crença reparadora, que foi mais tarde adoptada por Platão, era ensinada pelos sacerdotes druidas á sombra misteriosa dos carvalhos seculares da velha Gália, e foi mais tarde cantada por Virgílio no seu imortal poema.

Sustentada tambem com denodo por eminentes pensadores e abalizados teólogos nos primeiros séculos do cristianismo, foi pouco depois condenada como heresia pela maioria faciosa do 2.º concílio de Constantinopla; pois que a esses teólogos convinha muito mais explorar a rendosa crença no Purgatório e no Inferno, crença que punha exclusivamente nas suas mãos as chaves do Céu, o que lhes acarretaria em massa as riquezas da terra.

E condenaram essa crença reparadora, apesar dela existir já em germen nas tradições hebraicas, e de ter sido confirmada pelas palavras do Cristo, quando, dirigindo-se a seus discípulos, lhes perguntou um dia:

- Quem é que os homens dizem que é o filho do homem?

E eles lhe responderam:

- Uns dizem que é João Batista, outros Elias, outros Jeremias, ou qualquer dos profetas.

E como eles lhe perguntassem se era verdadeira a crença que afirmava que Elias devia renascer, Jesus, longe de censurar essa crença, confirmou-a, dizendo-lhes:

- É verdade que Elias deve vir; e digo-vos mesmo que Elias já veio; mas os homens não o reconheceram, pois que o fizeram sofrer.

E os discípulos compreenderem que ele queria referir-se a João Batista.

Assim pois os Padres da Igreja, condenando como heresia a doutrina antiquíssima da reencarnação, condenaram ao mesmo tempo a doutrina do seu próprio Redentor e Mestre.

É um cúmulo que custa a crêr, mas é um facto infelizmente.

Isto serve apenas para demonstrar o valor que devem ter para nós as decisões dos concílios!...

*

* *

Como se vê, pois, o dogma da reencarnação não é uma ideia nascida de ontem no cérebro de alguns sonhadores. Pelo contrário, a sua origem é tão remota, que se perde na noite dos tempos; tal qual como a noção da existência de Deus, que se acha gravada no coração de toda a humanidade, a ideia da reencarnação lançou raízes profundas e vivazes no cérebro humano alguns milhares de anos antes que os primeiros alvares da civilização actual despontassem nas regiões da Europa.

*

* *

O homem renasce pois: eis a grande verdade, que encerra em si a solução do grandioso problema do nosso destino.

Recapitulando pois o que temos dito sobre as origens do homem, diremos que:

Germen da vida, ainda inconsciente, cada um de nós deu vida e forma a seres inumeráveis dos reinos vegetal e animal.

Nesses diversos estadios de vida foram conquistando pouco a pouco inumeras qualidades e novas aptidões. E quando essas aptidões nos

elevaram á categoria de homens, nós começamos a nossa evolução humana animando seres que em bem pouco se diferenciavam da animalidade anterior, a qual não tem dotes psíquicos que lhe permitam elevar-se a concepções abstratas e científicas.

Hoje que, felizmente, (após numerosas mortes e renascimentos), nós ocupamos já um lugar primacial na escala humana, lugar que nos torna aptos a elevar-nos ás mais remontadas concepções do espírito humano, hoje que a noção da nossa imortalidade é para nós uma ideia natural e comezinha e que a ideia da reencarnação sucessiva se converteu para nós num anseio de justiça, que só ela pode preencher, - nós devemos felicitar-nos pelos progressos realizados, por entre os insucessos e desastres das nossas quedas, e a persistência inquebrantável dos nossos esforços.

Nós somos as gerações do passado, e seremos por nosso turno as gerações do futuro.

Não colhemos hoje o fruto do que semeamos outrora, como colheremos mais tarde o fruto do que agora semeamos.

Não temos direito a queixar-nos de ninguém, nem mesmo do nosso destino; porque o nosso destino somos nós que o fazemos.

Não temos que pedir contas senão a nós próprios; porque a nossa vida é exclusivamente a nossa obra.

Senão é isto o que é justo, - onde é que está então a justiça?

O Purgatório não está no centro da terra, como alguns julgam, nem em qualquer outro lugar hipotético e nunca visto.

O Purgatório é isto que nós vemos; - é a Terra, com as suas paixões e os seus vícios, com os seus gosos efémeros e mais ou menos fantásticos, com as suas desgraças mais ou menos

deprimentes e fatais; o Purgatório é todo o período de tempo que nós passamos nas nossas sucessivas reencarnações, Purgatório mais ou menos suave, mais ou menos cruel, conforme nós mesmos o escolhemos no período de vida astral, porque durante êsse período nós temos sempre aberto ante nós o livro do nosso destino, o qual há de resultar sempre do balanço dado ao Deve e Ha de Haver na nossa conta corrente.

A recompensa e o castigo existem, segundo o valor das boas obras ou a gravidade dos atentados.

Nisto ainda a Divina Justiça paira imparcial e serena sobre todos nós, transformando-nos em juizes dos nossos próprios feitos, e arvorando a nossa consciência em julgador supremo das nossas acções.

*

* *

Eia pois! tenhamos coragem e confiança plena no nosso destino!

Não há eleitos, nem condenados; - há progresso e há justiça!...

Todos somos filhos da Providência, todos havemos de atingir a meta, segundo os nossos méritos; porque todos somos livres e responsáveis pelas nossas acções.

Para atingirmos o nosso anelo o mais rápido possível, basta que encaminhem sempre todas as nossas acções no sentido de realizarmos, quanto em nós couber, os tres grandes ideais do homem culto - o belo, a verdade e o bem, que se podem englobar em um só, que é - envidar todos os nossos esforços no sentido de promover o bem estar e progresso de todos os nossos irmãos.

*

* *

Até aqui temo-nos limitado a fazer numerosas afirmações, sem nos termos detido suficientemente sôbre a sua demonstração rigorosa. Importa por isso agora entrar a fundo na parte demonstrativa do que temos afirmado.

Ora, para isso, cumpre-nos estudar desde já a fôrça da Natureza mais subtil, e mais maravilhosa de todas, e que, apesar disso, é também a menos conhecida e a menos estudada.

Referimo-nos ao MAGNETISMO ANIMAL, ou PESSOAL, como modernamente se costuma chamar-lhe.

É isso o vamos estudar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

O Magnetismo

Dá-se o nome de MAGNETISMO ANIMAL OU PESSOAL - á influência que uma pessoa pode exercer sôbre outra, mediante a acção da vontade, e o emprêgo de diversos processos naturais.

A observação e a experiência demonstram que a causa produtora dessa influência não é uma substância visível e palpável; - mas um agente imponderável, uma fôrça vital, orgânica, a que se tem dado nomes diversos, dentre os quais nós preferimos o de fluído ou agente magnético.

Este fluído existe em estado latente em todas as pessoas; e por isso; - em tese todas o podem emitir, desde o momento em que conheçam o modus faciendi.

E note-se que o poder de magnetizar não é uma prerrogativa exclusiva do homem, pois é certo que diversos animais gosam dêsse poder, como condição indispensável da sua existência ou da sua defesa.

É assim que todos sabem que a giboia fascina e imobiliza os animais que precisa devorar, o mesmo sucedendo ao sapo, que, com o poder do seu olhar, imobiliza a doninha e outros animais pequenos, de que se alimenta; e, como estes, muitos outros casos poderíamos citar.

Pensava-se antigamente que a faculdade de magnetizar era apanágio exclusivo de poucas pessoas. Essa crença provinha de que, fazendo os processos magnéticos parte integrante das sciências ocultas, eram por isso segredo de poucos.

É certo que há pessoas dotadas de um poder magnético um pouco extraordinário, tais foram - o Marquês de Poysegur, Lafontaine, Du Potet, Deleuze e o Padre Faria, entre muitos outros; mas há também os medianos e pequenos magnetizadores; e, como estes, qualquer indivíduo, que disponha de uma vontade enérgica, e de certos conhecimentos indispensáveis, pode adquirir igual poder.

E, devemos acrescentar, que, quando á intensidade dos efeitos magnéticos, eles são identicamente os mesmos, qualquer que seja a fôrça do magnetizador.

*

* *

Este agente poderosíssimo foi conhecido e explorado em todas as suas modalidades, no Mundo Oriental, desde muitos milhares de anos, pelos numerosíssimos iniciados dos grandes templos do Oriente, os quais, graças ao seu auxílio, operavam com facilidade os maiores prodígios.

O Magnetismo era também conhecido (pelo menos praticamente) nas regiões selvagens da África e da Oceania, e nas tribus autoctonas, hoje incultas, das duas Américas.

E ao passo que o MAGNETISMO era dest'arte mais ou menos conhecido por todo o mundo fora, desde remotíssimas eras; na velha Europa, tão vaidosa da sua cultura e civilização, era doutrina corrente, ainda não há muitos anos, - que o Magnetismo Animal fôra descoberto por Mesmer em 1774; e os doutos imortais da Academia Francesa repeliram em fins do século XVIII todas as 27 conclusões de Mesmer com o fundamento de que nada prova a existência do fluido magnético animal, e que este fluido sem existência é portanto sem utilidade, (sic).

Nove académicos, que compunham a comissão, assinaram esta luminosa conclusão.

E apesar das curas magnéticas prodigiosas operadas por Puisegur, Lafontaine, Du Potet, Deleuze e vários outros, - os sábios académicos modernos, para não atentarem contra o veredictum dos seus colegas do século XVIII, houveram sabiamente por bem abster-se de estudar os fenómenos magnéticos, para assim escaparem ao labeu de charlatães.

Felizmente não se aterraram com essa excomunhão maior alguns ilustres homens de ciência contemporâneos, que, a despeito do sorriso de mofa dos sábios oficiais, foram individualmente estudando com afinco os fenómenos magnéticos e fazendo descobertas felizes, que lhes permitiram poder afirmar - que apesar de tudo o magnetismo existia.

*

* *

Um belo dia, porém, o dr. James Braid, obcecado ainda pela ideia fixa dos seus colegas do século XVIII, tendo descoberto, uma variante nos processos para produzir o sono artificial teve a engenhosa ideia de batizar o seu processo com o nome de HIPNOTISMO, vindo assim quebrar o enguiço, que pesava sobre o magnetismo, o que permitiu assim aos homens de ciência o estudar a fundo os fenómenos magnéticos, mas crismando-os com o nome mais científico! de HIPNOTISMO.

Porque a verdade é que, se teoricamente o magnetismo e o hipnotismo são um pouco diferentes nos processos, na prática esses processos são baralhados e confundidos pelos diversos operadores modernos.

Pois é um facto que os hipnotizadores começam em regra por adormecer o passivo pelo processo de Braid, e uma vez obtido o primeiro grau de sono, misturam habilmente com ele o processo magnético mais ou menos disfarçado; e assim se livram do qualitativo de charlatães, conseguindo dest'arte os mesmos efeitos aproximadamente, que obteem os magnetizadores propriamente ditos.

*
* *

Em rigor há uma diferença profunda entre o magnetismo e o hipnotismo, diferença que importa fixar bem para evitar confusões mui frequentes.

Se bem que haja uma certa analogia nos efeitos produzidos, o magnetismo difere do hipnotismo - no modus faciendi, isto é no processo empregado; - na causa produtora; no estado psico-fisiológico do passivo; - na intensidade dos fenómenos; e nas consequências que de um e outro processo podem resultar.

Expliquemo-nos:

O hipnotismo (segundo Braid e todos os seus partidários) - é um estado particular do sistema nervoso, determinado por manobras artificiais tendentes a destruir o equilíbrio nervoso determinando por elas a paralisia de certos centros nervosos.

Este estado fisiológico tende a produzir no cérebro uma acumulação anormal de fôrça nervosa de que resulta um estado patológico particular.

Portanto, segundo a confissão dos próprios mestres do hipnotismo, este consiste em tirar partido de um desequilíbrio da fôrça nervosa que se faz concentrar no cérebro.

Como é que se produz então este desequilíbrio?

Por vários processos, que se podem sintetizar num só, - queremos dizer: fazendo convergir os raios visuais do passivo sôbre um objecto brilhante, colocado a uns 25 a 30 centímetros de distância e colocado numa posição superior ao nível dos olhos.

Esse objecto brilhante é quasi sempre substituído com vantagem pelos olhos do hipnotizador, que pelo seu poder irradiante, e pela vontade firme do operador apressam a produção do sono.

Ora, deve notar-se desde já, que, o emprêgo dos olhos do hipnotizador implica desde logo uma mistura de hipnotismo e de magnetismo, porque os olhos são o principal foco, por onde o fluido magnético irradia do nosso corpo.

Ora do simples facto de forçar o passivo a fixar um objecto brilhante a uma curtíssima distância e uma posição incómoda, resulta fatalmente a fadiga ou cansasso do órgão visual, e consequentemente uma perturbação no cérebro, que dá como resultado - o sono hipnótico, que nos passivos histéricos ou nimamente nervosos pode apresentar as fases clássicas - letargia, catalepsia e sonambulismo simples, mas raras vezes lúcido, salvo se se reforçar o sono com os passes magnéticos ou com sugestões.

Há muitos operadores que, apesar de se intitulem magnetizadores, procedem antes como hipnotizadores.

Aludimos aos fascinadores, que produzem o sono pela simples fixidez do olhar; ou os que, como o Abade Faria, depois de haverem feito sentar o passivo, se limitavam a gritar-lhes de súbito ao ouvido, com voz retumbante a simples palavra - dorme!

*

* *

Se compararmos agora manobras com os processos magnéticos, que empregam quasi exclusivamente os passes, ver-se há que os dois processos diferem radicalmente entre si: pois que, enquanto os hipnotizadores atacam exclusivamente o cérebro, perturbando o seu regular funcionamento; - os magnetizadores, actuando suavemente sobre o corpo todo por meio dos passes, concentram especialmente os seus esforços sobre o epigastro e sistema nervoso ganglionar, procurando, pelos passes gerais, equilibrar o melhor possível a corrente nervosa, de maneira a obter pelo adormecimento suave e lento, a mais alta expressão da autonomia funcional do ser.

O magnetizador tem nos passes, e nas imposições diversamente praticadas, um meio efficacissimo para regular e graduar o sono magnético.

O seu intuito consiste em isolar o passivo de tudo quanto o rodeia.

Esse isolamento, aniquilando todas as sensações vindas do exterior, permite ao passivo concentrar a sua atenção e todas as suas faculdades muito melhor do que o poderia fazer no estado de vigília.

Os seus sentidos, adormentados pelas correntes magnéticas dos passes, sintetizam-se numa exaltação do Eu sensório, dando-lhe uma sensibilidade exquisita, que o estado de relação põe exclusivamente á disposição do magnetizador.

Este estado de relação consiste em o passivo só ouvir a voz do magnetizador, só sentir a sua presença, só a êle obedecer, só por êle poder ser despertado.

Atraído pelo fluído magnético de que os passes vão impregnados, - o corpo astral do passivo isola-se do corpo material, e, gosando de uma extrema mobilidade magnética, pode, como o pensamento, viajar por onde lhe apraz, ou seguir a orientação que lhe é dada pelo magnetizador.

*

* *

O passivo hipnótico está longe de atingir as eminentes qualidades que distinguem o passivo magnético.

Não está isolado nem concentrado; e por isso pode sentir o contacto ou a voz de qualquer pessoa, pode obedecer e ser despertado por qualquer pessoa.

Sendo adormecido hipnoticamente, o passivo flutua entre dois estados - a letargia e a catalepsia.

Enquanto letárgico todas as vias que levam ao cérebro as impressões sensórias, estão hermeticamente fechadas, - enquanto cataléptico todas as sensações externas ouvido, olfato, paladar e tacto, ficam dotados de uma hiperestesia tal que - apercebe os mínimos sons, aromas e contactos, mesmo a uma distância considerável.

Distraído por tudo o que o rodeia em virtude dessa hiperestesia sensória, numa das hipóteses; ou fechado, na outra hipótese, a todas as sensações externas, o passivo hipnótico em qualquer delas, está inapto para receber qualquer sugestão mental, podendo quando muito receber sugestões verbais.

Como no hipnotismo puro não há estado de relação, o hipnotizado - é o que a natureza o fez, e não pode ser regulado nem aperfeiçoado.

Pelo contrário o passivo magnético pode ser regulado e aperfeiçoado dentro de certos limites.

Por meio das imposições e dos passes aciona-se mais ou menos o cérebro ou o epigastro, procurando-se manter um justo equilíbrio entre esses dois centros da vida nervosa.

Pelos passes longitudinais e imposições carrega-se de fluído o passivo: - pelos transversais e pelo sôpro frio liberta-se o passivo em parte ou no todo.

Finalmente pelos passes de grandes correntes regulariza-se a distribuição do fluído magnético.

Pelo contrário o processo hipnótico (quando exclusivamente aplicado), todo artificial e mecânico, - fatiga e irrita o passivo, e traz muitas vezes complicações nervosas; ao passo que o processo magnético (quando sabiamente dosado), produz ao passivo um bem estar inefável,

que, ao despertar, o deixa tão calmo e fresco, como antes da sessão, por mais longa que ela seja.

O magnetizador habil pode adormecer um passivo, e levá-lo até ao sonambulismo - sem proferir uma palavra, sem fazer uma sugestão, sem lhe tocar, provando assim - que é sómente o fluído magnético quem produz esses efeitos; ao passo que o hipnotizador ficaria completamente manietado, e nada conseguiria de útil, se lhe proibissem os contactos, os passes e as sugestões; o que prova que os resultados, que colhe, são devidos, em grande parte a esses auxiliares poderosíssimos.

Expostas assim as diferenças, que extremam os fenómenos hipnóticos dos propriamente magnéticos, cumpre-nos agora entrar exclusivamente na exposição dos processos e fenómenos magnéticos.

*

* *

Dissemos já que os fenómenos magnéticos eram produzidos por um fluído invisível que irradia do corpo humano e vai actuar sôbre o fluído similar irradiado por outras pessoas cuja vitalidade e fôrça de vontade é mais fraca.

A existência dêsse fluído é um facto, que se demonstra por várias formas.

Temos em primeiro lugar as experiências do Barão de Reichenbach.

Consistem essas experiências em encerrar 8 ou mais pessoas em um quarto escuro onde não possa penetrar o mínimo raio de luz branca ou colorida. Passados quinze minutos ou mais, se entre essas pessoas há uma ou mais que sejam sensitivas, essa ou essas pessoas começam a vêr uma claridade difusa, irradiando em torno das cabeças de todos os circunstantes, e saindo em jactos dos olhos e do nariz.

A esta claridade irradiante ou aura deu Reichenbach o nome de Od, Mesmer chamou-lhe fluído magnético, os espíritas dão-lhe o nome de per-espírito, os ocultistas corpo astral, os hindustânicos acasa, os alquímicos azoth, William Crookes fôrça psíquica e Dupuy corpo psíquico.

Poderíamos com igual razão chamar-lhe Vida irradiante; porque tudo nos leva crêr que essa aura luminosa é idêntica á substância de que resulta a vida em cada um de nós.

Como já num capítulo anterior falamos mais detidamente desta aura, nada mais acrescentaremos agora.

O fluido magnético acha-se espalhado por toda a natureza, por forma que cada ser possui a porção de fluido que lhe é precisa, chegando mesmo muitos homens a possuí-lo em excesso, por forma a poderem emití-lo de si em abundância. Daí resultam os grandes e os medianos magnetizadores.

E como o homem é o único ser da criação que sabe empregar racionalmente esse excesso de fluido, daqui resulta que no seu emprego deve ter sempre em vista - fazer o bem, e aliviar os que sofrem.

*

* *

Se bem que não seja nosso intuito transformar êste capítulo num tratado completo, embora resumido, de magnetismo, todavia para sermos compreendidos facilmente torna-se indispensável expôr aqui sumariamente certos princípios gerais sôbre a forma ou processo para magnetizar.

Para maiores detalhes consulte-se o nosso livro que tem por título - O Magnetismo, e que foi publicado em 1913 pela Livraria Clássica Editora, Praça dos Restauradores 20, Lisboa.

Aí encontrará o leitor todos os esclarecimentos precisos e indispensáveis a um magnetizador incipiente.

*

* *

O Fluido Magnético produz um sono especial, muito mais profundo e completo do que o sono natural, o qual nos passivos normais e completos compreende diversos graus de intensidade, ou estados, dos quais os cinco primeiros são os seguintes:

- 1.º - estado de credulidade
- 2.º - estado de letargia
- 3.º - estado de catalepsia
- 4.º - estado de exteriorisação da sensibilidade
- 5.º - estado de sonambulismo.

*
* *

Nos tres primeiros estados podem ser também obtidos pelo processo puramente hipnótico, pois que o processo de Braid não pode produzir a exteriorização da sensibilidade nem o sonambulismo lúcido, a menos que não se empreguem cumulativamente as sugestões e os passes, que pertencem exclusivamente aos processos magnéticos, como costumam fazer certos operadores, que dão a tudo isso o nome de hipnotismo.

*
* *

Primeiro estado - Credulidade

O estado de CREDULIDADE ou fascinação é aquele em que o sono é mais leve.

Dir-se ia até que o passivo está plenamente acordado; pois que tem os olhos abertos e gosa de todas as suas faculdades intelectuais, e todos os seus sentidos.

Por isso muitos dizem que neste estado o passivo está em estado de vigília.

O que especialmente caracteriza êste estado magnético é o facto singularíssimo de o passivo acreditar sem relutância tudo quanto pelo magnetizador fôr inculcado como verdadeiro.

Todos os sentidos do passivo obedecem cegamente á vontade do magnetizador, desde que êste lhe inculque com aparente convicção uma ideia, por mais disparatada que ela seja.

Se porém o magnetizador não lhe inculca ideia alguma, nesse caso todos os sentidos e faculdades do passivo funcionam normalmente.

E é tão assombrosa a alteração profunda que êste ligeiríssimo estado de sono produz no passivo, que até a consciência da sua própria personalidade se lhe pode fazer perder durante o tempo que nos aprouver, investindo-o em novas e sucessivas personalidades.

Estas experiências, que são interessantíssimas para o psicólogo, fizêmo-las nós mais de cem vezes com um dos nossos sonambulos, transformando-o na mesma noite, por exemplo, em general, em regente de banda, mestre de dansa, etc.

E era tal a perfeição com que êle desempenhava todos esses personagens, que deixava assombrados todos os circunstantes pela naturalidade com que representava esses diversíssimos papeis.

É por tal forma surpreendente o poder que a vontade do magnetizador exerce sôbre todas as faculdades do passivo magnético, que não há uma única que não lhe esteja eficazmente submetida, a ponto de por vezes chegar a atingir as raias do que habitualmente é tido como impossível.

Para o demonstrar vou citar um facto que se deu comigo haverá uns nove anos, facto que me encheu de assombro, por ir muito além de tudo o que eu podia scientificamente esperar.

Esta experiência, feita sem esperança alguma de resultado permanente, foi presenciada por mais cinco pessoas, que todas ficaram maravilhadas.

Eis o caso:

Estávamos nós em casa de uma família das nossas relações, magnetizando pela primeira vez um rapaz de 17 anos, filho da dona da casa, que desejara fazer algumas experiências magnéticas. Subitamente veio-me ao pensamento que pouco antes a mãe dêle me havia dito, por incidente, que, havia já alguns meses aquele filho não via cousa alguma por um dos olhos; mas que apesar disso os médicos não lhe haviam encontrado defeito algum nêle.

Ocorreu-me então a ideia de tentar vêr se seria possível restituir-lhe a vista, ainda que não fosse senão provisoriamente e enquanto ele se achasse sujeito ao sono magnético.

E como a mãe aprovasse a ideia de tentar esse experiência, colocámos o rapaz em estado de credulidade, tendo feito previamente as experiências necessárias para nos convencermos de que, de facto, ele nada via daquele órgão. E depois de nos convencermos de que isso era verdade, puzemos-lhe nos olhos uma venda para o obrigar a concentrar toda a sua atenção sôbre as sugestões que lhe iamos fazer; e, enquanto lhe fazíamos sôbre os olhos vários passes e imposições apropriadas fomo-lo suggestionando no sentido de o fazer acreditar - que êle não tinha doença alguma no olho, e que a doença que julgava ter, era apenas o resultado de ter adquirido o mau hábito de concentrar o esforço visual apenas no outro olho.

Fizemos-lhe sentir que esse defeito ia desaparecer por completo e que, logo que lhe tirassemos a venda, êle veria perfeitamente por ambos os olhos, e por cada um deles isoladamente; porque o que êle tinha era apenas uma afecção nervosa no olho, afecção essa que ia desaparecer completamente.

Tirámos-lhe a venda, e tomando um livro que estava sôbre a mesa, e abrindo-o numa página qualquer, e fazendo-lhe tapar o olho são, dissemos-lhe: - Agora pode lêr! Leia!...

E com efeito, com assombro de todos e nosso, o rapaz leu a página toda sem errar cousa alguma, apenas com alguma morosidade, proveniente de uma certa dificuldade que experimentava.

Aconselhámo-lo a fazer todos os dias exercícios de leitura só com o olho que estivera doente, até que a visão fosse igualmente fácil por ambos.

E comquanto tivéssemos pouca confiança em que a visão se mantivesse por aquele olho depois dele ter acordado de todo; (porque não julgávamos que aquele sono tão leve fosse o suficiente para lhe dar efeitos post-hipnóticos), todavia, como nada tínhamos a perder com a tentativa, e fiando-nos apenas em que o poder do magnetismo quasi não conhece limites, quando é aplicado com o firme propósito de fazer bem, resolvemos ir até ao fim e dissemos-lhe:

- "Agora quero que, depois de acordado, fique vendo dêsse olho tão bem como neste momento está vendo".

Dito isto acordámo-lo completamente.

Tivemos então a inesperada satisfação de vêr que - êle ficára vendo de ambos os olhos, senão com a mesma intensidade, pelo menos aproximadamente igual.

Como no dia seguinte tive de sair para fora de Lisboa, donde estive ausente durante um ano, não continuei a vêr, nem a tratar, êste rapaz, sabendo apenas dois meses mais tarde por uma carta da mãe, que o filho continuava vendo da mesma sorte pelos dois olhos.

Este exemplo deu-nos uma prova evidentíssima dos benefícios enormes que se podem colher da sugestão hipnótica ou post-hipnótica, feita durante o sono magnético, mesmo no grau mais inferior dêle - o estado de credulidade.

*

* *

Mas o que vem a ser a sugestão? dir-nos hão.

Evidentemente deve ser uma fôrça que, partindo do agente voluntarioso - o magnetizador, vai imperar com soberania absoluta não só no ânimo e vontade do paciente, mas em todos os seus órgãos e faculdades, e com uma intensidade tal que excede muitíssimo a que lhe poderia dar a própria vontade do paciente, se êste operasse só por si.

*

* *

São diversas as teorias, que se tem apresentado, para explicar e sugestão.

Uns dizem que os processos magnéticos ou hipnóticos produzem em primeiro lugar a - anevrósia, isto é, o entorpecimento do fluido nervoso, e que traz consigo, desde logo, a privação temporária da vontade do passivo.

Conseguido isto, a vontade do magnetizador, que é uma força, projecta-se sobre o paciente, substituí-se á vontade entorpecida deste, e realiza assim as sugestões dadas.

Esta teoria, apesar de ter um fundo de verdade na descrição do modus faciendi, é deficiente; porque não nos deixa entrever a natureza dessa força misteriosa.

O dr. Ochorowikz, célebre fisiologista, para achar uma teoria explicativa para a sugestão mental, admite outra teoria em que também achamos um fundo de verdade, embora não atinja ainda o âmago da questão.

O pensamento, diz ele, transmite-se de umas a outras pessoas, porque é um acto dinamico, cujo movimento não fica limitado pela epiderme da pessoa que o produz; mas antes se propaga no ar ambiente, transformando-se, ao ter de atravessar meios diversos ou análogos; e por isso o pensamento, correlativo desse movimento, também se propaga e transforma.

Mas, nem o princípio de comunicação, nem o de transformação nos serviriam de muito, para a compreensão da sugestão, se não fossem completados por um outro princípio de física geral, - a lei da reversibilidade.

Com efeito, diz ele, nós sabemos que - toda a força se propaga, mas que, se encontra uma resistência, se transforma

Ora, passada uma segunda ou terceira transformação, se o movimento transformado encontra um meio análogo, ao do seu ponto de partida, pode o movimento recobrar o seu character primitivo, isto é - despertar no outro cérebro um pensamento igual.

Esta teoria, apesar de muito engenhosa, tem apenas o defeito grave de se basear apenas numa mera hipótese, qual é a de o movimento cerebral recuperar o seu primitivo character após duas ou tres transformações.

O que é um facto incontestável é que - o pensamento, a vontade e outras faculdades do magnetizador se projectam para fora do seu corpo físico, e procuram e conseguem dominar e substituir o pensamento e vontade do magnetizador.

A exteriorização do pensamento e da vontade é um facto evidente no sono magnético.

Porque os estados de credulidade, letargia, catalepsia e sonambulismo, embora á primeira vista pareça serem produzidos pela acção do olhar, dos passes, por uma luz vivíssima, por um som repentino e vibrante, ou pela pressão de um ponto hipnogénico, são realmente produzidas - pela vontade exteriorizada do magnetizador, actuando no passivo - ou pela sugestão verbal,

ou pela sugestão mental, que consiste num pensamento vivaz e persistente que lhe dá a convicção de que há de produzir o efeito que tem vista.

Por isso a sugestão verbal ou mental consiste simplesmente na - imposição da vontade do magnetizador sobre a do passivo, que capitula sem condições ante uma vontade mais forte.

Por isso, tudo o que o magnetizador quiser que o passivo veja, ouça, sinta ou faça, tudo aquele verá, ouvirá, sentirá ou fará; porque as sugestões feitas tem para ele uma realidade objectiva, porque são em certo modo criações fluídicas do próprio cérebro, embora determinadas por uma vontade alheia, que êle para todos os efeitos perfilha como sua, porque esqueceu a fonte donde lhe proveio.

*

* *

Seja como fôr, o que é um facto incontestável é que para o estudo da alma humana os fenómenos produzidos no estado de credulidade são os mais interessantes e maravilhosos do sono magnético.

Chamamos-lhe sono, porque não podemos aceitar como plausível que um indivíduo no seu estado normal, isto é, desperto, possa acreditar e realizar todas as modalidades psicológicas, que á nossa fantasia aprouver impôr-lhe.

É certo que êle tem os olhos abertos, que fala, raciocina e move-se com o maior acerto e liberdade de acção, e que, no sentido rigoroso do termo, - êle não está dormindo; mas está fascinado pelo magnetizador, e sempre que a vontade dele intervenha, êle deixará de ser um homem livre, para se tornar um autómato inconsciente.

É devido a esta aparente liberdade de acção que alguns chamam às sugestões realizadas neste estado - sugestões no estado de vigília; mas do que deixamos dito bem evidente se torna que - tal vigília não existe.

Seria mais verdadeiro e próprio dizer-se: - sugestões no estado de fascinação.

É por estas razões que o estado de credulidade é por nós considerado como o primeiro dos estados magnéticos.

*

* *

E como se produz no passivo o estado de credulidade?

Da maneira mais simples. O magnetizador toma, nas suas, as mãos do passivo, e ordena-lhe que o fite nos olhos sem pestanejar.

Por seu turno o magnetizador fita-o também nos olhos, ou na raiz do nariz, durante uns dois ou tres minutos. Diz-se-lhe depois que coloque as mãos palma com palma, travando os dedos da mão esquerda com os da direita, e apertando assim as mãos uma contra a outra.

Nós colocamos também as nossas mãos sôbre as dele, e vamos-lhe sugerindo mansamente, mas com energia, que as mãos dele vão ficar ligadas uma á outra, sem se poderem desligar contra nossa vontade. Repetem-se estas sugestões muitas vezes, enquanto se lhe vão fazendo alguns passes longitudinais desde o ombro até ás mãos.

Então diz-se-lhe em tom imperativo que nós vamos contar até sete, e que quando chegarmos a êsse número, as mãos já hão de estar ligadas, por forma que êle não as poderá separar.

Então, com a mão direita dão-se rapidamente algumas voltas em torno das mãos do passivo, diz-se-lhe: - As mãos já estão ligadas... repare, que eu vou contar... um!... dois!... tres!... quatro!... cinco!... seis!... sete!... pronto! já as não pode separar! Experimente.

Se a pessoa fôr sugestionável, fará esforços; mas não conseguirá separá-las.

As pessoas muito sugestionáveis dão logo bom resultado á primeira experiência. E nesse caso, para fazer cessar a sugestão, e restituir-lhe a liberdade de movimentos, dá-se-lhe uma nova sugestão, tendente a destruir a primeira, esta sugestão unicamente depende do nosso capricho. Assim podemos dizer-lhe: - logo que eu lhe der um sôpro sôbre as mãos, elas ficarão livres e separar-se hão sem dificuldade. E de facto, assim sucederá.

Mas poucas vezes sucederá que a primeira experiência dê resultado perfeitamente satisfatório.

Em geral é preciso duas ou tres experiências para que a sugestão dê pleno resultado.

Toda a pessoa em quem este estado de credulidade se manifestar com perfeição, deve ser susceptível de ser magnetizada e atingir os outros estados magnéticos.

Após esta primeira sugestão devem fazer-se várias outras, procedendo de uma maneira análoga.

Estas sugestões podem ser:

- 1.º - Unir as mãos, palma com palma sem travar os dedos.
- 2.º - Pôr um dedo na ponta do nariz e impedi-lo de o arrancar dali.
- 3.º - Impedi-lo de se erguer da cadeira onde está sentado.
- 4.º - Com um dedo, o magnetizador fecha um olho ao passivo, afirmando-lhe que o não poderá abrir sem sua ordem.

5.º - Analogamente se pode inibir o passivo de mexer um braço ou uma perna, ou dar-lhe qualquer outra sugestão muscular de natureza catalética.

Uma vez habituado o passivo ás sugestões musculares, podem-se ensaiar com êle as sugestões que afectam qualquer dos órgãos dos sentidos. Assim por exemplo:

1.º - Chega-se ao nariz do passivo um frasco com amoníaco, afirmando-se-lhe que é essência de rosas, e êle respirá-lo há com o maior prazer.

2.º - Offerece-se ao passivo um cálice com água, afirmando-lhe ser vinho do Pôrto, Madeira, ou qualquer outro. Gaba-se-lhe a côr, a fôrça alcoólica, a antiguidade, etc.

O passivo beberá essa água com um prazer indizível.

Diz-se-lhe depois que êle já bebeu seis ou sete cálices de vinho, e que é impossivel que não se sinta tonto.

Instantes depois diz-se-lhe que o vinho lhe subiu á cabeça, que lhe custa a falar e a ter-se em pé. O passivo manifestará todos os sintomas de embriaguês.

Dá-se-lhe depois uma pinga de água dizendo-se-lhe que tem umas gotas de amoníaco, e que isso lhe faz passar a embriaguês.

3.º - Podemos afectar-lhe parcialmente o sentido da vista tornando invisivel para o passivo uma pessoa qualquer, ou mesmo todas as pessoas presentes; e podemos da mesma forma transformar uma pessoa numa outra, ou num objecto qualquer.

4.º - Não convêm porêem afectar-lhe em absoluto o sentido do ouvido; porque é o órgão através do qual êle comunica connosco e recebe as nossas ordens. Por isso quando precisarmos de o isolar de todos os ruídos e rumores do meio ambiente, dir-lhe hemos: - "Quero que ouça sempre o rumor produzido pelas minhas palavras; mas nenhum outro ruído ouvirá; porque só êsse quero que sinta, sempre que eu fale.

5.º - Querendo-se afectar o sentido do tacto e o da vista simultaneamente, diz-se-lhe que tem um pé coberto de formigas... que elas vão trepando pela perna acima... etc. Quando se vê que o passivo começa a sentir-se mal, faz-se cessar a sugestão dizendo-lhe: - "Vou matar as formigas todas com um sôpro".

Dá-se-lhe na perna um sôpro enérgico, afirmando que morreram todas.

Depois de se verificar que o passivo realiza bem todas as sugestões que affectam os sentidos, pode passar-se a dar-lhe outras que affectam as faculdades intellectuais.

6.º - Pode por exemplo dizer-se-lhe que êle de há tempos para cá está muito esquecido... e que já não sabe escrever correctamente; pois que não sabe escrever a letra a ou i, substituindo-as, sempre que tem de escrever, pelas letras j e z.

Êle protestará que sabe escrever muito bem, e prestar-se há a demonstrá-lo.

Nós porêem sustentaremos a nossa afirmativa, e dando-lhe um papel e um lápis dir-lhe hemos que escreva com bastante rapidez o que lhe formos ditando.

Se êle receber bem esta espécie de sugestões verificar-se há que não escreverá nenhuma das letras que nós o inibimos de escrever, e que sempre que devesse empregar essas letras, êle as substituiu pelas outras duas.

7.º - Podemos dizer-lhe que êle já não sabe como se chama, nem o nome do pae ou da mãe. E verificar-se há que, apesar dos esforços que emprega, não consegue dizer esses nomes.

8.º - Chegando a êste ponto pode-se-lhe fazer perder a noção da própria personalidade e substitui-la , mesmo por uma personalidade histórica.

Deve-se porêem ter todo o cuidado em desfazer por completo a sugestão dada antes de se lhe dar uma nova. E para desmanchar uma sugestão qualquer serve qualquer processo, com tanto que se lhe tenha previamente afirmado que êsse processo tem essa virtude. Geralmente o processo empregado é o sôpro.

Como se vê, este estado magnético, apesar de rudimentar, e quási indistinto do estado vigília é de uma intensidade pasmosa e afecta todas as faculdades do passivo. E deve notar-se que todos os actos praticados pelo passivo durante êste estado não deixarão recordação alguma na sua memória, o que demonstra de uma maneira irrecusável que o passivo, embora o não pareça, está dormindo um sono magnético.

*

* *

Já vimos que o magnetismo em acção é o ascendente que a vontade de um homem pode exercer sôbre a vontade, a inteligência e os sentimentos de outro homem.

A vontade do magnetizador, pela sua acção persistente e consciente, cria em certo modo o fluído magnético, e dirige-o conforme lhe apraz.

O magnetizador nunca deve tentar adormecer ninguêem, a não ser quando o seu estado de saúde é perfeito, e quando o seu espírito está tranquilo e isento de desgostos ou comoções morais.

Já não sucede o mesmo com o passivo magnético, que pode ser magnetizado ou no estado de saúde ou no de doença; pois muitas vezes é necessário adormecer magnéticamente um doente com o simples intuito de o libertar dêsse sofrimento.

É completamente inutil e contraproducente tentar magnetizar pela primeira vez um indivíduo qualquer, contra sua vontade.

O magnetizador esgotaria as suas forças vitais e não conseguiria adormecer o outro, que se ficaria rindo dos seus baldados esforços.

O sono magnético deve resultar do acordo pleno de duas vontades, uma das quais se deixa voluntariamente dominar pela outra.

É geralmente recomendado não se tentarem experiências magnéticas senão depois de terem passado duas horas, pelo menos, depois de qualquer refeição. Mas também se recomenda que o estomago de qualquer dos dois não esteja demasiado vazio.

Tem-se perguntado por vezes se o fluxo menstrual pode ser perturbado ou prejudicado pelo sono magnético; mas os mais conspícuos magnetizadores são de opinião que o sono magnético não o prejudica em coisa alguma.

*

* *

Se se trata de uma primeira magnetização, e o magnetizador não tem processo seu de confiança, pode empregar vantajosamente o nosso processo magnético, que se acha detalhadamente descrito no nosso livro O Magnetismo, a pag. 68 e seguintes, para onde remetemos o leitor, vista a impossibilidade em que nos achamos de entrar aqui nessas minuciosidades.

Segundo estado - Letargia

O segundo estado do sono obtem-se mediante a fixidez do olhar, e passes magnéticos longitudinais, repetidos muitas vezes até que o passivo adormeça profundamente, o que para uma primeira experiência pode levar 15 até 45 minutos.

Quando o passivo atinge êste estado tem o aspecto de uma pessoa que dorme profundamente. Os olhos fecham-se hermeticamente, o pescoço não pode sustentar a cabeça, todos os músculos estão lassos e inertes, como os de um morto.

A insensibilidade cutânea é completa e absoluta.

Pode ser picado com alfinetes, pode-se-lhe fazer uma operação cirúrgica, por mais dolorosa que seja, êle não a sentirá, não resentirá dôr alguma, nem poderá acordar, sem que o magnetizador o desperte. Há porém indivíduos excepcionais, que, embora cheguem ao estado letárgico, nunca atingem a insensibilidade completa, chegando mesmo alguns a despertar espontaneamente.

Se a letargia fôr completa, pode-se-lhe fazer respirar lentamente um frasco com amoníaco puro, que o dormente não denotará nos traços fisionómicos a mínima sensação, e resistirá com a mesma impossibilidade a um valente choque eléctrico.

E todavia o dormente tem a consciência de tudo o que se passa em tórno d'êle, raciocina, tem vontade, mas não pode falar nem movêr-se, porque os seus músculos não obedecem á sua vontade.

E entretanto êle dorme um sono inteiramente reparador e tranquilo, gosando de uma beatitude inefável.

É nêste estado que se deve colocar o doente, quando se quer proceder a qualquer tratamento hipno-sugestivo.

*

* *

Terceiro estado - Catalepsia

Quando o passivo se acha em estado letárgico profundo, continuando os passes longitudinais, durante uns 5 ou 10 minutos, o passivo passa ao terceiro estado - o catalético.

Nêste novo estado o passivo está ainda inibido de governar os seus membros.

Porém em vez de estarem flácidos e sem vida, os músculos tornam-se irritáveis em extremo, por forma que qualquer movimento sacudido que se lhe dê, torna os músculos tensos, hirtos, e rígidos a ponto que se torna impossível dobrá-los, sem perigo de fractura ou distensão muscular.

Sómente o magnetizador pode fazer cessar este estado, e para isso basta-lhe um simples sôpro dado com rapidez sôbre a articulação em que a catalepsia se dá.

Após o sôpro o membro cataleptizado passa desde logo ao estado letárgico, enquanto que o resto do corpo continua cataléptico.

E na catalepsia total a rigidez é tal que unindo-lhe as pernas e estendendo-lhe os braços ao longo do corpo podemos transformar o passivo num bloco inteiriço, colocando-lhe a cabeça sôbre uma cadeira e os calcanhares em outra.

Se o passivo fôr de uma grande sugestionabilidade, podemos obter êste mesmo bloco inteiriço, no simples estado de credulidade, o que então é muito mais interessante, porque o passivo está de olhos abertos e conversando connosco, mas completamente incapaz de mover o pescoço ou qualquer outra parte do corpo.

*

* *

Todos os passivos magnéticos podem apresentar, mais ou menos completamente, estes tres estados - credulidade, letargia e catalepsia.

O estado cataléptico-magnético é um estado nervoso especial, durante o qual toda a sensibilidade está em geral suspensa, havendo além disso rigidez tetânica, que permite ao passivo conservar durante largo tempo e sem esforço nem cansaço a atitude que se deseja.

Este estado é determinado pela acumulação do fluido magnético no cérebro.

Difere muitíssimo da catalepsia patológica; porque esta é sintomática de uma doença grave, ao passo que a magnética não tem gravidade alguma; pois que a sua existência e duração depende apenas da nossa vontade.

Faz-se cessar o estado cataléptico pela acção enérgica da vontade, e passeando ao mesmo tempo os dedos em ponta sôbre os músculos contraídos, e soprando energicamente sôbre eles.

Também se pode aplicar, para o mesmo fim, a palma da mão na base do crâneo.

Se, apesar disto, a catalepsia ainda persiste, sopra-se sôbre o coração ou sôbre o epigastro.

A insensibilidade muscular magnética determina-se geralmente por sugestão dada no estado de credulidade ou no de catalepsia.

Se nós quizermos, a insensibilidade pode persistir durante um certo tempo mesmo depois do passivo ter acordado.

Connosco nunca se deu o facto de o passivo ser acometido de crises nervosas, ou de lhe arrefecerem extraordinariamente as extremidades; mas, se tal acontece, magnetiza-se o passivo com passes de grandes correntes, da cabeça aos pés para descongestionar o fluído nervoso, que se acha aglomerado em determinados pontos. Com êste processo o fluído magnético distribui-se com igualdade por todo o corpo, e o sistema nervoso fica incompletamente saturado.

*

* *

Quarto estado - Exteriorização da sensibilidade

O quarto estado magnético - a exteriorização da sensibilidade é já muito mais difícil de obter; porque são raríssimos os passivos que apresentam esse curiosíssimo fenómeno.

Achando-se o passivo no estado catalético, e continuando-se com os passes longitudinais durante um tempo mais ou menos longo, ou se produz o estado de exteriorização (o que é raríssimo) ou então o passivo passa repentinamente ao estado sonambulico no seu grau primordial; ou então se mantém num sono cataleptiforme quando êle é incapaz de produzir fenómenos de ordem mais elevada, e isto é o mais vulgar; porque a grande maioria dos passivos não podem dar mais do que os três primeiros graus de sono.

Neste caso deve-se tratar de acordar o passivo por meio dos passes transversais, como nós ensinamos no nosso livro já citado O Magnetismo, a pag, 86 e 87.

O despertar de um catalético é moroso e fatigante para o magnetizador; e por isso para evitar essa fadiga e abreviar o praso de despertar, a experiência tem-nos aconselhado a empregar previamente uma sugestão enérgica.

Por isso antes de empregar os passes despertivos ou desmagnetizantes nós dizemos por várias vezes e num tom imperioso: - "Vou acordá-lo, e quero que esteja perfeitamente desperto dentro de 5 minutos, e quero que acorde na melhor disposição de espírito, sem incómodo nem cansaço de espécie alguma".

Depois começa-se com toda a energia e com a maior confiança a fazer-lhe os passes transversais; e quando o tempo marcado se aproxima vão-se-lhe dando enérgicos sôpros frios na testa e nos olhos. Passados que sejam os cinco minutos que previamente lhe havíamos marcado o passivo acorda perfeitamente bem disposto.

*

* *

Mas se o passivo é susceptível de dar a exteriorização da sensibilidade, nesse caso dá-se o seguinte:

De espaço a espaço tomamos um alfinete e com êle começamos a picar o ar que rodeia o passivo á distância de alguns centímetros, aumentando ou diminuindo a distância (desde um centímetro até um metro), até vêr se encontramos uma camada de ar onde o passivo ressinta dôr.

Porque o corpo astral, onde a sensibilidade reside, exterioriza-se formando uma ligeira camada em volta do passivo.

Se em parte alguma dá sinal de dôr, continua-se com os passes por mais algum tempo e experimenta-se novamente. Se chegamos a encontrar a camada sensível, faz-se então a experiência pela forma seguinte:

Vendam-se os olhos ao passivo, para evitar a suspeição de que êle possa vêr pelos olhos, e tomando-se um alfinete, pique-se a camada de ar á distância a que se tiver encontrado a camada sensível, no sítio correspondente a várias regiões do corpo, e observar-se há que em todas elas êle acusa dôr.

Feito isto toma-se o mesmo alfinete, mas levando o bico escondido entre os dedos, e aproxima-se do corpo do passivo. Logo que os nossos dedos hajam ultrapassado a camada sensível o bico do alfinete já pode ir á frente, e então pica-se a valer a carne na perna ou no braço do passivo, e vêr-se há que êle não acusa dôr alguma.

Isto demonstra por uma forma evidente que a sensibilidade não é uma faculdade do corpo físico, nem mesmo da alma; mas unicamente do corpo astral, pois é êsse que está exteriorizado, formando uma casca ou fantasma reriforme, no qual fica residindo toda a sensibilidade do passivo, mas num grau de hiper-excitação extraordinário.

Êste fantasma é visível para os sonâmbulos lúcidos.

Há casos em que êsse fantasma se forma espontâneamente, e mais ainda se corporisa, a ponto de ser visível para toda e qualquer pessoa e de se confundir completamente com o próprio indivíduo. Nestes casos êste fantasma toma o nome de duplo.

Mais adiante teremos ocasião de tratar detidamente dêste assunto.

*

* *

Quinto estado - Sonambulismo

O quinto estado magnético é o denominado SONAMBULISMO.

É êste o estado mais elevado do sono magnético; mas é também aquele em que o passivo está mais próximo do estado de vigília. E tanto assim é, que é muito mais fácil acordar um sonâmbulo, do que um cataléptico ou um letárgico.

Quando o sonambulismo começa, geralmente o passivo solta um suspiro profundo, como de quem se sente mais á vontade.

Quasi todos os sonambulos conservam os olhos fechados; alguns porém há que os abrem ficando porém com as pupilas reviradas para o cérebro.

O sonambulo readquire o uso de todos os seus movimentos e faculdades intelectuais, e comquanto obedeça facilmente ao magnetizador, e seja muito sugestionável, é perfeitamente senhor da sua vontade.

Nêste estado readquire a faculdade de falar, de que estava privado, ou quasi privado, nos estados anteriores de letargia e catalepsia.

É certo, todavia, que muitos hipnotizadores teem o mau hábito de forçar os passivos a falar quando se acham nos estados de letargia e catalepsia.

É um péssimo hábito, que um verdadeiro magnetizador nunca pratica; porque tende a confundir os estados, que assim se tornam incaraterísticos e mistos; porque um verdadeiro letárgico ou cataléptico não pode falar.

Se o estado de sonambulismo é perfeito e completo, o sonâmbulo está completamente isolado de quanto o rodeia; a não ser que o magnetizador o ponha em relação com as pessoas ou objectos exteriores.

Expontaneamente êle não vê, não ouve, não sente senão o magnetizador.

O sonambulismo apresenta tres graus ou fases:

1.º - O cõma, espécie de semi-letargia, sem percepções visuais, nem manifestações voluntárias.

2.º - Sono com percepção visual incipiente, mas sem nitidês.

3.º - Lucidês ou dupla vista, visão psicológica nítida, tendo ás vezes ao mesmo tempo a faculdade de prever a evolução ou curativo de doenças próprias ou alheias.

A dupla vista é muito rara, e esta previsão ainda é mais rara.

A vidência sonambulica exerce-se por vários sítios: - uns vêem pelas pontas dos dedos, outros pela testa, pela nuca, pela cavidade do estomago, etc.

A vidência sonambulica, apesar da sua incrível agudeza, tem um defeito gravíssimo, que é a irregularidade e intermitência; pois é um facto que o mesmo sonâmbulo, que num dado momento está vendo com uma subtileza admirável, pode (sem causa aparente) vêr mal ou não vêr nada no momento immediato.

É que a visão sonambulica é um fenómeno inteiramente psíquico, ou anímico, e as causas que prejudicam essa visão são também geralmente psíquicas, ou dependentes das condições variáveis do meio ambiente, ou então resultam de cansaço do passivo.

Por outro lado cada sonâmbulo tem a sua especialidade, a sua indiosincrasia diversa. É mister estudá-los individualmente, porque diferem muito uns dos outros.

Se o sonâmbulo vê nitidamente as pessoas ou objectos que o rodeiam e estão próximos dêle, diz-se que o sonâmbulo é lúcido, ou que tem a dupla-vista.

Se vê com perfeição os objectos escondidos, diz-se que o sonâmbulo tem a visão criptoscópica.

Finalmente, se o vidente pode vêr nitidamente fora do alcance da nossa visão normal, alcançando até a muitas centenas de quilómetros, diz-se que o sonâmbulo tem visão telescópica.

Esta é por certo a visão mais surpreendente a todos, e para a qual, no campo materialista não há argumentos nem subterfúgios que logrem explicar a maravilha.

E todavia, para os espiritualistas, a explicação é clara e fácilima.

*

* *

Durante o sono lúcido o passivo desdobra-se em dois seres distintos, mas sempre intimamente ligados por um laço fluídico, a saber: o corpo físico, que fica junto do magnetizador e dos assistentes, e que mediante os órgãos vocais nos comunica tudo o que vê e sente; e o seu duplo fluídico, o seu fantasma, constituído pela alma, envolta em parte do seu corpo astral, que gosando de uma extrema mobilidade, viaja no espaço com a rapidez do pensamento.

É êste duplo que, obedecendo ao magnetizador, vai ao longe observar os factos, no próprio sítio onde eles se estão passando.

Quando mandamos um sonâmbulo lúcido a uma terra ou lugar qualquer, observar o que aí se passa, êste responde-nos sempre - que vai lá. E instantes depois acrescenta - já cá estou.

Então descreve-nos o local com tanta minudência, quanta nos aprouver, e vai contando o que vê, ou o que desejamos saber.

E se o sonâmbulo é bom e não está fatigado, descreve sempre com exactidão.

Mas, como já dissemos, a visão sonâmbulica é intermitente; passados alguns minutos pode já vêr mal ou com dificuldade; pode mesmo não vêr nada.

Basta a presença na sala de uma pessoa que lhe seja antipática ou hostil, para que se produza êste resultado.

Exceptua-se o caso de ser o sonâmbulo um profissional, já de há muito habituado a trabalhar perante um público numeroso; porque estes resistem melhor ás influências do meio.

*

* *

Mas será êste fantasma sonâmbulico tão condensado como parecem sê-lo os produzidos pelo conde de Rochas e Durville, nas suas curiosíssimas experiências sôbre exteriorização de duplos?

Quer-nos parecer que não, porque o desdobramento produzido pelo sonambulismo vulgar resulta de um sono relativamente ligeiro, e cremos que não é visível para outros sonâmbulos, ao passo que o produzido por Rochas e Durville resulta de um estado de hipnose muito mais profundo.

Outra razão ainda nos leva a aceitar esta hipótese, e é que os fantasmas das experiências de Rochas e Durville localizam-se ao lado do passivo a uma distância, que oscila entre 20 a 80 centímetros, ao passo que os duplos sonâmbulicos vulgares viajam com rapidez incrível a distância de muitos quilómetros, o que nos leva a crêr que o seu grau de condensação é muitíssimo menor.

Debalde a ciência oficial, durante muitos anos, negar a dupla vista e a visão telescópica aos sonâmbulos lúcidos; porque os materialistas tinham a intuição de que ela seria o golpe de misericórdia, vibrado com mão implacável nas suas deficientíssimas teorias.

Mas a despeito de todas as oposições a Verdade acaba sempre por triunfar.

Os fenómenos do sonambulismo foram atentamente estudados por homens de ciência da envergadura de Charcot, de Charles Richet, dos drs. Chambard, Bernheim, Dumontpalier e de tantos outros por igual eminentes, e a dupla vista tornou-se um facto, que nenhum homem de boa fé pode d'ora avante negar.

Assim se justificam plenamente as afirmações categóricas de todos os antigos magnetizadores, que todos afirmaram sempre, que a dupla-vista era uma realidade.

*

* *

Nas nossas experiências particulares tivemos ocasião de verificar isto mesmo.

Fizemos em 1900 em Elvas, onde então residíamos, numerosíssimas experiências magnéticas com um rapaz de 17 anos, que se nos revelou um sonâmbulo de primeira ordem.

Mas não era só como sonâmbulo que êle era notável.

Como passivo magnético dava todos os graus de sono - credulidade, letargia, catalepsia, exteriorização da sensibilidade e sonambulismo.

Nêste último estado tinha a dupla vista perfeita, tanto ao pé, como a todas as distâncias; pois que, estando em Elvas, e no meu escritório, na presença de 14 a 16 pessoas, e com os olhos vendados, por muitas vezes ia psiquicamente a casa de qualquer dos circunstantes, (sem saber quem êle era), e dizendo-lhe eu apenas o nome da rua e o número da porta, isso bastava para êle declarar o número de portas e janelas, que a casa tinha, indicava o número de degraus da escada, o número de portas que havia ao cimo desta; e, entrando psiquicamente pela porta, que se lhe indicava, descrevia a mobília da casa de entrada, e, se lho pedia, ia examinar os objectos que se encontravam dentro de qualquer movel, e que o dono da casa aí havia escondido expressamente para o experimentar.

Aconteceu, porém, algumas vezes que o sonâmbulo não via alguns objectos, que o dono queria que êle visse; mas em compensação indicava outros objectos que se achavam junto daqueles que êle não conseguia vêr.

Uma noite foi êle a casa de um dos circunstantes, e a pedido dêle fi-lo examinar uma prateleira de um armário, onde o dono havia colocado, sem ninguêem o saber, uma caveira. Por mais esforços que eu fizesse para que êle descrevesse todos os objectos que nessa prateleira se encontravam, êle não descreveu a caveira; mas, quando o dono dela talvez esfregasse já as mãos, por achar o sonâmbulo em falta, êle declarou que via também um revólver, e um certo número de cargas.

Ouvindo isto o assistente, cuja casa o sonâmbulo estava examinando, completamente aturdido, exclamou:

- "É com efeito verdade! junto da caveira está um revólver e algumas cargas!

Mas como se explica que o sonâmbulo veja as cargas, que são pequeníssimas e não veja a caveira, que é muito maior?"

Não é facil explicar uma tal anomalia.

Lembro, porém, uma hipótese que poderia explicar o facto.

Os sonâmbulos lêem com mais ou menos perfeição no pensamento das pessoas com quem os põem em relação.

Ora, dada tal hipótese, o sonâmbulo, sabendo que aquele assistente duvidava de que êle fôsse capaz de vêr o objecto, que queriam que visse, lembrou-se de se divertir com êle, fingindo não vêr a caveira, e declarando vêr perfeitamente os outros objectos muito mais pequenos, que estavam junto dela.

Seria isto assim?

Não sabemos. O que podemos afirmar é que os factos se passaram assim perante umas doze ou catorze pessoas.

Vamos narrar um outro facto, que mostra até que ponto chegava a clarividência ou visão telescópica dêste sonâmbulo.

*

* *

Uma noite e na presença de umas doze ou catorze pessoas (pois tantas eram geralmente os assistentes a estas sessões) dissemos-lhe:

- Virgílio, vamos fazer uma viagem?

- Aonde? objectou êle?

- A Tomar, respondi-lhe.

- Mas eu não sei o caminho.

- Não tem dúvida, eu te guiarei. - Olha! Vai daqui á estação do caminho de ferro, atravessa-a, e em chegando á linha férrea, segue por ela em direcção á estação de Santa Eulália, e vai seguindo sempre pela linha férrea, e vai-me dizendo o nome das estações, por onde vais passando.

Sentado na sua cadeira, Virgílio poz-se mentalmente a caminho, e foi-me dizendo os nomes de todas as estações por onde passava, sem errar uma só, até que chegou a uma cujo nome não via, mas que pela descrição, que fez dela, devia ser Constância.

O meu plano era, quando chegasse á estação do Entroncamento, fazê-lo atravessar a estação para passar para a linha do Norte, e conduzi-lo á estação de Paialvo.

Daí era facil conduzi-lo á estação de Tomar fazendo-o seguir a estrada a mac-adam.

Mas, ao chegar ao Entroncamento o sonâmbulo assustou-se, e, sem eu o poder evitar, seguiu em direcção ao sul pela linha do Leste, e disse que tinha chegado á estação de Torres Novas.

O nosso plano estava prejudicado, e por isso resolvemos deixá-lo seguir até Lisboa, cidade que êle absolutamente desconhecia; pois que nunca tinha saído de Elvas.

O sonâmbulo continuou a sua viagem mencionando os nomes de várias estações, até que chegou a uma de que não viu o nome, mas que indirectamente soubemos ser Sacavém; porque penetrou nas oficinas da fábrica de louça, onde viu coisas que o maravilharam a ponto que não queria sair dali, sendo preciso uma certa diplomacia da nossa parte para o induzir a prosseguir na viagem; pois que nós temos por hábito não forçar, como alguns fazem, a vontade do passivo, e levá-lo tão sómente pelos meios suasórios.

O sonâmbulo continuou pois a sua viagem; mas, estonteado talvez pelo que tinha visto, passou em claro algumas estações, e repentinamente, mostrando-se assustado, exclamou:

- Tenho medo!

- De que? objectei eu.

- Vejo uma mulher com asas.

Êste dito fez-nos compreender que êle havia chegado a Lisboa, e que estava vendo uma estátua qualquer.

Ocorreu-nos num instante a estátua da Vitória, que ornamenta o monumento dos Restauradores; e procurando averiguar se acertára dissemos-lhe:

- Vê, se, do outro lado, vês alguma outra figura.

Êle então descreveu-nos o Génio da Liberdade, e, por meio de gestos, a forma quadrangular do obelisco que remata o monumento.

Tentamos depois guiá-lo por uma das ruas laterais da Avenida, a fim de o fazer ir a casa de um amigo nosso, que aí morava.

Mas o sonâmbulo, tendo encontrado no seu caminho um guarda nocturno com uma lanterna acesa á cintura, assustou-se, dizendo:

- Tenho medo! vejo um homem com uma luz na barriga.

Êste facto desnorteou-o.

Momentos depois queixava-se novamente de ter medo.

Desta vez o que lhe metia medo era - um bicho.

Durante o seu sono magnético, Virgílio designava por bicho todo e qualquer animal, fôsse êle qual fôsse, e de todos mostrava ter medo; sendo preciso a cada passo assegurar-lhe que o bicho não mordia.

Nêste estado tinha uma grande dificuldade em dar aos diversos seres os seus verdadeiros nomes, nomes que êle conhecia quando acordado.

Em compensação descrevia perfeitamente por gestos e palavras as coisas de queria falar.

O bicho, que êle via, e que o assustára era o elefante de mármore que figura no pedestal do monumento do Terreiro do Paço.

Descreveu depois com toda a perfeição o outro grupo decorativo, que fica do lado oposto, e descreveu igualmente bem o medalhão do Marquês de Pombal.

Chamei-lhe depois a atenção para o cavalo e o cavaleiro, o que êle fez com tanta minuciosidade, que até nem lhe escaparam as plumas que coroam o capacete.

Fi-lo seguir até ao Cais das Colunas; mas, quando aí chegou recusou-se a prosseguir porque, dizia êle, via muita água! muita água!...

Então mandei-o seguir na direcção contrária, e, como consequência disso, descreveu com a maior minuciosidade o Arco Triunfal da Rua Augusta, com todas as suas estátuas, indicando a atitude de cada uma.

E assim terminou esta sessão memorável, em que o sonâmbulo demonstrou até que ponto chegava a sua visão telescópica, devendo notar-se que descrevia coisas que nunca vira, e com uma minudência tal que causava assombro.

Pelo que deixamos dito podem os nossos leitores calcular quanto há de maravilhoso numa sessão sonambulica, quando se dispõe de um sonâmbulo da categoria dêste, o que, diga-se a verdade, é muito pouco vulgar.

Agora que já vimos quanto há de importante na claro-vidência sonambulica, e que vimos a sua explicação teórica segundo a doutrina dos magnetizadores, vem a propósito expôr a teoria da claro-vidência segundo a entendem os ocultistas e teósofos.

*

* *

Claro-vidência, dizem eles, é a faculdade de vêr através do tempo e do espaço coisas ocultas á visão física normal, e claro - audição é - a faculdade de ouvir, a despeito da distância, sons imperceptíveis ao ouvido físico normal.

Tanto uma como outra são devidas a - vibrações, - de eter para a visão, de ar para o ouvido.

Assim como a acuidade de visão e de audição, variam entre as diversas espécies de animais, assim também varia de intensidade nos diversos indivíduos da humanidade, e mesmo em cada um dêstes segundo o estado físico-psicológico em que em dado momento se encontra.

Por isso estas duas faculdades podem aperfeiçoar-se em cada indivíduo até um ponto que pode parecer inverosímil.

A visão humana normal exerce-se dentro de limites vibratórios muito limitados e variáveis de um para outro indivíduo.

As vibrações sonoras, que o nosso ouvido pode aperceber, são ainda muito mais limitadas em número.

Isto é o que se passa no campo físico.

Mas se passarmos á claro-vidência e claro-audiência astral e mental, as possibilidades de aperfeiçoamento tornam-se então muito maiores, e as impressões visuais e auditivas, que experimentamos, embora nos advenham através dos respectivos órgãos corpóreos, resultam de faculdades etéreas ou mentais, visto não terem estas órgãos especiais e privativos para tal fim.

Assim na visão sonâmbulica, esta exerce-se pela ponta dos dedos, pelo estomago, etc., e a sua agudeza é tal que se exerce através de enormes distâncias; porque não é a visão ou audição física que actua; mas sim a etérica ou mental.

Estas duas espécies de visão extraordinária, que poucas pessoas logram atingir no seu estado normal, encontra-se a meudo em muitas pessoas, quando se encontram nos estados psicológicos especiais que se chamam sonambulismo e mediunismo.

Assim os sonâmbulos (tendo os olhos vendados) vêem com a maior perfeição, e na mais completa obscuridade, através dos corpos opacos, e através das maiores distâncias.

E o mesmo se dá com os mediuns (quando adormecidos) que não só podem vêr como os sonâmbulos, mas podem ir muito mais longe, pois que podem vêr e ouvir também seres invisíveis para os sonâmbulos, como são - os espíritos das pessoas falecidas, e outras entidades superiores ou inferiores á espécie humana, de cuja existência a maior parte da humanidade nem sequer desconfia.

É, porém, certo que há pessoas duma sensibilidade tão exaltada que mesmo no seu estado normal vêem conjuntamente os seres do mundo físico e os que pertencem a regiões etéricas ou astrais.

Tal era, por exemplo, Mme. d'Esperance, que, segundo ela própria confessa, via por tal forma e simultaneamente nos dois mundos, que muitas vezes não podia distinguir as figuras dos seres vivos, daqueles que já eram falecidos.

Pela mesma razão, nas sessões espíritas, os fenómenos visuais, que só se podem apreciar na escuridão absoluta, são apreciados diversamente pelos circunstantes.

Se as luzes, claridade, ou fosforescências produzidas pelos mediuns são de natureza física, todos os circunstantes as vêem; se, porém, são de natureza etérica ou psíquica, só podem ser vistas pelas pessoas que tiverem a faculdade da claro-vidência em maior ou menor grau.

Quando um indivíduo gosa desta faculdade num grau muito elevado, os corpos dos homens e os dos animais, e mesmo os objectos inanimados podem-se tornar para êle transparentes em maior ou menor grau, permitindo-lhe assim vêr ou pressentir a existência de veios minerais ou toalhas de água no subsolo, vêr os órgãos do corpo humano, apreciar as causas das doenças, etc.

Um claro-vidente dêstes poderia também vêr o duplo etérico de qualquer indivíduo, estando êste exteriorizado em sono magnético, em transe ou em resultado de um anestésico qualquer.

Poderia também, após a morte de um indivíduo, vêr o seu duplo pairando durante algum tempo sôbre a sua sepultura, e observar, nas sessões espíritas, o duplo do medium saindo-lhe do corpo junto á região epigástrica.

Quando o indivíduo, além da visão etérica, gosa do privilégio de penetrar com a vista no plano astral, o seu horizonte alarga-se extraordinariamente; porque os seus olhos se abrem a um mundo inteiramente novo.

Como a parte astral de cada ser irradia um pouco para além do seu corpo físico, daqui resulta que, para quem é claro-vidente no plano astral, os objectos todos lhe aparecem cercados por uma aura astral, como inúmeras vezes tem afirmado os sensitivos e os sonâmbulos.

Assim, quando o claro vidente empregar a visão astral no estudo de um indivíduo, que tem ante si, vê-lo há rodeado pela aura astral, traduzindo-se por uma névoa luminosa de variadíssimas côres, conforme fôrem combinando os sentimentos e os pensamentos do indivíduo.

E assim essa aura ora irradiará o belo côr de rosa que caracteriza a afeição pura, ora manifestará o azul brilhante, que caracteriza o sentimento de devoção, ora se tingirá com a côr acastanhada e baça do egoísmo, ora traduzirá a cólera na côr escarlata da sua aura.

Outras vezes exteriorizar-se-lhe há o medo na côr cinzenta lívida do seu corpo astral, ou a maldade e o ódio que se traduz em nuvens negras.

Assim torna-se impossível a qualquer indivíduo esconder o seu carácter e os seus sentimentos a um claro-vidente desta ordem.

*

* *

Os sonâmbulos podem vêr o interior do seu próprio corpo assim como o interior do corpo das outras pessoas com quem são postos em relação.

E, coisa singular, nessa inspecção anatómica o sonâmbulo, vê de preferência qualquer órgão onde haja alguma anomalia patológica.

Alguns sonâmbulos além de terem a visão nítida da séde e causa das doenças, teem ao mesmo tempo a intuição dos remédios que devem curá-las.

Alguns passivos magnéticos passam espontaneamente do estado de sonambulismo puro, para um estado superior, denominado êxtase.

O êxtase pode definir-se: o desprendimento da alma dos laços terrenos, e a elevação do espírito ás regiões etéreas, em cuja contemplação se absorve.

A alma aparece então em todo o seu esplendor; porque gosa então de faculdades maravilhosas, que enchem de assombro aqueles que as contemplam.

O êxtase é um estado perigosíssimo, e deve-se evitar o mais possível que êle se prolongue.

O êxtase magnético tem as seguintes características:

1.º - O calor do corpo diminui consideravelmente e o pulso cessa de bater.

2.º - O extático emancipa-se da vontade do magnetizador que só com extrema dificuldade se faz obedecer, porque toda a relação pelos sentidos entre os dois se acha interrompida, havendo apenas entre os dois comunicação de pensamentos, pois que o extático não pode falar e por vezes não pode ouvir.

3.º - O extático tem a visão das coisas muito distantes, e o conhecimento do que aí se passa. E conserva, pelo menos durante algum tempo, a recordação do que viu, ao passo que o sonâmbulo e mesmo o passivo magnético, em qualquer dos seus estados, depois de acordado não se recorda de coisa alguma do que se passou com êle durante o sono.

É de toda a conveniência não revelar aos sonâmbulos, quando acordados, o conteúdo das suas declarações; porque isso torna-os vaidosos e insuportáveis, o que prejudica as suas qualidades de vidência.

O sonâmbulo cumpre sempre as ordens do magnetizador; mas, se êste é moroso nas ordens e instruções que lhe dá, pode acontecer que o sonâmbulo comece a trabalhar por sua conta própria.

Disto resulta muitas vezes que o sonâmbulo, estando a inspeccionar (sem nós o sabermos) um objecto qualquer por sua própria conta, nos dá uma resposta errada, porque em vez de responder sobre o que lhe mandamos vêr, responde certo,, mas sobre objecto diverso daquele que lhe perguntamos.

*

* *

No magnetismo curativo empregam-se muitas vezes objectos magnetizados para auxiliar o curativo.

Podem-se magnetizar para tal fim objectos diferentes, tais como água, um lenço de assoar, uma chapa metálica, etc.

Para isso toma-se entre as duas mãos o objecto que se quer magnetizar, para se impregnar do nosso fluído.

Concentra-se sobre êle toda a acção da nossa vontade, como se estivessemos magnetizando uma pessoa, isto durante uns quinze minutos.

Êsse objecto transforma-se assim num verdadeiro condensador do nosso fluído.

Para magnetizar um copo de água, toma-se o vaso que a contém em uma das mãos, e pela parte superior da água colocam-se os dedos da outra mão reunidos em ponta, durante o mesmo tempo e fixa-se a água com a mesma intenção magnética.

Pode mesmo, por meio da sugestão, comunicar-se a essa água uma virtude terapeutica qualquer. Essa água bebida por um doente, que haja anteriormente sido magnetizado pelo mesmo magnetizador, produz ao doente os efeitos do medicamento.

*

* *

Acontece por vezes numa sessão magnética em que entram muitas pessoas, cair profundamente adormecida uma ou mais pessoas, que o magnetizador não tinha intenção de magnetizar.

É o magnetismo por irradiação ou indirecto, que prova indubitavelmente, que o fluído magnético é alguma coisa de positivo e independente da própria vontade do magnetizador.

*

* *

Acontece por vezes que magnetizadores improvisados, sem seriedade alguma, provocam, por imperícia, crises violentíssimas em pessoas de um nervosismo exaltado, e tornam-se depois incapazes de as fazer cessar.

O magnetizador que fôr chamado para lhe pôr termo deverá proceder com toda a placidez e presença de espírito, e com plena confiança em que lhe porá termo.

O crísiaco repeli-lo há a princípio como a qualquer outra pessoa.

Fazei afastar para longe o magnetizador desastrado, que deu causa á crise.

Colocai a mão sôbre a testa do dormente e ordenai-lhe que serene; mas ordenai empregando toda a vossa boa vontade e com inteira confiança no resultado.

Fazei passes de grandes correntes, desde a cabeça até aos pés, e soprai-lhe sôbre a testa. Depois começai a fazer-lhe passes desmagnetizantes, juntando-lhe a sugestão de acordar bem disposto, e de perder a recordação do que se passou.

Se, depois de acordado, essa recordação persiste, é indispensável magnetizá-lo de novo, e suggestioná-lo no sentido de cessar toda e qualquer crise, e acordai-o entao.

Pode o passivo ficar fatigado; mas isso não importa, porque a fadiga passará, passado um dia ou mais.

Antes de passarmos adiante no desenvolvimento das doutrinas imortalistas, cumpre-nos estudar, embora resumidamente, certas ideias cosmogónicas que constituem o fundo das teorias ocultistas, e que podem servir

para explicar os fenómenos de que temos de tratar.

*

* *

Os ocultistas admitem a existência simultânea de três mundos ou planos de evolução - o mundo físico, o mundo astral, e o mundo espiritual, psíquico, mental ou divino

O mundo espiritual ou divino é o das criações ideais; o mundo astral é o das criações de formas negativas ou tipos; e o mundo físico é o das realizações materiais, ou reproduções positivas dos tipos oriundos do mundo astral.

Todas as coisas, dizem eles, são primitivamente criadas em princípio, como meras possibilidades de ser no mundo divino; daí passam para o mundo astral em forma de negativos; e dêste transitam para o mundo físico onde se reproduzem em tipos físicos positivos.

Entre o princípio criador e o objectivo criado é indispensável (dizem os ocultistas), um intermediário, que é o plano astral.

Assim como escultor que projecta fazer uma estátua, cria previamente, por intermédio da imaginação as formas da estátua, que para êle está como que realizada, e só mais tarde é que, para a tornar visível para todos, é que a traslada para o plano físico esboçando-a a escopro e cinzel num bloco de mármore, assim também o Criador efectua a sua criação no plano divino, como uma mera possibilidade de existência, e só depois de passar pelo plano intermediário - o astral, onde a ideia criadora se traduz num tipo ou forma negativa, é que passa a objectivá-la no plano-físico, reproduzindo-a em criações materiais.

Nêste exemplo a ideia inicial de fazer uma estátua representa a obra realizada no plano divino; a imaginação, que lhe deu forma representa o plano astral ou das formas; e a estátua realizada em mármore representa o plano físico.

*

* *

Mas o ocultismo vai mais longe; porque nos afirma que da mesma forma que no plano físico todo o ser projecta uma sombra, da mesma maneira no plano astral toda a forma negativa projecta um reflexo no mesmo plano.

Desta forma quando um ser físico desaparece, continua a persistir no astral o seu reflexo tal qual êle no momento em que desapareceu.

Por tanto cada homem, quando morre, deixa no astral um reflexo ou imagem característica, que persiste indefinidamente.

*

* *

Segundo afirmam os ocultistas, o mundo astral é povoado, como o mundo físico, por seres que lhe são próprios, e que acham nêsse meio todas as condições necessárias á sua existência.

Entre eles há a considerar em primeiro lugar as entidades directoras, que presidem á evolução do mundo astral.

Essas entidades compõem-se:

1.º - Dos homens superiores das humanidades que viveram anteriormente; ou por seres do plano divino (anjos).

2.º- Das imagens astrais ou egregoras, que apresentam formas especiais e variadas, resultantes das aspirações das diversas colectividades, tais como os deuses e entes superiores das diversas religiões.

3.º - Dos corpos astrais de seres mais ou menos impregnados de materialidade, que atravessam temporariamente o plano astral em trânsito para novas encarnações - os elementares ou espíritos humanos desencarnados.

4.º - Finalmente - os elementais, seres não humanos; mas que são susceptíveis de sofrer a influência da vontade humana, e que constituem uma das classes mais importantes dos seres que habitam o mundo astral.

*

* *

Elementais

Chegados a êste ponto importa determo-nos um pouco, para aclarar, tanto quanto nos seja possível, (porque o assunto é espinhoso) esta classe de entidades que o espiritismo não admite; mas que para os ocultistas representam um papel preponderante, desde inúmeros séculos.

*

* *

Todos os elementos, dizia Paracelso, são vivos e teem uma alma.

Os habitantes dos elementos, a quem dão vida, chamam-se saganes; mas o seu espírito não é imortal, e só nisso é que são inferiores aos homens.

São verdadeiras potências da Natureza, isto é, são eles que fazem tudo quanto habitualmente atribuímos á Natureza.

Desta sorte os elementais não são entidades fantásticas ou metafísicas, mas seres reais, embora invisíveis, que representam na Natureza um papel preponderante e activo, pois que o próprio homem, (como ser material), está na sua dependência.

São potências naturais, embora de um poder limitado.

Eles penetram no nosso ser pelos vegetais com que nos alimentamos, e pelos minerais que introduzimos no nosso organismo.

Existe, pois, entre eles e o homem uma relação íntima e constante.

Uns são bons para o homem, outros maus ou nocivos, outros inocentes ou neutros; mas todos eles estão submetidos ao poder do homem.

Como forças, que são, vagueiam através do Universo, que enchem com a sua vida, e tudo o que acham no seu caminho lhes serve de instrumento para a sua acção.

Durante a sua vida terrena o homem está sempre em contacto com eles, provocando-os ou utilizando-os.

Mas aí do homem que pretender impedir-lhes o caminho!

Os principais dentre eles são os espíritos dos que antigamente se apelidavam elementos, isto é, o ar, a água, a terra e o fogo.

Os espíritos do ar presidem e governam as funções orgânicas da respiração, e todos os órgãos que contribuem para o desempenho dessas funções.

Os espíritos da água teem á sua conta a vitalização do sangue, e das diversas linfas e humores, e bem assim as secreções corpóreas.

Os da terra teem o seu domínio nos diversos tecidos do corpo; e os espíritos do fogo dirigem todos os fenómenos que dizem respeito á assimilação e nutrição.

É por isso que um iniciado em sciências ocultas, actuando por um impulso da sua vontade sobre os elementais, pode revigorar as funções corpóreas, e curar qualquer anomalia no seu funcionamento.

É servindo-se principalmente dos elementais que o adepto realiza os seus prodígios.

Mas há também pessoas que sem serem adeptas, podem ter relações com eles; mas essas relações são extremamente perigosas para essas pessoas, quando não tenham o seu espírito convenientemente purificado e aperfeiçoado num grau elevado.

O homem pode e deve dominá-los; mas aí dêle se se descuida e deixa de estar de atalaia contra as suas investidas. Porque, se servindo-se deles imprudentemente, comete qualquer erro, êles vingam-se e o homem passa de dominador a dominado, e eles tornam-se impiedosos para aqueles que desobedecem às suas ordens.

Por vezes eles apossam-se de corpos astrais diversos, e aparecem-nos então revestindo formas extravagantes e por vezes aterradoras.

Acontece também às vezes que os feiticeiros, que para fins maléficos exercem a magia negra, lhes oferecem uma parte do seu influxo astral, dando-lhes assim uma existência efêmera, constituindo dest'arte o mundo do mal, dos vícios e dos crimes.

Como já tratámos num outro capítulo do problema da morte segundo o espiritismo, cumpre-nos agora tratar do mesmo problema em face da doutrina ocultista.

No fundo uns e outros afirmam a mesma doutrina, nas minuciosidades é que divergem alguma coisa.

*

* *

No instante fatal, em que a agonia começa a manifestar-se no doente, é que o laço entre os corpos físico e astral acaba de se romper.

O corpo astral divide-se então em duas partes: uma a mais pesada e densa fica junto do cadáver, e auxilia a sua desagregação molecular; e terminado êsse trabalho de decomposição espalha-se pelo meio ambiente.

A outra parte, a mais depurada e nobre, constituindo a forma ou tipo humano, envolve o espírito e acompanha-o na sua evolução futura no plano astral.

Esta separação é mais ou menos rápida e fácil e mais ou menos penosa conforme o falecido se achava mais ou menos espiritualizado.

As células físicas, livres do corpo astral, que as concatenava entre si, retomam a sua independência absoluta, e a decomposição cadavérica começa.

Por seu turno o espírito, que a princípio flutua por cima do cadáver, custa-lhe a dar-se conta do seu novo estado.

Depois começa a atravessar um período de perturbação mental mais ou menos longo, consoante o seu grau de adiantamento psíquico.

A princípio vive imerso numa escuridão profunda e num estado de sonolência mais ou menos intensa.

Com o decorrer do tempo julga perceber alguma coisa de tudo o que o rodeia.

As formas hediondas dos elementais surgem ante êle fazendo-lhe caretas e causando-lhe susto.

Os espíritos dos seus parentes e amigos (elementares) tentam confortá-lo e dar-lhe coragem; mas êle nem os vê, nem os ouve.

Tenta fugir àquela situação terrível, mas não pode.

Êste estado de perturbação pode durar muito tempo, se por ventura o espírito está muito aferrado ás materialidades da vida terrena; e dura relativamente pouco nos seres já bastante espiritualizados.

É então que todos os actos das suas vidas passadas desfilam ante os olhos de Argus da sua consciência amedrontada, semelhante ao desenrolar de uma fita de animatógrafo.

Enfim com o decorrer do tempo o espírito sai do seu longo pesadelo, volta-lhe a consciência plena da sua personalidade, e começa a compreender a sua situação actual, e a afazer-se ao meio em que vive.

Percebe então que, apesar de ter morrido para a Terra, está mais vivo do que quando aí estava; e que novas faculdades tem adquirido, que lhe permitem maior largueza de vistas. Reconhece todavia que a comunicação física com o plano material se lhe torna mais difícil, pois que o laço que o prende ao mundo físico é tão só o dos sentimentos.

Com o decurso do tempo o espírito compreende também que o meio em que está vivendo não é suficiente para a sua evolução, e que para esta se apressar lhe é mister incarnar de novo no plano físico, para aí continuar a expiação do seu passado.

*

* *

É isto o que se passa quando o falecido era um espírito mais ou menos esclarecido e de uma moralidade mais ou menos boa.

Se, porém, o falecido era um vicioso ou um criminoso, a morte é para êle bem mais terrível.

Nêste caso, como o espírito está por assim dizer ainda ligado á matéria, acha-se submetido ás fôrças das paixões humanas que o fazem sofrer atrozmente pela impossibilidade em que se vê de saciar as suas paixões antigas.

Flutua por isso, vagueando junto da terra, esperando a época da sua libertação do jugo, que lhe impõe o instinto da animalidade.

Assim o avarento ficará como que ligado ás riquezas que deixou na Terra, e sofrerá enormemente ao vêr que os seus herdeiros lhas dissipam, sem que ele possa evitá-lo, a menos que não consiga amedrontá-los produzindo para êsse fim fenómenos físicos que os assustem.

O espírito do assassino terá constantemente ante os olhos o espectro sanguinolento da sua vítima, que, implacável, o perseguirá com remorsos, não lhe deixando um instante de socego.

Devemos ainda aludir áqueles que morrem antes de decorrido o período normal da sua existência, período que foi interrompido antes do organismo ter esgotado as suas fôrças vitais.

Tal é o caso das crianças que morrem ao nascer, ou pouco depois, daqueles que morrem num desastre, em consequência de um crime, ou em resultado de suicídio.

As crianças que morrem ao nascer, como nem sequer começaram a sua evolução sob essa última personalidade, não tardam a reincarnar de novo, para assim proseguirem na sua evolução terrena.

Aqueles porêm que, em consequência de um crime ou de um desastre acharam o termo da sua existência terrena antes do tempo necessário ao esgotamento normal das suas fôrças vitais, esses devem acabar, no estado de corpo astral, o tempo que, se assim não fôra, lhe restaria a viver.

Quanto aos suicidas são esses os que se acham em condições peores.

Ligados ainda pelas suas paixões á vida terrena de que julgaram desfazer-se para sempre, sentindo-se vivos a despeito do seu inútil crime, eles continuam a sentir as mesmas paixões e necessidades terrenas que o arrastaram ao crime; mas os desgraçados sentem e sofrem atrozmente por não poderem saciá-las.

E continuam por um largo período a sentir as dores atrozes, que lhes causaram a morte. Junte-se a isto os remorsos cruciantes pelo seu inútil crime, e ter-se há uma ideia, embora muito longíqua, da sua horrorosa situação.

E assim vão vivendo no plano astral até que chegue a época em que, normalmente, deveriam morrer, se não fôsse o seu criminoso acto.

Então o suicida reincarna de novo, mas num corpo de um homem estropeado ou disforme, para assim expiar por um sofrimento constante o crime que cometeu.

De tudo o que até aqui temos dito, o que vai ser corroborado por tudo o mais que nos resta ainda dizer, se evidencia que as religiões modernas e a filosofia espiritualista contemporânea laboravam em erro, admitindo na constituição do homem apenas dois princípios, o corpo e a alma.

Mais avançadas do que os modernos, as religiões e a filosofia antigas sempre admitiram tres princípios.

Assim os egipcios, além da alma, princípio imortal, admitem além do corpo material, o duplo dêste, que denominavam Ka, que servia de vastuário á alma.

Por isso eles representavam nos seus hieroglifos o duplo sob a forma de uma figura humana, que acompanha muitas vezes a figura principal, distinguindo-se delas apenas por te sôbre a cabeça um gavião, símbolo da imortalidade.

Os gregos por seu turno admitiam duas almas: a inteligente e a sensitiva que denominavam eidolon, porque a consideravam como uma imagem ou simulacro da outra.

Mais tarde Origenes e alguns teólogos dessa época chamaram-lhe astroeide, o que equivalia a dizer que tinha um brilho astral.

Hoje a escola filosófica mais avançada, que vai buscar as suas inspirações á escola filosófica indo-budica, admite no homem tres entidades: corpo físico, corpo astral e alma.

Por conveniência, porém, da teoria subdividem o corpo astral em tres outros corpos, que vem a ser: o corpo etérico, o corpo astral e o corpo mental.

O corpo etérico, ou duplo, é aquele onde reside a vitalidade, e é o mesmo a que os médicos e magnetizadores chamam fluído vital ou nervoso e fluído magnético.

O corpo astral, ou perispírito é a séde da sensibilidade, dos instintos, desejos e paixões. As funções do corpo astral são designadas pelos nomes de: o inconsciente, consciência subliminal ou inferior e subconsciência.

O corpo mental é a séde da inteligência, do pensamento, da vontade e da consciência. É nele que reside a alma ou o princípio imortal que nos anima.

Todos êstes corpos são normalmente invisíveis; mas apesar disso são a séde de uma vida intensa, constituída por vibrações rapidíssimas, que se trasmitem por ondulações, como as ondulações da luz.

Já dissemos que nas condições normais êstes corpos são invisíveis, porque as suas irradiações são de uma subtileza tal que o corpo etérico só é visível na completa obscuridade para os sensitivos e para os sonâmbulos, e manifesta-se por uma irradiação de luz azulada do lado direito, e amarelo-alanranjado do lado esquerdo. É o fluído ódico de Reichembach.

O corpo astral brilha com a mais bela luz branca que os nossos olhos podem aperceber; mas só é perceptível para os sonâmbulos, e para os indivíduos sujeitos a visões, e toma sempre a forma e aparência humana.

É ele que produz todas as visões telepáticas e aparições luminosas. Se porém a aparição é mais ou menos materializada, nesse caso é visível para todos devido á matéria que a reveste.

Por seu turno o corpo mental é tão subtil, as suas vibrações atingem uma velocidade tal que escapa á percepção visual dos melhores sensitivos, a não ser que estejam no estado de êxtasi ou coisa parecida.

Durante o sono o corpo físico (na parte que respeita aos órgãos de relação) repousa, enquanto os que estão adstritos ás funções vitais apenas enfraquecem a sua acção.

O corpo astral, sendo como é o veículo do corpo físico, vela constantemente e viaja ao longe ou perto (mas no plano astral), dando lugar a essas concepções fantasistas que se chamam sonhos, e em que por vezes colaboram os planos astral e mental.

*

* *

Acontece, porém, ás vezes que, mesmo no estado de vigília, os corpos astral e mental, emancipam-se voluntária e transitoriamente do corpo físico, vão ao longe presenciar scenas, que, ou se estão dando algures, ou que se hão de realizar em breve, dando assim lugar ás visões, , intuições, presentimentos, que tantas vezes se vêem a realizar por completo.

Nos moribundos o corpo astral liberta-se com muita facilidade do corpo físico, antes que a morte difinitivamente o separe, e vai então levar a seus parentes distantes a triste nova, tornando-se visível.

Pertencem a esta ordem de fenómenos todas as alucinações telepáticas, e outros fenómenos psíquicos de que mais adiante falaremos.

Há ainda outros casos em que o corpo astral (em vida ainda do indivíduo) se liberta temporária e inconscientemente do corpo físico de uma forma quási completa.

É o caso dos duplos de pessoas vivas, tantas vezes observados, e de que mais adiante apresentaremos exemplos.

O mesmo se dá por vezes com os moribundos, que se assustam vendo ante si um fantasma, que é afinal o seu duplo etérico.

*

* *

Experimentalmente podem-se também obter curiosos casos de desdobramentos de pessoas vivas, formando-se assim duplos reais, embora invisíveis para o experimentador, que só pode verificar a sua realidade por meios indirectos.

Dá-se isto com passivos magnéticos (sonâmbulos), quando se prolonga a acção magnética muito para além do tempo necessário para produzir o sonambulismo.

As experiências mais interessantes e completas deste género foram as realizadas pelo conde de Rochas e por Durville.

Adormecido o passivo e levado até ao estado de sonambulismo lúcido, continua-se a acção magnética por meio de passes até muito para além desse estado.

Simultaneamente adormece-se um outro passivo lúcido até chegar ao estado de sonambulismo.

Um dos sonâmbulos serve apenas para observar o que se passa com o outro.

Êste, o sonâmbulo observador, verifica então que a sensibilidade do outro irradia do corpo dêle, formando camadas concentricas em tórno do corpo todo, camadas paralelas e mais ou menos distanciadas entre si, podendo as mais afastadas do corpo ficar a uma distância de dois metros e meio, e mesmo mais.

O sonâmbulo observador verifica então que, ao passo que a acção magnética vai prosseguindo, essas camadas se aproximam umas das outras e se condensam, formando duas colunas vaporosas, uma á esquerda, outra á direita do passivo.

E, como a acção magnética continua, a coluna da direita passa por detrás do passivo e vem reunir-se á coluna do lado esquerdo, formando então uma só coluna.

Esta vai-se pouco e pouco definindo melhor, até que representa o aspecto do passivo qe se está exteriorizando.

O sonâmbulo-observador pode então dar ao magnetizador todos os esclarecimentos precisos ácerca da localização e atitude do fanasma, podendo assim fazer-se experiências, donde resulta o convencimento de que o sonâmbulo observador disse a verdade.

Estas experiências transcendentíssimas são extremamente perigosas para a saúde e vida do passivo, já porque só dão resultado com sonâmbulos de um nervosismo exaltado e de uma saúde periclitante, já porque a separação do ser psíquico por uma forma tão completa é sobremaneira arriscada; e por isso só devem ser feitas com a mais desvelada prudência por um magnetizados insigne que reúna ao mesmo tempo os conhecimentos de um habil fisiologista, para poder estudar co método e cautela as capacidades e aptidões do passivo.

*

* *

Assim a experimentação prudentemente feita neste sentido demonstra, a ponto de não deixar dúvida alguma, que além do corpo físico, que todos conhecemos, existe em nós mais duas substâncias, ambas invisíveis, e que se podem exteriorizar - uma que é a vitalidade e outra a força intelectual, as quais ligadas intimamente com a parte material e visível do corpo humano constituem a nossa personalidade completa.

Há ainda outros casos em que o corpo astral (em vida ainda do indivíduo) se liberta temporária e inconscientemente do corpo físico por uma forma quási completa.

É o caso dos duplos de pessoas vivas, tantas vezes observados, e de que mais adiante apresentaremos exemplos.

O mesmo se dá por vezes com os moribundos, que se assustam vendo ante si um fantasma, que é afinal o seu duplo etérico.

*

* *

Experimentalmente podem-se também obter curiosos casos de desdobramentos de pessoas vivas, formando-se assim duplos reais, embora invisíveis para o experimentador, que só pode verificar a sua realidade por meios indirectos.

Dá-se isto com passivos magnéticos (sonâmbulos), quando se prolonga a acção magnética muito para além do tempo necessário para produzir o sonambulismo.

As experiências mais interessantes e completas dêste género foram as realizadas pelo conde de Rochas e por Durville.

Adormecido o passivo e levado até ao estado de sonambulismo lúcido, continua-se a acção magnética por meio de passes até muito para além dêsse estado.

Simultaneamente adormece-se um outro passivo lúcido até chegar ao estado de sonambulismo.

Um dos sonâmbulos serve apenas para observar o que se passa com o outro.

Êste, o sonâmbulo observador, verifica então que a sensibilidade do outro irradia do corpo dêle, formando camadas concentricas em tórno do corpo todo, camadas paralelas e mais ou menos distanciadas entre si, podendo as mais afastadas do corpo ficar a uma distância de dois metros e meio, e mesmo mais.

O sonâmbulo observador verifica então que, ao passo que a acção magnética vai prosseguindo, essas camadas se aproximam umas das outras e se condensam, formando duas colunas vaporosas, uma á esquerda, outra á direita do passivo.

E, como a acção magnética continua, a coluna da direita passa por detrás do passivo e vem reunir-se á coluna do lado esquerdo, formando então uma só coluna.

Esta vai-se pouco e pouco definindo melhor, até que apresenta o aspecto do passivo que se está exteriorizando.

O sonâmbulo-observador pode então dar ao magnetizador todos os esclarecimentos precisos ácerca da localização e atitude do fantasma, podendo assim fazer-se experiências, donde resulta o convencimento de que o sonâmbulo observador disse a verdade.

Estas experiências transcendentíssimas são extremamente perigosas para a saude e vida do passivo, já porque só dão resultado com sonâmbulos de um nervosismo exaltado e de uma saude periclitante, já porque a separação do ser psíquico por uma forma tão completa é sobremaneira arriscada; e por isso só devem ser feitas com a mais desvelada prudência por um magnetizador insigne que reúna ao mesmo tempo os conhecimentos de um habil fisiologista, para poder estudar com método e cautela as capacidades e aptidões do passivo.

*

* *

Assim a experimentação prudentemente feita neste sentido demonstra, a ponto de não deixar dúvida alguma, que além do corpo físico, que todos conhecemos, existe em nós mais duas substâncias, ambas invisíveis, e que se podem exteriorizar - uma que é a vitalidade e outra a fôrça intelectual, as quais ligadas intimamente com a parte material e visível do corpo humano constituem a nossa personalidade completa.

CAPÍTULO V

A Telepatia

Depois de termos estudado a potencialidade e espiritualidade da alma humana á luz vivíssima da ciência magnética, cumpre-nos estudá-la sob outro ponto de vista não menos interessante - a telepatia.

Sob a epígrafe comum de telepatia compreendem-se diversas ordens de fenómenos, tais como - os sonhos verídicos e proféticos; os pressentimentos; as intuições ; e as alucinações telepáticas.

Telepatia é uma palavra de origem grega, que etimológicamente considerada significa: sofrimento ou acção dolorosa exercida através de grandes distâncias.

Compreende por isso o estudo de todos os fenómenos psíquicos, em que se dá ou a transmissão mental de pensamentos, entre pessoas separadas por enormes distâncias; ou a visão instantânea de sucessos longínquos; ou a previsão de sucessos futuros por meio de sonhos, intuições ou pressentimentos por uma forma mais ou menos precisa e definida.

Todos estes fenómenos de uma natureza misteriosa (por desconhecida) provam, embora indirectamente, que no ser humano existe, além da matéria organizada, um quid misterioso, para o qual não há distâncias; pois que o pensamento e o sistema nervoso de um indivíduo pode vibrar harmónica e sincronicamente com o de outro, embora os dois indivíduos estejam afastados um do outro por milhares de quilómetros.

Alguns destes fenómenos provam também que, em determinados casos, o conhecimento antecipado de sucessos futuros pode ser uma realidade.

Entremos, pois, no assunto.

*

* *

O Sono e os Sonhos

É o sono um fenómeno fisiológico, que todos conhecem por experiência própria; mas que por isso mesmo talvez pouquíssimas pessoas teem estudado atentamente.

É o sono, sem dúvida alguma, uma necessidade fatal da vida terrena, e é por isso que nenhum ser organizado se pode subtrair ao seu império.

Animais e vegetais, seja qual fôr o seu grau de elevação na escala da vida, todos dormem mais ou menos, e a duração do seu sono parece ser tanto maior, quanto mais se desce na escala hierárquica dos seres.

A teoria do sono é daquelas sôbre que se teem aventurado opiniões mais desencontradas, não podendo por isso os fisiologistas chegar a acôrdo em tal assunto.

Segundo crêem uns, o sono é o resultado de modificações materiais nas células do cérebro.

Pretendem outros que êle seja resultado de uma congestão nos vasos sanguíneos do cérebro, ao passo que outros pelo contrário o atribuem a uma verdadeira anemia cerebral.

Se bem que, no fundo, nenhuma destas teorias satisfaça, porque não nos explica a causa determinante de tal congestão ou anemia, inclinamo-nos todavia para a opinião dos que o explicam como resultado de anemia, por se coadunar mais com os factos e com a experiência.

Com efeito, o consumo diário de fôrças, ocasionado pelas funções da vida de relação, produz necessariamente a fadiga e o cansaço cerebral, que resulta de uma menor afluência de sangue ao cérebro, produzindo assim o entorpecimento muscular, que precede e acompanha sempre o sono.

Então as pálpebras abaixam-se, impedido assim as relações visuais com o mundo externo; os músculos todos se relaxam, as ideias baralham-se e confundem-se, desvanecendo-se pouco e pouco, e todos os órgãos da vida de relação atingem um alto grau de abatimento e prostração, de insensibilidade quási total, a ponto de perdermos a consciência do nosso estado actual.

Apenas os órgãos respiratórios e os da nutrição, cujas funções não podem interromper-se, mantem a sua actividade, se bem que um tanto enfraquecida.

Pretendem alguns que as faculdades intellectuais tambem dormem mais ou menos intensamente.

Esta ideia a meu vêr é errónea.

As faculdades intellectuais, sendo, como já demonstramos, função privativa da actividade do espírito, não carecem de repouso.

O que mais ou menos dormita são os órgãos cerebrais, através dos quais elas operam no estado de vigília.

*

* *

Só assim é que se podem explicar os sonhos.

Ora, como os órgãos dos sentidos nem sempre repousam completamente, daqui resultam duas categorias de sonhos:

Se o repouso de todos os sentidos é completo, - os sonhos são um produto espontâneo e exclusivo do espírito; porque na sua genese não interveio como base uma qualquer sensação orgânica externa ou interna.

Se, porém, o repouso de algum dos órgãos dos sentidos não é completo, e nestes se dá uma sensação qualquer, é esta que serve ás locubrações do espírito, que fantasia sôbre êsse tema, geralmente exagerando a sensação, por não estar em condições de lhe apreciar o verdadeiro valor, por falta de relações com o mundo externo.

É assim que, sonhando, a picada de um insecto se transforma, pela imaginação, numa punhalada, e o mais leve ruído num tiro ou num terramoto.

Vê-se, pois, que o sono é um fenómeno puramente fisiológico, enquanto que o sonho é puramente psicológico ou anímico, embora os órgãos dos sentidos, meio entorpecidos, possam ás vezes fornecer-lhe um ponto de partida inicial.

E tanto assim é que, sonhando, nós vemos, ouvimos, palpamos, sentimos prazer ou dôr; e todavia não precisamos para isso dos olhos, que estão fechados, dos ouvidos que não sentem os rumores ambientes, nem dos outros sentidos, que estão inertes: nem mesmo o que em sonhos vemos ou sentimos, poderia ser visto ou sentido pelos órgãos físicos, visto que essas visões e sensações não pertencem ao mundo material, mas sim ao mundo astral.

*

* *

Embora os sonhos sejam muitas vezes reminiscências vagas e truncadas de scenas das nossas vidas anteriores, outros pareçam produtos de mera fantasia, e finalmente outros possam ser avisos que nos vem do astral, nós não devemos, em regra geral, acreditar na realização da generalidade dos sonhos.

Todavia, forçoso é confessar, que alguns deles se realizam com todas as suas minudências.

E é tão considerável o número de observações de sonhos desta natureza, que, apesar das hesitações da nossa razão em aceitá-los, não se pode hoje pôr em dúvida a sua existência, e até mesmo a sua frequência.

É certo que se tem tentado explicá-los com a fantástica e cómoda lei das coincidências, pois que tal lei nada explica em casos destes.

Poderíamos apresentar aqui uma extensa lista de sonhos proféticos, avisos nocturnos ou sonhos fatídicos; mas, para não nos tornarmos prolixos, limitar-nos hemos a apontar alguns históricos dos mais curiosos.

*

* *

Cícero, o mais eloquente dos oradores romanos, que, segundo êle afirmava, não podia encarar com um augure sem se sorrir, porque os tinha todos na conta de impostores encartados, escrevendo o seu livro De Devinatione, conservou-nos a memória de alguns sonhos proféticos.

*

* *

Simonides, diz êle, encontrando um dia numa estrada o cadáver de um homem desconhecido, prestou-lhe as derradeiras homenagens, enterrando-o.

Nessa noite sonhou que via o falecido, e que este o aconselhava a não embarcar num navio que estava a partir para Delos, e no qual já tinha comprado passagem, porque esse navio iria a pique antes de chegar ao seu destino.

Impressionado com o sonho, Simonides ficou em terra, e soube alguns dias mais tarde que o navio se havia afundado, morrendo toda a tripulação e passageiros.

Vê-se, pois, que este sonho, a ser verdadeiro, foi um aviso, devido ao reconhecimento do morto que Simonides havia enterrado. Mas no gôsto dêste há centenas de casos semelhantes.

*

* *

Calpurnia, mulher de Júlio Cesar, na noite que precedeu o assassinio de seu marido, sonhou primeiro, que a estátua dêste vertia sangue; depois que o teto da sua casa abatia, morrendo seu marido aos golpes de um bando de assassinos.

Contou o sonho ao marido, pedindo-lhe que não fôsse ao senado nêsse dia; êle porém foi.

E todos sabem que êle aí sucumbiu aos golpes dos senadores e patrícios romanos, revoltados contra êle.

*

* *

Na noite que antecedeu o torneio, em que Henrique II de França foi casualmente morto, a rainha Catarina de Médicis sonhou que o via pálido e coberto de sangue.

Debalde tentou ela dissuadir o rei de tomar parte nessa diversão da côrte; Henrique II teimou e foi.

Mas, por uma casualidade imprevista, a lança do seu antagonista desembolou-se e atravessando a couraça do rei, trespassou-lhe o peito.

*

* *

Apesar de haver, devidamente arquivados, centenas de sonhos desta natureza, narraremos apenas alguns mais recentes, ocorridos nos últimos 70 anos, e narrados pelos próprios com quem o facto se deu.

São todos extraídos de uma interessantíssima compilação de factos extraordinários, intitulada *Phantasmas of the living*, referente sómente á Inglaterra, Escócia e Irlanda, coligidos pelos eminentes investigadores Gurney, Myers e Podmore, debaixo de um plano eminentemente rigoroso e científico.

Como, porêm, a narrativa por extenso nos levaria longe demais, resumiremos quanto possível alguns dos mais extensos.

Começaremos pelo caso número 108 desta importantíssima colecção.

*

* *

É o cónego Warburton quem narra o facto passado com êle em 1848.

Parti de Oxford, diz êle, para passar uns dois dias com meu irmão Acton Warburton, advogado, que então residia em Fisk Street, Lincoln's Inn.

Chegando a casa dêle achei sôbre a mesa um bilhete, desculpando-se por estar ausente, visto ter ido a um baile, de que só devia regressar á uma hora.

Em vez de me deitar, esperei-o recostado num fauteuil, onde em breve adormeci.

Á uma hora da noite, porêm, acordei sobressaltado, exclamando: "Por Júpiter! Êle caiu!"

Sonhára que via meu irmão saindo de um salão brilhantemente iluminado, e que, chegando ao patamar, ao descer o primeiro degrau caíra para a frente, aparando a queda com as mãos e com os cotovelos.

Tornei a adormecer, e passada meia hora fui despertado pela chegada súbita de meu irmão, que exclamou: "Tu aí? Nunca como hoje corri tanto risco de quebrar as costelas. Ao sair da sala do baile prendeu-se-me um pé no tapête e caí pela escada abaixo".

*

* *

Passamos agora ao caso narrado por Mme. West, residente em Hildegard Fourness Road-Eastbourn.

Meu pai e meu irmão, diz ela, faziam uma viagem durante o inverno de 1871 a 1872.

Eu, porêm, ignorava o dia exacto do seu regresso.

Deitei-me uma noite á hora costumada, e sonhei que, olhando por uma janela, via meu pai num trenó, seguido por meu irmão, que ia noutro.

Tinham de passar por uma encruzilhada do caminho, por onde vinha com toda a rapidez um outro trenó puxado por um só cavalo.

Parece que meu pai não tinha reparado neste outro viajante, o qual o atropelaria por certo, se não tivesse a tempo feito encabritar o cavalo, por forma que meu pai pôde passar ileso por baixo das patas dianteiras do cavalo com grave risco de ser esmagado por êle.

- Pai! pai! exclamei eu, e nisto acordei assustada.

No dia imediato pela manhã, meu pai e meu irmão chegaram a casa, e eu disse-lhes: "Muito folgo de vos vêr chegar sãos e salvos, pois tive ontem a vosso respeito um sonho bem terrível.

Meu irmão respondeu:

- A tua angústia foi por certo igual á nossa. E narrou-nos o que lhes sucedera, que era exactamente o que eu sonhára.

Esta narrativa de Hilda West é confirmada por uma carta de Septimus Crowe, irmão de Hilda West, e por outra de Mme. Bidder, que ouvira contar êste caso ao pai de Hilda, sir John Crowe, antigo consul da Noruega.

*

* *

Mme. Green, esposa de um rico comerciante, relata assim um sonho que teve, a pedido de Mlle. Richardson, sua amiga.

Newry, 21 de Janeiro de 1885.

Acedendo ao vosso pedido, Mlle., envio-vos os detalhes do meu sonho.

- Eu vi em sonho duas mulheres, decentemente vestidas, guiando sósinhas uma carruagem semelhante áquelas onde se transportam as águas minerais.

O cavalo, achando água diante de si, parou para beber; mas, não achando terreno firme, perdeu o equilíbrio e caiu na água da ribeira.

As duas mulheres ergueram-se gritando por socorro; mas caíram-lhes os chapéus, e foram engulidas pelas águas.

Despertei sobressaltada, e meu marido perguntou-me o que eu tinha.

Contei-lhe o sonho; e como êle me perguntasse se eu conhecera as duas mulheres, respondi-lhe que nunca as tinha visto.

Durante o dia seguinte não pude subtrair-me á penosa impressão que o sonho me causára. E fiz notar a meu filho que êsse dia (10 de Janeiro) era o aniversário natalício dêle e meu. Por isso me recordo muito bem.

No mês de março seguinte, recebi do meu irmão Allen, que residia na Austrália, um jornal e uma carta, em que me participava o desgosto que tivera, de perder uma filha, que morrera afogada, juntamente com uma amiga sua.

Eu não conhecia minha sobrinha; porque, tendo nascido na Austrália, nunca viera á Europa.

O jornal, que acompanhava a carta, narrava em resumo o acontecido, dizendo que: "Duas mulheres de nome Lehey e de Allen, que iam de carrinho em direcção a Kinipañial haviam morrido afogadas numa ribeira num sítio que tinha uns doze pés de profundidade, sendo encontradas abraçadas uma á outra, e os chapéus boiando á superfície".

Este facto é confirmado por uma carta de Thomas Green, dirigida a Mlle. Richardson.

Análogos a estes tres casos vem no livro já citado mais 139 sonhos, que podem facilmente ser consultados pelo leitor, a quem estes assuntos interessem intensamente.

*

* *

A observação tem demonstrado que, em regra, estes sonhos se dão no momento preciso em que algures se passa um successo extraordinário, emocionante, desastre ou morte de pessoa conhecida ou ligada á que sonha por um elo de simpatia, que serve como de espelho ou reflector do fenómeno.

A frequêncía de factos desta natureza é hoje um facto averiguado por muitos centenaes de exemplos.

Negá-los, ou pô-los em dúvida, pode ser cómodo; mas não é prova de esperteza: é apenas um subterfúgio sistemático com que se tenta fugir á dificuldade, ou antes á impossibilidade de os explicar a dentro das doutrinas positivistas.

Mas como explicá-los no campo espiritualista?

Mas tarde o veremos.

Com esta ordem de fenómenos prende-se uma outra, que remonta á mesma causa, embora se manifeste sempre no estado de vigília.

Aludimos aos pressentimentos, intuições, extasis, etc.

*

* *

Dá-se o nome de pressentimento ou intuição ao fenómeno psíquico, mediante o qual certas pessoas, estando acordadas e no gôso pleno de todas as suas faculdades, teem subitamente conhecimento, mais ou menos nítido, de um acontecimento longínquo, presente ou futuro, geralmente desastroso.

São inúmeros os factos desta natureza, e manifestam-se geralmente por uma comoção interna indefinível, por uma dôr moral ou um mal estar orgânico, que nos faz antever uma desgraça iminente.

Estes fenómenos, vulgarmente denominados simpáticos, dão-se geralmente entre pessoas ligadas por estreitos vínculos de sangue, ou pelos laços, mais íntimos ainda, de um amor intenso ou uma amizade a toda a prova.

Alguns exemplos entre milhares.

*

* *

Um amigo nosso, médico ilustradíssimo e de uma probidade a toda a prova, asseverou-nos por várias vezes que, sempre que alguma pessoa de sua família, vivendo em terra distante, se achava em perigo de vida, êle tinha sempre o pressentimento ou aviso, manifestado pela audição, ao seu lado, de umas pancadas de um timbre especial, que lhe chamavam forçosamente a atenção, sem que êle nunca lograsse descobrir a causa física que o produzia.

Êste fenómeno precedia sempre a recepção de notícias tristes.

*

* *

Entrando um dia na igreja de S. Luís, e tendo ajoelhado, o abade de Montmorin sentiu desde logo um vivo desejo de mudar de lugar.

Reagiu a princípio contra essa solicitação interna tão inexplicável; mas como ela se tornasse cada vez mais forte, levantou-se e foi ajoelhar noutra sítio.

Momentos depois uma pedra enorme, deslocando-se da abóbada, veio cair exactamente no sítio que êle ocupava pouco antes.

*

* *

Lord Byron, que era um scéptico declarado, consignou nas suas obras o facto seguinte, que êle classificou de mera coincidência ou acaso; nós, porém, que não admitimos essa misteriosa entidade nos domínios da Natureza, transcrevêmo-lo exactamente pelo facto de partir de um scéptico tão ilustre como Byron.

Um dia, quando êle viajava na Grécia, foi o seu guia atacado de um tremor convulso, seguido de um abatimento geral, que o obrigou a deitar-se no chão.

E como Byron o interrogasse sobre a causa daquele acidente:

- Senhor, respondeu o guia, não longe daqui deve passar-se, neste momento, o quer que seja de terrível: acreditei-me. Não devemos prosseguir, por enquanto, a nossa jornada.

Há dois anos, indo eu para uma aldeia da Argolida, tive um padecimento igual e o tempo que perdi com isso foi o bastante para me salvar a vida; porque a essa mesma hora hordas turcas massacravam os habitantes da aldeia.

Byron sorriu-se, sem dúvida, daquela credence; mas, quando meia hora mais tarde se pôz a caminho, encontrou a 5 quilómetros de distância vestígios evidentes de sangue derramado, e um pouco mais adiante oito cadáveres ainda quentes estendidos no chão.

Apesar de atribuir esta coincidência a um mero acaso, o ilustre lord consignou, ainda assim, o facto nas suas obras.

Poderia citar aqui centenas de casos análogos, que todos atestam haver na natureza humana um quid misterioso, que é a chave explicativa de todos esses factos extraordinários.

Mas, como explicá-los?

Aí começa a dificuldade.

Uns limitam-se a admitir esses factos admiravelmente conjugados a meras coincidências, o que equivale a não dizerem nada.

Outros dizem-nos que são fenómenos telepáticos.

Mas isto é apenas batizar o fenómeno com um nome convencional. E nós o que desejamos saber é o porquê do fenómeno.

Outros, tendo a pretensão de explicar alguma coisa, dizem-nos que os pressentimentos são raciocínios inconscientes, baseados em noções inconscientemente adquiridas, que se formam nas profundezas da trama cerebral, e que só chega ao sensorio a conclusão.

E é com êste imbróglie de palavras e de inconsciências, que apenas traduz confusão de ideias, que pretendem explicar o que só com muita clareza e lucidez de ideias pode ser compreendido.

Outros, finalmente, entrando um pouco mais a fundo no âmago da questão, reconhecem que, entre certas pessoas, pode haver um laço simpático, mediante o qual certos indivíduos, de uma susceptibilidade nervosa mais apurada, tem a capacidade de antever o que está distante e de prever o futuro em determinadas circunstâncias.

Esta explicação muito mais satisfatória do que as outras, tem o mérito de reconhecer duas grandes verdades: 1.^a, que entre certas pessoas pode existir um laço simpático, que não existe entre a grande generalidade das pessoas; 2.^a, que certas pessoas, de susceptibilidade nervosa mais apurada, gosam de uma certa clarovidência, que, em certos casos lhe permite vêr o que está longe, ou prevêr um sucesso futuro.

Mas esta explicação não é completamente satisfatória, porque, áparte o reconhecimento destas duas verdades, não explica propriamente os fenómenos, cuja existência reconhece.

*

* *

Há, porém, uma outra teoria muito mais completa e verdadeira, que satisfaz a todos os estudiosos, até mesmo aos espiritualistas, desde o momento em que ela se leve até às suas últimas deduções.

Referimo-nos á teoria do ilustre professor da Universidade de Peruggia, o Dr. Dal Pozzo, que no seu livro intitulado Um Capitulo de Psico-fisiologia, sustenta a seguinte doutrina, que vou tentar resumir.

Toda a actividade mental se traduz, diz êle, num fenómeno de movimento, produzido nas células nervosas, donde se transmite a todo o organismo, passando dêste para o meio ambiente, que não é constituído apenas pelo ar; mas também por todos os seres que nêle existem, produzindo assim uma ondulação concentrica, que se propaga pelo universo inteiro.

Sendo certo e sabido que todos os fenómenos da Natureza se reduzem afinal a fenómenos de movimento, é claro que o pensamento não pode fazer excepção a esta lei geral.

Se fôsse possível a um observador perspicaz presenciar os fenómenos fisiológicos que se passam no nosso cérebro, quando pensamos, êle veria apenas uma série de movimentos ondulatórios, enquanto que nós, não tendo consciência de tais movimentos, tê-la iamos apenas de que pensamos, facto êste que o observador não poderia afirmar; porque a nossa consciência, como entidade subjectiva, não teria para êle existência real.

Por isso êle não poderia vêr mais do que umas simples ondulações esféricas, correspondentes ao nosso acto mental.

Sendo certo, porém, que o movimento não se pode perder nem aniquilar, antes se propaga e transforma, assim também o pensamento e a vontade se propagam ou transformam conforme atravessam meios iguais, análogos ou diferentes.

Que toda a actividade mental se traduz em fenómenos de movimento, devemos nós aceitar como uma verdade; por ser muito racional essa teoria, dentro do campo fisiológico; mas o que a teoria de Dal Pozzo não diz, nem explica, é qual é a causa produtora dessa actividade mental.

E deve mesmo notar-se que Dal Pozzo não diz que são os actos psíquicos, pensamento e vontade que se propagam directamente; mas sim que eles se traduzem, isto é, se convertem, no mundo externo ao eu pensante, em movimentos correspondentes a esses actos psíquicos, e que são essas ondulações objectivas ou materiais que se propagam e transformam.

E assim como a ondulação produzida num meio qualquer não é som, nem calor, nem luz, nem electricidade, assim também a ondulação do meio ambiente, produzida pela vibração de um organismo vivo, não é vital nem fisiológica.

Mas, notai bem, se essas vibrações do meio ambiente forem de encontro a um corpo cujas partículas sejam aptas a vibrar isocronas comelas (isto é, se forem de encontro a outro cérebro ou vontade) nêsse caso produzem nêle uma sensação análoga, áquela que produzira tais vibrações, isto é, produzem nêle um pensamento ou um acto volitivo igual.

Assim, pois, um pensamento, expresso ou não por sinais exteriores, verbais ou escritos, produz movimentos ondulatorios no meio que rodeia a pessoa que pensa, e estas ondulações viajam no espaço e comunicam-se ás demais pessoas de uma maneira semelhante, sendo a sua influência tanto mais activa, quanto mais intenso e vibrante fôr o pensamento do agente, maior a fôrça da vontade do mesmo agente, e quanto maior fôr a capacidade receptiva ou sensível do outro indivíduo.

É por esta forma que se pode explicar, fisiológicamente, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, os presentimentos de que temos falado, as intuições, e vários outros fenómenos extraordinários.

É assim que as ideias religiosas e políticas abrem caminho, e convertem por vezes multidões inteiras.

Por isso pode um orador fluente e apaixonado, pelo só influxo do seu verbo entusiástico, arrastar inconscientemente após si uma multidão inteira, impregnando-a com o seu ideal.

Por vezes, meia dúzia de palavras, sêcas, mas vibrantes, pronunciadas a propósito, fazendo vibrar o coração das multidões, conseguem fazer milagres.

O general Bonaparte, querendo a todo o custo ganhar a batalha das Pirâmides, apontou-se aos seus soldados com gesto dominador e disse-lhes apenas:

Franceses! Do alto daquelas pirâmides 40 séculos vos contemplam!

E a batalha ganhou-se.

Na generalidade dos casos, porêem, as ondulações são pouco intensas, a ideia que as produz penetra suavemente, mansamente, nos cérebros, tornando-os aptos para num dado momento se exteriorizar o movimento, que ali ficara latente.

É bem sabida a rapidez com que se propagam certas doenças, tais como convulsões, ataques epilépticos, histéricos, e a mania do suicídio.

E essas doenças, (está hoje reconhecido), não se combatem eficazmente com medicação terapeutica; curam-se apenas com um tratamento moral.

Citaremos alguns exemplos:

As possessas de Loudun, que maravilharam a França com os fenómenos extraordinários que produziam, não nos assombram hoje, pois que se explicam satisfatoriamente pela sugestão mental e pelo magnetismo, e a rapidez com que êsse estado mórbido se propagou por todas as freiras, explica-se razoavelmente pela teoria de Dal Pozzo.

O mesmo se pode dizer dessa epidemia que ameaçou invadir a França, e é conhecida na história sob o nome de os convulsionários de S. Medard.

Um granadeiro do exército de Bonaparte, desgostoso da vida, fez saltar os miolos. A seguir espalhou-se no exército a mania do suicídio com uma intensidade alarmante. Napoleão, porém, com uma intuição que maravilha, fez publicar uma ordem do exército que determinava que todo o militar que se suicidasse, fôsse considerado cobarde e fôsse exautorado.

A mania do suicídio acabou como por encanto.

*

* *

Conta-se que na Grécia antiga, tendo-se enforcado uma joven de Mileto, nos dias imediatos apareceram enforcadas muitas outras. O contágio ameaçava estender-se. Os magistrados da cidade lembraram-se de publicar uma lei determinando que toda a mulher que se suicidasse fôsse despida e exposta nua na praça pública.

O contágio moral cessou.

É por estas razões que a imprensa periódica, narrando com minúcia os suicídios, duelos e grandes crimes, pratica inconscientemente um gravíssimo êrro, pois contribui inconscientemente para a repetição de crimes similares; porque a leitura desses factos mórbidos acha éco nos cérebros fracos, predispondo-os para o suicídio e para o crime.

*

* *

Devemos, pois, ter como assente que a vontade é uma fôrça psíquica, que se exterioriza num movimento que não fica localizado no cérebro, mas se estende a todo o organismo, e dêste ao meio ambiente, produzindo uma onda tanto mais enérgica, quanto mais intenso fôr o acto volitivo.

Se esta propagação do movimento cerebral se produz involuntariamente, chama-lhe Dal Pozzo radiação humana; e se o fenómeno se produz voluntariamente, sendo a vontade quem dirige a onda, nêsse caso chama-lhe projecção da vontade.

Como, porém, todo o ser vivo é um foco dinâmico irradiante, deve admitir-se que em tórno de cada ser vivo se forma uma atmosfera vital, de uma tonalidade própria e característica de cada indivíduo.

Admitida assim esta atmosfera individual irradiante, acham já perfeita explicação diversos fenómenos curiosíssimos, que de outra forma não tinham explicação possível; tais são - a simpatia, a antipatia, o amor, a amizade, a indiferença, etc.

*

* *

Duas pessoas que se encontram pela primeira vez trocam mutuamente, sem disso terem consciência, as suas radiações vitais: - se essas radiações se atraem, temos - a simpatia, a amizade, o amor, conforme a sua intensidade e o sexo das duas pessoas.

Se, porém, as duas radiações se repelem, teremos a antipatia, a aversão, o ódio, conforme a sua intensidade.

Mas geralmente as duas radiações cruzam-se, sem haver entre elas atracção nem repulsa.

Nêste caso temos a indiferença.

*

* *

Quantas vezes nos sucede vir-nos subitamente á ideia a lembrança de um indivíduo, e quási no mesmo instante acontece passar êle junto de nós!...

Quem é que não pressentiu alguma vez a chegada de um ausente, em ocasião que ninguém o espera, e êle aparece de facto momentos depois?...

O que são, e como podem explicar-se os pressentimentos, as intuições?

Segundo a teoria anímica que acabamos de expôr, a explicação é facil.

É que a nossa atmosfera vital sentiu as radiações dessa outra pessoa, muito antes que os nossos olhos a pudessem vêr.

E note-se que geralmente estes fenómenos só se dão com pessoas a quem nos ligam laços de amizade ou de sangue; e por isso as duas atmosferas vitais, costumadas já a vibrar unísonas, ressentem a sensação de presença ao experimentarem de novo as mesmas vibrações, fazendo assim despertar na nossa mente a ideia ou o nome da pessoa que se aproxima.

*

* *

Fixemos, pois, bem estes dois pontos fundamentais da teoria de Dal Pozzo. Normalmente existe em tôrno de cada pessoa uma atmosfera vital irradiante. Anormalmente essa atmosfera pode ser projectada ao longe pela fôrça da nossa vontade.

CAPÍTULO VI

Alucinações Telepáticas

Chama-se alucinação a percepção de uma imagem ou som ilusório, que só existe na imaginação do alucinado, não havendo portanto objecto real que a produza.

Esta definição não presta; porque não pode aplicar-se a todas as espécies de alucinações, que podem dar-se, pois que podem ser patológicas e telepáticas.

As patológicas, são as que tem a sua origem num desarranjo mental intermitente ou permanente. Constituem um estado mórbido, com o qual nada temos que vêr, porque o seu estudo pertence aos domínios da medicina.

As segundas, porém, dando-se em indivíduos, cujo cérebro funciona regularmente, constituem meros acidentes transitórios, que nos oferecem um vastíssimo campo para investigações psicológicas.

Por isso daremos antes a seguinte definição, que abrange os dois grupos.

Alucinação é uma percepção sensória, que não tem objecto físico, que a faça nascer.

Há alucinações de todos os sentidos, e outras que afectam simultaneamente um, dois ou mais sentidos. As mais frequentes, porém, são as da vista e as do ouvido.

Distinguem-se as alucinações patológicas das telepáticas por várias características. Assim as patológicas, como resultam de um desarranjo cerebral mais ou menos permanente, repetem-se muitas vezes no mesmo indivíduo; enquanto as telepáticas, produzindo-se em cérebros normais, são filhas de uma impressão momentânea, que geralmente se não repete.

As alucinações patológicas são duradouras e mais ou menos permanentes, ao passo que as telepáticas são instantâneas ou de mui curta duração.

As patológicas são meros produtos duma imaginação doente, ao passo que as telepáticas tem sempre como causa um fenómeno real, embora de natureza psicológica.

Finalmente as patológicas, só affectam um indivíduo, ao passo que as alucinações telepáticas podem affectar uma ou muitas pessoas simultânea, ou sucessivamente.

Pretendem muitos, mas erradamente, que as alucinações dos indivíduos normais teem por causa determinante uma grande fadiga, uma digestão difícil ou uma sobrecitação mórbida.

É um erro crasso. Os srs. Gurney, Miers e Podmore, que no seu interessante livro *Fantasma dos Vivos*, coleccionaram, com um improbo trabalho, 489 casos de alucinações telepáticas,

visuais e auditivas, verificaram que entre todas elas apenas 24 se deram em indivíduos que nessa ocasião se achavam adoentados.

Quási todos os outros declararam espontaneamente que quando se deram os fenómenos que narram, gosavam da mais completa saúde e tinham o espírito tão despreocupado, que nem lhes vinham á mente os nomes das pessoas, cujas aparições testificam.

As alucinações telepáticas podem dar-se durante o sono, e nesse caso tomam o nome de sonhos verídicos; podem dar-se entre a vigília e o sonho; e finalmente durante a vigília. Indubitavelmente são estas as mais interessantes.

Podem ser: visuais, auditivas ou tactais, podendo também afectar simultaneamente dois sentidos, o que é mais raro.

E, quanto ao número de pessoas afectadas, as alucinações podem ser: individuais, recíprocas ou colectivas.

A estatística demonstra que o maior número de alucinações telepáticas se dão no momento preciso em que o indivíduo, cuja forma ou voz se manifesta, está moribundo ou em risco iminente de morte.

Há, porém, exemplos, se bem que mais raros, de uma pessoa viva e em bom estado de saúde aperecer a outra ou outras, estando o seu corpo verdadeiro num outro local, perto ou distante. É isto o que se chama exteriorização do duplo.

Como observação geral, devemos desde já fazer sentir, que as aparições de formas humanas, quando se dão num meio iluminado pela luz do dia, ou por luz artificial teem geralmente uma tão completa aparência de vida, que são tomadas quási sempre pelo próprio indivíduo, e é só quando se desvanecem, sem deixar vestígios, que se reconhece não serem o próprio indivíduo.

Quando, porém, a aparição se dá na obscuridade, ela apresenta-se então como uma imagem mais ou menos diáfana e luminosa, ou então contornada por uma ligeira fosforescência, que a torna visível na obscuridade.

Posto isto passamos a expôr alguns casos mais frisantes dentre os 668, que vem minuciosamente narrados na obra curiosíssima de Gurney, já citada.

*

* *

O dr. Collyer, de Londres, em carta datada de 15 de Abril de 1861, narra o seguinte facto que transcrevemos em resumo.

No dia 3 de Janeiro de 1856, diz êle, o vapor Alice, que era comandado por meu irmão José, abalroou com o vapor Mississippi.

Com o choque o mastro do pavilhão caiu, fendendo o crâneo a meu irmão, que teve morte instantânea.

Em outubro do ano imediato fui à América a casa de meu pai, em Camdem, New Jersey, onde se falou da morte de meu irmão.

Minha mãe contou-me então que, no momento em que êle morrera, vira meu irmão no quarto dela. A distância entre Camdem e o ponto onde se deu o abalroamento é de 330 léguas marinhas pelo menos.

O dr. Collyer cita em seguida uma carta de sua mãe em que esta lhe diz o seguinte:

(Resumo). No dia 3 de Janeiro de 1856, estando alguma coisa incomodada, assentei-me na cama, e como olhasse em torno de mim, vi com pasmo José em pé, junto da porta, fixando em mim olhos tristes. Tinha a cabeça cingida com ligaduras, um barrete de dormir sujo e um fato branco também sujo.

No dia seguinte narrei a aparição a meu marido e ás minhas quatro filhas. dizendo-lhes que havíamos de receber más notícias de José.

De facto a 16 de Janeiro recebeu-se notícia minuciosa da morte dêle, verificando-se que estava vestido daquela maneira e que morrera nessa noite, á hora em que foi visto em Camdem, atendendo á diferença da hora dos dois lugares, visto haver 15 graus de longitude entre eles, o que corresponde a uma hora de diferença.

Esta narrativa é confirmada pela única filha que ainda vive. O dr. Collyer, que se declara materialista, atribúi o fenómeno a um laço simpático que devia existir entre mãe e filho.

*

* *

A narrativa que segue é feita pelo tenente-general Albert Fitch, do exército inglês.

(Textual). Um incidente extraordinário, que fez na minha imaginação uma impressão profunda, deu-se quando eu estava de guarnição em Maulmain.

Vi um fantasma, vi-o com os meus próprios olhos, e em plena luz do dia. Posso declará-lo sob juramento.

Vivera eu outrora na maior intimidade com um velho condiscípulo, que fôra depois meu amigo na Universidade. Havia, porém, muitos anos que não nos víamos.

Uma manhã, quando me levantava e vestia, entrou subitamente no meu quarto o meu velho amigo.

Acolhi-o calorosamente e disse-lhe que pedisse para lhe trazerem uma chávena de chá para a varanda; mas, quando lá cheguei não encontrei ninguém.

Não podia acreditar os meus próprios olhos.

Chamei a sentinela, postada em frente da casa: mas ele não vira entrar nessa manhã pessoa alguma em casa.

Os criados fizeram-me igual declaração. E todavia eu tinha a certeza de ter visto o meu amigo.

Apesar de não pensar nele nessa ocasião não fiquei contudo surpreendido com a sua chegada, porque a meudo chegam a Maulmain vapores e outros navios.

Quinze dias mais tarde soube que o meu amigo morrera a 200 léguas de distância de Maulmain e aproximadamente no momento em que eu o vira em minha casa.

*

* *

A comunicação seguinte é feita por Mme. Taunton, de Birmingham, e confirmada com a assinatura de seu marido Richard Taunton.

Na noite de 14 de Novembro de 1867 (diz esta senhora), assistindo com meu marido a um concerto em Birmingham, resenti o calefrio que acompanha geralmente as alucinações.

Então vi mui distintamente, entre mim e a orquestra, meu tio William, deitado numa cama, parecendo chamar-me como fazem os moribundos.

Havia meses que eu não ouvira falar dêle, e não tinha motivos para supôr que estivesse doente.

A aparição nem era transparente, nem vaporosa, antes parecia um corpo verdadeiro, pois que eu não podia vêr a parte da orquestra que ficava por detrás da aparição.

Não tentei desviar os olhos para vêr se a visão se deslocava com eles; mas antes fitei-a como fascinada, por forma tal que meu marido me perguntou se eu estava doente. Pedi-lhe que não me falasse durante uns dois minutos. Pouco a pouco a visão desapareceu; e, terminado o concerto, eu disse a meu marido o que tinha visto.

Poucos dias depois recebemos uma carta anunciando-nos a morte de meu tio, sucedida no mesmo dia e hora em que teve lugar a aparição.

*

* *

O sr. John Addigton Symonds, historiador bem conhecido em toda a Gran Bretanha, narra o seguinte:

"Era eu rapaz ainda, aluno da 6ª classe no colégio de Harroso, e como era o primeiro da aula de Mr. Rendall, tinha um quarto privativamente meu. Era isto próximo do estio de 1858.

Acabava eu de acordar, ao romper do dia, e estendia já a mão para agarrar os meus livros, quando senti como que necessidade de virar a cabeça para o outro lado, e nesse momento vi, entre mim e a porta, o dr. Macleane, vestido com o traje negro de um clergyman. Êle inclinou levemente o rosto pálido para o meu lado e disse: Vou partir para uma longa viagem: velai por meu filho.

Enquanto eu estava olhando para êle, vi subitamente a porta no lugar onde tinha estado o dr. Macleane.

Ora o dr. morreu nesse mesmo dia em Clifton, mas não sei a hora da sua morte.

Eu ignorava que êle estivesse mais doente, que de costume, pois que êle sofria de uma doença crónica.

Os srs. Gurney e Myers souberam depois pelo filho do falecido que seu pai morrera em Clifton no dia 14 de Maio de 1858 ás 6 horas menos um quarto da manhã; o que coincide exactamente com o momento da aparição.

*

* *

Mlle. Hosmer, escultora célebre, enviou aos srs. Gurney e Myers a seguinte narrativa, que vou resumir:

"Tive ao meu serviço durante algum tempo uma rapariga italiana de nome Rosa, que mais tarde, por falta de saúde teve de voltar para sua casa.

Fui vê-la várias vezes durante a doença; e comquanto não tivesse esperança na sua cura, nada fazia presumir um fim próximo.

Um dia em que eu me havia deitado com boa saúde e com o espírito tranquilo, despertei subitamente com o sentimento penoso de que alguém estava no meu quarto, apesar de que eu tinha a certeza de que as portas estavam fechadas á chave.

Distinguia vagamente todos os moveis do quarto.

- Quem está aí? perguntei.

Não tive resposta. O relógio do quarto imediato bateu cinco horas.

Então vi o vulto de Rosa, de pé, ao lado da minha cama; e por uma forma qualquer (pois não posso afirmar que fôsse por meio de palavras), recebi a impressão das palavras seguintes, como vindas dela: Adesso son felice, son contenta (agora sou feliz, estou contente).

Em seguida a forma de Rosa evaporou-se.

No dia seguinte ao almoço disse a uma amiga minha, que vivia na mesma casa: Rosa morreu. E contei-lhe a visão que tivera.

E como ela gracejasse, dizendo que eu sonhara, quando eu estava bem certa do contrário, mandei um mensageiro a saber do estado de Rosa. Êste voltou pouco depois dizendo que Rosa havia morrido ás 5 horas da manhã dêsse mesmo dia.

*

* *

Damos agora a palavra a Mme. Richardson, que em carta dirigida aos srs. Gurney e Myers escreveu o seguinte:

No dia 9 de Setembro de 1848, no cêrco de Moultau, meu marido, que então era apenas ajudante do seu regimento, foi perigosamente ferido; e, julgando que ia morrer, pediu a um dos seus oficiais, que tomasse o anel que tinha no dedo, e o enviasse a sua mulher, que então habitava em Ferozpôr, distante dali 150 milhas.

Ora na noite de 9 de Setembro de 1848, estava eu deitada e meio adormecida, quando vi distintamente que meu marido era transportado do campo de batalha gravemente ferido, e ouvi a sua voz, dizendo:

Tirai do meu dedo êsse anel e enviai-o a minha mulher.

Durante o dia seguinte foi impossível livrar-me da impressão causada pelo que vira e ouvira. Soube, tempo depois, que de facto meu marido fôra ferido no ataque de Moultau; mas escapou e ainda vive.

Soube tambem depois que meu marido fizera com efeito a um oficial o pedido respeitante ao anel.

Em resposta ao sr, Myers, o general Richardson declara recordar-se perfeitamente de ter feito o pedido para a entrega do anel ao major S. Lloyd, e que êsse facto succedera no dia 9 de Setembro de 1848, pois fôra ferido pelas 9 horas da noite dêsse mesmo dia.

*

* *

A narrativa que se segue é feita por Mme. Randolpf Lichfield; mas vou dar apenas um resumo:

"Uma noite, antes do meu casamento, diz ela, estava eu sentada junto á mesa do toilette no meu quarto, lendo tranquilamente um livro, de perfeita saude, e sem cuidado algum pela pessoa

a quem se refere esta narrativa, quando subitamente percebi, mas não vi, que alguém entrava no meu quarto.

Olhei, mas não vi ninguém.

Julguei que, quem quer que fôsse, vendo-me entretida a lêr, tivesse saído; e ia continuar a leitura, quando senti na testa um beijo longo e terno.

Erguendo de novo a cabeça, vi então de pé, atrás da minha cadeira, e reclinado sôbre mim, como para me beijar de novo, o meu noivo, mas pálido e muito triste.

Levantei-me então surpreendida; mas não assustada, porque julgava ser êle em carne e ôsso; mas antes que eu tivesse podido proferir uma palavra, tinha êle desaparecido.

Estive tres dias sem receber carta dele, e em vista disto escrevi-lhe, para saber o que havia, mas sem lhe dizer nada da aparição que tivera.

Soube depois que, em consequência de um acidente ocorrido numa caçada, estivera em risco de vida e ficara bastante ferido na mão direita, o que o impedira de me escrever.

Contou-me depois que julgara morrer, e no momento do perigo, antes de perder os sentidos dissera: May, minha pequena May, que eu não morra sem te ver de novo!...

Foi sem dúvida nesse momento que eu o vi tão nitidamente no meu quarto.

Foi só depois de saber dêle todos os pormenores do acidente que eu lhe contei a visão que tivera.

*

* *

Em todos os casos alucinatórios, que acabamos de contar, o agente, isto é, a pessoa de quem parte a acção, se não está já morta, está pelo menos moribunda, ou em perigo de morte iminente.

É êste o caso mais frequente. E compreende-se facilmente a genese do fenómeno.

Ante o perigo iminente, que se lhe antolha, a alma concentra toda a sua potência de exteriorização numa vontade irresistível de se fazer ver ou ouvir de uma pessoa muito querida. Essa vontade assim condensada produz no eter ondulações especiais, que, propagando-se com a velocidade da luz, e indo ao longe embater num cérebro capaz de as perceber, vai reproduzir nêsse cérebro uma imagem ou som igual ao que produzira tais ondulações.

Quem tiver detidamente estudado estes assuntos, reconhece facilmente que a transmissão do pensamento e da vontade é um facto demonstrado pela observação e pela experiência.

Há, porém, espíritos tão cegos pelos preconceitos de escola, que lhes custa imenso render-se á evidência, julgando por isso insuficientes todas as provas que se lhes apresentem.

A telepatia, apesar de ser uma ciência nascente é ainda assim por tal forma evidente que conta já hoje entre os seus adeptos nomes de primeira grandeza, tais como o dr. Charles Richert, lente da faculdade de medicina de Paris, Dal Pozzo, lente da Universidade Peruggia, Lombroso, o mais célebre antropólogo dos tempos modernos, aos drs. Ochorowicz e Otero Acebedo, entre muitos outros que fora prolixo citar.

Mas, além das alucinações telepáticas produzidas por uma projecção voluntária da vontade, num momento de perigo de vida iminente, há muitas outras, se bem que menos numerosas, em que o agente que as produz está vivo e bem vivo, e não corre perigo de vida, nem tem muitas vezes conhecimento, nem desejo, de ser visto noutra parte.

O fantasma, que em tais casos se produz, toma o nome de duplo do indivíduo que se manifesta.

Pertencem a esta categoria os casos que passamos a narrar.

*

* *

O rev. Tomas Lockyes, pároco em Portleeven, perto de Histon. narra o seguinte:

Há alguns anos (não posso dar datas certas, mas garanto os factos) andando eu em viagem no Sower-setshire, minha mulher, ao despertar, viu-me distintamente de pé aos pés da cama.

Assustou-se, como era natural; pois bem sabia que eu não podia corporalmente estar ali.

Nunca pude convencê-la de que havia sonhado, atestando-me que me vira perfeitamente e estava bem acordada.

Numa outra ocasião, dirigindo-se á igreja, viu-me sair desta, vestido de sobrepeliz e estola, caminhar para ela, e torneando a uma esquina desaparecer em seguida. E entretanto logo dentro da igreja verificou que eu estava no coro, dirigindo os ofícios religiosos.

Minha filha atesta também que, passando um dia pela porta do meu gabinete de trabalho, que estava aberto, e em ocasião que eu não estava em casa, me vira sentado á minha secretaria, numa atitude que me era habitual.

*

* *

Êste caso, que é verdadeiramente típico e modêlo entre os desta espécie, presta-se ás seguintes considerações.

1.º - Ao contrário do que se dá com as outras alucinações telepáticas, a aparição do duplo de uma pessoa viva repete-se muitas vezes.

2.º - O duplo, em regra, pode ser visto por qualquer pessoa, ao passo que as outras aparições geralmente só são visíveis para a pessoa ou pessoas a quem dizem respeito.

3.º - O duplo, geralmente, exterioriza-se sem que o exteriorizado tenha conhecimento disso.

4.º - Quando se dá a exteriorização do duplo, a pessoa exteriorizada fica num estado de abatimento físico mais ou menos acentuado, e a vitalidade manifesta-se muito mais intensa no duplo, do que no corpo físico.

*

* *

Passamos agora a expôr a narrativa feita pelo dr. Nicolau, conde de Gonemys, Corfú, , que é típica e muito interessante apesar de ser sómente auditiva.

Em 1869 era eu cirurgião mór do exército grego, e fôra nomeado médico da guarnição da ilha de Zante.

Quando me aproximava da ilha e estava a duas horas de distância da costa, ouvi uma voz interior, que a meudo me dizia em italiano:

"Vai ver Volterra! Vai ver Volterra!..."

Nada me fazia pensar no sr. Volterra, que habitava em Zante, e que eu mal conhecia, pois apenas o vira uma vez, haveria uns dez anos.

Procurei distrair-me, conversando com os meus companheiros de viagem; mas tudo era inútil. A voz continuava sempre: Vai ver Volterra!

Desembarquei e no hotel onde me alojei e onde me entretinha a abrir as malas, a voz não me largava.

Pouco depois o criado veio dizer-me que um cavalheiro me procurava. E perguntando quem era, soube que era o sr. Volterra.

Êste cavalheiro entrou todo lacrimoso, suplicado-me que acudisse a seu filho, que estava muito doente.

Encontrei êsse rapaz atacado de loucura e delírio, nu, num quarto vasio, abandonado, havia já cinco anos, por todos os médicos de Zante.

O seu aspecto era horrível pelos continuos acessos que sofria, acompanhados de assobios, rugidos, latidos e outros gritos de animais. Torcia-se por vezes como uma serpente, outras caía de joelhos em êxtasi, parecendo falar com personagens invisíveis.

Quando abri a porta, atirou-se a mim com fúria, mas eu fiquei imóvel, agarrei-o pelo braço, e olhei-o fixamente. Instantes depois o seu olhar enfraqueceu, pôs-se a tremer, e caiu no chão

com os olhos fechados. Fiz-lhe alguns passes magnéticos; e em menos de meia hora estava em estado sonambulico.

A cura durou dois meses e meio, e durante êsse tempo tive ocasião de observar fenómenos extremamente interessantes.

Depois de curado não mais recaiu.

Uma carta de agradecimento dirigida ao dr. Nicolau, e assinada por Demetrio Volterra, por sua esposa Laura Volterra e por dois filhos, um dos quais era o doente curado, atestam a veracidade da narrativa deste facto que parece ter sido determinado, por um lado, pela aflicção de um pai, que antevia a perda de um filho querido, e, por outro lado, pela confiança que êle tinha em que só a sciência e conhecimentos excepcionais do dr. Nicolau seriam capazes de lho salvar.

Desta sorte o sr. Volterra, que naturalmente tinha conhecimento pela imprensa de que o dr. Nicolau se dirigia a Zante, exteriorizou inconscientemente o seu duplo, que em vez de se manifestar pela formação de um fantasma visível, que para o caso de pouco serviria, determinou antes a formação de um fantasma acústico, cujas vibrações, incidindo repetidas vezes nos ouvidos do dr. Nicolau, determinaram neste a audição daquele grito de angústia: Vai ver Volterra!

*

* *

Nos casos que temos citado, o agente, isto é, o causador do fenómeno, era uma pessoa que se pode supôr ainda viva, ao passo que, no que passamos a narrar, o agente é uma pessoa já há anos falecida.

Quem narra o caso é o director do Asilo dos Orfãos de Alberloor, o rev. padre Jupp.

Em 1875 morreu um homem deixando viuva e seis filhos. Os tres mais velhos foram desde logo recolhidos no Asilo, e tres anos mais tarde, tendo morrido a mãe, foram também recolhidos os outros tres, tendo o mais novo apenas quatro anos

Um dia, tendo vindo hóspedes ao Asilo, o director, por falta de quartos disponiveis, cedeu o seu próprio quarto aos hóspedes, mandando armar para si uma cama no dormitório das crianças.

No dia seguinte, pela manhã ao almôço, o director narrou o seguinte:

Adormeci ontem pelas 11 horas e dormi profundamente durante algum tempo.

Subitamente acordei, sem razão aparente e senti-me impulsionado a virar-me para o lado das crianças.

Antes de me revirar, notei que havia no dormitório uma luz suave, que julguei ser a luz do gaz, o qual, quási apagado, ardia no corredor, cuja porta estava aberta. Mas em breve verifiquei

que não era; porque ao revirar-me, vi que por cima do segundo leito, onde dormia a mais nova das seis crianças, flutuava uma nuvensinha luminosa formando um halo, como sucede às vezes em tôrno da lua.

Sentei-me na cama para ver melhor, e verifiquei que era uma hora menos cinco minutos da noite.

As crianças todas dormiam profundamente.

Tive a ideia de me levantar para examinar e tocar a substância, que produzia o fenómeno, que tinha uns cinco pés de altura; mas uma fôrça oculta me reteve, e, comquanto nada ouvisse, no meu cérebro havia como que a impressão destas palavras: Ficai deitado, nada receies.

Deixei-me ficar; a claridade sumiu-se, e pouco depois adormeci, voltando apenas a acordar de novo á minha hora habitual.

Ás 6 horas comecei a vestir as crianças, e, quando cheguei ao leito, por cima do qual se dera o fenómeno, notei que a criança cessara de conversar com as outras

Comecei a vesti-la, e ela então, olhando-me de frente, com uma expressão extraordinária, disse-me: Ó sr, Jupp, minha mãe veio ver-me a noite passada. O sr. viu-a?

Durante alguns instantes não pude responder-lhe; depois, julgando mais prudente não lhe falar disso, disse-lhe apenas: Vamo-nos, despachemo-nos, que se faz tarde para o almôço.

Mme. Jupp confirma em carta o conteudo desta narração, que declara ter ouvido a seu marido na manhã seguinte ao sucesso.

Para demonstrar que as alucinações de que temos falado não produtos de uma fantasia mais ou menos mórbida, mas factos reaes, objectivos, visíveis e palpáveis, embora de duração efémera, há muitos outros argumentos, e um deles é o que se passa com certos animais, tais como os cavalos, muares e burros, que se espantam e tomam o freio nos dentes, quando se lhes depara uma aparição desta ordem, embora seja para nós invisível; e os cães, que não lhes ladram como a estranhos, mas uivam lamentosamente, com demonstrações do mais profundo terror, escondendo-se ou fugindo, chegando alguns a abandonar as casas dos donos, se estes os obrigam a dormir em quartos frequentados pelas aparições.

*

* *

A teoria de Dal Pozzo, apesar de ser um meio termo entre a subjectividade e a objectividade, e a teoria da sugestão mental combinada com a lei de reversibilidade, podem a muito custo dar-nos uma explicação plausível das alucinações individuais simples, isto é, daquelas que afectam um só sentido de uma só pessoa.

O que porém não podem explicar são as alucinações que afectam mais de uma pessoa e mais de um sentido, e isto simultânea ou sucessivamente.

Se não são reais, como é que podem afectar duas, tres ou mais pessoas, que todas vêem a mesma aparição, pela mesma forma e com as mesmas minuciosidades?

Se não são reais, como é que actuam no cérebro dos animais, causando-lhes tamanho terror?

Se não são reais, como é que podem afectar simultaneamente a vista, o ouvido e por vezes o tacto de uma ou mais pessoas?

Para todas as pessoas, cujo espírito, liberto de preconceitos de escola ou seita, lhes deixa plena liberdade de orientação, estamos certos de que os casos de alucinação telepática que ficam narrados, escolhidos entre centenaes doutros é mais do que suficiente para lhes dar a convicção de que, além do mundo em que vivemos, há um outro, que o vulgo desconhece, e que a moderna psicologia experimental começa a entrever, mundo cuja realidade se impõe com lógica irresistível aos espíritos pensantes livremente orientados.

Para aqueles porém a quem os preconceitos de seita ou de escola obcecaram por forma tal, que acima de todo o testemunho humano e de toda a lógica, colocam a sua opinião pessoal, ou a opinião infalível de seus mestres, ou os dados por igual infalíveis de uma sciência já revelha e rotineira, para esses, cuja vaidade os leva a crêr que atingiram a meta do saber humano, e que só eles teem por isso o monopólio exclusivo da inteligência e do bom senso; para esses tudo quanto neste sentido se possa dizer a mais, não logrará por certo abrir brecha na couraça adamantina do seu cómodo dogmatismo filosófico.

Mas não é propriamente aos que propositadamente fecham os olhos á luz, que nós nos propuzemos esclarecer quanto em nós coubesse.

E por isso, deixemo-los entregues á gratíssima convicção de que já sabem tudo, e continuemos nós a estudar o que eles despresam.

*

* *

Duplos etéricos

Nos exemplos anteriores citados as aparições fantasmáticas diziam respeito a pessoas que se achavam em perigo iminente de morte, e o último era produzido por uma pessoa que havia falecido havia já alguns anos.

Há, porém, uma outra qualidade de fantasmas, aliás mais frequentes do que julga, e que são produzidos por pessoas vivas que gosam de perfeita saúde.

Aludimos aos casos de exteriorização do duplo etérico, ou fantasma de um vivo.

Estas aparições dão-se nas seguintes condições:

1.º - O duplo exterioriza-se sem que a pessoa que o produz tenha disso conhecimento, nem mesmo o suspeite.

2.º - A pessoa que produz o fenómeno fica, enquanto êle dura, num estado de abatimento e prostração, que o priva quasi por completo de acção, ao passo que o duplo concentra em si toda ou quasi toda a vitalidade do agente, por forma que caminha e pratica, a distância maior ou menor, actos mais ou menos complexos, a ponto de ser tomado pela própria pessoa.

3.º - Estes duplos teem tanta corporeidade que são visíveis para toda e qualquer pessoa

Um dos mais notáveis exemplos de exteriorização de duplo nos tempos modernos, é o que vem narrado por A. d'Assier no seu *Essai sur l'humanité posthume*.

Êste facto é minuciosamente narrado por sir Robert Dale Owen, que então era embaixador dos Estados Unidos em Nápoles.

Em 1845, diz êle, havia a 12 léguas de Riga o pensionato de Neuwelke, que tinha então 42 pensionistas oriundas de famílias nobres.

Entre as professoras havia uma de nacionalidade francesa, de nome Emilia Sagéa, de 32 anos de idade, gosando de boa saúde, mas muito nervosa e de uma conduta irrepreensível.

Poucas semanas depois da sua admissão como professora notou-se por vezes que, quando uma pensionista afirmava, tê-la visto em determinado sítio, outras afirmavam que nessa ocasião ela se achava em sítio diverso.

Um dia as alunas viram simultaneamente duas Emílias Sagéa, fazendo os mesmos gestos, e só com a diferença de que uma tinha na mão um lapis e a outra não.

Alguns dias depois estando a pensionista Antonieta Wrangel no seu toilete, Emilia Sagéa começou a acolchatar-lhe o vestido nas costas. Mas como Antonieta olhasse para o espelho fronteiro, viu nele duas Emílias Sagéa, o que a assustou e fez perder os sentidos.

Por vezes ao jantar se via o seu duplo praticando os mesmos movimentos, com a diferença de que ao passo que a verdadeira Emilia segurava nas mãos garfos e facas, o duplo não os tinha.

Mas nem sempre o duplo fazia os mesmos gestos, ás vezes a atitude das duas era diferente.

Um dia as pensionistas todas estavam bordando numa sala do rez do chão, que tinha quatro portas de vidraça que davam para o jardim.

As pensionistas viram então distintamente duas Emílias, uma colhendo flores no jardim, enquanto que a outra estava sentada num fauteuil da sala. Comparando-as então repararam que, ao passo que a Emília do jardim cada vez enfraquecia mais nos seus movimentos, a que estava na sala cada vez parecia mais viva.

A aparição do duplo tinha duração variável e dissolvia-se a pouco e pouco até desaparecer de todo.

Emília Sagéa não tinha consciência alguma do fenómeno que se produzia.

*

* *

Há, porém, outros casos em que o desdobramento é voluntário e consciente, e em que o fantasma é em certo modo tão material e vivo que, fala e escreve.

Está em parte nestas condições o caso que passamos a narrar, segundo o conta o barão du Potet no seu *Traité complet de Magnetisme, Cours en 12 leçons*, do qual o resumimos.

O barão de Sulza, camareiro do rei da Suécia, conta que tendo ido um dia fazer visita a um vizinho, seu amigo, quando voltou era perto de meia noite, hora a que, na Suécia, faz ainda claridade suficiente para se poder ler um livro impresso em tipo meudo.

Quando eu chegava, diz êle, á entrada da minha quinta, meu pai veio ao meu encontro, vestido com o seu traje habitual, e trazia na mão uma bengala que meu irmão tinha esculpido para êle. Cumprimentei-o, e conversamos longo tempo juntos. Chegamos assim á casa e até á entrada do seu quarto.

Entrando no quarto vi que meu pai estava deitado dentro da cama e profundamente adormecido. Nêsse mesmo instante olhei em torno a mim e verifiquei que a pessoa, que vinha acompanhando, tinha desaparecido.

Pouco depois meu pai despertou e olhou-me com modo interrogativo.

- Meu caro Eduardo, disse-me êle, quanto folgo de te ver são e salvo! porque eu estive bem apoquentado no meu sonho, pois me parecia que tinhas caído na água e que estavas em perigo de te afogar.

Ora com efeito nêsse dia eu tinha ido á ribeira pescar caranguejos e estive em perigo de ser arrastado pela corrente. Contei-lhe então que tinha visto a sua aparição á entrada da quinta, e que tinhamos tido uma longa conversação.

Êle respondeu-me sorrindo que muitas vezes aconteciam factos semelhantes.

Estes factos e muitíssimos outros, que por brevidade omitimos, provam que de facto o nosso espírito pode, em determinadas condições, e durante a vida do corpo, geralmente durante o

sono, abandonar o nosso corpo, e, revestindo um organismo etéreo, aparecer num outro lugar, agindo e até falando, a ponto de se confundir com a pessoa real que representa.

A experiência prova ainda que pessoas de uma vontade enérgica e longamente sustentada, podem desdobrar-se e tornar-se visíveis a determinadas distâncias.

*

* *

Alucinações colectivas

Por vezes as alucinações telepáticas teem um tal cunho de realidade, que afectam dois ou mais sentidos de duas ou mais pessoas. São as alucinações colectivas, das quais a que vai ler-se é uma das mais características.

Um americano, M. Mountford, estava de visita há uns quarenta e tantos anos, em casa de um amigo seu no condado de Norfolk.

Êste amigo chamava-se M. Coe e a sua casa ficava a umas quatro milhas da casa de seu irmão Roberto. A estrada era direita e sem árvores, e só dava serventia ás duas quintas e umas tres outras que havia entre elas.

Pelas quatro horas da tarde de um dia de Março, M. Mountford, que olhava para a estrada, disse para o dono da casa: "Olha, eis aí teu irmão que chega!"

M. Coe aproxima-se da janela por seu turno, e diz:

Sim, ei-lo que chega! e Roberto pôde alfim atrelar Dobbin. - Dobbin era um cavalo que em consequencia de um accidente tinha estado muitas semanas retirado do serviço.

Mme. Coe olhou igualmente pela janela, e disse ao seu hóspede:

- Que felicidade! minha irmã vem com êle. Ficarão encantados de vos encontrar aqui.

A carruagem, que Mountford tinha perfeitamente reconhecido, assim como as duas pessoas que vinham dentro, passou a pequeno trote por baixo da janela, depois virando com a estrada no ângulo da estrada sumiu-se.

Para onde é que seu irmão e cunhada tinham podido ir?

Jámais até então eles tinham passado diante de sua casa sem se apearem.

Mas, maior assombro os aguardava. Cinco minutos mais tarde, estando todos sentados ao lume, entrou Maria, a filha de Roberto Coe, pálida, agitada.

E abrindo a porta exclama:

- Que medo eu tive! Meu pai e minha mãe passaram junto de mim na estrada, sem me dizerem uma palavra.

Eu olhei para eles, mas eles não desviaram os olhos nem abriram a boca.

Há um quarto de hora, quando eu saí de casa para vir aqui, estavam eles sentados ao lume. Que quererá tudo isto dizer? E eu estou bem certa de que eles me viram perfeitamente.

Dez minutos mais tarde, chegando M. Mountford novamente á janela, viu de novo a mesma carruagem na estrada.

- É impossível, retorquiu M. Coe, não existe caminho algum pelo qual tenham podido voltar para a estrada. E contudo são com efeito eles!

Como é que eles puderam fazer isto?

Todos correram á janela e viram chegar Roberto e sua mulher na mesma carruagem e com o mesmo cavalo que figurava na aparição.

E digo aparição porque das explicações que as duas famílias trocaram, tornou-se evidente que a primeira visão tinha sido fantástica.

CAPÍTULO VII

A Teoria Espírita

Depois de termos exposto nos anteriores capítulos as bases fundamentais, em que assenta a teoria dos magnetizadores sôbre a constituição da personalidade humana, e havermos esboçado, com um certo desenvolvimento, as teorias dos ocultistas e de termos exposto diversas de entre as inúmeras potencialidades da alma humana, vem a propósito occuparmo-nos detidamente da teoria espírita, que é o espaço principal a que miramos.

*

* *

Vimos já que o homem é um espírito revestido de uma forma corpórea.

Tivemos também ocasião de demonstrar que o espírito não era uma mera abstracção, um ponto matemático sem dimensões algumas; mas sim uma entidade real, circunscrita e limitada, á qual só falta ser visível e palpável, para se assimilhar aos seres materiais vivos.

Vimos também que, tanto em vida como depois da morte corpórea, o espírito se acha sempre envolto numa substância fluídica mais densa (embora também seja em regra invisível), a que se convencionou chamar perespírito ou corpo astral.

O perespírito apresenta a forma do animal ou vegetal a que pertence. Por consequência o perespírito do homem apresenta a forma humana.

E é por intermédio d'ele que o espírito pode exercer sobre a matéria, que o reveste, um poder extraordinário.

A acção do corpo astral sobre a matéria ponderável explica-se facilmente pela sua natureza fluídica.

Sabe-se em física que os gases e fluidos imponderáveis como o calórico, a electricidade, o magnetismo são tanto mais poderosos quanto mais rarefeita é a sua substância.

Não é porventura a luz, substância imponderável que exerce uma poderosa acção química sobre a matéria?

Não é ela que na chapa fotográfica decompõe ou reduz os sais de prata, que produzem a imagem?

Não é sob a sua acção enérgica que se elabora nos tecidos da planta a clorofila, que dá ás suas folhas o brilhante verde tão grato á nossa vista?

Não é a privação da luz solar que dá aos trabalhadores das minas a côr terrosa e pálida, resultante de uma profunda alteração nas condições fisiológicas normais do organismo humano?

Se, pois, a luz, agente imponderável actua tão energicamente sobre a matéria inorgânica e sobre a organizada, porque não há de o espírito, fluido mais imponderável ainda, actuar sobre a matéria inerte?

E a electricidade, imponderável também, que fôrça colossal não exerce ela sobre a matéria, em todo o mundo, iluminando cidades, impulsionando comboios, e pondo em plena laboração enormes e numerosíssimas fábricas?

Se, pois, a luz, o calórico, e a electricidade actuam sobre a matéria inconsciente e fatalmente; que maravilha é que o espírito, fôrça inteligente e voluntariosa exerça sobre a matéria uma acção mais enérgica e mais consciente?

Vimos que o corpo, composto molecular de matéria, quando sobrevem a morte, se desagrega nos seus elementos constitutivos, morre; mas esses elementos não se destroem, não se aniquilam; transformam-se apenas, indo entrar na composição química de outros seres.

O espírito, porém, substância simples e una, não tendo elementos químicos desagregáveis, não se decompõe pela morte, liberta-se apenas do corpo, a que andava como que acorrentado, conserva a sua individualidade e personalidade anterior e vive perpetuamente nas regiões do espaço, a menos que não tenha de voltar a animar um outro corpo material do nosso ou em diverso planeta.

Desta arte se concebe na teoria espírita a imortalidade do espírito humano, desta arte se concebe a sua evolução progressiva através do tempo e do espaço, desta arte se compreende a unidade da espécie humana através dos mundos.

Resta-nos, pois, agora averiguar, se o espírito, depois de liberto dos laços corpóreos, pode ou não comunicar com os homens vivos, e trocar com eles os seus pensamentos.

Que essa comunicação não é só possível, mas sim uma frisante realidade, é o que mais adiante havemos de demonstrar.

Mas, por agora, limitar-nos hemos a demonstrar que tal comunicação é possível, apoiando-nos apenas sôbre a razão.

Os factos probatórios virão mais tarde.

*

* *

O homem é, já o vimos, um espírito aprisionado num corpo, que em vida, actua sôbre êsse corpo, por intermédio do perespírito, e que, depois de desincarnado, pode, por êsse mesmo intermédio, actuar sôbre a matéria ponderável. Ora, sendo isto assim, porque é que os espíritos livres não hão de querer e poder comunicar-se pelo menos com as pessoas que cá deixaram, a quem se achavam ligados pelos vínculos do amor ou da amizade?

Será porventura racional supôr que a morte acabou de vez com o amor materno, paterno, filial ou conjugal?

Como temos assente como princípio fundamental que na Natureza nada de essencial se pode aniquilar, e que a alma sobrevive ao corpo, é indispensável, para que a imortalidade não seja uma ficção, que a alma conserve a sua identidade e a sua personalidade, isto é, todos os

conhecimentos adquiridos na vida terrena e todos os sentimentos, paixões e afectos que a caracterizaram aqui.

Ora, como os espíritos desincarnados vagueiam no espaço em plena liberdade, e podem transportar-se a qualquer parte com a celeridade da luz, não será lógico e justo admitir que aqueles que em vida nos amaram, se sintam, depois da morte, atraídos para nós, e desejem, por qualquer forma, certificar-se da sua existência e entrar em comunicação connosco?...

Se esta hipótese não é racional e lógica para os espiritualistas, que dizem crêr na sobrevivência da alma, nós pedimos então a esses pensadores inconsequentes que nos demonstrem com razões físicas ou fisiológicas, que estamos em êrro, provando-nos:

1.º - Que quem nos amou em vida já nos não ama depois da morte, não devendo por isso desejar entabolar relações psíquicas connosco.

2.º - Que, podendo estar em qualquer parte, não pode estar junto de nós, nem pode por qualquer forma comunicar connosco, porque pelo seu invólucro fluídico (perespírito) não pode já actuar sobre a matéria ambiente, quer inerte quer animada.

3.º - Que, embora possa actuar sobre a matéria, não pode contudo produzir sinais materiais convencionais, que possam servir para a transmissão do pensamento.

Quando os espiritualistas adversários do espiritismo nos demonstrarem com argumentos irrespondíveis que tal comunicação é impossível, então não teremos dúvida em lhes dar razão.

Essa demonstração, porém, até hoje ainda se não fez.

Nós, os espíritas, provámos scientificamente essa comunicação com numerosíssimos factos autenticados com o depoimento incontroverso de bastantes e conspícuos observadores; enquanto que os espiritualistas inconsequentes fecham propositadamente os olhos aos factos, e, sem demonstrarem a falsidade deles, limitam-se a dizer em tom dogmático:

- Não creio, porque isso é impossível.

A nossa época, porém, já não aceita dogmas, e negar não é provar.

*

* *

Deixando, porém, de parte essas incongruências, passemos á explicação dos fenómenos de que temos falado, segundo a teoria mais geralmente adoptada pelos espíritas.

Segundo essa teoria a transmissão mental do pensamento entre pessoas vivas não se efectua sem que uma outra inteligência desincarnada coopere com as vivas na produção do fenómeno

Um espírito desincarnado, interpondo-se entre o espírito que pensa, e aquele que lê o pensamento do outro, representa entre eles o mesmo papel que desempenha o fio condutor entre duas estações telegráficas.

Desta sorte o espírito livre lê, no pensamento dum aquilo que lá existe, e sugere no cérebro do outro um pensamento idêntico.

Não nos parece, porém, que seja plausível e cientificamente aceitável esta maneira de explicar os factos.

Em primeiro lugar a intervenção dessa personalidade psíquica, alheia aos dois - o que pensa e o que lê, não se pode rigorosamente provar: - e, em segundo lugar, não é mesmo necessário invocar, para casos tão simples, a intervenção de uma terceira entidade, que ninguém vê, e cuja existência ali não se pode provar

Para casos destes a teoria de Dal Pozzo é mais do que suficiente.

O pensamento de A, vibrando intensamente, produz ondas, que se propagam no meio ambiente, e que encontrando um meio análogo, no cérebro de B, vão aí transformar-se num pensamento igual.

Isto compreende-se e é o bastante.

*

* *

Passemos agora às aparições.

As revelações obtidas pelo medianismo são todas concordes em atestar-nos a intervenção freqüentíssima dos espíritos desincarnados nos negócios e no viver dêste mundo. E de facto, como os espíritos desincarnados são dotados dos mesmos sentimentos e paixões que na vida terrena manifestaram, é lógico supôr que devem querer ser solidários, com a humanidade corporizada, na realização integral do plano geral do Universo.

Por isso as aparições frequentes de indivíduos falecidos podem ser resultado de causas diversas.

Quem tiver analisado atentamente a sociedade em que vivemos, há de sem dúvida ter notado quão alheada ela anda do estudo dos grandes problemas do seu destino e fim; e, como no espírito das pessoas ilustradas, ou que como tal se consideram, é o materialismo inconsciente ou sistemático (tão cómodo para quem não quer estudar), ou a indiferença ou a dúvida quem dominam na grande massa das inteligências sem ideal próprio que as norteie, é naturalíssimo que os espíritos livres, desejando sugerir aos vivos ideias salutare e salvadoras, procurem com as suas aparições mostrar-lhes que estão laborando em suposições errôneas, e que vão seguindo por um caminho errado.

Daí pode resultar a frequência de aparições e outros fenómenos similares, para assim convencer os vivos descrentes de que a alma é imortal.

Outras vezes essas aparições podem ser um acto providencial de justiça, despertando assim o remorso expiador no espírito dos criminosos impenitentes; ou ao contrário podem ser um balsamo consolador para espíritos ulcerados pela dôr de haver perdido seres idolatrados, certificando-os assim de que, a despeito da morte, vivem ainda e são felizes, e de que a vida terrena é apenas uma fase mui acanhada da existência humana.

Outras vezes ainda essas aparições podem ser resultado da indefinível atracção que certos e determinados lugares exercem sôbre o espírito muito atrasado daqueles que os habitaram em vida.

*

* *

A faculdade que os espíritos teem de comunicar connosco, e a recíproca, que nós temos de os ver e perceber, varia de intensidade conforme a predisposição natural de cada um de nós.

Essa faculdade exerce-se por intermédio de pessoas especialmente dotadas, a que por isso de dá o nome de mediuns.

Além desta maneira indirecta e ostensiva de estabelecer relações entre os dois mundos, a influência dos espíritos actua constantemente sôbre nós, mas por uma forma vaga e inconsciente por via de sugestão mental, fazendo nascer nos nossos cérebros ideias boas ou más, ideias que geralmente supomos serem nossas, quando é certo que elas nos foram inconscientemente sugeridas.

Noutras pessoas de constituição mais sensível essa influência torna-se mais patente e eficaz, traduzindo-se por pressentimentos mais ou menos nítidos, por sonhos verídicos, que, afectando-as mais ou menos intensamente as leva assim a evitar um perigo iminente, ou a realizar um determinado acto que lhes pode ser nocivo ou útil.

Finalmente, com pessoas de uma sensibilidade exaltada, a influência dos invisíveis manifesta-se ás vezes por alucinações visuais, auditivas ou tactis.

Finalmente os duplos de pessoas vivas pretendem alguns explicá-los pela intervenção fluídica de um espírito livre, que pela sua acção poderosa sôbre a matéria fluídica, produz uma imitação dessas pessoas, realizando assim um desígnio por elas formado para um fim qualquer útil.

Esta teoria da formação dos duplos parece-nos inteiramente fantasista e anti-científica.

É fantasista, porque nada há que prove a intervenção, neste caso, de um terceiro personagem já falecido; e é anti-científica, porque o duplo não é uma fantasmagoria criada excepcionalmente pela nossa vontade ou pela alheia; o duplo é uma parte integrante de nós mesmos, porque é pura e simplesmente o nosso corpo astral ou perespírito exteriorizado, e ou puro, isto é meramente fluídico; ou mais ou menos materializado pela adjunção de materiais

absorvidos do meio ambiente. Se é puro é apenas visível para sonâmbulos e para os mediuns; se materializado, então é visível para qualquer pessoa.

Portanto cada ser vivo tem o seu duplo; o que só pouquíssimos tem é a faculdade de o exteriorizar inconscientemente, sendo ainda muito mais raros aqueles que o podem exteriorizar por deliberação própria.

Esta teoria é perfeitamente científica e plenamente comprovada por numerosas experiências.

A produção dos duplos é pois um fenómeno puramente anímico, e não necessita para se compreender da intervenção espírita.

*

* *

O Espiritismo! Eis o nome terrível que há 20 ou 30 anos pouquíssimos homens sisudos ousavam pronunciar sem verem esboçar-se nos lábios dos circunstantes um sorriso de mofa!

O Espiritismo é o nome porque é conhecida a nova crença científica, a neo-psicologia, que veio abalar e derruir pelos alicerces o dogmatismo sistemático do sciência oficial, e as especulações igualmente dogmáticas das diversas religiões que dividem entre si os povos da Terra.

O Espiritismo é a doutrinação fecunda, toda paz, toda amor e justiça, que abraça em fraternal amplexo os homens de todas as raças e de todas as crenças.

É a mais racional e grandiosa de todas as concepções filosóficas, a expressão mais sublime da moral na humanidade, o fanal mais fulgurante da sociologia do futuro.

Como crença admite um Deus Supremo, a Imortalidade da Alma, e o princípio da Reincarnação, como pedra angular da nossa progressão indefinida através dos tempos.

A sua moral é toda baseada na doutrinação sublime desses grandes luminares da humanidade, que se chamaram Sócrates, e Platão na Grécia, Confucio na China, Cristua na Índia e Jesus na Judeia.

Amor e Caridade! eis a divisa de todos os espíritas.

Do princípio da Reincarnação deriva um outro eminentemente salutar, justo e consolador - o da expiação, em virtude do qual todos os homens, sem excepção alguma, podem resgatar os seus êrros e crimes, sofrendo em várias reincarnações as provas que lhes são indispensáveis para se depurarem de todas as suas imperfeições.

No campo social o Espiritismo proclama o direito de todos e de cada um á assistência social, dentro dos limites dos recursos gerais; e reciprocamente para todos e para cada um o rigoroso dever de trabalhar para a sociedade, concorrendo na medida das suas fôrças e recursos para o progresso social na ordem física, intelectual e moral.

Eis o que é o Espiritismo considerado como corpo de doutrina.

Esta crença científica não é porê m uma simples, embora elevadíssima, concepção filosófica: apoia-se em factos numerosíssimos e positivos, que demonstram a sua verdade, e que desafiam toda a crítica; porque foram observados e estudados meticolosamente e com todo o rigor científico.

Mas além desses factos positivos, há ainda a revelação directa dos espíritos mais elevados, revelação que surpreende pela clareza da exposição, transcendência da doutrina, concordância de princípios e sublimidade da sua moral.

Essa revelação, repleta de ensinamentos preciosos, permite-nos ente-abrir a porta, que nos separa das regiões dalê m túmulo, e dexa-nos entrever com jú bילו a estrada ascendente do futuro.

O Espiritismo é um corpo assombroso de doutrina, inspirado na mais rigorosa justiça e na filosofia mais remontada a que o homem pode aspirar.

Dê ste conjunto de princípios derivam as seguintes consequê ncias gerais, que constituem a base da crença espírita.

1.º - Espíritos de toda a ordem povoam o espaço infinito; existem por toda a parte: há-os constantemente em tórno de nós, e por isso reagem continuamente sô bre o mundo físico e moral, constituindo assim uma das maiores potê ncias da Natureza, embora desconhecida de quá si todos.

2.º - Os fenómenos verdadeiramente espí ritas são produzidos pela fôrça psíquica de espíritos desencarnados, que actuam sô bre a matéria ambiente, graça á intervenção de mediuns.

3.º - Os espíritos, porê m, não são uma criação á parte da Natureza; são apenas as almas daqueles que já viveram na Terra, ou em outros mundos.

Donde se conclúi que os homens, hoje vivos, são espíritos incarnados, que, quando morrerem, passam novamente á categoria de meros espíritos.

4.º - Há espíritos dotados de todos os graus de bondade ou de malícia, de saber ou de ignorância, tal qual como entre nós vemos, homens dotados de todas essas qualidades morais e intelectuais.

Porê m, todos eles (bons ou maus) estão sujeitos á lei do progresso, lei universal e fatal, que domina os homens, os animais, os vegetais e até mesmo o mundo inorgânico, e portanto todos os homens e todas as coisas, por mais ínfimas que sejam, hã o de chegar á perfeição, em mais ou menos tempo, com maior ou menor sofrimento, conforme os esforços e a vontade de progredir de cada um, visto que todos gosam do seu livre arbítrio; sendo por isso responsáveis pelas suas acçô es.

5.º - A felicidade ou infelicidade de cada um depende do seu bom ou mau procedimento durante a vida terrena e do grau de adiantamento moral e intelectual, a que já haviam chegado na sua existência anterior. A felicidade perfeita só é apanágio dos espíritos que atingiram um elevadíssimo grau de perfeição.

6.º - Todos os espíritos em determinadas condições podem manifestar-se aos homens, servindo-se para isso de mediuns, isto é, pessoas de uma constituição fisiológica especial, que lhes permite entrar em comunicação com o mundo dos espíritos, e auxiliá-los nos seus intuitos.

7.º - A superioridade ou inferioridade dos espíritos, que se nos manifestam, reconhece-se pela sua linguagem e pela natureza das suas comunicações, - os bons só aconselham o bem e revelam-se pela elevação de pensamento, homogeneidade da doutrina e agudeza de conceitos.

Todavia a experiência própria e alheia tem-nos ensinado a ser cautos e a não ser crédulos.

Quando eles se ocupam com muito afinco de assuntos terrenos, e manifestam o intuito propositado de nos querer dominar sujeitando a nossa vontade e a nossa razão á deles, é indispensável reagir energicamente contra os seus conselhos, e só fazer aquilo que a nossa razão e a nossa consciência nos aconselham.

Se nas nossas relações com as entidades do astral seguirmos cegamente os seus conselhos, pondo completamente de parte a nossa razão, corremos risco iminente de sermos por eles obsecados, tornando-nos em meros fantoches nas suas mãos.

Do que fica dito se conclui que não devemos fiar-nos em absoluto dos nomes, com que eles se nos apresentam.

A fim de serem mais facilmente acreditados, eles tomam por vezes os nomes de personagens mais ou menos célebres, para assim conquistarem a nossa confiança.

Há um outro ponto também para o qual nos cumpre chamar a atenção, e é o seguinte:

Nem todos os fenómenos extraordinários de que nos temos ocupado e muitos outros de que nos havemos de ocupar mais tarde são espíritos; isto é, produzidos pelos espíritos das pessoas mortas: muitos deles são, ou podem ser, fenómenos anímicos; isto é, produzidos pelo espírito de pessoas vivas, - mediuns e passivos magnéticos.

Assim pertencem ao animismo:

1.º - Todos os fenómenos magnéticos e sonambúlicos.

2.º - Os duplos das pessoas vivas e os fantasmas das mesmas ou duplos não materializados.

Há ainda vários outros fenómenos vulgarmente chamados espíritos e que todavia são perfeitamente explicáveis dentro do campo anímico.

Como porêm só mais tarde é que trataremos dessa ordem de fenómenos, guardamos para então a nossa apreciação a tal respeito.

Assim, pois, nas sessões espíritas, cumpre-nos não atribuir ao espírito dos mortos todo e qualquer fenómeno que porventura se produza; os mediuns produzem indistintamente e inconscientemente também, fenómenos anímicos e fenómenos espíritas; destringir cuidadosamente uns dos outros é o rigoroso dever de todo o observador que não desejar confundir-se com a turba multa dos incrédulos inconscientes e dos supersticiosos.

Para evitarmos êsse escolho em que naufraga a grande maioria dos que estudam o espiritismo, temos um processo seguro, e é: - qualificar de espíritas apenas aqueles fenómenos que não puderem ser cabalmente explicados pelo animismo puro.

Procedendo assim pode acontecer atribuímos ao animismo um ou outro fenómeno que de facto seja espírita; mas isso tem menos inconvenientes do que pecar pelo êrro contrário.

Quando mais tarde tivermos ocasião de falar das diversas espécies de fenómenos espíritas, precisaremos melhor o sentido do que deixamos dito.

CAPÍTULO VIII

Ideias gerais sôbre a história do Espiritismo

A história do Espiritismo remonta tão longe nas tradições mais remotas do espírito humano, que é por certo impossível retrotraímo-nos ás suas primordiais origens.

O que porém é certo é que em todos os povos do mundo, selvagens, bárbaros e civilizados, nós encontramos, desde as épocas mais remotas, vestígios incontestáveis de que, a par da Crença num Poder Supremo, se encontra a ideia concomitante na supervivência da alma, e nas relações directas ou indirectas entre os vivos e mortos.

Bastaria para isso darmos uma vista de olhos aos usos e costumes e aos ritos fúnebres dos diversos povos, ou compulsar os livros sagrados das velhas civilizações dos povos orientais - chineses e japoneses, hindustânicos e persas, ou estudar e decifrar os hieroglifos do velho Egipto.

Á mesma conclusão chegaríamos se consultássemos as tradições meio apagadas das civilizações extintas do velho México ou do Peru, ou os usos e costumes das tribos selvagens da Oceania, da América ou da África.

Em todos esses povos encontramos vestígios indubitáveis do culto dos mortos, e a prática universal das invocações, dos feitiços e dos encantamentos.

Onde, porém, o culto pelos antepassados e as práticas do espiritismo atingiram o mais alto grau de potenciação, onde o psiquismo se elevou ao seu grau mais intenso foi entre os povos arianos do velho Hindustão.

Sendo-nos completamente impossível, no limitado âmbito dêste nosso trabalho, passar em revista os vestígios desta crença num grande número de povos da Terra, ocupar-nos hemos apenas de dois povos, cujas civilizações, parecendo á primeira vista completamente independentes, mantem contudo entre si íntimos laços de filiação, graças á mediação do povo egípcio que serve entre eles de verdadeiro traço de união.

Êsses dois povos, a que aludimos e de que nos vamos ocupar muito sumariamente, são: o povo ariano do velho Hindustão, e o povo hebraico, que, tendo bebido no Egipto os primórdios da sua civilização, a foi completar mais tarde com as tradições orientais recebidas durante o cativo de Babilónia.

Não é, porém, nos Vedas e na Bíblia, os dois grandes livros sagrados desses dois povos, que nós podemos encontrar detalhadamente a expressão mais exacta e elevada das crenças desses dois povos.

Destinados a serem lidos ou contados nas solenidades do culto, êsses livros conteem apenas aquilo que era lícito ou conveniente ensinar-se ao povo.

É por isso que ao lado dêsses havia outros livros, cujo conhecimento era mantido secreto e tão sómente concedido aos adeptos. Era neles que se continham os ensinamentos mais profundos da alta filosofia ariana e judaica.

Por isso ao lado dos Vedas temos o Agrouchada Parikchai, e ao lado da Bíblia tinham os hebreus os livros da Kabala, isto é o Talmud, a Mercabá e o Zohar.

Nestes tres livros em que se encontra toda a sciência esotérica do povo hebreu, trata-se de tres assuntos distintos:

Dos atributos de Deus.

Da sciência da Natureza.

Da alma humana.

Se reflectirmos, porém, que o Agrouchada Parikchai (que foi sem dúvida o inspirador dos livros da Kabala), compreende, além destas, mais uma quarta parte que trata das relações das almas entre si, e dos processos a seguir para a evocação das almas dos antepassados, para que estas consintam em se manifestar aos homens, seremos levados a supôr que esta quarta parte, para ser mantida mais secreta ainda, só era ensinada oralmente aos iniciados do último grau, quando êstes já haviam atingido uma idade muito avançada.

Pois é um facto indubitável, confirmado pela própria Bíblia - que a evocação das almas dos mortos era praticada pelo povo hebreu.

Como prova frisante desta verdade temos o exemplo da Pitoniza de Endor, que a pedido do rei Saul, na véspera da batalha de Gelboé, evocou na sua presença a alma do profeta Samuel.

Temos ainda a pitoniza Holda, de quem o grande sacerdote Helkiah, no tempo do rei Josias, se servia por vezes para assim mais facilmente dominar o povo.

Temos o profeta Daniel, explicando perante o rei Baltazar as palavras misteriosas, que uma mão invisível ia escrevendo sôbre a parede da sala do banquete.

Mane - Tecel - Fares!

Êstes factos e numerosos casos de aparição, de que a Bíblia está recheada, provam de uma forma exuberante, que os conhecimentos espíritas e a evocação das almas eram praticadas e conhecidas do povo hebreu, desde remotas eras.

Da mesma forma, mas desde uma época tão remota que se perde na noite dos tempos, encontramos na Índia o culto dos Pitris, ou almas dos antepassados, e isto desde os primeiros tempos do período védico.

Em seis ou sete hinos de Rig-Veda se invocam os Pitris como entidades superiores protectoras dos homens, e se celebram as suas virtudes.

Mas onde mais se evidencia a extraordinária importância que êste culto tinha entre os brâmanes é no Agruchada Parikchai, onde, de envolta com a exposição detalhada da alta filosofia espiritualista bramanica, se encontram minuciosamente expostas as regras e fórmulas apropriadas para a evocação das almas dos antepassados.

Assim, pois, do país do Ganges a crença na possibilidade de comunicações entre os vivos e os mortos irradiou para o império Babilónico e para a terra dos Faraós, passando daí, por intermédio de vários iniciados nos mistérios d'Isis, para a Helade, para o arquipélago grego e para a região meridional da Itália.

É por isso que nos aparecem, logo nos começos da civilização grega, revestidas de uma justa celebridade, as pitonizas, que davam oráculos em Delfos, e as sibilas que desempenhavam as mesmas funções em vários pontos da Itália, da Grécia, da Ásia Menor e do Egito.

Porque as pitonizas e sibilas eram os grandes mediuns e videntes dessas eras.

*

* *

Depois, quando as hordas bárbaras dos Hunos, dos Vandalos e dos Godos caíram, como corvos esfomeados, sobre o gigantesco cadaver do império romano, uma nuvem espessa de obscurantismo e de ignorância pairou sobre a Europa inteira, apagando quasi por completo os clarões da civilização oriental.

E, apesar dessa aurora de renascimento literário e científico, que se chamou a Renascença, os interesses particulares do catolicismo, que então imperava como soberano absoluto sobre todas as consciências, não consentiu que as ciências do passado renascessem das suas cinzas.

Todas as tentativas de vida ou de emancipação do pensamento, que surgiram por essa Europa fora, a Roma dos Papas, então onipotente, abafava-as todas, ou no sangue dos seus antagonistas, ou na fumarada dos seus autos de fé.

A história da Idade Média e a da Europa Moderna pode bem dizer-se que é a história da luta titânica entre o pensamento humano, que aspirava á liberdade, e o obscurantismo de Roma, que tentava estrangulá-lo.

Por fim veio a reacção, fatal, lógica, indispensável, nessa pleiade de homens ilustres que se chamaram os Enciclopedistas. Mais seguros já da sua imunidade do que os seus malogrados antecessores, armados com o seu espírito séptico, sarcástico e negativista, travaram rude peleja, que deixou mal ferida a igreja romana, e todos os seus prosélitos.

Como todas as reacções, esta foi longe de mais, perstição e êrro, proclamou urbi et orbi novos êrros; que, tal qual como sucedeu com os jesuitas, logrou introduzir e radicar no ensino público sob o título de positivismo científico.

São incontestáveis os serviços relevantes que o positivismo prestou ao adiantamento das sciências, pelo rigor científico que introduziu no seu estudo.

Mas, tendo a louca pretensão de não admitir a força como uma entidade diversa da matéria, tentando fazê-la passar por uma das propriedades desta, incorreu no êrro grosseiro, que coloca os positivistas numa falsa posição; porque os neo-espiritualistas, aceitando todas as demais afirmações do positivismo, entram desassombadamente no campo científico, porque não reconhecem peias que impeçam a sua marcha no campo fértil das investigações.

Estavam as coisas neste ponto, quando, subitamente em Março de 1848, fenómenos imprevisos e providenciais vieram ressuscitar na América do Norte, a Ciência dos Espíritos que, durante a meia idade e a moderna, vivera acultas e solapada sob a pedra do esquecimento.

É a Miss Caterina Fox, menina de 9 anos de idade, que coube a glória de iniciar esses trabalhos.

Habitava ela com seus pais e uma outra irmã em Hydesville, no estado de York, quando se começaram a ouvir de noite ruídos extraordinários e pancadas repetidas, por forma a parecer que tinham o propósito firme de chamar a atenção das pessoas que as ouviam.

Uma noite, quando se deitavam, as mesmas pancadas ressoaram sobre um movel do quarto.

Não sabendo a que atribuir tais ruídos e pancadas, a dúvida atravessou os espíritos, e Miss Caterina Fox, lembrou-se de fazer estalar os dedos das mãos. Imediatamente lhe respondeu igual número de pancadas.

A outra irmã bateu as palmas um certo número de vezes. Igual número de pancadas lhe respondeu como se fôra um éco.

Isto levava a crêr que a origem do fenómeno devia ser atribuída a uma causa inteligente.

Então a mãe de Caterina lembrou-se de perguntar:

- Sois um ser humano?

Silêncio absoluto.

Sois um espírito? se o sois, batei duas pancadas.

Duas pancadas foram a resposta.

E assim por meio de pancadas em número previamente combinado, se conseguiu escrever todas as letras do alfabeto e obter a primeira correspondência espírita.

Foi por êste processo que o espírito declarou chamar-se Charles Rayn, indivíduo que desaparecera havia muito tempo, ignorando-se o destino que tivera.

Pela mesma forma o espírito declarou que fôra assassinado naquela casa e enterrado em sítio determinado da adega dessa mesma casa.

Procedendo-se a averiguações, encontrou-se nesse sítio porções consideráveis de um esqueleto humano.

As investigações, a que se procedeu, averiguaram que de facto cinco anos antes visitara aquela casa um indivíduo de nome Charles Rayn, o qual desaparecera depois, ignorando-se o destino que tivera.

Era de toda a evidência que se dera ali um crime grave, descoberto pela intervenção das duas Miss Fox, que, sem o suspeitarem, eram mediuns de grande fôrça.

Pois apesar disto é tão acentuada a malevolência, com que são sempre acolhidas as ideias novas, sobretudo quando elas vem perturbar a quietude beatífica dos que não querem ver perturbadas as suas opiniões antigas, que as duas meninas foram publicamente qualificadas de impostoras, por terem tido a ousadia de declarar que eram capazes de obter por aquela via fenómenos muito notáveis.

Os pais propuzeram então que as suas filhas fossem submetidas a experiências rigorosas diante de uma comissão de notáveis, eleitos em pública reunião.

A comissão, observou, analisou; mas não pôde lograr descobrir o mínimo vislumbre de impostura ou fraude.

- São estúpidos, deixaram-se embarrilar, vociferavam os outros descontentes, porque a comissão não lograra descobrir a causa produtora dos fenómenos.

Nomeou dentre os descontentes uma nova comissão, que depois de minuciosas investigações não foi mais feliz do que a primeira, merecendo por isso o qualificativo de estúpida e conivente nas manobras das duas crianças.

O desapontamento era grande entre os scépticos. Escolheu-se então dentre estes uma terceira comissão composta dos cidadãos mais ilustrados e scépticos, que se propuzeram desvendar o mistério.

Sujeitaram préviamente as duas meninas a um rigoroso exame por mulheres, fizeram-as deitar com os pés descalços e os lençóis atados em tórno dos artelhos; e com estas e outras precauções pôde verificar que os sons e pancadas misteriosas se produziam abundantes no sobrado, nas paredes, no teto e nos moveis, sem que lhes fôsse possível descobrir a causa produtora, nem indícios de qualquer artifício ou impostura.

Reconheceu mais tarde a mesma comissão, que por meio dessas pancadas se tinham obtido respostas certas mesmo a perguntas mentalmente formuladas.

Que desapontamento!

Caíra por terra a imputação de impostura, com que êsses scépticos haviam tentado empanar a evidência palpável dos primeiros fenómenos.

Dentro em breve, dentre as pessoas que frequentavam as reuniões da família Fox, surgiram novos mediuns. E foi assim que em dois ou tres anos o movimento espírita se alastrou pelos Estados Unidos, apesar de lutar sempre em toda a parte com o mais descaroadável scepticismo. Isso porém não obistou a que fôsse ganhando prosélitos numerosos, sobretudo nas classes mais ilustradas da sociedade.

Esta propaganda sempre crescente fez com que tres anos mais tarde, em 1851, se constituísse em Nova York um grupo composto dos homens mais inteligentes com o intuito de estudarem a fundo o fenómeno espírita e averiguar assim o que haveria nele de sério e de aceitável.

Á frente dêsse grupo destacava-se o vulto respeitável de Sir Edmonds, juiz do Supremo Tribunal, que se distinguiu entre todos pelo seu irreduzível scepticismo.

Pois êste grupo de investigadores terminou, como os outros, por se render á evidência dos factos, e o juiz Edmonds tornou-se por fim um dos mais estrenuos propangandistas da nova doutrina.

Até sua própria filha Laura Edmonds se tornou um medium de primeira fôrça, produzindo comunicações em línguas estrangeiras, que ela ignorava por completo, e entre elas o grego moderno.

Tres anos mais tarde, em 1854, constituiu-se nos Estados Unidos uma nova sociedade investigadora, composta de médicos, magistrados, senadores, advogados, eclesiásticos e escritores.

E, não contente com isto, o ilustre professor e médico Mapes constituiu um novo grupo de doze amigos ilustrados e quási todos septicos.

Mas ... era fatal; todos aqueles que se dedicaram ao estudo dos fenómenos espíritas, a despeito do seu scepticismo anterior, e da aparente inverosimilhança dos fenómenos, todos se tornaram afinal espíritas convictos.

O que é certo é que 14 anos mais tarde, em 1870, havia nos Estados Unidos da América do Norte 125 sociedades espíritas, 207 conferentes e outros tantos mediuns públicos e 11 milhões de aderentes.

Desde então até hoje o número tem aumentado assombrosamente.

Na Inglaterra e na França o número dos seus adeptos contam-se hoje por muitos milhões.

No Brasil pode calcular-se que um terço aproximado da sua população abraça actualmente a nova doutrina.

Na Itália e na Espanha o número de espíritas é já muito considerável; e entre nós tem-se também desenvolvido bastante nestes últimos tempos.

Na Alemanha e Austria, apesar de terem dado como espíritas vários homens de ciência notáveis, a nova doutrina tem progredido pouco nas classes inferiores, porque êsses povos, absorvidos quási por completo pelos seus ideais de predomínio político e industrial, teem descurado o estudo dos problemas psicológicos.

Analizados superficialmente os fenómenos do Espiritismo, apresentaram-se a princípio a muitas inteligências mais ou menos cultas como sendo uma derrogação formal de várias leis naturais e teorias científicas, tidas geralmente por verdadeiras; e isso produziu no mundo sábio ou simplesmente ilustrado uma atmosfera de scepticismo e de prevenção, que colocou a nova doutrina em quarentena, como suspeita de burla ou fraude.

E para justificar êsse retraimento sistemático, houve quem ousasse sustentar em nome da ciência o paradoxo seguinte:

- "Não devemos admitir como verdadeiros fenómenos ou teorias novas que vão de encontro aos conhecimentos adquiridos".

Outros igualmente vaidosos, afirmam mesmo que:

- "antes de se dedicarem ao estudo de uma determinada ordem de fenómenos, cumpre ao sábio investigar se êsses fenómenos são possíveis!...

Como se fôsse possível averiguar a possibilidade de um fenómeno sem primeiro o estudar atentamente!...

Quando o ilustre físico, químico e astrónomo William Crookes, pela primeira vez apresentou numa revista científica de Londres o seu relatório sôbre as suas experiências sôbre a fôrça psíquica, os seus antagonistas, valendo-se dêste futil argumento, em vez de demonstrarem que êle havia observado mal, limitaram-se a afirmar-lhe que tais fenómenos não eram possíveis!...

Respondendo mais tarde a êsse curioso argumento, o ilustre sábio, empregando uma finíssima ironia, limitou-se também a responder-lhes:

- "Mas eu não disse que êsses fenómenos eram possíveis; o que afirmei e afirmo é que eram verdadeiros!

Foi por ser impossível, e ir de encontro aos conhecimentos adquiridos que a Inquisição processou e condenou Galileu; pois que era absurda a sua afirmação do movimento da Terra, visto que quem andava era o Sol, e tanto que, segundo a Bíblia afirmava, Josué fizera parar o Sol.

Foi por essa, mesma razão que Franklin foi alcunhado de doido pelos sábios do seu tempo, por sustentar que subtrairia a electricidade ás nuvens por meio de pára-raios.

Doido era também Harvey quando sustentava a sua teoria sôbre a circulação do sangue.

Os médicos riram-se dêle, e com razão; pois eles bem sabiam que isso ia de encontro aos conhecimentos adquiridos.

Os sábios riram-se igualmente de Tomás Yong, quando êste apresentou a sua teoria das ondulações da luz.

Foi a mesma orientação que levou a Revista de Edimburgo a pedir uma camisola de fôrças para Tomás Gray, quando êste sustentava as vantagens dos caminhos de ferro.

E o mesmo sucedeu a Stephenson, quando propoz a construção da via férrea de Liverpool a Manchester.

Não foi o grande Arago escarnecido pela Academia das Sciências de Paris, quando desejou discutir perante ela o telégrafo electrico? E porque?

Unicamente porque o telégrafo eléctrico era um impossível, que brigava com os conhecimentos dessa época.

Não se riam já de há muitos anos os sábios dos fenómenos magnéticos e da dupla vista?

Pois hoje são forçados, bon gré, mal gré, a enguli-los, graças aos estudos e observações dos drs. Gregory, Eliotson, Asburner, Herbert Maye, Esdaile e Haddock.

E actualmente qual é o homem de sciência que ousa negar êsses factos?

Riam-se, pois, embora os sábios positivistas da nossa crença nos fenómenos espíritas. Isso nem nos humilha nem nos convence. Eles ficarão cristalizados na sciência acanhada do passado, nós seguiremos para a frente em cata do desconhecido, que nos atrai, trilhando a rota que nos é imposta pela experiência e por uma convicção inabalável; e, rindo-nos por nosso turno da sua balofa vaidade, recordamos-lhe o prolóquio francês: Rira bien, qui rira le dernier.

Mas... deixemos passar êste involuntário impulso de indignação e lástima, e consideremos a situação com tranquilidade e a sangue frio.

Não! Sejam justos: nem todos os sábios se obstinam em não dedicar-se ao estudo do espiritismo.

Há muitos, e dos primeiros, que o tem estudado porfiadamente, e que, convencidos da veracidade dos fenómenos, assim o tem proclamado abertamente.

As maiores celebridades científicas dos Estados Unidos o proclamam á boca cheia: é Robert Hare, químico notável e lente da Universidade da Pensilvânia; o Dr. Mapes, químico também e lente da Academia Nacional; o Dr. Buchanam, lente de fisiologia e antropologia; o geólogo Wortom, os diplomatas Ó Sullivan e Robert Chambers, e o juiz Edmonds, de quem já falamos.

Na Inglaterra é o Espiritismo conhecido e proclamado pelos matemáticos Augusto Morgan e Chalis, e pelo naturalista Russell Wallace, que publicou duas importantes obras magistrais que contribuíram muitíssimo para a propaganda espírita.

É William Crookes, físico, químico e astrónomo notável, uma das maiores celebridades da ciência contemporânea, que, depois de 6 anos de estudo pertinaz, conclui por afirmar categoricamente toda a fenomenologia espírita.

Reconhecem a mesma doutrina William Gregory, George Sexton, Herbert Mayo, Robertson e Eliotson, médicos e fisiologistas célebres, Trollope, Robert Chambers, Lord Lindurst, o electricista Varley e o arcebispo Walely.

Na França, onde o espiritismo tem progredido assombrosamente, a pleiade espírita de homens notáveis é enormíssima; e entre eles figuram nomes como Michelet, Vitor Hugo, Vitorien Sardou, Teófilo Gautier, Maurice Lachatre, Eugene Nus, Eugene Bonemère, os drs. Paul Gibier e Dupony, conde de Rochas, e os astrónomos Goldchmit, e Camilo Flamarion.

A Itália, onde o espiritismo é assimilado pelas mais altas classes intelectuais, apresenta-nos á frente do movimento Niceforo Filaleti. Rossi Pagnoni, Palazzi, Moroni e Rossi di Justiniani, lentes ilustres das suas universidades, e acima de todos eles o mais célebre antropólogo da Europa Cesare Lombroso, que depois de ter sido o mais rude e intratável antagonista do espiritismo, terminou, mau grado seu, por convencer-se, e por escrever a apologia do espiritismo no seu livro em que narra a sua conversão, e que é a confissão mais franca e desassomburada que jámais se fez das verdades do espiritismo.

Podíamos ainda citar os nomes de sábios mais distintos que na Alemanha e na Rússia que abraçaram a nova doutrina; mas julgamos isso inutil, e terminaremos dizendo que, quando uma doutrina científica conta entre os seus confesores e apóstolos homens dêste quilate, pode arrostar perfeitamente com a indiferença das academias, com o sorriso dos que presumem haver atingido a meta do saber humano e melhor ainda com a estafada argumentação daqueles que falam de cadeira daquilo que nunca estudaram nem quizeram estudar.

CAPÍTULO IX

Primeiros fenómenos

O que dissemos acerca das numerosas personalidades científicas que tem abraçado o espiritismo, deve ser o bastante para convencer os mais rebeldes de que o espiritismo não é uma superstição, filha de uma crença banal, ou de uma credulidade própria de cérebros doentes.

Pelo contrário, é uma convicção baseada em miríades de fenómenos transcendentais, atestados pelas maiores sumidades científicas, que nem podiam deixar-se iludir, e muito menos poderiam tentar iludir-nos a nós.

Há no espiritismo duas partes distintas, que importa considerar separadamente: a parte fenomenal, que é a prova evidentíssima da verdade espírita; e a parte doutrinal, que compreende o conjunto de revelações feitas pelos espíritos desincarnados ou livres.

E, de facto, a experiência prova-nos que, em determinadas circunstâncias o homem tem a possibilidade de entrar em comunicação com outras inteligências não encorporadas, que são os espíritos livres de pessoas, que já viveram neste globo e em outros mundos.

As pessoas, graças ás quais podemos pôr-nos em comunicação com os espíritos livres, são conhecidas pela designação de mediuns, o que equivale a dizer medianeiros.

Há-os de muitas espécies ou categorias, e de muita ou de pouca potência psíquica; uns produzem pancadas com os pés de mesas, as quais, mediante uma convenção prévia podem indicar as letras do alfabeto ou os algarismos - são os tiptológicos.

Outros operam dominando o braço do medium obrigando-o a escrever involuntariamente o que desejam - são os mediuns de escrita indirecta.

Outros senhoreiam-se de todas as faculdades do medium e falam pela sua boca - são os mediuns de encarnação ou incorporação.

Outros produzem aparições de mãos, braços, bustos ou corpos inteiros - são os mediuns de materialização.

Outros produzem fenómenos luminosos ou transportam de um para outro lado objectos distantes.

Há ainda muitas outras espécies de mediuns, que é inutil mencionar agora.

Quando os fenómenos espíritas começaram a fazer ruído na Europa, a Sociedade Dealética de Londres resolveu proceder a um estudo atento do fenómeno, e para isso nomeou uma comissão especial de 33 membros a quem confiou essa missão.

Entre os membros dessa comissão havia 4 que eram espíritas convictos, 8 acreditavam apenas na realidade dos fenómenos apesar de ignorarem a sua natureza, 6 eram completamente indiferentes, e os 15 restantes eram radicalmente céticos e materialistas.

Entre estes últimos figurava o ilustre naturalista Sir Russel Wallace.

Para melhor estudar os fenómenos dividiu-se a comissão em várias sub-comissões, encarregada cada uma de um certo grupo de fenómenos.

Passados 18 meses de estudo porfiado verificou-se que todos os 33 membros da comissão se haviam convertido ao espiritismo.

Eis como num dos seus livros sobre o espiritismo Sir Russel Wallace narra a sua vagarosa conversão.

"Eu era, diz êle, um materialista tão completo e convicto, que não podia haver no meu cérebro lugar para uma existência espiritual e para qualquer outro agente universal senão a matéria e a fôrça.

Os factos, porém, são coisas bem teimosas.

A minha curiosidade foi a princípio despertada por alguns fenómenos ligeiros, mas inexplicáveis, que se produziam numa família das minhas relações, e o meu desejo de saber, e o amor pela verdade forçaram-me a prosseguir nas investigações.

Os factos tornaram-se cada vez mais certos e variados, e ao mesmo tempo cada vez mais afastados de tudo quanto a ciência moderna ensina, e de todas as especulações da filosofia actual.

Os factos venceram-me, forçando-me a admiti-los como tais, muito antes que eu pudesse admitir a explicação espiritualista; não havia ainda então, na minha fábrica de pensamentos, lugar para essa concepção; mas pouco e pouco, lentamente, foi-se-lhe abrindo lugar.

E abriu-se; não por meio de opiniões preconcebidas, ou teóricas, mas por uma contínua acção de factos sobre factos, de que não podia desembaraçar-me por qualquer outra forma".

Aqui está como se expressou um dos mais notáveis naturalistas de Inglaterra, que passou do materialismo ao espiritismo, como todos, forçado pela evidência dos factos.

Completamente desapontada na sua expectativa, e não querendo dar-se por vencida na opinião preconcebida que havia formado acerca dos fenómenos espíritas, a Sociedade Dialética de Londres recusou dar publicidade pela imprensa ao relatório da sua comissão.

Esta, porém, sentindo-se ofendida na sua dignidade científica com tão inaudito procedimento, resolveu publicar sob sua responsabilidade individual o relatório dos seus estudos tão meticulosamente feitos.

Nêsse relatório atestam-se como verdadeiros os seguintes factos:

1.º - Ruídos de natureza muito variável, provindo aparentemente dos moveis, do sobrado ou das paredes do quarto, acompanhados por vezes de vibrações perceptíveis ao tacto, e isto sem serem produzidos pela acção muscular ou por quaisquer meios mecânicos.

2.º - Corpos pesados movendo-se por si, sem auxílio de aparelhos mecânicos, e sem desenvolvimento de fôrça muscular equivalente da parte das pessoas presentes, e muitas vezes sem contacto com pessoa alguma.

3.º - Êstes ruídos e movimentos produzem-se no momento desejado e da maneira pedida pelas pessoas presentes; e mediante sinais préviamente combinados respondem ás perguntas que se fazem, escrevendo-se assim comunicações coerentes.

4.º - Essas respostas, se em regra são de um caracter trivial, muitas vezes aludem a factos desconhecidos de todas as pessoas presentes.

5.º - Corpos pesados, e em certos casos mesmo homens, se elevam acima do solo, conservando-se no ar durante algum tempo, sem suporte visível ou tangível.

6.º - Aparições de mãos e formas que não pertencem a nenhum ser humano vivo; mas que parecem vivas pelo seu aspecto ou mobilidade.

Por vezes estas mãos foram tocadas e agarradas pelos assistentes, convencendo-se assim de que não havia impostura ou ilusão.

7.º - Execução de trechos musicais em diversos instrumentos, sem que nenhum agente visível os tocasse.

8.º - Execução de desenhos e pinturas produzidas em tempo tão curto, e em condições tais que toda a intervenção humana era impossível.

A esta lista de fenómenos transcendentos verificados pela Comissão da Sociedade Dialética, cumpre acrescentar mais os seguintes, que são atestados por diversos outros sábios e observadores eminentes, tais como William Crookes, o barão de Goldenstübé, Varley, Morgan, Zoelner, etc.

1.º - Alteração do peso nos corpos e transporte de corpos mais ou menos pesados para fora de quartos rigorosamente fechados (apports).

2.º - Livramento de mediuns que se achavam ligados com cordas, ou presos com aneis de ferro soldados.

3.º - Imunidade contra a acção do fogo, e transmissão dessa imunidade a outras pessoas.

4.º - Escrita automática inconsciente, variando o tipo de letra consoante a pessoa a quem é atribuída. Essa escrita pode ser na língua nativa do medium, ou em línguas para êste desconhecidas.

5.º - Escrita directa sem intervenção da mão do medium.

6.º - Aparições luminosas, faiscas, estrêlas, globos luminosos, materializações completas de corpos inteiros, fosforescentes ou opacas, visíveis, tangíveis ou audíveis.

7.º - Fotografias ou moldagens espíritas.

8.º - Claro-vidência e claro-audiência de alguns mediuns, que vêem ou ouvem os espíritos, podendo em muitos casos identificar-se a personalidade do espírito, pela descrição do personagem ou pelo conteúdo das suas falas.

9.º - Multiplicidade de personalidades apresentadas pelo medium. Durante o transe o medium muda de voz, de modos e muitas vezes de fisionomia, chegando por vezes a dar uma ideia aproximada da pessoa que fala pela boca do medium. Algumas falam línguas que nunca aprenderam.

10.º - Há mediuns cuja especialidade consiste em curar as doenças das pessoas que lhes apresentam, quer pela simples imposição das mãos, quer pela aplicação de certos remédios.

Eis em resumo a sùmula dos diversos fenómenos espíritas que vamos passar a desenvolver.

Ruídos vários (não provocados).

É êste o fenómeno mais vulgar e também o mais variado.

Umaz vezes são pancadas mais ou menos fortes, batidas sôbre os moveis, paredes, tetos ou sobrados, outras vezes são toques de campainha, pertinazes, incomodativos, violentos.

Alguns exemplos entre milhares:

O major Moor, membro da Sociedade Rial de Londres, narra o seguinte facto que em 1841 se passou em sua própria casa.

Durante dois meses ouviram-se quási diáriamente em sua casa violentos e repetidos toques de campainha eléctrica, sem que se pudesse descobrir a causa do fenómeno.

Os toques repetiam-se centenas de vezes por dia, quando não havia ninguêm no corredor, na casa ou no jardim.

Nem eu nem os criados poderíamos realizar esta maravilha, que eu vi muitas vezes com mais de dez testemunhas.

Estou inteiramente convencido de que o fenómeno não era produzido por nenhum agente humano vivo.

O célebre John Wesley, na narração que faz dos sucessos extraordinários no curato de Epworth, depois de descrever os ruídos estranhos, semelhantes aos que produziriam objectos de ferro e vidro lançados no chão, acrescenta:

"Pouco depois o nosso grande cão de guarda correu a refugiar-se entre mim e minha mulher; enquanto duravam os ruídos gania, pulava, abocando o ar de um e outro lado, antes que qualquer pessoa desse fé de qualquer coisa.

Passados dois ou tres dias, o cão não só sofria com a repetição do fenómeno; mas presentia-o, pondo-se a tremer, e afastando-se, rastejando muito, antes que o ruído se manifestasse.

A família conhecia assim antecipadamente a aproximação dos fenómenos.

Esta influência singular sobre os cães é uma prova manifesta da objectividade das manifestações espíritas, e ao mesmo tempo mostra-nos que estes animais teem uma sensibilidade extraordinária e muito superior á nossa com respeito a fenómenos desta ordem.

Há inúmeros casos desta natureza com pequenas variantes, e por isso pouco adiantaríamos narrando mais alguns.

Observaremos por isso sómente que, em geral, estes ruídos parecem produzidos sem o concurso aparente de medium; mas, se estudarmos atentamente os fenómenos, reconhecermos que, a maior parte das vezes, há na família uma pessoa (filha ou criada) que inconscientemente desempenha nesta hipótese o papel de medium.

Também se observam ás vezes êstes ruídos nas sessões de tipologia em que muitas vezes se pede ao espírito que se manifesta, que produza pancadas ou no tampo da mesa ou nas paredes.

Movimento de corpos pesados sem contacto

Quando o medium dispõe de grande fôrça psíquica, os fenómenos podem atingir uma grande intensidade, por fórma tal que vários corpos pesados se movem sem que ninguém lhes toque, obedecendo apenas a uma ordem verbal ou mesmo mental do medium, ou de qualquer dos circunstantes.

Vejâmos o que diz a tal respeito o distinto físico electricista Mr. Cromwel Varley, engenheiro em chefe das companhias de telegrafia transatlantica e internaconal.

As experiências que vou relatar encontram-se minuciosamente narradas numa carta que em 1868, Mr. Varley dirigiu ao ilustre professor Tyndall. Vou extrair dessa carta, resumindo-os, alguns trechos mais importantes. O medium, que figura nestas experiências é um dos mais poderosos da Europa, Mr. Douglar Home.

Mr. Varley foi um dia inopinadamente a casa do medium e pediu-lhe uma sessão, ao que êle graciosamente acedeu, autorizando o visitante a examinar todo o mobiliário e toda a casa com todo o rigor, sem contemplação alguma com as regras da etiqueta.

A estas experiências assistiram apenas Mr. Varley, sua esposa e mais cinco pessoas, o além disto o medium.

Sentaram-se todos em tórno de uma pesada mesa redonda, pondo todos as mãos sôbre esta, e os pés todos recolhidos debaixo das cadeiras.

Passados vinte minutos de expectativa começaram a sentir-se pancadas batidas no tampo da mesa.

Uma senhora manifestou então o desejo de que Mr. Varley fôsse tocado.

Com efeito o seu casaco foi puxado ou sacudido por tres vezes.

Ocorreu-me então a ideia, diz Varley, de que o casaco deveria antes ser puxado de baixo para cima.

No mesmo momento em que essa ideia me atravessava o espírito, a aba direita do meu casaco foi por tres vezes puxada até à altura do meu rosto.

Mr. Varley passou então a formular mentalmente vários desejos, que todos foram imediatamente realizados, sem que lhe fôsse possível ver quem o tocava, apesar da sala estar iluminada com quatro bicos de gaz.

Depois a mesa começou a balancear-se por várias vezes, até que por fim se elevou repentinamente a uma altura de 14 a 15 polegadas acima do sobrado.

Depois, diz êle, desejei que a mesa executasse movimentos em diversos sentidos; e assim se realizou.

Por vezes um tremor geral atraía a atenção de todos. Alguns dos circunstantes foram subitamente revirados com as suas cadeiras num sentido diverso daquele em que se achavam.

Dias depois Mr. Holme foi dar uma segunda sessão em casa de Mr. Varley, onde nunca havia entrado.

Os fenómenos produzidos foram em parte semelhantes, e em parte diversos dos da 1.^a sessão.

Pela noite adiante Holme pareceu tornar-se muito nervoso. Pediu-me, diz Varley, que lhe segurasse as mãos, e depois exclamou: Oh! olhai para traz de vós!

Colocou em seguida as suas pernas sôbre o meu joelho esquerdo, e, a pedido seu, segurei-lhas entre as minhas, ao mesmo tempo que lhe segurava também as mãos.

Então, uma mesa pequena que ficava por detraz dêle a sete pés de distância, começou a mexer-se, e, como tinha roldanas nos pés, foi impelida até junto de mim por uma fôrça invisível, pois que ninguém estava junto dela. Um grande canapé, onde cabiam oito pessoas, foi também impellido através da sala, forçando-nos a recuar até ao piano.

Não havia em tudo isto ilusão ou embuste possível...

Depois de uma carta destas, publicada pela imprensa e dirigida a um sábio como John Tindall, na opinião circunspecta de certos sábios europeus que esgotaram até às fezes o calix da sciência, Mr. Varley deveria desde logo ter pedido um passaporte para Bedlam, que é o Rilhafoles da Inglaterra.

Mas esta, para em tudo ser singular, nomeou Varley membro da Academia das Ciências de Londres, e, para maior singularidade, foi ainda Tyndall o mais ardente promotor da sua eleição!

Que desapontamento para os positivistas!...

William Crookes, no seu livro *Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme*, a páginas 151 e seguintes, declara que em sua própria casa e em presença de médiuns diversos, viu e ouviu produzirem-se fenómenos semelhantes em condições de não deixarem dúvida alguma.

Viu em sua própria casa, corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, etc., moverem-se sem contacto de pessoa alguma.

Em cinco ocasiões diversas viu uma pesada mesa de jantar levantar-se acima do solo algumas polegadas, e isto em condições que tornavam impossível qualquer fraude.

Tackeray, êsse analizador cáustico e frio, respondendo um dia á crítica que lhe faziam por ter consentido na publicação de um artigo espírita no jornal *Cornhill Magazine*, disse: " Para vós, que provavelmente nunca visteis manifestação alguma espírita, fica-vos bem falar dessa maneira; mas se houvesseis visto aquilo que eu posso testemunhar, teries por certo diversa opinião".

E, entretanto em algumas explicações, acrescentou que, ao terminar um jantar de cerimónia, viu a grande e pesada mesa de jantar, coberta de garrafas, copos e sobremesas, elevar-se dum salto dois pés acima do sobrado, verificando assim que o *modus operandi* era uma fôrça espírita; pois que nenhuma prestidigitação tinha sido, nem podia ter sido empregada em tal ocasião, e êle sentiu-se tão profundamente convencido de que a potência motriz estava acima das leis vulgares da matéria, que imediatamente deu a sua adesão ás verdades do espiritualismo, e era em resultado dessa convicção, que aceitara o artigo sôbre a sessão espírita realizada, em que fora medium Mr. Home.

Adolfo Trollope, homem de letras notável, falando das sessões de Mr. Home, que presenciára umas em Inglaterra, e outras na sua própria casa em Florença, em uma carta por êle dirigida ao *Atheneum*, com data de 21 de Março de 1863, diz o seguinte:

"Vi e verifiquei factos materiais completamente inexplicáveis, a meu ver, por nenhuma das leis físicas conhecidas e geralmente recebidas.

Regeito sem hesitar a teoria que considera tais fenómenos como obtidos por meios familiares aos mais habéis professores de prestidigitação.

Afirmações análogas foram feitas com respeito ao mesmo medium pelo professor Challis, dr, Elliotson, Lord Lindurst, William Horwitt, arcebispo Whately, e outros.

Variação do pêso dos corpos

As experiências desta natureza feitas por William Crookes, em Inglaterra com o medium Douglas Home e repetidas mais tarde na Rússia por Mr. Boutlerow, professor de química da

Universidade de S. Petersburgo, foram realizadas por meio de dinamômetros registadores e com o máximo rigor científico possível.

O aparelho inventado por Crookes para êste efeito compunha-se essencialmente de um tripé de fotografia, do centro do qual pendia um dinamómetro registador automático, que pelas curvas que traçava ia indicando as variações de pêso que se iam sucedendo.

Da extremidade inferior do dinamómetro pendia por uma das suas extremidades uma prancha de madeira, que apoiava a sua outra extremidade sôbre a quina de uma mesa. Era sôbre essa extremidade da prancha de madeira que deviam apoiar-se as mãos do medium, de maneira tal que se estas pudessem, pelo seu pêso natural, exercer alguma influência sôbre a prancha, essa influência deveria consistir em diminuir o pêso exercido sôbre o dinamómetro.

Ora sucedia exactamente o contrário.

Quando Mr. Holme não applicava as mãos na prancha, o dinamómetro indicava a pressão normal de 100 libras.

E quando Mr. Holme applicava as mãos, o dinamómetro indicava 150 libras. Isto é, em vez de diminuir o pêso, aumentava 50%.

Provava-se assim que na extremidade da prancha, onde estava ligado o dinamómetro, actuava agora uma fôrça psíquica equivalente a 50 libras.

Miss Caterina Fox, a iniciadora do espiritismo na América, foi um medium distintíssimo e de grande fôrça, que durante 26 anos exerceu as funções de medium, saindo sempre triunfante das rigorosíssimas provas, a que foi submetida durante êsse lapso de tempo; foi também muito notável em experiências desta natureza.

O dr. Robert Chambers de combinação com o seu amigo Robert Dale Owen experimentaram um dia o poder levitante desta notável medium, e, sem ela saber, suspenderam a mesa em que se havia de fazer a experiência, e que pesava 60 Kilos, a uma balança habilmente dissimulada. Então, em plena luz do gaz, seguros os pés da medium pelos dois experimentadores, e postas por cima da mesa as mãos de todos, mas sem as tocar, verificou-se que a mesa se tornava mais leve ou mais pesada, conforme o desejo dos assistentes, variando o pêso entre 30 e 67 Kilogramas!...

A esta fôrça, que faz variar o pêso dos corpos, chamou William Crookes fôrça psíquica, e Mr. Thury denominou-a fôrça ectenica.

O nome pouco importa, o que porêm interessa é reconhecer a sua existência, e investigar-lhe a natureza.

Levitação

Vamos ocupar-nos agora de um dos fenómenos mais extraordinários do psiquismo; porque êle parece ir manifestamente de encontro a uma das leis mais invioláveis da Natureza: a lei da gravidade, a qual afirma que todos os graves, ou corpos pesados, tendem a aproximar-se o mais possível do centro da Terra.

Ora a levitação parece ir de encontro a esta lei universal.

Parece..., mas não vai! como demonstraremos mais tarde.

Mas o que vem a ser a levitação?

Dá-se êste nome á elevação total e completa de um corpo humano vivo, por forma tal que, durante um tempo maior ou menor, êle não tenha contacto algum com o solo, nem com qualquer objecto circunjacente,

E todavia êste facto extraordinário é, na história antiga sagrada e profana, muitas vezes citado como real, (mas como um milagre) pelos historiógrafos de várias épocas.

E hoje está demonstrado como uma realidade, e por forma que desafia toda a crítica.

A história eclesiástica, e as crónicas dos agiógrafos dizem-nos que muitas vezes e diante de muitas pessoas se elevaram nos ares S. Francisco de Assis e Santa Teresa de Jesus, S. Francisco de Paula, e muitas dezenas de outros.

Atribuí-se a mesma faculdade ao samaritano Simão, cognominado o Mágico, que, (diz a lenda), lutara em Roma com S. Pedro, fazendo prodígios á porfia, entre os quais se contava o de se elevar na atmosfera por várias vezes; mas acrescentam que S. Pedro, por meio de orações, conseguira que êle caísse na sua última levitação, resultando-lhe daí quebrar as pernas.

É claro que, como um fenómeno desta ordem tinha o seu tanto ou quanto de milagroso, segundo o erróneo pensar da época, os filósofos e cientistas dos séculos XVIII e XIX, todos eivados das ideias materialistas da época, relegaram todos êstes factos, como tantos outros, para o domínio das lendas e das fábulas piedosas.

A filosofia, que então predominava, não podendo aceitar dentro do campo científico a ideia de milagre ou de arte diabólica, preferia negar os factos mais comprovados; já que, aceitando-os, não sabia como os pudesse explicar.

E, com efeito, devemos hoje reconhecer que os sábios dêsse tempo, embora assim procedessem por espírito de seita, procediam logicamente; porque as sciências naturais estavam então atrazadíssimas, a psicologia experimental ainda não havia nascido, o magnetismo humano era desconhecido, não havendo assim elementos científicos, a cuja luz se pudessem estudar sériamente os fenómenos psíquicos. Hoje as coisas mudaram por completo; a psicologia é uma sciência tão experimental como a física ou a química, e os fenómenos psicológicos podem estudar-se á luz de toda a evidência.

A sciência espírita também não admite milagres nem artes diabólicas; mas não nega por sistema factos mais ou menos maravilhosos ou extraordinários, desde que eles sejam atestados por pessoas de todo o crédito.

É por isso que hoje, que temos outros elementos de certeza, que não tinham nossos avós, já não alcunhamos de mentirosos os historiógrafos, que nos narram factos dêsses; se não os garantimos como verdades, têmo-los na conta de possíveis e prováveis; pois que modernamente há muitos factos identicos ou análogos, de que não podemos duvidar;

acrescendo ainda que, por isso mesmo que tais factos eram aparentemente incríveis, não é natural que os que se dizem testemunhas oculares ousassem tentar convencer-nos de uma coisa incrível, se eles a não houvessem de facto presenciado.

Modernamente registam-se numerosos casos desta ordem, autenticados por testemunhas da máxima respeitabilidade.

Estas ascensões modernas teem-se realizado, umas numa obscuridade maior ou menor, outras em plena luz, conforme a fôrça psíquica do medium e as circunstâncias do meio ambiente, pois é bem sabido que os fenómenos psíquicos transcendentais são muito atenuados na sua intensidade, quando não são mesmo impedidos pela acção dissolvente da luz branca.

O dr. Cyriax, de Berlim, em uma brochura que publicou com o título Como eu me tornei espiritualista, narra o seguinte facto que teve ensejo de observar em 1853, em casa do pintor Laning, em Baltimore.

Achavam-se reunidas no grande atelier dêsse pintor umas cem pessoas pouco mais ou menos, afim de assistirem a umas experiências espíritas, feitas com o medium Mme. French.

Tinha o medium, diz êle, caído em transe, quando subitamente foi levantada do estrado, sôbre que se achava, e levada por fôrça desconhecida para o fundo da sala, por onde deu uma volta completa, pairando sempre a uma altura superior a meio metro acima do sobrado.

A vista dêste fenómeno, constatado pelos meus olhos e pelos de uma centena de damas e cavalheiros, causou-me um calefrio. Eu via ante mim, na plenitude dos meus sentidos, uma pessoa que, sem mexer um membro, pairava por cima do sobrado, com os olhos fechados e os braços cruzados, e era transportada por entre duas filas de bancos; e, voltando de novo ao fundo da sala até ao estrado, proferindo simultaneamente um discurso, como se nada de extraordinário se houvera passado.

E eu vi todas as outras pessoas constatarem o mesmo fenómeno, deixando-as atordoadas como a mim.

Os meus sentidos não me haviam pois enganado, era bem verdade aquilo que eu tinha visto.

Que fôrça é essa que tinha sido posta em jogo?

Uma fôrça natural cega seria capaz de realizar tão pasmosos efeitos sem chocar com qualquer obstáculo?

Como tal hipótese estava em opposição com a experiência, fui obrigado, após um sério exame, a chegar á conclusão de que nestas circunstâncias, parecendo suprimidas as leis da gravidade, ou pelo menos encontrando uma resistência, era indispensável admitir a intervenção de uma vontade inteligente, e que essa vontade só podia emanar duma personalidade, dum individuo.

Querer explicar o facto por uma manifestação inconsciente, não era coisa admissível nestas circunstâncias.

Tal impressão me produziu êste fenómeno, que não dormi toda a noite; achava-me constantemente em frente do que tinha visto, e em vão tentava explicá-lo pelas leis naturais conhecidas.

Daniel Douglas Home foi também um medium célebre inglês, que se tornou célebre pelas suas numerosas levitações.

Só em Londres há mais de 50 pessoas de todo o crédito, que assistiram ás suas levitações.

A páginas 156 e seguintes do seu livro *Nowvelles Experiences sur la force Psychique*, diz-nos o célebre William Crookes o seguinte:

"Estes factos produziram-se quatro vezes na minha presença, e na obscuridade. As condições em que se realizaram form completamente satisfatórias: mas a demonstração pelos olhos, de um facto destes, é tão necessária para destruir as nossas ideias preconcebidas sobre o que é naturalmente possível ou o não é, que só mencionarei aqui os casos em que as deduções da razão foram confirmadas pelo sentido da vista.

Numa ocasião vi uma cadeira sobre a qual uma senhora ajoelhou sobre a cadeira de madeira que os quatro pés dela eram vistos por todos nós.

Ela elevou-se então a cerca de três polegadas, e conservou-se suspensa uns dez segundos, descendo em seguida lentamente.

Noutra ocasião duas crianças levantaram-se acima do solo com duas cadeiras em plena luz e nas condições mais satisfatórias para mim, porque eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, na qual aliás ninguém podia tocar.

Mas os casos de ascensão mais notáveis de que fui testemunha deram-se com o medium Home. Em tres circunstâncias diferentes eu o vi elevar-se completamente acima do sobrado da sala. Da primeira vez estava êle assentado numa chaise-longue; da segunda estava de joelhos sobre uma cadeira; e da terceira estava de pé. De cada uma dessas vezes eu pude observar o facto com toda a perfeição.

Os melhores casos de levitação de Home, diz Crookes, tiveram lugar em minha casa. Uma vez, entre outras, êle colocou-se na parte mais visível da sala, e, passado um minuto, êle disse sentir que o puxavam. De facto eu vi-o elevar-se lentamente com um movimento contínuo e oblíquo e ficar durante alguns segundos suspenso a meio metro do solo, descendo em seguida lentamente. O poder de se elevar quasi nunca se comunica ás pessoas que se lhe avisinham; todavia uma ocasião minha mulher foi também arrebatada com a cadeira em que se achava sentada.

Rejeitar a evidência destas manifestações equivale a rejeitar todo o testemunho humano; porque não há facto, na história, que se apoie em provas mais imponentes.

Em 16 de Dezembro de 1868, realizou-se em Londres, na presença de várias pessoas e entre elas lord Lindsay, lord Adare e o capitão Wynne, a seguinte levitação de Home, cujo relatório foi enviado á Sociedade Dialética, e foi redigido por lord Lindsay nos termos seguintes:

"Home, que estava em transe havia já algum tempo, depois de ter passado pelo quarto, dirigiu-se para a sala visinha.

Nêste momento uma comunicação veio assustar-me.

Então ouvi uma voz murmurar-me ao ouvido:

Êle vai sair por uma janela e entrar pela outra.

Aturdido ao pensar numa experiência tão perigosa, dei parte aos meus amigos do que acabava de ouvir, e não foi sem ansiedade que esperamos a sua volta.

Ouvimos então abrir-se a vidraça do outro quarto, e quási imediatamente vimos Home flutuar no ar pela parte exterior da nossa janela.

O luar batia em cheio no quarto, e como se tinha as costas viradas para a luz, o peitoril da janela fazia sombra na parede fronteira, que ficava em frente de mim, e vi então os pés de Home, que vieram projectar-se por cima a uma distância de seis polegadas pouco mais ou menos. Depois de ter ficado alguns segundos nesta posição levantou-se a vidraça e Home entrou no quarto com os pés para a frente e veio sentar-se junto de nós".

O conde de Tolstoj, em carta dirigida a sua mulher, em 17 de Junho de 1866, diz o seguinte:

Home foi arrebatado da sua cadeira, e eu lhe segurei os pés enquanto êle flutuava por cima das nossas cabeças.

São também célebres e muito conhecidas as levitações de Stanton Moses, as de Eusapia Paladino e outras que omitimos para não cansar a atenção dos nossos leitores.

*

* *

Como acabamos de vêr, a levitação nem sempre se opera no sentido vertical; pois muitas vezes se realisa obliquamente, ou descrevendo uma trajectória mais ou menos horisontal.

Êstes fenómenos de levitação e os de variação de pêso dos corpos parecem sem dúvida ser dos mais incríveis, que o espiritismo apresenta; e todavia são de uma verdade irrefutável.

Mas, se parecem incríveis, é unicamente porque se admite erroneamente que eles importam uma violação das leis da gravidade ou uma alteração da densidade dos corpos.

Mais tarde, depois de termos apresentado um ligeiro esboço das diversas teorias com que se tem tentado explicar estes fenómenos, apresentaremos a nossa teoria, graças á qual o fenómeno perde todo o seu aparente maravilhoso, e cabe perfeitamente dentro das leis naturais.

Os ocultistas atribuem a levitação e a variação de pêso á preponderância do corpo astral, que, emancipando-se do corpo físico, o arrasta após si.

Nisto os ocultistas estão de acôrdo com os místicos, que sustentam doutrina equivalente.

Por seu turno os católicos atribuem estes fenómenos á acção directa de entidades inteligentes invisíveis - anjos ou demónios. Os orientais, e com eles o dr. Fugairan, atribuem a levitação á acção de fortes correntes eléctricas que se desenvolvem no corpo do medium.

Mas esta teoria tem, além de outros, um contra, e é que a força eléctrica ou magnética não é uma força inteligente, ao passo que a força levitante dá provas de ser inteligente e voluntariosa.

Todas estas teorias são a nossa vêr deficientíssimas, porque não logram dar-nos uma explicação cabal e satisfatória.

Por isso pensamos em apresentar outra, que melhor satisfaça. Te-lo hemos conseguido?... Só os entendidos o poderão dizer.

Teoria da Levitação

A nosso vêr um corpo pesado pode variar de pêso sem se alterar a constituição da sua massa, nem se alterar a sua densidade.

Basta para o conseguir aplicar ao corpo pesado uma outra força, que lhe aumenta o pêso: se actua no sentido da gravidade: e diminuí-lho, se actua em sentido contrário á gravidade. Se a força contrária for igual á da gravidade, o corpo flutuará na atmosfera.

Pode demonstrar-se praticamente esta teoria por meio de um pesa-cartas e de um iman.

Coloque-se no prato do pesa-cartas um pedaço de ferro qualquer e veja-se qual o pêso que acusa. Se por debaixo do prato e dentro do campo magnético colocarmos um iman, o pêso do ferro parecerá aumentar. Se porêm colocarmos o iman por cima do prato, o pêso do ferro parecerá diminuir.

E todavia a densidade do ferro nem aumentou no primeiro caso, nem diminuiu no segundo.

As leis que regulam a gravidade não se alteraram nem destruíram: simplesmente a força da gravidade ajuntou-se ou opôz-se uma outra força aproximadamente igual, que permitiu ao corpo flutuar ou elevar-se na atmosfera.

Mas que força é essa que assim neutralizou a gravidade?

Evidentemente não pode ser outra senão a força psíquica, ou seja só a do medium, ou seja a de um espírito desincarnado actuando por intermédio do medium.

No primeiro caso o fenómeno será puramente anímico,, no segundo caso o fenómeno é qualificado de espírita.

Nós, atendendo a que a levitação só se dá no estado de transe ou de êxtase, em que o medium não está no pleno gôso das suas faculdades, antes está dominado pela força psíquica de outrem, inclinamo-nos para a hipótese de ser um espírito desincarnado a causa determinante da levitação, embora em certos casos se possa explicar dentro do campo anímico.

Desta sorte êste milagre antigo, ou maravilha diabólica fica, na sua expressão mais simples, reduzido a um mero problema de equilíbrio de fôrças concorrentes, que em nada destrói as leis fundamentais da gravidade, antes as corrobora e afirma.

Mediuns musicais

Creemos ter já ter dito por vezes que a aptidão mediunica é variável de indivíduo para indivíduo. De facto, cada medium, em regra, só tem aptidão para uma determinada ordem de fenómenos, e nêsse caso podem mesmo qualificar-se de especialistas.

Pertence a esta categoria os mediuns musicais.

O dr. Frederick Willis, lente de patologia na Escola Médica de Nova York, a pag. 209 do *Spiritual Magazine* de 1867 descreve da forma seguinte uma das suas experiências feitas com um medium musical.

Uma noite a medium, diz êle, foi para um quarto escuro, e sentou-se ao piano. Eu estava na sala imediata, cuja luz entrava no quarto ás escuras pela porta que ficara aberta e que deixava visíveis todos os objectos que ali existiam.

Assim que a medium feriu no piano as primeiras notas, logo um tamboril e campainhas pareceram surgir do sobrado, e começaram a tocar unísonos e ao compasso da música.

Sem fazer ruído, introduzi-me no quarto e durante alguns segundos pude assistir a um espectáculo maravilhoso. Pude desta sorte vêr o tamboril e as campainhas em movimento: estas eram levantadas do chão e sacudidas por mão invisível, e ressoava, cada uma por sua vez, artística e harmónicamente com as notas do piano.

O tamboril era manejado com perícia e destreza, e todavia não se via junto dêle mão alguma.

Mas, subitamente, virando a cabeça, a medium notou a minha presença. Imediatamente todo o concerto cessou como por encanto.

Enquanto a minha presença só foi conhecida dos seres invisíveis o concerto musical continuou; mas logo que a medium a conheceu, tudo acabou. Uma ligeira comoção de receio, affectando a sua alma sensível de mulher, foi o bastante para sustar todos os fenómenos.

Isto deu-me a entender que em geral é o estado do medium que torna difícil aos espíritos manifestarem-se em plena luz e não uma falta de poder ou de vontade da parte deles.

No seu livro *Nouvelles Experiences sur la Force psychique*, William Crookes narra minuciosamente as experiências que fez com Daniel Home e com um harmonium que o medium segurava pelo lado oposto ás teclas, estando a outra mão do medium constantemente apoiada sôbre a mesa. Assim seguro com tres dedoa apenas, e encerrado numa gaiola de arame colocada debaixo da mesa, o harmonium executava árias completas, como se mão invisível manuseasse as teclas.

Outras vezes o harmonium agitava-se solto dentro da gaiola, sem que mão alguma lhe tocasse, e apesar disso desempenhava peças musicais.

Aludindo a estas e outras experiências similares, diz Crookes a pag. 158:

Atribuir estes resultados á fraude é absurdo: porque devo mais uma vez lembrar que tudo quanto refiro aqui não se passou na casa de qualquer medium, mas na minha própria, onde seria impossível preparar de antemão quaisquer aparelhos para tal fim.

O medium não podia trazer consigo um aparelho para agitar de longe as cortinas das janelas, para levantar as persianas até 8 pés de altura, não podia fazer um nó num lenço e pô-lo num canto afastado do quarto, não podia fazer ressoar notas sôbre um piano, fazer mover um leque e abanar com êle os circunstantes, ou pôr em movimento a pêndula de um relógio encerrado numa vitrine fixa á parede.

E note-se que Daniel Home exerceu a mediumnidade durante 21 anos, submetendo-se voluntariamente a milhares de experiências, e nunca foi possível encontrá-lo em fraude.

Daniel Home, além das faculdades mediumnicas de que temos falado, gosava de uma outra faculdade, aliás muito rara, qual era a de resistir á prova do fogo.

Quando estava em transe tomava na palma da mão um carvão incandescente, e passeava com êle em tórno da casa sem se queimar, e sem que a epiderme sofresse qualquer alteração fisiológica. E o que é ainda mais assombroso e que êle podia transmitir temporariamente esta imunidade a outras pessoas.

Foi assim que, com a sua assistência e graças á sua intervenção, Lord Lindsay, Miss Douglas e Mr. Hall puderam fazer esta experiência sem se queimarem

É inutil dizer que estas experiências fizeram-se várias vezes diante de diversas pessoas da maior respeitabilidade.

Mediumnidades diversas

Começaremos por ocupar-nos da claro-vidência e da claro-audição.

Em sonambulismo dá-se o nome de claro-vidência ou dupla-vista á faculdade que teem certos sonambulos lúcidos de vêr nitidamente o que está oculto, ou situado a uma distância, que é completamente impossível aperceber-se com a visão ocular.

Similhantermente chama-se clara-audição á faculdade que o sonambulo pode ter de ouvir e perceber os sons longínquos ou tão fracos que não podem por forma alguma afectar os ouvidos de uma pessoa no seu estado normal.

É assim que certos mediuns teem a faculdade de ver os espíritos, que no plano astral os rodeiam, ou gosam da faculdade de conversar com eles.

Se esses espíritos são conhecidos do medium, indicam-nos pelos seus nomes; se os não conhecem, descrevem-nos por forma tal que podem ser reconhecidos por qualquer dos circunstantes, que porventura os hajam conhecido em vida.

Há muitos mediuns desta categoria; são, porém, em regra, de pouca confiança; porque muitas vezes apresentam-nos, como visões, os meros produtos conscientes ou inconscientes da sua fantasia.

Outros, porém, mas esses são mais raros, levam a vidência a ponto de lerem cartas fechadas e lacradas, e escrevem a resposta na mesma língua, embora essa língua lhes seja desconhecida.

O medium mais célebre nesta especialidade foi Mansfield, que pode bem classificar-se de o patriarca dos mediuns norte-americanos.

Bastava-lhe tocar ao de leve nas cartas lacradas, que de toda a parte lhe escreviam; e imediatamente tomava da pena e traçava o conteúdo da missiva, ou dava a resposta ao seu conteúdo.

Um dia dois septicos de Nova York, pretendendo desmascará-lo, foram têr com um chinês das suas relações, e pediram-lhe que lhes escrevesse em chinês uma carta dirigida a seu pai, falecido alguns anos antes; mas sem endereço, para não se saber a quem era dirigida.

O chinês escreveu a carta pedida, e depois de muito bem envolvida, fechada e lacrada, os dois americanos dirigiram-se a casa de Mansfield, pedindo-lhe uma sessão que logo foi concedida.

Mansfield tocou na carta e tomando da pena começou a rabiscar o quer que fosse numas folhas de papel; e, quando acabou, entregou a resposta e a carta fechada tal qual a recebera.

Os dois americanos, tendo entregado ao chinês, seu amigo, a carta lacrada, ainda intacta, e a resposta, caíram das nuvens ao verificar que a resposta estava escrita em chinês, e era assinada por seu pai, respondendo ao conteúdo da carta, que estava fechada, e que na mesma resposta lhe dava a notícia, para êle desconhecida, do falecimento de uma prima dos mesmos americanos, ocorrido na China, depois da partida deles para a América.

Esta resposta assombrou-os por forma tal que os dois septicos se converteram ao espiritismo e publicaram nos jornais esta experiência.

Mediumnidade escrevente

A Mediumnidade escrevente é a que se traduz por comunicações escritas, em que os espíritos nos comunicam o seu pensamento por meio da escrita.

Esta mediumnidade, também chamada psicografia, pode ser de duas espécies.

1.º - Escrita automática;

2.º - Escrita directa ou pneumatografia.

A primeira é vulgaríssima, a mais rápida e a mais util; a segunda, muito mais transcendnte só pode obter-se com o concurso de grandes mediuns.

Na escrita automática o medium toma um lapis e uma folha de papel, senta-se, coloca-se em posição cômoda para escrever, concentra-se e aguarda com paciência e passividade os acontecimentos.

Se o experimentador tem capacidade de medium escrevente, passado algum tempo o braço direito entorpece-se, torna-se hirto, cataleptico, deixando por isso de obedecer à vontade do seu dono.

Um tremor convulso o agita. É um espírito que toma posse do braço do medium, e o faz escrever.

Mas a escrita, convulsivamente feita, limita-se a princípio a traços mais ou menos tremidos, onde a custo se distingue uma ou outra letra. É preciso não desanimar. É assim que todos começam.

Passados alguns dias de exercícios improfícuos começam a aparecer algumas palavras completas, e em breve o medium se desenvolve e passa a escrever comunicações perfeitamente legíveis.

Os mediuns desta classe dividem-se em mecânicos ou inconscientes, e intuitivos ou conscientes. Os mediuns mecânicos não sabem o que estão escrevendo, e só depois de terminada a correspondência é que sabem o que fizeram.

São os melhores.

Os mediuns intuitivos tem conhecimento mais ou menos perfeito do que vão escrevendo; porque o espírito, que se comunica, actua-lhes mais no cérebro do que no braço.

Com mediuns intuitivos pode duvidar-se se o que escrevem é obra sua, ou do espírito que diz comunicar-se.

Todavia, se o conteúdo da comunicação é muito superior, ao que é lícito supor da capacidade intelectual do medium, pode ter-se a certeza de que a comunicação não é obra dêste.

Com os mediuns inconscientes não pode haver dúvidas. O medium desta natureza por vezes está conversando ou discutindo com os circunstantes, enquanto a sua mão vai traçando febrilmente a correspondência que lhe é ditada.

Neste género tem havido mediuns de uma celebridade extraordinária.

Alguns, apesar de serem pessoas sem ilustração alguma, e que mal conhecem a sua própria língua, respondem com o máximo acerto e rapidez incomparável a questões complicadas de filosofia ou ciência, que embaraçariam os competentes na matéria; outros escrevem longos trechos literários do mais aprimorado estilo, imitando na perfeição o modo de dizer característico das pessoas, que os assinam. Outros ainda escrevem em várias línguas estrangeiras, embora no seu estado normal as desconheçam por completo.

É assim que miss Laura Edmonds, filha do juiz Edmonds, de Nova York, se tornou talvez o mais célebre dos mediuns políglotas. Conhecendo apenas a sua língua nativa - o inglês e uns rudimentos de francês, respondia sem exitar ás consultas, que lhe eram feitas, na própria língua do consulente, quere êste fosse espanhol ou português, francês ou italiano, alemão, latim ou grego, e até em hindustani e nos dialetos dos indígenas da América.

E deve notar-se que as conversações que assim sustentava duravam por vezes mais de uma hora; sem que as pessoas conhecedoras desses idiomas lhe pudessem notar vícios de pronúncia ou erros de linguagem.

É claro que tentar explicar factos destes sem admitir a intervenção dos espíritos é mais inverosímil e incompreensível do que admitir essa intervenção: e é por isso que homens notabilíssimos não duvidaram reconhecer publicamente, que é esta a única explicação satisfatória.

Foi assim que o dr. Georges Sexton, depois de 15 anos de investigações, foi forçado a reconhecer que as comunicações que recebia eram de facto de amigos e parentes seus, falecidos em diversas épocas.

O célebre astrónomo Camilo Flammarion, depois de 10 anos de investigações, em um relatório que enviou á Sociedade Dialética de Londres, depois de declarar que admite a realidade objectiva dos fenómenos, acrescenta que a hipótese de intervenção dos espíritos, única que pode explicar certos fenómenos, foi adoptada por bastantes sábios franceses, tais como o dr. Hoefle, autor da História da Química, e da Enciclopédia Geral; e Mr. Herman Goldsmith, astrónomo célebre, a quem se deve a descoberta de 14 planetas novos.

Entre os mediuns automáticos mais notáveis devemos mencionar também o nosso amigo e compatriota há pouco falecido o sr. Fernando de Lacerda, que publicou tres volumes de correspondências de Além-túmulo, primorosas na forma e na doutrina, e firmadas pelos nomes dos nossos mais prestigiosos homens de letras e alguns estrangeiros célebres, tais como Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Alves Mendes, Emilio Littré, Vitor Hugo, Berthelot, Cesar Cantu e muitos outros escritores notáveis tanto nacionais como estrangeiros.

Estes volumes, de um valor intrínseco excepcional, são por isso mesmo a prova exuberante de que essas comunicações tão variadas quanto belas no seu conteúdo e na diversidade de estilos, não podem ser obra de um só homem, ainda que êle fosse o espírito mais genial; porque ninguém, absolutamente ninguém, no pleno gôso do seu talento e da sua capacidade literária ou científica seria capaz de as escrever, ainda que se lhe desse a plena faculdade de as aperfeiçoar e corrigir. E muita gente aqui em Lisboa sabe como êle as escrevia, com caligrafias completamente diversas, de improviso e febrilmente; porque o braço direito estava durante essa escrita em estado cataleptico.

E os autógrafos de toda essa notabilíssima correspondência comprovam exuberantemente o que afirmamos.

Escrita directa

Julgamos ter dito o suficiente para bem se compreender o que seja a escrita automática, executada pela mão do medium, e bem assim qual seja a sua importância. É justo por isso que agora passemos a ocupar-nos da escrita directa ou pneumatografia.

É êste por certo um dos mais assombrosos fenómenos do espiritismo, visto que aqui o medium actua apenas pela sua presença; mas a sua mão não intervem directa nem indirectamente na escrita.

As comunicações obtidas por esta via não teem o valor literário ou científico das que se obteem pela escrita automática. São comunicações geralmente curtas, mas no *modus faciendi*, isto é, na sua execução são verdadeiros tours de force. dá-se-lhe o nome de escrita directa por ser executada directamente pela mão invisível dos espíritos, visto que o medium serve apenas neste caso para segurar na sua mão a superfície sôbre o que é feita a escrita.

É porêem certo que só mediuns de bastante fôrça é que logram obter correspondência por esta forma.

A escrita directa foi introduzida na Europa pelo barão de Goldenstubbé, que em Paris fez importantíssimos estudos sôbre êste fenómeno, e escreveu um livro interessantíssimo, que se intitula *La Réalité des Esprits et de leurs manifestations*.

Como appendice a esta obra notável e de grande erudição, encontram-se no fim do volume 15 grandes estampas contendo 93 fac-similes da escrita de diversos espíritos, em línguas diversas, variando o tipo da letra em harmonia com a que êsses espíritos tinham em vida.

A posição social do barão no meio diplomático, a sua situação perfeitamente independente e a alta consideração de que gosava na sociedade mais ilustrada, a sua independência de character e as testemunhas presenciais dos fenómenos, removem toda a suspeita de fraude a tal respeito.

Êste género de comunicações obtem-se - como em geral as demais manifestações espíritas - mediante a concentração de espírito e a evocação.

Comquanto, em regra, seja indiferente o local e as circunstâncias acessórias, o barão preferia fazer essas evocações nas igrejas, nos cemitérios, junto ao túmulo dos grandes homens, e nos museus junto às estátuas dos heróis e vultos históricos.

Depositava junto ao pedestal da estátua um papel branco, rubricado pelas testemunhas presenciais, e um lapis, isto tudo encerrado num pequeno cofre fechado à chave.

Pouco depois de feita a invocação abria-se o cofre, e o papel, que lá fôra encerrado em branco, achava-se agora coberto de palavras assinadas quási sempre pelo espírito invocado. Em alguns dêsses escritos a letra é em tudo igual á que usaram quando vivos.

Modernamente estas experiências fazem-se geralmente empregando duas ardósias novas e iguais. Limpam-se estas perfeitamente, coloca-se sôbre uma delas um pequeno bocado de lapis de ardósia, e põe-se a outra por cima, ligam-se perfeitamente uma à outra, lacra-se o atado, colocam-se sôbre a mesa, o medium põe-lhe a mão em cima, e espera-se um bocado. Quando o medium julga que a correspondência deve estar feita, desatam-se as ardósias e verifica-se o conteúdo.

Vejamos agora algumas experiências feitas em Leipsig em 1877 em casa do astrónomo Zoelner com o célebre medium Slade e na presença de várias notabilidades da sciência alemã.

Na noite de 16 de Novembro de 1877, diz Zoelner, coloquei uma mesa de jôgo com quatro cadeiras num quarto, onde Slade nunca tinha entrado. Depois Fechner, o professor Braune, Slade e eu colocamos as nossas mãos entrelaçadas sôbre a mesa, e pouco tempo depois sentiram-se pancadas batidas nêste movel; eu tinha comprado uma ardósia, que tinhamos marcado, um fragmento de adósia foi depositado sôbre ela; Slade colocou-a á borda da mesa; subitamente a minha faca foi projectada à altura de um pé, caindo em seguida sôbre a mesa. Repetindo-se a experiência com duas ardósias bem limpas e sobrepostas, tendo interiormente

um fragmento de lapis, foram as ardósias seguras por Slade, apoiando-se sôbre a cabeça do professor Braune.

Ouviu-se então uma ligeira raspadura, e quando as ardósias se abriram, acharam-se sôbre elas muitas linhas de escrita.

Uma outra sessão se realizou com a assistência dos professores Weber, Ludwig, Thiersch e Wundt, a respeito da qual Zoelner diz o seguinte:

No domingo, 18 de Novembro, estavam reunidos, eram tres horas da tarde. Eu tinha comprado uma nova mesa de jogo feita de madeira de nogueira. As ardósias tinham sido compradas por mim e pelos meus amigos e por todos marcadas. Entre uma dupla ardósia, que Slade segurava na mão, por cima da mesa, bem á vista de todos, tres aforismos se acharam escritos, um em inglês, outro em francês e outro em alemão, e cada um dêles escrito com letra diferente.

*

* *

Mr. Oxon, que durante muitos anos estudou os fenómenos espíritas e em especial os da escrita automática e directa, chega às seguintes conclusões formais.

1.º - Existe uma força que opera mediante um tipo especial de organização humana, e á qual convêm dar o nome de fôrça psíquica.

2.º - Está demonstrado que essa fôrça é em certos casos governada por uma inteligência.

3.º - Está provado que essa inteligência é muitas vezes diversa da das pessoas por meio das quais ela actua.

4.º - Esta fôrça inteligente manifesta por vezes a sua acção, independentemente doutras maneiras, escrevendo frases coerentes, sem intervenção de nenhum dos métodos conhecidos para escrever.

5.º - A evidência da existência desta fôrça repousa:

1.º - Sôbre a evidência da observação dos sentidos.

2.º - Sôbre o facto de que ela se serve muitas vezes duma língua que o medium não conhece.

3.º - Sôbre o facto de que o conteúdo das comunicações é muitas vezes superior á intellectualidade do medium.

4.º - Sôbre o facto de ser impossível produzir êsses resultados pela fraude, nas condições em que os fenómenos são obtidos.

5.º - Sôbre o facto de serem estes factos produzidos não sómente em público por mediuns pagos, mas também em particular sem a presença de nenhuma pessoa estranha ao círculo da família onde se realiza.

Aparições luminosas

Deixemos agora de parte esta espécie de mediumnidade e passemos a considerar outras variadíssimas modalidades do poder psíquico dos mediuns.

Ao passo que vamos subindo na escala ascendente dos fenómenos espíritas, vai pari passu subindo igualmente a nossa maravilha; porque o assombro recresce a ponto que, sentir-nos-íamos tentados a qualificar de falsos esses fenómenos se não fôra a probidade e autoridade científica daqueles que no-los atestam; pois fôra mister supôr que esses meticulosos observadores ou tentaram iludir-nos, ou se deixaram iludir.

Que outros façam, se quiserem, tão caluniosa afirmação, nós não.

No seu curioso livro *Choses de l'autre monde*, Eugène Nus, um espírita convicto, mas a quem falta a coragem para confessar francamente que o é, com receio de incorrer no ridículo, diz-nos a páginas 250 o seguinte:

"Eu vi, nessas sessões obscuras, mãos luminosas agarrarem de sôbre a mesa caixas de música, passeá-las através do quarto, e elevá-las até ao teto.

Uma noite, num quarto de dormir, levaram-as para debaixo da cama.

O mesmo sucedeu com uma campainha, que dedos fosforescentes agitavam no ar, afastando-se, aproximando-se, volteando até ás extremidades do quarto, introduzindo-se debaixo da cama e mesmo sob o edredon, que a cobria, onde a campainha, sempre agitada, só se ouvia em surdina; depois do que, a campainha, a pedido meu, foi depositada na minha mão, estendida por debaixo da mesa para a receber.

Senti também, na obscuridade, o ruído que faz um lapis, escrevendo sôbre folhas de papel, que nós colocavamos sôbre a mesa.

Acesa a luz, acharam-se frases perfeitamente traçadas e desenhos perfeitíssimos.

Dentre esses desenhos lembro-me dum pequenino ramo de flores, cujos traços eram tão finos e complicados, que era mister olhá-lo muito de perto, e quasi á lente, para lhe poder distinguir as minudências.

Pois, apesar disso, foi executado em menos de tres minutos".

*

* *

Quando as aparições são luminosas é condição indispensável, para serem visíveis, realizarem-se na obscuridade, ou pelo menos á luz rubra-escura.

Em Julho de 1900, em uma sessão a que assistimos próximo de Paris, e que foi realizada á luz vermelha, tivemos a ocasião de ver circular pelo espaço em todos os sentidos numerosas esferas luminosas do tamanho de bolas de bilhar, de uma luz branca difusa, como a que poderia ser produzida por bolas de neve iluminadas inteiramente por uma luz eléctrica.

A aparição de mãos luminosas na obscuridade é um fenómeno tão trivial que William Crookes só de passagem alude a êle, como coisa de somenos importância.

Materializações parciais

Passemos agora á aparição de mãos não luminosas mas com toda a aparência da carne viva, mãos de uma perfeição e nitidez tal, que não se distinguiriam das verdadeiras, se estivessem ligadas a um corpo qualquer.

Na sessão de materialização a que há pouco aludi e a que com mais 13 pessoas tivemos ocasião de assistir em Paris, vimos a uma distância de dois metros, quando muito, a materialização completa de uma mão e braço até ao ombro, mão e braço musculoso e forte de marinheiro.

A claridade de uma lâmpada vermelha, que incidia sôbre ela, deixava aperceber nitidamente o jôgo dos músculos; porque o braço estava nú, e tanto êle como a mão estavam bem vivos, praticando todos os movimentos, que lhe poderia imprimir uma pessoa real. Mas próximo do ombro a matéria de que era formado, esfumava-se pouco e pouco até desaparecer por completo.

Deixemos agora de parte a nossa observação pessoal e voltemos a dar a palavra ao eminente físico Sir William Crookes.

Em uma das suas sessões, diz êle, "uma mãozinha de belíssima forma, levantou-se da mesa de jantar e deu-me uma flor.

Noutra ocasião uma mão e braços pequeninos, semelhantes ao de uma criança, apareceram brincando sôbre uma senhora que estava sentada junto de mim.

Doutra vez vi um dedo e um polegar arrancar as pétalas duma flor que estava na botoeira de Mr. Home, e depositá-las diante de várias pessoas, que estavam sentadas junto dêle.

Por vezes também essas mãos ofereciam a aparência de uma nuvem vaporosa, em parte condensada em forma de mão.

Por várias vezes vi, primeiro mover-se um objecto, depois uma nuvem luminosa condensar-se em tórno dêle, tomar uma forma e transformar-se em mão de uma conformação perfeitíssima.

Mas nem sempre essa mão parece uma simples forma, ás vezes mostra-se animada e mui graciosa. Os dedos movem-se e a carne parece tão humana a das demais pessoas presentes.

Mas no punho, ou no braço torna-se vaporosa e difunde-se numa nuvem luminosa.

Ao tacto estas mãos parecem ás vezes frias como gêlo, e mortas; outras vezes parecem quentes e vivas, e apertam a minha com o apêrto firme de um velho amigo.

Retive um dia uma destas mãos na minha; nenhum esforço houve da parte dela para me fazer largar a presa; mas pouco e pouco a mão pareceu resolver-se em vapor, sendo assim que se libertou da minha".

Mediuns floríferos

Citarei ainda um medium notabilíssimo na classe dos especialistas: é Mme. Guppy, célebre na produção ou apport de flores naturais.

Uma das mais notáveis experiências com ela realizadas foi feita em Florença na presença de Mr. Adolph Trollope, da esposa dêste, de Miss Blagdem e do coronel Harvey

O quarto onde a experiência se realizou foi prévia e rigorosamente inspeccionado pelos homens. Mme. Guppy foi despida e tornada a vestir por Mme. Trollope, e cada peça do seu vestuário cuidadosamente examinada.

Sentaram-se todos em tórno de uma mesa, ficando Mme. Guppy muito bem segura.

A sessão era ás escuras. Passados dez minutos todos exclamaram que o quarto cheirava a flores, e, acendendo-se uma vela, verificou-se que os braços da medium e os de Miss Trollope estavam cobertos de junquinhos, que enchiam o ambiente com o seu perfume.

Em outras experiências as flores não só eram da espécie que se pedia, mas apareciam até cobertas com um tenui orvalho. Pode consultar-se, para mais detalhes o Relatório da Sociedade Dialética sôbre o espiritualismo.

*

* *

São também interessantíssimas as experiências feitas pelo astrónomo Zoelner com o auxílio do medium Slade.

Um dia, na presença dos professores Weber, Scheiner, Ludwig, e outros, colocou-se no fundo de uma caixa fechada, um papel enegrecido á luz de um candieiro de petróleo, e passados alguns minutos, depois de fechada a caixa obteve-se sôbre êsse fundo a estampagem de um pé descalço.

Então, a pedido dos professores, Slade levantou-se, tirou os sapatos, mostrou os pés, verificando-se não haver neles nenhum vestígio de negro de fumo, havendo a mais a circunstância importante de terem quatro centímetros a menos do que o pé estampado no papel.

Um outro fenómeno, em que Slade era também exímio, consistia em dar nós em uma corda, cujas extremidades tinham sido préviamente pregadas e seladas sôbre a mesa.

Depois de ter sido testemunha presencial destes factos, é-me completamente impossível considerar Slade como impostor ou prestidigitador.

Mediumnidade vocal ou incorporação

Vamos agora ocupar-nos de uma espécie de mediumnidade, que, apesar de ser vulgaríssima, é todavia sempre muito interessante, quando o medium é bom.

Dá-se o nome de incorporação ao facto de um espírito livre tomar provisoriamente posse efectiva do corpo do medium, e falar pela boca deste, substituindo-se assim ao espírito próprio do medium.

Êste fenómeno só se pode dar achando-se o medium no estado de transe.

Para que êle se dê é indispensável tomar certas disposições especiais.

Para melhor compreensão dêste complexo fenómeno vamos descrever minuciosamente uma sessão desta espécie.

*

* *

Num quarto espaçoso e fechado, em completa escuridão, ou, quando muito, iluminado apenas por uma lâmpada ou lanterna vermelha de vidro fosco, ou recoberto de papel vegetal, reúnem-se 6 a 20 pessoas, que se sentam, formando círculo, em tórno do medium, que deve ocupar uma forte e pesada cadeira de braços.

Se o transe do medium fôr sujeito a convulsões, deve o medium, para se não maguar, ser préviamente ligado ás costas da cadeira pela cintura e aos braços da cadeira pelos pulsos.

Na formação do círculo em tórno do medium devem-se alternar tanto quanto possível os homens e as mulheres, dando-se as mãos formando cadeia.

Esta não deve ser rota em caso algum, sem ordem do director do grupo, que deve ficar colocado o mais perto possível do medium para o observar e prestar socorro sendo preciso.

Nestas sessões só o director do grupo deve usar da palavra; os circunstantes devem guardar o mais rigoroso silêncio, obedecer passivamente ao director, e identificar-se completamente com êle, por forma que em todo o grupo haja apenas uma só vontade, e por assim dizer um só pensamento. Estabelece-se o mais absoluto silêncio, concentrando-se todos os circunstantes, com a vontade firme de obter fenómenos, e afugentando de si qualquer outro pensamento.

O director do grupo (que deve ser o mais conhecedor do assunto), ou o que dispuzer de um poder psíquico maior, faz a meia voz uma invocação ao Criador, e aos bons Espíritos, pedindo o seu auxílio, invocação com que todos os circunstantes se identificam.

Então aguarda-se em silêncio a aparição dos primeiros sintomas do transe, o que pode demorar de 15 a 45 minutos.

Se bem que os sintomas variem de medium para medium, todavia, num transe bem caracterizado, os fenómenos passam-se desta sorte.

O medium cai insensivelmente em sono letárgico; e começa depois numa crise acompanhada de gemidos, ais, e movimentos bruscos de aparência cataléptica.

O torax agita-se com movimentos convulsivos, o pescoço em alguns aumenta de volume, e o medium revela um sofrimento maior ou menor.

Estes sintomas são o resultado da luta que se trava entre o espírito do medium que não quer abandonar o seu corpo, e um espírito adventício, que trata de apoderar-se dos órgãos, que não lhe pertencem

Em geral é êste quem vence; mas muitas vezes sucede que o espírito intruso não pode ou não sabe servir-se, assim de improviso, dos órgãos que conquistou.

Daqui resultam ruídos vários, gemidos, ais, gritos, berros, uivos, e sucessivas deglutições em sêco, muito ruidosas e frequentes.

Muitos não passam disto; e não conseguem falar por forma a serem entendidos; mas a grande maioria, depois de uma certa trenagem, adapta-se por fim aos órgãos do medium e fala facil e correntemente.

Há porém mediuns, cujo transe é tão facil e tão pouco penoso, que não apresentam nem as deglutições repetidas nem os outros ruídos a que aludimos.

Em tal caso porém convêm estar um pouco de pé atrás com estes mediuns, porque o transe pode ser simulado.

Manifestando-se o transe, podemos então assistir a scenas do género muito variado. Umas vezes são comunicações respeitantes á vida do falecido, ou dos seus parentes vivos; outras, quando o espírito que se manifesta é culto, e tem um certo adiantamento moral, ouvem-se preleções ou explicações sôbre a vida de além-túmulo, exortações sôbre moral, sociologia, ou sôbre filosofia e sciências diversas; e esses assuntos são sempre tratados com uma elevação superior, que transcende quasi sempre em muito a capacidade intelectual do medium.

Outras vezes, e isso é muito vulgar, o espírito, que se manifesta, ignora que desincarnou, e torna-se muitas vezes difícil ao director da sessão convencê-lo de que já não vive na Terra.

As sessões dêste género proporcionam-nos as mais agradáveis surpresas, e são geralmente de um encanto indizível.

Geralmente em cada sessão não se manifesta um só espírito, mas sim dois, tres ou mais. E ordinariamente cada um fala com voz diferente, muito aproximada por vezes àquela que tinha cá na Terra; cada um tem seu modo de falar especial e seus gestos próprios.

No seu grau mais elevado êste fenómeno é por vezes acompanhado da transfiguração completa do medium, isto é, o corpo, e sobretudo a fisionomia do medium transformam-se por forma tal, que o fazem assimilhar imenso ao falecido, incarnado provisoriamente no medium.

Em Paris tivemos nós ocasião de assistir a uma sessão dêste género, com o medium Mme. Lay Fonvielle, que era especialista nêste género.

A sessão realizou-se em plena luz do dia, entrando o sol pela janela dentro, e vimos então esta senhora, que devia ter então os seus cinquenta anos, transformar-se, na fisionomia e na voz, em uma bonita rapariga de 18 anos, e meia hora mais tarde numa pessoa muito querida da nossa família, homem velho e doente. E com êle conversamos durante algum tempo; mas a comoção que sentimos, devida á similhaça fisionómica e voz, foi tão intensa e profunda, que fomos forçados a dar por terminada a sessão mais cedo do que desejaríamos.

Por estas razões, e outras que seria longo enumerar, as sessões de incorporação são por vezes extremamente impressionantes.

Materializações completas

Passamos agora a ocupar-nos do fenómeno mais transcendente do espiritismo - as materializações.

Chama-se materialização completa a criação temporária e mais ou menos efémera de um ser vivo num local onde momentos antes êle não existia.

Por seu turno desmaterialização é a desapareição súbita ou gradual dessa mesma forma viva

Quando a materialização é simplesmente de produtos do reino vegetal ou mineral êsses fenómenos chamam-se geralmente aports.

Trataremos agora sómente das materializações de seres humanos.

Êste fenómeno pode dar-se com diferentes graus de intensidade, e exige para se produzir um medium dos mais poderosos.

No seu grau mais fraco a materialização manifesta-se apenas como um clarão na escuridade, clarão que pouco e pouco se define e se mostra como um busto ou figura inteira, mas de contornos vagos e imprecisos.

Num grau médio de intensidade essa forma, a princípio vaga e imprecisa, condensa-se pouco e pouco, toma as côres naturais e apresenta as formas nítidas de uma pessoa conhecida; mas essa aparição é efémera, durante apenas alguns instantes e desaparecendo a pouco e pouco.

No seu grau mais elevado a forma, constituída á custa do medium, já não é uma forma fantástica, mas sim um corpo completo, vivo, cujos pulmões respiram, cujo coração bate, cujo sangue circula, cuja boca fala e cujo pensamento funciona.

Simplesmente a sua vida é efémera; pois pode viver apenas algumas horas.

Passado êsse tempo desaparece, tal qual como apareceu.

Estas formas humanas transitórias teem um pêso aproximadamente igual ao pêso médio do corpo humano; e, se se pesa o medium antes de começar a sessão, verifica-se que êsse pêso vai diminuindo á proporção que a materialização se vai produzindo, e que o pêso da aparição somado com o do medium nesse mesmo momento é aproximadamente igual ao pêso do medium antes da sessão, donde se prova por uma forma indubitável que a forma materializada é formada á custa da matéria inconscientemente fornecida pelo medium.

Existe uma estreita relação entre o medium e a aparição. Muitas vezes, embora difira muito nos seus caracteres mais importantes (sexo, idade, estatura, côr da tez e dos cabelos), a aparição apresenta algumas semelhanças com o medium.

Se durante a sessão fizermos na aparição uma nódoa de tinta, essa nódoa aparecerá mais tarde no corpo do medium, embora em sítio diverso.

Qualquer ferida ou pancada feita ou dada na aparição, é sofrida pelo medium como se nêla fôra feita.

Isto explica-se pelo facto de que o corpo da aparição é formado com matéria tirada do medium.

Quando dispomos de um medium de primeira ordem, daqueles que se chamam materializantes, podemos assistir a fenómenos de uma ordem transcendente. E se as condições do meio o permitirem, achando-se o medium em letargia poderemos observar que, em geral, do lado esquerdo do torax, na região correspondente ao baço, se destaca uma espécie de nuvem tenuíssima, que pouco e pouco se vai adensando se eleva e congloba até formar um ser humano mais ou menos nítido, que, atingindo o máximo grau de intensidade, reveste todas as aparências de um ser vivo normal, que anda, fala e pratica todas as acções próprias dos seres vivos.

Estes mediuns pouco vulgares na Europa,, são numerosíssimos na América do Norte, foco irradiante da cultura espírita.

No Novo Continente tornaram-se notáveis nesta especialidade Miss Kate Fox, Mmes. Cadwell, Fay, Hull, Caffrey Allen, as irmãs Berry e muitas outras.

Na Europa, e na mesma categoria, ocupam lugares preeminentes Mme, d'Esperance, Miss Florencia Cook e Eusapia Paladino.

Os apports, fenómeno curiosíssimo, quando rigorosamente observado, explicam-se por uma desmaterialização total do objecto transportado, seguida de uma materialização ou reconstituição do mesmo objecto no sítio onde êle aparece.

Passemos agora a expôr os factos que comprovam esta teoria.

*

* *

Não há muitos anos ainda que os jornais de Nova York se ocuparam prolixamente das manifestações de um espírito que se materializava por uma intensíssima forma em Astaria, mesmo em frente da grande capital, na residência de Mr. Hatot, homem riquíssimo e muito conhecido em Nova York.

Tendo -lhe morrido na idade de 18 anos sua filha Lizzia, êle e sua esposa, para se consolarem, lembraram-se de mandar vir de Boston Mme Hull, medium materializante, com o fim de, por seu intermédio, poderem tornar a ver a filha idolatrada.

E, com efeito, durante todo o inverno os esposos Hatot puderam gosar da presença de sua filha Lizzia, que se materializava e desmaterializava á sua vista em pleno salão.

Mme. Hull, o medium, caía em letargia sôbre uma cadeira, á vista de todos.

Então, em breve surgia do tapete uma pequena nuvem branca, que pouco e pouco se ia adensando, tomando vulto humano, até que as formas graciosas de Lizzia, se desenhavam com toda a nitidez e relevo, vivas, palpáveis como outrora.

Então a criança ressurgida corria a abraçar seus pais, sentava-se junto dêles, ou então dirigia-se ao piano, tocava os seus trechos favoritos ou cantava em voz alta, acompanhando-se conjuntamente.

Outras vezes subia ao seu quarto, acompanhada pelos pais, revolvía as roupas e os seus antigos brinquedos e punha-se a fazer a sua toilette com o mesmo cuidado que empregava quando era viva na Terra.

Mas êstes factos extraordinários em breve começaram a propalar-se no exterior, donde resultou enviar a imprensa os seus reports, que foram bizarramente recebidos, seguindo-se daí os relatórios que foram publicados nos jornais mais lidos de Nova York e doutras cidades da América do Norte.

*

* *

Tivemos por vezes ocasião de aludir ao extraordinário poder mediumnico de Miss Catarine Fox, ou Kate Fox, como por abreviatura lhe chamam os anglo-americanos.

Mas, é como medium materializante que ela atingiu a culminância do seu misterioso poder.

Foi com êste medium que se deu um dos casos mais célebres nos anais do espiritismo e que por êsse motivo passamos a expôr.

Mr. Livermore, conhecido banqueiro de Nova York, era um septico que, como tantos outros, teve a pretenção vaidosa de desmascarar o espiritismo.

Para o conseguir assistiu durante cinco anos a mais de trezentas sessões experimentais feitas com as maiores precauções e minudências, de que é capaz um homem roco e inteligente, quando o domina o desejo ardente de desvendar um embuste em que tantos piamente acreditavam.

Em todas essas sessões o fenómeno mais culminante e convincente foi o que foi produzido pelo medium miss Kate Fox e que consistia na aparição muitas vezes repetida de uma figura de mulher visível, audível e tangível, que em nada se distinguia das pessoas vivas, a não ser na extrema facilidade com que se volatizava (permita-se-nos o termo) na presença dos circunstantes.

Esta figura misteriosa era nada menos do que a esposa de Mr. Livermore, falecida alguns anos antes, e que inúmeras vezes se lhe apresentou numa forma tão perfeita e concreta que, se não fôra a certeza absoluta de ter falecido há muito, seria tomada pela própria.

Aparecia ás vezes no meio de uma nuvem luminosa, para pouco depois desaparecer tal qual como surgira.

Esta aparição conversava, mexia nos moveis, e com a sua própria letra de outros tempos escrevia cartas, que o marido ainda hoje guarda como prova incontroversa da realidade da aparição, que aliás lhe é atestada por mais dois amigos particulares.

Estas aparições realizavam-se em casa de Livermore, num quarto absolutamente fechado, onde só tinham entrada os seus dois amigos, que assistiam a todas as sessões.

Que mais poderia exigir um homem sensato e lógico para se convencer de que os mortos continuam vivendo a despeito da morte, e de que os espíritos são uma realidade objectiva, e que se podem tornar visíveis, audíveis e palpáveis como qualquer de nós?

Foi o que sucedeu a Livermore que, apesar de ser septico, era um homem racional. Deu-se por convencido, porque verificou que o espiritismo não era um embuste, como erradamente supunha; porque pelo concurso de tres sentidos - a vista, o ouvido e o tacto se convencera de que sua esposa existia ainda; pois que a vira, ouvira e sentira junto de si por muitas vezes, apesar de ter falecido há alguns anos.

Não podemos agora entrar em mais pormenores àcêrca desta notável materialização; mas quem desejar mais amplos esclarecimentos a tal respeito pode encontrá-los na notável obra de Robert Owen, *La Region Discutée*.

*

* *

A exposição resumida das duas materializações anteriores, que são como que o tipo de todas as da sua espécie, sugere-nos as seguintes considerações gerais.

A existência ou antes a duração destas figuras materializadas é sempre de curta duração, pode durar alguns minutos ou uma a duas horas. É porém certo que a mesma aparição pode reaparecer nas mesmas condições nos dias imediatos.

Não é lógico, não é sensato tentar explicá-las por uma alucinação dos sentidos; porque a forma materializada pode deixar vestígios permanentes da sua efémera existência, pois pode ser fotografada, moldada, pesada numa balança funcionando automaticamente, etc., como mais tarde demonstraremos.

Se bem que possa haver fantasmas vivos, mero produto do animismo (tais são todos os fantasmas de pessoas vivas, vulgarmente denominados duplos, as duas materializações que deixamos narradas, bem como todas as mais que representam pessoas já falecidas e que tiveram características iguais a estas, não podem por forma alguma explicar-se pelo animismo, porque o corpo astral que lhes serve de núcleo assimilador é o de um morto e como tal pertence aos domínios do espiritismo.

O fantasma de Lizzia foi reconhecido pelos pais como sendo sua falecida filha, e o da esposa de Livermore foi reconhecido pelo marido e pelos seus amigos.

Daqui não há que fugir: - Os mortos vivem, e podem tornar-se (em determinadas condições) visíveis, audíveis e tangíveis pelos vivos.

A imortalidade é um facto demonstrado pela experiência.

Para a produção das materializações a obscuridade, ou antes a ausência de luz branca viva é uma condição indispensável para a sua produção. Todavia uma vez constituído o fantasma, êste pode já aguentar a luz branca durante um tempo mais ou menos longo conforme as forças do medium e a intensidade do seu poder psíquico.

É por isso que nas sessões de materialização se prepara num dos cantos da sala das sessões por meio de reposteiros espessos um gabinete escuro, onde o medium fica sentado, e dentro do qual se opera, a coberto da luz, o mistério da criação do fantasma, que, depois de formado pode sair para fora do gabinete escuro e sofrer sem maior inconveniente, a acção da luz vermelha, e nalguns casos mesmo a da luz branca.

A luz branca tem um grande poder de desagregação molecular sôbre estas criações nascentes das manifestações transcendentais do espiritismo.

Pela mesma razão porque a introdução da luz branca impediria a criação da imagem fotográfica no laboratório do fotógrafo, pela mesma razão a luz branca, impediria, pelo seu poder reductor, a formação do fantasma humano, criado exclusivamente á custa da matéria que, inconscientemente, lhe fornece o medium do seu próprio corpo.

Katie King

Vamos ocupar-nos agora da manifestação espírita mais célebre de que fazem menção os anais do espiritismo.

Várias razões imperam para lhe darmos o qualificativo de - a mais célebre.

Em primeiro lugar nenhuma a iguala na duração, pois que se repetiu quasi diáriamente durante perto de tres anos. Em segundo lugar pela autenticidade que lhe advem de ter sido observada meticulosamente durante tanto tempo por uma das mais fulgurantes notabilidades da sciência europeia, o eminente físico, químico e astrónomo inglês Sir William Crookes.

Em terceiro lugar estas manifestações realizaram-se todas na própria casa dêste meticoloso observador, diante das pessoas da sua família e de vários homens illustres da sua maior intimidade.

O medium era Miss Florencia Cook, rapariga de 15 anos, baixa, trigueira, de cabelos quasi pretos.

O medium trajava quasi sempre de veludo preto.

A aparição tomava o nome de Katie King, embora o seu verdadeiro nome fosse Annie Owen Morgan. Depois de constituído o fantasma no gabinete escuro, saía para a sala onde se encontravam os observadores, e revelava-se em plena luz do gaz sob as formas de uma mulher

joven, alta e bela, de tez muito branca e cabelos louros, trajando roupagens amplas e brancas, com uma espécie de turbante que lhe cobria em parte os cabelos.

Esta aparição só a William Crookes concedia a liberdade de passear pela sala, conforme lhe aprouvesse; os demais espectadores deviam estar sentados.

Enquanto Katie King passeava livremente em plena luz do gaz pela sala de jantar do sábio químico, conversando com êste e com sua esposa e filhos, o medium jazia no quarto contíguo, às escuras, imerso em profunda letargia, deitado sobre um sofá e separado da casa de jantar por um reposteiro espesso.

Durante algum tempo o ilustre sábio presumia que Florencia Cook e Katie King eram uma e única pessoa, e por isso estudava a maneira de poder ver ao mesmo tempo as duas, o que só seria possível dentro do gabinete escuro.

Posto isto como preliminar, vamos dar a palavra ao eminente sábio, para que seja êle, e não nós, quem descreva algumas das suas últimas sessões, realizadas todas como já dissemos em sua própria casa.

*

* *

Havia já há algum tempo, diz êle, que eu fazia experiências com uma lâmpada de fósforo, que consistia numa garrafa contendo um pouco de óleo fosforado, sólidamente rolhada.

Eu tinha razões para crer que a luz dessa lâmpada alguns dos misteriosos fenómenos do gabinete poderiam tornar-se visíveis, e esta minha esperança era igualmente compartilhada por Katie King.

No dia 12 de Março, durante uma sessão em minha casa e depois de Katie ter caminhado por entre nós e nos ter falado durante algum tempo, ela retirou-se para detrás da cortina que separava o meu laboratório, onde os assistentes estavam sentados, da minha biblioteca, que temporariamente servia de gabinete escuro.

Instantes depois Katie entreabriu a cortina e chamou-me, dizendo: Entrai e levantai a cabeça do meu medium, que caiu no chão. Katie estava então de pé diante de mim, com o seu traje branco habitual e toucada com o seu turbante branco.

Dirigi-me logo para a biblioteca para levantar Miss Cook, e Katie deu alguns passos para o lado para me deixar passar.

Com efeito Miss Cook tinha escorregado em parte do canapé, e a sua cabeça pendia numa posição penosa.

Coloquei-a de novo convenientemente e, fazendo isto, tive, apesar da obscuridade, a viva satisfação de verificar que Miss Cook trajava de veludo preto, seu fato habitual, e que aquela se achava em letargia profunda.

Havia apenas três segundos que eu vira Katie trajando de branco.

Voltando ao meu posto de observação, Katie reapareceu, dizendo-me que julgava poder mostrar-se-me ao mesmo tempo que o seu medium.

Diminuindo-se a luz do gaz, pediu-me a lâmpada de fósforo.

Depois de se ter mostrado á sua pálida luz, durante alguns segundos, entregou-me, dizendo:

- Agora entrai, e vinde ver o meu medium

Seguia de perto para a biblioteca, e, á luz da lâmpada vi Miss Cook descançando no sofá, tal como eu a tinha deixado. Olhei em tórno de mim para ver Katie, mas tinha desaparecido.

Chamei-a, não tive resposta. Voltei para o meu lugar, e logo Katie reapareceu, dizendo-me que durante todo esse tempo estivera em pé junto de Miss Cook.

Perguntou-me então se não poderia ela mesma tentar uma experiência, e, tomando-me das mãos a lâmpada de fósforo, passou para detrás da cortina, pedindo-me que não olhasse por agora para o gabinete.

Passados alguns minutos restitui-me a lâmpada, dizendo que nada conseguira: que esgotára todo o fluído do medium; mas que tentaria de novo para outra vez.

Meu filho mais velho (continua Crookes), rapaz de 14 anos, que estava sentado de frente de mim, em posição tal que podia ver alguma coisa por detrás da cortina, disse-me ter visto distintamente a lâmpada de fósforo flutuar no espaço por cima de Miss Cook, mas que não vira ninguém segurar na lâmpada.

*

* *

Passo agora, continua êle, á sessão realizada ontem á noite.

Nunca Katie apareceu com tão grande perfeição como desta vez.

Durante perto de duas horas passeou pelo quarto, conversando familiarmente com todos os circunstantes.

Por várias vezes, diz Crookes, ela tomou o meu braço, e, caminhando assim, a impressão que eu sentia era a de uma mulher viva, que se achava ao meu lado, e não um visitante do outro mundo, e esta impressão foi tão forte e profunda, que se me tornou quasi irresistível a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência.

Pensando pois que, se não era um espírito, que eu tinha junto de mim, era pelo menos uma senhora, pedi-lhe a permissão de a tomar nos meus braços, afim de me permitir verificar as interessantes observações que um experimentador ousado tinha feito conhecer por uma forma um tanto prolixa.

Esta permissão, continua êle, foi-me graciosamente concedida, e portanto usei dela, em termos habeis, como em análogas circunstâncias o haveria feito uma pessoa bem educada.

E é por isso que posso assegurar que o fantasma (que aliás nenhuma resistência opôs) era um ser tão material como Miss Cook.

Katie disse-me então, que desta vez se julgava capaz de se mostrar ao mesmo tempo que o seu medium.

Diminui a luz do gaz, e, tomando a lâmpada de fósforo, penetrei no quarto que servia de gabinete.

Entrei no quarto com precaução; estava escuro, e foi ás apalpadelas que dei com Miss Cook, que encontrei agachada no chão.

Ajoelhando, deixei entrar na lâmpada algum ar, e á sua luz pude ver que estava vestida de veludo negro como no comêço da sessão, e tinha toda a aparência de estar completamente insensível.

Não se mexeu quando lhe tomei a mão e lhe aproximei do rosto a lâmpada, pois continuou respirando suavemente.

Elevando então a lâmpada, e olhando em tórno, vi Katie, que estava junto do medium e por detrás dela, trajando roupas brancas flutuantes como as que já mostrara nessa sessão.

Segurando uma das mãos de Miss Cook e ajoelhando ainda, levantei e baixei a lâmpada para me assegurar de que era aquela a verdadeira Katie, que pouco antes eu apertára nos braços, e não um fantasma criado por um cérebro doente.

Por tres vezes diferentes examinei Katie e o medium para me assegurar de que eram realmente eles que ali estavam.

Por fim o medium fez um ligeiro movimento, e Katie fez-me sinal para que me retirasse.

Retirei-me então para outro canto do gabinete, e deixei então de ver Katie; mas não deixei o quarto sem que o medium acordasse, e que dois dos assistentes entrassem no gabinete com luz.

Por várias vezes Katie tinha declarado que só poderia aparecer com o seu medium durante tres anos, findos os quais desapareceria para não mais voltar.

Na semana que precedeu a sua desapareição definitiva (o que se realizou a 21 de Março de 1874) Katie deu sessões quasi todas as noites em casa de William Crookes, afim de lhe permitir o fotografá-la á luz artificial.

Cinco máquinas fotográficas, colocadas em sítios diversos da sala, eram simultaneamente empregadas para fotografar Katie no momento em que ela fazia a sua aparição junto da cortina. O preparo e revelação das chapas era feita pelo próprio Cookes, auxiliado por um ajudante.

Pôde assim o ilustre químico obter 15 clichés por noite, fazendo ao todo 44 negativos, alguns excelentes, outros regulares, ou medióces.

Tentou-se apresentar no mesmo cliché o retrato de Crookes e o de Katie, mas a experiência demonstrou que a luz reflectida por Katie é muito mais actínica do que a reflectida pelas pessoas

vivas, donde resulta que, devendo ser desigual o tempo de exposição, se o retrato de Katie fica perfeitamente bom, o de Crookes fica demasiado fraco, e vice-versa.

Florencia Cook passava ás vezes semanas inteiras em casa de Crookes, vivendo constantemente em companhia da esposa dêste e dos filhos, e a única bagagem que levava era um pequeno saco de viagem que não tinha fechadura.

Depois de jantar e de conversar um bocado, Florencia Cook dirigia-se para o gabinete escuro, estendia-se no sofá ou mesmo no chão, com a cabeça apoiada numa almofada, e em breve caía em estado letárgico.

Durante as sessões fotográficas, diz Crookes, Katie envolvia a cabeça do medium em um chale, para que a luz não incidisse sôbre o seu rosto.

Frequentes vezes levantei um canto da cortina, quando Katie estava em pé junto dela.

As sete ou oito pessoas que assistiam ás experiências viam então nitidamente, e ao mesmo tempo, Katie e o medium sob o jacto brilhante da luz electrica.

Tenho uma prova fotográfica de Katie e Florencia Cook em grupo; mas Katie ficou diante da cabeça de Miss Cook.

Mas a fotografia, acrescenta o sábio inglês, é tão importante para pintar a beleza do rosto de Katie, como as palavras o são para descrever o encanto das duas maneiras.

A fotografia pode, é certo, dar um desenho da sua attitude, mas como poderia reproduzir a pureza brilhante da sua tez, ou a expressão cambiante das suas feições tão moveis, ora veladas de tristeza, quando narrava algum sucesso amargo da sua vida passada, ora sorrindo com a inocência da juventude, quando, tendo reunido meus filhos em torno dela, lhe contava episódios das suas aventuras na Índia.

*

* *

Tenho a certeza mais absoluta de que Miss Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos enquanto aos corpos.

Muitos sinais pequenos que se notam no rosto de Miss Cook faltam por completo em Katie; o cabelo de Miss Cook é castanho escuro, quasi preto: um anel dos cabelos de Katie, que aqui tenho presente, e que ela me permitiu cortar no meio das suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido o cabelo com os meus dedos até ao crâneo, para assim me assegurar de que não eram postiços, é de um belo castanho dourado.

Uma noite contei as pulsações de Katie; o seu pulso batia regularmente 75 pulsações, enquanto que o do seu medium, poucos instantes depois, batia 90, o que nela era normal.

Apoiando o ouvido sôbre o peito de Katie pude ouvir as pulsações do seu coração, que eram ainda mais regulares do que as de Miss Cook, quando, finda a sessão, esta me permitiu auscultá-la.

Os pulmões de Katie mostravam-se mais sãos do que os do medium, que nessa ocasião sofria ainda as consequências de uma bronquite.

*

* *

Quando chegou o momento de nos dizer adeus para sempre, eu pedi a Katie o favor de ser eu o último a vê-la.

E por isso quando êsse momento se aproximou, ela chamou a cada um dos circunstantes para lhe dizer algumas palavras em particular, e deu-nos instruções gerais para a nossa direcção futura, e com respeito á protecção a dar a Florencia Cook.

Dessas instruções, que foram estenografadas, William Crookes cita a seguinte frase:

"Mr. Crokes procedeu constantemente bem; e é com a maior confiança que eu deixo Florencia entre as suas mãos; pois estou certo de que jámais faltará á fé que nele deposito.

Em todas as circunstâncias imprevistas êle poderá fazer melhor do que eu própria; porque tem mais fôrça".

Terminadas as suas instruções, diz Crookes, Katie convidou-me a entrar com ela no gabinete e permitiu-me ficar ali até ao fim.

Depois de ter fechado a cortina, conversou comigo algum tempo; depois atravessou o quarto para ir ter com o medium, que jazia inanimado sôbre o sobrado.

Inclinando-se sôbre ela, Katie tocou-a e disse:

- Desperta Florencia! desperta! É mister que eu te deixe agora.

Miss Cook acordou, e, toda lacrimosa, suplicou a Katie que ficasse por mais algum tempo.

- Não posso, minha querida, a minha missão está cumprida.

- Que Deus te abençoe, respondeu Katie, e continuou a falar com ela.

Durante alguns minutos conversaram juntas, até que enfim as lágrimas de Miss Cook lhe embargaram a voz.

Corri a segurar o medium que ia cair no chão e soluçava convulsivamente.

Olhei em tórno de mim, mas Katie e o seu vestido branco haviam desaparecido.

*

* *

Uma testemunha ocular desta sessão de despedida confirma a narração do eminente sábio, mas acrescenta algumas minudências importantes.

Katie vestia de branco com mangas curtas e pescoço descoberto.

Longos cabelos castanho claro de cambiantes dourados caíam-lhe em anéis aos lados da frente e pelas costas até á cintura.

Trazia um longo veu branco, que só uma ou duas vezes abaixou durante a sessão.

O medium trazia um vestido de merino azul claro.

O cortina do gabinete estava afastada por forma que todos podiam ver distintamente o medium adormecido, com o rosto coberto com um chale encarnado, para o subtrair á intensidade da luz.

Katie aceitou um ramilhete que Mr. Tapp lhe havia trazido assim como um ramo de lilás, oferta de W. Crookes.

Katie convidou Mr. Tapp a desatar o ramilhete e colocar as flores no chão diante dela.

Sentou-se então no chão á moda turca, e pediu-nos que fizéssemos o mesmo em tórno dela. Dividiu as flores em pequenos raminhos atados com uma fita azul, e deu um a cada pessoa.

Escreveu tambem cartas a várias pessoas, assinando-se Anne Owen Morgan, dizendo ser êsse o seu verdadeiro nome durante a sua vida terrestre.

Escreveu tambem uma carta ao seu medium, e escolheu para êle, como lembrança de despedida, um simples botão de rosa.

Tomando então uma tesoura cortou uma trança dos seus cabelos que dividiu por todos.

E tomando então o braço de William Crookes, percorreu a sala em tórno, apertando a mão a todos.

Assentou-se de novo e cortando vários pedaços do seu vestido e do veu, presenteou com eles os assistentes.

Como porêm ficassem grandes buracos no seu fato, e lho fizessem notar, ela, pondo a parte cortada á claridade da luz, bateu-lhe em cima uma pancada, e imediatamente a parte cortada ficou tão inteira como dantes, como se verificou instantes depois.

Reiterou a todos as suas despedidas pela forma mais afectuosa.

Os assistentes agradeceram-lhe as manifestações maravilhosas que lhes havia proporcionado.

E enquanto dirigia a todos um último olhar grave e pensativo, deixou cair a cortina, tornando-se invisível para todos.

Ouvimo-la então despertar o medium, que lhe rogava chorando, que ficasse por mais um pouco; mas Katie disse-lhe:

- Minha querida, não posso. a minha missão está cumprida; que Deus te abençoe!...

Ouvimos então um beijo de despedida.

O medium ficou completamente esgotado de forças e profundamente consternado.

Katie tinha declarado que dali por diante não mais poderia materializar-se, falar, nem mostrar o seu rosto. Que ia ascender a um grau superior da vida espiritual, que só de longe em longe poderia corresponder-se por escrito com o seu medium, mas que êste poderia sempre vê-la por meio da sua lucidez magnética.

Materializações de Mme. Corner em 1900

Vem agora a propósito expôr aqui o que sôbre o que o assunto materializações, tivemos a felicidade de presenciar e observar em Paris, em um dos últimos dias do mês de Julho do ano de 1900.

Realizou-se a sessão em uma pequena casa de campo de um dos arrabaldes da grande capital, aonde fomos apresentados por Mme. Leymarie, que, na ausência de seu marido, então gravemente doente numa das praias de França, o substituiu, tendo a amabilidade de nos facultar a assistência a essa memorável sessão.

Estiveram presentes 14 pessoas, além do medium, sendo 10 franceses, dois polacos, uma senhora inglesa e um português. Os homens eram médicos, juristas e homens de letras.

O medium era Mme. Corner, nome que actualmente usa por ser casada, essa mesma Florencia Cook de quem ainda há pouco nos ocupámos.

Devemos ainda dizer que, como é frequente suceder a outros mediuns a mediumnidade materializante dessa senhora havia durante muitos anos desaparecido por completo, sendo só em 1900, que essa interessantíssima faculdade voltou a manifestar-se, embora num grau muito mais fraco do que no seu tempo de solteira.

*

* *

É de toda a conveniência em casos dêstes descrever os traços característicos do medium, bem como o traje que trazia vestido.

Mme. Corner é uma senhora de 44 anos de idade, baixa, trigueira, cabelos quasi pretos, falando a língua francesa com alguma dificuldade na escolha dos termos, e tendo na pronuncia um acentuado sotaque inglês.

Trajava vestido comprido de veludo violeta, que á luz do gaz parecia preto, tendo no peito um pequenino decote em forma quadrangular, e mangas curtas só até ao cotovelo onde terminavam por compridas rendas creme.

A sala da sessão era no 2.º andar, a que se subia por uma comprida escada terminada em cima por uma única porta fechada á chave. Esta sala constituía uma espécie de pavilhão isolado, pois não tinha outros quartos contíguos.

Aberturas para o exterior havia apenas tres janelas, fechadas e trancadas com trancas de ferro, e a porta de entrada de que já falamos, cuja chave (depois de fechada) ficou em poder de um de nós.

O teto era de estuque e o chão coberto por uma alcatifa inteiriça.

Num dos ângulos da sala o gabinete escuro, formado por dois pesados reposteiros de fazenda escura, abrindo ao meio e aos lados.

Dentro dêste gabinete triangular havia apenas uma pequena cadeira de costura, bastante sólida e aparafusada ao chão.

Depois de bem inspeccionada a sala, e de serem as paredes batidas a punho, para nos assegurarmos de que não havia portas falsas, o medium pediu-nos que a atasse solidamente pela cintura ás costas da cadeira, o que fiz imediatamente, feito o que o medium pediu a um outro dos circunstantes que lhe atasse as mãos pelos pulsos, prendendo-lhas ainda, depois de atadas, á cintura. Tanto o nó do atado da cintura como o dos pulsos foram lacrados e estampado um sinete no lacre.

Os assistentes sentaram-se em semi-círculo em frente do reposteiro, formando cadeia com as mãos por forma tal que apenas os dois cavalheiros das extremidades é que tinham uma das mãos livre.

Apagou-se depois a luz do gaz, ficando a sala apenas iluminada por uma luz encarnada que incidia sôbre o meio dos reposteiros, e permitia que nos visse-mos todos uns aos outros, embora de uma maneira vaga e sem detalhes.

Passados uns 15 minutos de expectativa ouviu-se dentro do gabinete uma voz de homem, rude e brutal, falando inglês e travando diálogo com o medium que também lhe respondia na mesma língua.

Como os circunstantes pouco compreendiam da língua inglesa, a dona da casa que estava assistindo, ia traduzindo para francês tudo quanto em inglês se ia dizendo no gabinete escuro.

Pouco depois apareceu pela parte superior dos reposteiros, mas a uma altura muito superior á estatura humana, um braço, nú até ao ombro, braço de homem musculoso e forte. Tanto o braço como a mão tinham toda a mobilidade de um braço vivo e pertenciam, bem como a voz que se ouvia, ao espírito guia do medium, que era conhecido apenas pelo título de o capitão; pois parece que tinha sido capitão de marinha mercante.

Houve nesta sessão fenómenos muito variados, sendo um dos mais originais umas bolas luminosas, de uma luminosidade tão intensa e suave que se viam nítidas através dos reposteiros

como se eles não existissem, bolas que descreviam a capricho as curvas mais sinuosas, subindo e descendo em todos os sentidos.

Estas bolas de luz, do tamanho de bolas de bilhar, não eram scintilantes, mas de uma luz difusa tão intensa, que faziam lembrar bolas de neve electricamente iluminadas por dentro.

Houve diversas materializações, a que ligamos pouco valor, por isso que estando vestidas de escuro, a custo se distinguiam sôbre o fundo também escuro dos reposteiros.

Por vezes se ouviram dentro do gabinete escuro vozes diversas de tres ou quatro pessoas falando simultaneamente em inglês; até que mais tarde se ouviu uma voz extremamente simpática e juvenil expressando-se em puríssimo francês, em conversa com o medium, que lhe respondia na mesma língua; mas cuja voz e pronúncia se distinguia perfeitamente da outra.

Essa voz era de um espírito a quem davam o nome de Miss Mary, menina que, apesar de ser filha de pais ingleses, preferia falar sempre em francês, por ter nascido e vivido sempre na Algéria.

Pouco depois o reposteiro do nosso lado esquerdo entreabriu-se junto á parede, no sítio onde a luz era mais frouxa, deixando passar pela abertura um vulto de mulher vestida de branco, que pouco se demorou, e que mal podemos ver, por ficar no ponto mais afastado de nós e no sítio menos batido da luz.

Felizmente alguns minutos mais tarde os reposteiros abriram-se outra vez ao meio, e afastando-os e segurando-os com as duas mãos, surgiu entre eles a figura esbelta e graciosa de Miss Mary, que dando um ou dois passos á frente estacou mesmo diante de nós, conservando sempre os reposteiros afastados com as mãos.

Trajava vestido de noiva de longa cauda, branco de neve, largamente decotado de ombro a ombro, e os braços inteiramente nús.

A sua pele, de uma brancura setinosa, tinha todo o frescor da juventude, e uma abundante cabeleira loiro claro caía-lhe em bastos aneis sôbre os ombros e braços.

Um comprido veu branco de noiva cobria-lhe o rosto e a fulva cabeleira, e como era bastante espesso não deixava apreciar miudamente as suas graças juvenis.

Esta aparição distava de nós pouco mais de um metro, e, como não posso pôr em dúvida o que vi e ouvi, posso afirmar sem exitações que estava bem viva a figura que eu via diante de mim, pois tinha todos os movimentos que só a vida dá, e falava um francês tão puro e tão correcto, como raras vezes tenho ouvido.

Antes de se retirar pediu pena e papel para escrever.

E como lhe indicassem uma pequena mesa que ficava junto á parede do nosso lado esquerdo, Miss Mary retirou-se para dentro do gabinete escuro, e entreabrindo o reposteiro junto á parede, no sítio onde aparecera na vez primeira, e estendendo o braço e molhando a pena, dobrou o busto sôbre a mesa, escreveu apressada e febrilmente algumas frases de despedida, assinou e retirou-se para o gabinete escuro, donde não tornou a sair, embora continuassemos a ouvir ainda por algum tempo a sua voz maviosa e bem timbrada.

Quando escreveu, o silêncio era tão profundo e o movimento da pena tão febril que se ouvia nitidamente o ranger da pena sôbre o papel, e o ruido da caneta, quando ela a largou sôbre a mesa.

Tudo o que vimos e ouvimos, foi visto e ouvido pelas outras 13 pessoas, das quais duas, e mais eu, mandamos artigos para a Revue Spirite dêsse ano, artigos em que todos, por uma forma inteiramente concordante, relataram essa sessão com toda a minuciosidade.

CAPÍTULO X

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Terminámos a exposição minuciosa das principais experiências e observações que atestam a veracidade e a oblectividade dos fenómenos espíritas, fenómenos que provam exuberantemente a imortalidade da alma humana; pois que longo tempo depois da morte do corpo ela se afirma, por factos inumeráveis, como um ser vivo, que conserva a sua individualidade e personalidade, por uma forma indestrutível, afirmando-se ao mesmo tempo como muito mais poderosa e conhecedora dos segredos da Natureza do que o era, quando vivia na terra.

É porêem conveniente fazer agora algumas considerações gerais sôbre o que temos exposto; porque a despeito das provas esmagadoras que apresentamos, parece-nos estar vendo nos lábios de alguns dos nossos leitores um sorriso contrafeito, exprimindo a dúvida ou a incredulidade.

Parece-nos mesmo ler-lhes no espírito a seguinte objecção:

- Dando de barato que esses diversos sábios sejam homens de toda a probidade, e como tais incapazes de tentarem convencer-nos de cousas que não viram, quem pode garantir-nos de que eles não foram vítimas de uma alucinação de todos os sentidos, que lhes fez ver o que não existia?

Onde está a prova (dirão eles) de que esses espíritos materializados são reais, e não meras aparências ou devaneios da fantasia?

A êste último argumento dos septicos e positivistas à outrance respondemos-lhes ainda com factos e com argumentos irrespondíveis.

*

* *

Ainda que nós aceitássemos (por mera hipótese, bem entendido), e apesar da sua inverosimilhança, como possíveis essas multiplicadas e constantes alucinações dos sentidos; os septicos nada ganhariam com isso; pois seriam forçados a admitir como certo que o Sol não

pode ser vítima de alucinações, e que a máquina fotográfica só fixa e retém as imagens de objectos reais colocados diante da objectiva..

Pois bem: as fotografias de espíritos, ou materializados ou mesmo invisíveis á nossa mui limitada visão, são a prova mais frisante de que os espíritos podem revestir um corpo visível ou invisível, capaz de reflectir raios actínicos, que vão impressionar a chapa fotográfica.

William Crookes fotografou inúmeras vezes o espírito Katie King, e era êle próprio que preparava e revelava as chapas negativas.

Aksakoff, ilustre sábio russo e conselheiro secreto do czar da Rússia, obteve numerosas fotografias de espíritos invisíveis, em clichés préviamente marcados por êle.

Numerosos fotógrafos amadores de diversos países teem obtido não só fotografias de espíritos materializados, e portanto visíveis para todos, mas também espíritos só visíveis para o medium e para a máquina fotográfica.

Mas se essa prova ainda não bastar para abrir os olhos a quem não quer ver, temos ainda outra prova esmagadora, permanente, visível e palpável, cuja produção transcende os meios físicos de que a sciência e a indústria dispõem

Referimo-nos ás moldagens em parafina, tanto em voga nas sociedades espíritas da América do Norte, e que se obteem pela forma seguinte:

Na frente do estrado, onde os espíritos devem aparecer materializados, colocam-se dois vasos fundos, um dos quais contém uma porção de parafina dissolvida em água muito quente, e o outro está cheio de água fria.

Quando as formas materializadas aparecem á frente do estrado e em plena luz, a pedido dos assistentes mergulham na parafina dissolvida a mão ou o pé, o braço ou a perna. Quando se retiram do vaso, esses membros vêem recobertos com uma tenuíssima camada de parafina, que os reveste como se fôra uma luva.

Seguidamente mergulham esse mesmo membro no vaso de água fria, onde a parafina arrefece e consolida, e quando, passados alguns instantes, a forma materializada se dissolveu fica a flutuar na água fria a luva ou a meia de parafina, ôca e reproduzindo fielmente todas as minudências da epiderme dêsse membro.

Vazando-se depois, dentro dessas luvas, gêsso diluído, obtem-se reproduções admiráveis de finura e modelado, tão finas que nenhum escultor seria capaz de as obter iguais.

Qual seria o ser vivo que ousaria mergulhar a mão em parafina a ferver; e mais ainda, supondo que saísse impune dessa prova, quem é que conseguiria descalçar essa luva ou meia de nova espécie, sem a rasgar no pulso ou na canela, ou sem a destruir por completo?

E, note-se bem, a experiência dá sempre igual resultado, quer a mão tenha os dedos unidos, ou afastados, quer estejam dobrados sôbre a palma da mão.

Tem-se chegado até a obter a moldagem perfeita de duas mãos agarradas uma á outra.

Como se pode explicar êste aparente milagre?

Simplesmente pelo facto demonstrado de os espíritos se poderem materializar ou desmaterializar por um simples acto da sua vontade.

A mão ou o pé dissolve-se por completo dentro da própria luva, ficando assim esta perfeitamente vazia, sem que a mão necessite sair pela abertura do pulso.

A fotografia espírita e as moldagens em parafina, factos permanentes que atestam perduravelmente a existência dos espíritos, que os produziram, são a prova mais convincente para demonstrar que os nossos sentidos não foram iludidos nem alucinados quando atestam a existência real dos espíritos.

*

* *

Uma vez demonstrada e aceite a existência dos fenómenos espíritos, uma nova interrogação surge diante de nós.

Qual é a natureza e procedência dos espíritos?

Serão eles uma criação independente na Natureza, isto é, serão eles individualidades inteligentes distintas do homem, ou serão, como se pretende geralmente, as almas dos homens que já viveram na Terra, e que vagueiam no espaço, libertas já dos laços da matéria?

A resposta é esta:

Os espíritos são pura e simplesmente as almas de indivíduos que em épocas mais ou menos recentes ou remotas viveram já á superfície da Terra.

Há-os de todas as categorias, desde os que pertenceram a homens que a custo se extremaram da animalidade, até aos dos homens mais cultos e civilizados; desde os que se arrastaram no lodaçal do vício ou do crime, até aos que ocuparam na humanidade um lugar primacial pelas suas virtudes ou pela sua elevada ilustração.

As provas desta afirmação são inúmeras; mas basta reduzi-las ao seguinte:

Todos os espíritos que se manifestam na Terra por qualquer forma, declaram sempre categoricamente terem já vivido no globo, que habitamos, dando os nomes porque aqui eram conhecidos, a sua última residência e mil outras provas da sua identidade.

Aqueles que se materializam com nitidez, apresentam as feições exactas, que aqui tinham, e os que se revelam pela escrita apresentam a mesma caligrafia e o mesmo estilo característico.

Desta sorte a humanidade que vive sôbre a Terra e aquela que vive no espaço são solidárias entre si, e constituem uma só e mesma humanidade, continuando-se em dois planos diferentes.

Poderíamos citar milhares de provas em abono do que dizemos; como porém isso seria prolixo, limitar-nos hemos a apresentar os dois factos seguintes.

Mr. Bland, cavalheiro bem conhecido na alta sociedade de Washington, fazia estudos de espiritismo com uma senhora das relações da sua família, que nem era medium de profissão, nem sequer fazia pagar as suas sessões.

Graças á intervenção desta senhora, Mr. Bland comunicava frequentes vezes com sua mãe, que havia falecido alguns anos antes.

Esta fez-lhe saber um dia que desejava retratar-se conjuntamente com seu filho, aconselhando-o por isso a ir fotografar-se a uma fotografia de Cincinnati, pois que ela tentaria fotografar-se conjuntamente com êle.

Esquecera-se porém de combinar qual seria a fotografia.

Dias depois Mr. Bland foi com o medium á primeira fotografia que se lhe deparou.

O fotógrafo, porém, que ignorava completamente o acôrdo, ficou estupefacto ao encontrar no negativo tres figuras humanas em vez das duas que êle tinha visto.

Mas, cousa singular, o retrato, que aparecia a mais, não era o da mãe de Mr. Bland.

Regressando a casa consultou sua mãe por via do medium, e soube então que essa terceira pessoa, era um amigo que a acompanhára, e que, por ser mais experiente, tentára primeiro a experiência; mas que, se lá voltasse, então apareceria ela própria.

E com efeito, voltando á fotografia, Mr. Bland obteve dois clichés, em ambos os quais figurava o retrato de sua mãe.

Mr. Russell Wallace, citando êste facto numa das suas obras, declara ter visto os tres clichés, e ter ouvido ao próprio Bland a narração dêsse successo.

*

* *

O outro facto, a que aludimos, deu-se também com um amigo de Sir Russell Wallace, residente em Washington, e oficial militar do exército dos Estados Unidos.

Havia muitos anos que êste oficial estudava o espiritismo, e recebia frequentes comunicações de sua filha, que falecera alguns anos antes.

Numa dessas sessões apareceu-lhe a forma materializada de uma formosa senhora, que êle não conhecia, e que disse chamar-se Nelly Morrison, e ser amiga de sua filha.

Na sessão imediata, tendo o medium declarado que sua filha estava presente, embora não fosse visível, êle perguntou-lhe quem era essa tal Nelly Morrison.

Soube então que de facto era sua amiga e filha de um oficial que falecera em Filadelfia, e cuja patente indicou.

Procedendo a investigações, pôde averiguar que com efeito êsse oficial falecera ali em determinada época.

Soube também mais tarde que Nelly Morrison morara também em Filadelfia em determinada rua e casa, e o nome de sua sogra que ainda era viva.

*

* *

Sustentam ainda os sépticos que o espiritismo deve ser um embuste, pois que só opera na escuridão, e que facilmente seria desmascarado se operasse em plena luz.

Mas uma tal afirmação é falsa por absoluta, e é contraproducente, porque prova de mais.

Em primeiro lugar nem todos os fenómenos do espiritismo exigem a escuridão absoluta para se produzirem, embora seja certo que a luz branca dificulta, ou pelo menos enfraquece a intensidade dos fenómenos do alto espiritismo.

Com mediuns de pouca fôrça a escuridão pode ser favorável, porque auxilia a sua produção. Mas em qualquer circunstância a escuridão absoluta pode ser substituída pela luz vermelha ou azul.

Se porêm o medium dispõe de um poder psíquico considerável, nêsse caso a luz branca do dia, ou a luz do gaz ou eléctrica não obstam aos fenómenos.

O que porêm é indispensável é um pequeno gabinete escuro, onde o medium repousa ao abrigo da luz viva, enquanto está em transe, que é um estado misto de letargia e de catalepsia, porque a luz branca irrita e incomoda penosamente os catalepticos.

É aí que se criam essas formas vivas que se chamam materializações; mas, uma vez criadas, saem para fora do gabinete, pois já podem sofrer a acção da luz viva, vermelha ou branca.

Vê-se, pois, que é falso afirmar-se que o espiritismo é um embuste por só actuar na escuridão; pois ninguém classifica de embusteiros os fotografos por não poderem criar as suas imagens se não ao abrigo da luz branca

Ora se a criação das imagens fotográficas, que não são vivas, só podem realizar-se á luz vermelha, que admira pois que a criação das materializações, que são imagens vivas, exija a escuridão para se produzirem?...

*

* *

Todas as objecções que, como estas, se teem levantado contra a realidade dos fenómenos espíritas, cáem por terra; porque acima de toda a hostilidade e preconceitos dos sábios, cuja ciência cristalizou no statu quo, levanta-se a supremacia irresponsível dos factos, que se impõem á razão humana com um grau tal de evidência, que não há meio de resistir-lhe.

É que o verdadeiro homem de ciência não pode ter preconceitos, nem aceitar dogmas de escola - aceita sómente os factos e procura explicá-los.

É por isso que o sábio antropólogo italiano que se chamou Cesare Lombroso, êsse sábio ilustre, que foi uma das mais fulgentes glórias do século passado, depois de ter sido um dos mais ferrenhos adversários do espiritismo, tendo em 1891 assistido em Nápoles a uma série de experiências com a medium Eusapia Paladino, na presença dos professores Tamburini, Limoncelli, Bianchi, Ascensi, Gigli, e vários outros, se penitenciou voluntariamente do seu êrro, escrevendo ao Sr. Giolfi, que lhe havia enviado uma relação em duplicado das experiências feitas nassas sessões, a seguinte carta que foi publicada na Tribuna Judiciária de 5 de Julho de 1891:

Ilmo. Sr. - A relação em duplicado, que me enviou, está absolutamente exacta; acrescente também que, quando se achou voltado o vaso com a farinha, o medium tinha anunciado que atiraria com a farinha á cara dos assistentes, e tal deveria ter sido a sua intenção, que só realizou por metade, o que para mim é uma nova prova de perfeita bôa fé da paciente e do estado de semi-inconsciência.

Sinto-me envergonhado e condoído por ter atacado com tanta tenacidade a possibilidade dos factos chamados espíritas; e digo os factos, por ser ainda contrário á teoria. Porém os factos existem, e eu jacto-me de ser escravo dêles.

Cumprimente em meu nome o sr. Chiaia, e trate de fazer medir com Albini o campo visual e o fundo ocular do medium, pois penso em ocupar-me disso.

Turim, 25 de Junho de 1891.

seu affecto

C. Lombroso.

Alguns anos mais tarde, depois de ter assistido a uma nova série de experiências, Lombroso deu a sua plena e incondicional adesão á teoria espírita. E, não contente com isso, publicou um livro sôbre o Espiritismo, onde analisou e proclamou a nova doutrina, dando assim a prova mais deslumbrante do seu carácter leal e sincero, e da sua probidade científica.

Acima de tudo a verdade.

*

* *

E agora, que temos demonstrado com factos e com o testemunho unânime dos mais conspícuos e meticulosos observadores, que as mais assombrosas manifestações do espiritismo, longe de serem um embuste, como se pretendia, são factos reais e inegáveis; agora que temos demonstrado, que todos os homens eminentes, que tem estudado com afinco e seriedade dêste novo ramo das sciências naturais, teem terminado por repudiar as suas teorias e crenças materialistas por deficientes e erróneas, para se converterem de alma e coração á nova doutrina; agora que os sépticos e materialistas de todas as escolas recebem, com factos indiscutíveis, o mais rude golpe que fôra possível vibrar contra os seus sistemas de descrença dissolvente de todos os laços sociais, só lhes resta um dilema: ou submeter-se á evidência dos factos, confessando que laboravam em êrro; ou então proclamar como dogma a sua infalibilidade científica, tal como Pio IX proclamou a infalibilidade papal, fulminando anátemas contra os que não a aceitaram.

Aqui não há meio termo: ou é verdade o que afirmam, depois de vários anos de estudo, os William Crookes, os Russell Wallace, os Zoelner, os Varley, Morgan, Goldenstube e os Lombroso, ou se o não é, então não passam de uns idiotas, e falsos observadores; porque se deixaram iludir; e quem tem razão, quem está na verdade, são eles, os Imortais que, mesmo sem estudarem os factos espíritas, sabiam já de antemão que eles eram um embuste.

Pela nossa parte, como não temos preconceitos de escola, nem vaidades scientificas que nos avassalem a razão, preferimos ficar ao lado dos heréticos, que estudam, do que emparceirar com os infalíveis, que já não estudam, mas que se riram de Galvani e Arago, de Mesmer e de Harvey, e que qualificaram de absurdo a telegrafia eléctrica, os caminhos de ferro e a navegação a vapor.

*

* *

Hoje, felizmente, a nova crença espiritualista implanta-se em sólidos alicerces, e propaga-se na consciência humana com rapidez assombrosa, a despeito de todas as contrariedades que lhe antepõem.

É certo que o grande desenvolvimento que as sciências físicas tiveram no século, que passou, levou insensivelmente o homem a ver só matéria em tudo quanto o rodeava.

Por outro lado a filosofia contemporânea, não vendo senão banalidades nas especulações inanes da velha metafísica, retrogradou por falta de alicerce sério em que fundamentar os factos erroneamente chamados sobrenaturais.

Por seu turno os fisiologistas, analisando a formação e funcionamento dos diversos órgãos e atribuindo a cada um deles sua missão especial, observando em todos eles manifestações de vida, obcecados pelas doutrinas dominantes, não souberam encontrar o espírito no meio das suas locubrações, e como o não encontraram na ponta do seu bisturi, concluíram pela sua não existência.

No estudo da física as tendências materialistas acentuaram-se de mais em mais: o calor, a luz, o magnetismo e a electricidade passaram da categoria de fluídos, agentes ou forças naturais, que animavam a matéria inerte, á simples categoria de simples propriedades inerentes á matéria, isto é, meros movimentos vibratórios das suas moléculas.

Seguindo logicamente esta corrente de ideias, tentou-se demonstrar que as forças vitais que animavam o mundo orgânico, não passam de transformações dessa energia física, cujos vestígios foram seguindo passo e passo até aos movimentos moleculares.

Desta sorte a vida humana, bem como a de todos os seres vivos, viria a ser apenas uma mera resultante da matéria organizada, e daí a consequência fatal de que nos domínios da Natureza não havia lugar para o espírito, entidade supérflua, porque a matéria em movimento abarcava o Universo inteiro, e é a origem e causa de todas as manifestações de vida.

Ora foi no meio de uma sociedade cuja grande maioria ou não pensava nestas cousas, ou, se pensava, tinha uma orientação toda eivada de materialismo, que em 1848 fez a sua entrada a nova ciência espiritualista, tão possante e tão vivaz que há 70 anos desafia sem temor as iras das comissões científicas e dos sábios isolados, conquistando não pela fé, nem pela força, mas unicamente por uma convicção inabalável, fundada em provas incontrovertidas, milhões de adeptos, recrutados quasi todos nas classes mais ilustradas da sociedade.

E esses aderentes pertenciam a todas as religiões, a todas as escolas científicas ou filosóficas, desde os sépticos até aos materialistas, como eram Russell Wallace, Crookes e Lombroso.

E, coisa singular, de entre tantos convertidos nem um sequer renegou ainda a nova crença científica!...

É porque as teorias materialistas, a despeito do talento dos seus defensores, não satisfazem a inteligência por nimamente superficiais, e não poderem explicar satisfatoriamente os fenómenos psíquicos, cada vez mais abundantes e complexos.

*

* *

Demonstrando assim por factos incontrovertidos, que no homem existe, além da matéria, uma força perdurável, que a morte não destrói - o Espírito; vem a propósito perguntar:

- Haverá uma outra vida?...

A esta dúvida, que tantas vezes se formula na inteligência humana, respondem triunfantemente todos os fenómenos, que até aqui temos deixado expendidos; responde o Espiritismo com as suas inumeráveis revelações de além túmulo, que assim confirmam as conjecturas da nossa razão e as previsões da nossa consciência, que nos arrastam imperiosamente para a afirmativa.

E, com efeito, se não houvesse outra vida, ou melhor, se não houvesse outras vidas, se para o homem tudo se resumisse nos prazeres efémeros, ou nas agruras tormentosas desta existência mesquinha e futil, o ideal prático do homem, logicamente considerado, deveria ser unicamente êste:

Procurar obter, cada um para si, a máxima soma de gosos e de vantagens, a despeito de tudo e de todos.

Seria arvorar o egoísmo mais desbragado, o struggle for life como lei fundamental da sociedade humana.

Seria negar a própria sociedade.

Porque, sendo assim, o dever, a moral e a justiça não seriam mais do que nomes, vãos vazios de sentido; a lealdade, o desinterêsse, a fraternidade e a solidariedade humana não passariam de simples devaneios de poetas; a abnegação e o altruísmo loucuras, aberrações produzidas por cérebros doentes.

A doblez de character, a perfídia, a maldade e o crime, passariam a ser meios legítimos para fazer fortuna, porque acima de todas as concepções sentimentais, estaria o egoísmo, lei suprema, que diria ao homem: "a vida são dois dias; gosa, custe o que custar, dêa a quem doer!..."

As leis civis e criminais seriam meras tiranias sociais, pois seriam odiosas restrições impostas ao egoísmo legitimado.

Ora, como incontestavelmente, na época em que vivemos, a corrente intelectual dominante, não se eleva acima das materialidades da vida, daqui resulta que, de facto, pode dizer-se que é o egoísmo a lei dominante da sociedade actual.

O que é certo é que, em regra, o homem lesa o seu semelhante, sempre que disso pode tirar proveito. O que faz porêem é dissimular o acto criminoso, para assim fugir ao castigo que a lei lhe imporia.

Se os homens, que se dizem inteligentes, e que estão á frente das diversas nacionalidades, não estivessem repassados de materialismo e do concomitante egoísmo, até á medula dos ossos; se eles tivessem a norteá-los a crença salutar e salvadora da imortalidade, com as

responsabilidades, que essa imortalidade acarreta, por certo não teriam desencadeado sobre o mundo toda essa medonha hecatombe da guerra mundial que estamos vendo e que é a máxima das maiores vergonhas e crimes da espécie humana!...

Algumas nações fanatizadas pelo delírio das grandezas, ávidas do predomínio que o seu egoísmo nacional lhes fazia apetecer, fiadas na força bruta das suas massas armadas, tendo unicamente em mira esmagar pela surpresa as suas rivais desprevenidas, irrompem por elas dentro para lhes descarregar no coração golpe certo e fatal.

Para melhor o conseguir calcam aos pés os tratados por elas próprias assignados, e, como avalanche irresistível que rola das montanhas, precipitam-se com fúria irresistível sobre as pequenas nações dos Balcans, e sobre as regiões feracíssimas da Bélgica e da França.

Tamanha aleivosia merecia um castigo tremendo: a Justiça Divina opera sempre servindo-se das paixões humanas, e por isso pouco e pouco o mundo inteiro divide-se em dois campos: de um lado os partidários da ambição e da força bruta; do outro lado os paladinos da liberdade e da independência dos povos, transformando-se assim a luta numa guerra mundial.

Materialistas de todas as escolas e de todas as categorias, contemplai a vossa obra! Vêde até onde o egoísmo colectivo, a ambição e a perversidade, podem arrastar a humanidade; quando esta não tem a norteá-la a crença firme na imortalidade da alma, e na responsabilidade individual e social.

A vossa responsabilidade é tremenda! A Justiça Divina não dorme!... Não dormirá!...

*

* *

Desde as mais remotas eras o homem acreditou sempre em outra vida, ou melhor ainda em muitas vidas sucessivas, e essa crença tão radicada no espírito dos povos não resulta, a nosso ver, de meras conjecturas ou concepções metafísicas; mas sim do facto, mil vezes repetido, de aparecerem sobre a Terra, em todas as épocas e lugares espíritos dos homens falecidos.

É desses factos positivos e de vários outros, tais como predições, fantasmas e visões diversas, tradicionalmente transmitidas de pais a filhos, que nasceu essa crença universal na espiritualidade da alma humana, e na sua consequente imortalidade.

Porque essa crença apoia-se em factos positivos, e fulge com brilho inapagável como uma verdade eterna no íntimo do coração humano.

E essa verdade é incontestavelmente a mais importante que pode haver para o homem; porque, ensinando-lhe que, além da campa, há, não a aniquilação de todo o seu ser, mas a vida imortal e progressiva, essa ideia torna-se o bálsamo mais poderoso e salutar para suavisar os infortúnios da vida, e o incentivo mais enérgico para o progresso e perfectibilidade humana.

Desta sorte o Espiritismo, tornando-se a demonstração lúcida e palpável da imortalidade da alma, vem dizer ao homem que hesita no caminho a seguir:

Surge et ambula!

Homem! és imortal! A campa não é o aniquilamento do ser! A morte... - É a vida sob uma fase nova, grandiosa, progressiva, infinda.

Similhante á sorte dos lepidopteros, que, de imunda lagarta se transformam em inerte crisália, donde mais tarde se evola a irisada borboleta, assim também o homem é um verme terráqueo, que a morte transforma em crisálida repelente, donde surge alfim o espírito humano, liberto das fachas grosseiras da matéria, para viver radioso nas regiões infindas do espaço.

A vida terrena, essa quadra da tua existência, a que tanto apreço ligavas, é um momento de prova e de expiação, ou de espinhosa e voluntária missão; momento que, se por vezes se traduz em sorrisos e esperanças, muitas outras se converte em lágrimas amaríssimas e dores alanceantes; momento que ora se estadeia em virtudes e pompas sedutoras, ora se afunda na lama de vícios e paixões que deprimem, ou de crimes que deshonram.

Homem! sê bom, sê justo, sê honesto durante esse curto momento a que chamas vida!

Ama todos os homens como se fossem teus irmãos; faz todo o bem que puderes sem vaidade e com inteiro desinterêsse, bastando-te a consciência de que assim cumpres o teu dever; despe do teu coração todos os maus sentimentos; eleva o teu espírito até á Causa Primária, que o produziu; aceita resignado todos os vai-vens da sorte, e, sem orgulho ou vaidade, aceita os dons, que êle te outorgar; e, quando mais tarde, exaustas as fôrças corpóreas, o teu espírito tiver de remontar a novas existências, a morte, êsse velho e medonho espectro dos sépticos e dos maus, será para ti a aurora risonha do livramento, e a suave consoladora a esperança, irizada pelas rutilações fulgentes da imortalidade!

*

* *

Quanto a nós, o estudo atento e porfiado durante dez anos dos fenómenos e teorias espíritas, conseguiu radicar em nossa consciência, por uma forma indestrutível, a crença inefável na imortalidade, de que em tempos idos nós tínhamos duvidado.

Essa crença rasgou amplíssimos horisontes intelectuais ao nosso espírito ávido de saber; porque o Espiritismo, abrangendo no seu âmbito a filosofia de todas as sciências naturais e morais, tem sido para nós um manancial inexaurível de consolação e incentivos a novos e mais importante progressos; é nêle que dia a dia bebemos novas fôrças para a luta pela existência, devendo-lhe por isso, a par de não poucos dos melhores momentos da existência, a crença indestrutível nas novas fases de existência que no futuro nos aguardam.

CAPÍTULO XI

Filosofia Espírita

Quando estudamos com atenção sustentada as concepções elevadíssimas que resultam das comunicações recebidas dos Espíritos mais elevados, ficamos surpreendidos com a elevação dos princípios básicos da doutrina, onde só impera a razão, liberta de dogmas e de ritos.

O verdadeiro espírita respeita todos os cultos, porque em todos reconhece haver um tanto ou quanto de Verdade envolta em muitos êrros e absurdos; e por isso, apesar de ser essencialmente religioso, não segue determinadamente nenhum culto, porque a sua concepção da Divindade está muito acima de todos eles.

Pouco importa á Potência Suprema a forma do culto que se lhe tributa; o que lhe importa é que êsse culto seja sincero e feito com pureza e elevação de sentimentos. E esta condição pode dar-se em qualquer religião, e mesmo fora de todo e qualquer culto conhecido.

Porque as religiões são em certo modo reflexos ou miragens do Pensamento Eterno, envoltas nas sombras que resultam das imperfeições humanas. Por isso, já o dissemos, todas tem um fundo de verdade, e em todas há, pelo menos, a mesquinhez das suas concepções antropomórficas.

*

* *

Na frente de todos os problemas, que podem afectar a inteligência humana, há um que se avanteja a todos, e que se impõe com uma esmagadora evidência á nossa razão: é a questão fundamental de Deus.

O espírita condena, é certo, todas as superstições; mas respeita todos os cultos, porque é essencialmente religioso e crente nessa Entidade Soberana, que enche com a sua duração a infinidade dos tempos, e com a sua grandeza a imensidade do espaço.

Espírito Subtil, donde dimanam todos os espíritos, Fôrça Universal donde brotam todas as fôrças; Vida, que adensa em si todas as vidas; Substância Primordial, donde, por condensações progressivas, dimana toda a substância, o espírito humano entrevê, com os seus olhos da razão, o Grande Irrevelado, nessas meríades de sóis, que se libram fulgurantes nos páramos do espaço, e nas leis sábias e fatais, que regem o mundo físico; nas verdades morais, que a consciência nos revela; no tipo ideal de beleza a que aspiram todas as artes; na aspiração ilimitada do homem ao ideal supremo do Bem, e no constante aneio a conhecer a Verdade absoluta.

Deus é a Consciência Universal, a Inteligência Ilimitada, a Actividade Eterna, a Justiça Absoluta, e o Amor Infinito; por isso que em nós existe a consciência, a inteligência, a actividade, a ideia de Justiça e o Amor.

Se existimos, é porque antes de nós Ele existia. Se há seres é porque havia previamente a Força capaz de nos produzir.

É Ele a fonte donde tudo dimana.

Nós não compreendemos a sua essência, a sua maneira de ser; mas, sem renunciar á sua busca, resignamo-nos a entrevê-lo pela razão, embora não possamos compreendê-lo.

Porque compreender é abarcar no seu conjunto, e como o infinito não pode caber dentro do que é finito; por isso nem o Grande Ser pode revelar-se ao homem, nem a inteligência limitadíssima dêste o pode conceber.

Admite-o porém a nossa razão por uma necessidade imperiosa e fatal da lógica; mas compreendê-lo não; porque isso equivaleria a limitar o que por sua natureza não tem limites.

Basta que saibamos que Ele é a Substância Universal que tudo cria, Regulador Supremo, que tudo governa, Inteligência Ordenadora que a tudo preside. É o Amor Eterno que tudo vivifica, conserva e transforma, produzindo assim essa harmonia assombrosa que a todos maravilha.

*

* *

Revela-se porém indirectamente ao homem pelas suas obras, condensação progressiva de suas vontades, e objectivação múltipla do seu pensamento.

Essa obra chama-se a Criação, o Universo..

E como a razão não pode conceber uma Força inactiva durante um periodo qualquer da sua existência, pois isso equivaleria a negar a sua essência, forçoso é supôr o Universo co-eterno com a Divindade e a criação um acto continuo, e não a obra de um momento qualquer na série dos tempos.

Os sóis e os mundos, que povoam o espaço infinito, nascem, vivem e morrem, isto é, a matéria cósmica, obedecendo ás leis constitutivas da sua natureza, congloba-se, condensa-se e dissolve-se, para tornar mais tarde a constituir novos mundos; mas o Universo, no seu conjunto geral, subsiste sempre.

No momento actual o Universo contém em si o mundo material ou condensado, e o mundo espiritual ou invisível. O Mundo material compreende todos os corpos celestes, que povoam o

espaço, incluindo a Terra com tudo o que nela existe, desde a erva mais humilde até á árvore mais forte e altiva, desde o microscópico infusório até ao homem, último elo actual na escala dos animais terrestres.

O Mundo espiritual ou invisível compreende os Espíritos, fôrças conscientes de diversas ordens na escala da perfectibilidade.

São eles que em determinadas condições vitalizam a matéria, revestindo corpos e fazendo-os servir á sua perfectibilidade indefinida; porque o mundo material serve apenas de meio para o aperfeiçoamento dos espíritos.

Meríades de séculos antes de que o Sol existisse e a Terra se destacasse da grande nebulosa solar, já os Espíritos, fôrças primordiais e simples da Natureza, existiam, e muitos tinham atingido já um grande desenvolvimento e perfeição.

Inicialmente todos os Espíritos foram criados iguais, simples e ignorantes, mas dotados de capacidade de aperfeiçoamento e dotados da maior liberdade de acção.

Daí lhes advem mérito ou demérito; porque, para se aperfeiçoarem e colaborarem no plano geral da Criação teem de animar corpos materiais nos inumeráveis mundos que povoam o espaço.

No desempenho dessa missão e no pleno gôso do seu livre arbítrio, uns seguem a linha recta, que conduz ao bem, outros seguem as veredas tortuosas que os desviam e desnorream.

Tanto uns como outros, todos hão de atingir o cúmulo da perfeição, em mais ou menos tempo, com mais ou menos sofrimento, mediante a expiação de seus êrros, obtida em mais numerosas e penosas encarnações.

Na concepção espírita não há réprobos nem eleitos; cada um é o fador único do seu destino.

Quando um espírito atingiu já um alto grau de sciência e de moralidade, as encarnações cessam por inúteis, e o seu aperfeiçoamento continua-se no mundo ou plano espiritual.

Todavia alguns espíritos desta classe, apesar da sua alta sciência e moralidade, incarnam-se de tempos a tempos em um corpo material, vindo assim á Terra, como voluntários enviados da Providência, prègar aos homens a lei moral e abrir á humanidade mais largos horizontes.

Tais tem sido os grandes pioneiros da civilização que se chamaram Krisna, Budda, Jesus, Maomet, etc.

*

* *

Deve porêm notar-se, como regra geral, que todo e qualquer espírito, antes de incarnar numa forma humana, tem de animar toda uma longa série de formas do reino vegetal e animal, em cada uma das quais foi adquirindo qualidades novas.

Desta sorte entre as plantas e os animais e entre estes e o homem fica havendo um elo de íntima solidariedade e progresso, formando assim a Criação inteira um único todo progressivo; e por isso quando o espírito atinge um dia a categoria de homem, já não pode retrogradar, reincarnando em formas de animais inferiores. Pode, porém, estacionar, como expiação, dentro da espécie humana; passando, por exemplo, de banqueiro a mendigo, quando, tendo sido rico, haja, pela sua avareza, feito mau uso das suas riquezas; ou pode passar de potentado orgulhoso e despotico a humilde e dependente operário, necessitando assim de um rude e improbo trabalho para grangear o sustento quotidiano.

Assim nesta elevadíssima e justa compreensão do destino do homem, cada um é o filho das suas obras; as desigualdades sociais resultam fatalmente do mérito adquirido nas outras existências, não tendo ninguém direito a queixar-se da posição social que ocupa.

Todavia a experiência mostra-nos que, sem por forma alguma coartar o nosso livre arbítrio, uma corrente abundantíssima de inspiração fecunda dimana do Mundo Invisível sôbre a mesquinha humanidade. Porque laços misteriosos ligam as nossas almas áquelas que já aqui viveram, e essa inspiração é a causa desconhecida de muitas acções humanas tanto boas como más.

Saber dentro dessas inspirações aproveitar as boas e regeitar as más, aí está a ciência da vida, aí está o nosso mérito.

Aquêle que aceita resignado a sua sorte, procurando todavia melhorá-la, depura-se rapidamente; e o mesmo sucede áqueles que procuram activamente melhorar a sorte adversa dos seus semelhantes.

Cada um colhe fatalmente o fruto do que semeou.

Êste conceito é a confirmação das palavras de Cristo:

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Bem-aventurados os que tem fome e sêde de justiça, porque eles serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

Não se deve, porém, julgar que as encarnações sucessivas de que temos falado se realizam logo após a destruição de cada corpo material.

Medeia sempre um largo período de tempo entre uma e outra encarnação. Alguns chegam mesmo a supôr que é só passados séculos que êsse factô se pode dar.

*

* *

Tendo de voltar a tratar dos elementos componentes do homem, para podermos assim entrar na análise filosófica da teoria espírita concernente ao homem, é de toda a conveniência

recordar, ainda que em sùmula muito reduzida, o que anteriormente dissemos sôbre a constituição humana.

Vimos já anteriormente numa simples afirmação de princípios e demonstrámo-lo mais tarde com os fenómenos espíritas superiores, (aparições, telepatia, materializações, etc.) que o homem é um ser composto de: 1.º, corpo material; 2.º, perespírito ou corpo astral; 3.º, alma.

Com estes dados, que se deduzem directamente da observação, concordam plenamente as revelações dos Espíritos superiores, que nos vieram assim confirmar nas nossas conjecturas.

*

* *

O Corpo, todos o sabem, é essa porção de substância condensada e organizada, que constitui o nosso ser visível, e que é constituída por células vivas, cada uma das quais é um ser elemental, e cujo agrupamento constitui a parte material da nossa personalidade.

*

* *

O Perespírito ou Corpo Astral, tem nesta doutrina uma importância capital; porque é êle que nos dá a explicação satisfatória de inúmeros fenómenos psíquicos, que, a não se admitir a sua existência, ficariam completamente inexplicáveis.

É êle uma substância etérea, imponderável, uma fôrça que, de per si só, é invisível, e constitui o meio termo, o traço de união que liga a alma á substância condensada, que se chama o corpo, tornando possível a acção recíproca entre estas duas substâncias.

O Corpo Astral é constituído pela subtilização dos elementos combinados, que advieram das encarnações anteriores, constituindo assim o tipo ou molde individual, que progride e se depura pari passu com a alma, tornando-se assim tanto mais subtil, quanto mais elevado fôr o depuramento da alma.

Potência de assimilação eminentemente activa e poderosa, o perespírito atrai e condensa no embrião do ser, que vai nascer para a vida terrena, as moléculas corpóreas, fornecidas á mãe pela assimilação intestinal, agrupando-as e coordenando-as segundo o seu molde preexistente.

Se não fosse este poder organizador do perespírito, o resultado da fecundação não passaria de uma monstruosidade, um tumor informe e sem vida orgânica.

Mais tarde, e dia a dia, após o nascimento, as moléculas corpóreas inutilizadas pelo uso vão sendo eliminadas pelas secreções normais, e substituídas por outras novas, fornecidas pela alimentação quotidiana, por forma tal que no período de alguns anos nós não temos no nosso corpo uma única das células que anos antes constituíam a nossa individualidade.

E todavia, apesar dessa renovação permanente do nosso ser, nós temos a consciência nítida de que somos o mesmo indivíduo, que éramos anteriormente.

Esta consciência de identidade resulta-nos de duas causas: 1.º, do perespírito, que força as novas células a ocupar o lugar das antigas e a orientar-se com elas; 2.º, de que, o que em realidade constitui a nossa individualidade não é a matéria, que se desagrega; mas sim a alma que é indecomponível.

*

* *

A Alma é o princípio pensante e voluntário, activo e indestrutível do indivíduo. E éle que propriamente constitui a personalidade eterna, porém perfectível, do homem.

É éle o princípio preexistente e progressivo da vida, mantendo o acôrdo e a mais perfeita unidade em todo o nosso ser.

É o princípio-causa de todas as sensações e sentimentos, a energia causadora de todas as ideias e o arquivo indestrutível da consciência.

Tendo começado por dar vida e duração aos seres do reino vegetal e vitalizando mais tarde os corpos materiais dos diversos seres do reino animal, a alma foi lentamente adquirindo novas qualidades, desenvolvendo novas aptidões, até que, reunindo todas as aquisições das anteriores existências, entra no reino humano, vitalizando primeiro indivíduos das raças mais rudimentares, até que, depurada da maior parte dos vestígios da animalidade, possa dar vida ao homem culto dos nossos dias.

Desta sorte a alma é, como já anteriormente o dissemos, uma síntese dos progressos realizados; 1.º, nas encarnações anteriores; 2.º, na encarnação actual.

*

* *

Desta sorte o ser humano, como aliás todos os vegetais e animais, durante o período das encarnações a que chamamos vida, compõe-se de corpo, perespírito e alma, sendo o primeiro apenas um instrumento destinado ao aperfeiçoamento da alma; pois serve para a pôr em relação directa com o mundo externo.

Quando, porém, um dia, sobrevem a morte, a Alma, envolta no seu perispírito, que lhe constitui um corpo aéreo, abandona á terra o corpo em decomposição química e vai ocupar no etéreo o lugar que lhe compete, em harmonia com a sua densidade moral (permita-se-nos o termo), pois assim como no mundo físico os corpos se superpõem por ordem de densidade, de per si e sem ordem de ninguém, assim também no mundo moral as almas no espaço se superpõem segundo a sua densidade moral ou mérito, e isto sem que um poder estranho se arvore em juiz implacável, distribuindo assim a cada um os prémios e os castigos. Assim as almas

subtis e depuradas ocupam regiões mais elevadas, ao passo que aquelas cujo perispírito é mais denso, ou próximo da matéria, não podendo alar-se às regiões siderais, ficam gravitando na nossa atmosfera, até que se lhe depare o ensejo de uma nova encarnação.

Assim acaba de vez a repugnante teoria da Graça, que, se pudesse existir, seria o favoritismo dos actos divinos a determinar a sorte de cada um.

Na concepção espírita cada um tem a sorte que conquistou pelo seu trabalho e pelas suas virtudes.

É às almas despojadas da matéria, mas envoltas no seu perispírito, que vagueiam no espaço, que em Ciências Ocultas se chama Espíritos.

Êstes não são pois seres alheios e diversos do homem; mas sim irmãos nossos numa outra fase da sua existência, ocupando graus ou situações mais ou menos elevadas e boas, em harmonia com o seu desenvolvimento intelectual e moral.

A Vida Terrena

Quando o espírito sai da sua última encarnação da série puramente animal, êle tem já consciência da sua identidade e personalidade, tendo uma vaga intuição da lei fatal do progresso, e do seu próprio destino. Por isso está em condições de poder entrar numa nova série de encarnações - as humanas, onde êle deve pouco e pouco despir-se dos instintos materiais da animalidade e ascender gradualmente em moralidade e ciência, limpando-se, depurando-se, nobilitando-se através de sucessivas encarnações, até que, pelo seu valor e mérito, possa prosseguir numa vida puramente espiritual.

Quando o espírito entra pela primeira vez no reino humano, começa sempre por animar corpos humanos pertencentes às raças mais rudimentares e incultas; e, se é prudente, e não vaidoso, nas encarnações seguintes sobe gradualmente os diversos graus da escala humana, até atingir um dia a categoria de homem culto e verdadeiramente civilizado.

Se, porém, após a sua primeira encarnação humana, o espírito presume demasiado das suas próprias fôrças, tornando-se vaidoso, então escolhe, para a sua encarnação imediata, uma que os seus méritos não comportam, e pode então ver-se o hotentote ou o cafre de ontem, transformado hoje em cidadão de um estado europeu culto e livre.

Mas então os instintos insociáveis do selvagem ressumbram através da capa de homem civilizado, transformando-o assim num cidadão maléfico, incompatível com a civilização no meio da qual vive.

O homem assim guindado pela sua vaidade a uma situação que de facto está longe de merecer, poderá ser, quando muito, em política um anarquista, e, socialmente considerado, um grande criminoso.

Por certo que o homem tem para sua defesa, e como guia a consciência, que lhe dita o seu dever moral; mas, enquanto êle não bebeu ainda as indispensáveis noções do dever individual e cívico, a sua consciência não pode vêr claro, onde tudo são sombras e incertezas.

*

* *

Temos, pois, o homem colocado no dilema que o força a escolher entre o bem e o mal; porque, apesar das sugestões múltiplas que o rodeiam, o homem, no pleno gôso do seu livre arbítrio, pode escolher o caminho que mais lhe apraz.

Ora, apesar de múltiplos e variados, os deveres do homem podem resumir-se em poucos.

Com respeito á sua própria pessoa o homem tem o dever de se instruir e de se moralizar, tomando como normas da sua vida a Verdade e o Bem.

Mas como o homem não é só um indivíduo, mas também um elemento constitutivo da sociedade humana, fora da qual não poderia progredir, é evidente que, como tal, lhe resultam daí direitos e deveres para com os seus semelhantes, e destes deveres o que sobreleva a todos é o da Caridade, isto é o do amor fraterno para com todos os membros da grande família humana.

A Caridade, porém, como o espiritismo a compreende, não consiste apenas na esmola, ainda que prodigamente espalhada; a esmola é apenas uma das multiplices formas da caridade, que se aplica aos nossos irmãos indigentes; a caridade consiste essencialmente numa benevolência ilimitada para com todos os homens, desde o mais virtuoso até ao mais delinquente.

Como o Proteu da fábula, ela toma mil formas.

É a esmola para o indigente, o conselho para o ignorante, o incitamento para o que fraqueja, a censura amorável ao que se transvia; é a paciência para com o arrogante e o vaidoso, o conforto para o que sofre, e o perdão para o que nos ofende.

É isto, e muito mais do que isto: é tudo quanto significa um acto de solidariedade e amor para com os nossos semelhantes; e tudo isto feito sem vaidade nem ostentação, sem mira em qualquer recompensa ou qualquer elogio presente ou futuro.

Consiste em fazer o bem, simplesmente por ser um bem, visto ser um dever fazê-lo.

Amar a Deus e ao próximo, dizia Cristo, é realizar toda a lei e os profetas. E, de facto, a Caridade encerra em si todas as virtudes. Quando o amor da humanidade nos anima, nós fazemos aos outros o que, em idênticas circunstâncias desejaríamos que eles nos fizessem a nós

É difícilimo, bem o sabemos, realizar cabalmente êste dever de caridade universal; mas nem por isso êle deixa de ser o ideal e a lei do nosso dever, que consiste em combater o mal com intransigência, e em fazer o bem a todo o transe, em harmonia com as nossas forças e capacidade.

Aqueles que mais se aproximem dêste ideal, serão os mais beneméritos perante o Criador, e terão como recompensa fatal e necessária uma ascensão mais rápida na escala do progresso: os que se afastarem dêsse ideal, por culpa de sua vontade, terão como punição fatal e consequente uma mais larga série de reencarnações sucessivas, antes de ascenderem á vida espiritual definitiva.

A Vida Astral

Depois de termos falado da Vida Terrena do homem, é justo que digâmos alguma coisa da Vida Astral e vem a propósito filosofar um pouco sôbre êsse assunto transcendente.

Segundo as doutrinas positivistas e materialistas, quando um homem qualquer morre, êsse homem, fosse êle um Mozart, um Rubens, um S. Vicente de Paula, ou o mais feroz assassino êsse homem cessou de existir. Porque perante a morte todos são iguais; visto que sendo o homem tão sómente matéria putrescível, todos tem de ter o mesmo destino. Qualquer deles não passa de um cadáver, que a terra dissolverá no seu laboratório imenso, e de que sómente ficará subsistindo durante algum tempo na memória dos homens um nome querido ou detestado.

E nada mais!... A inteligência ou a índole virtuosa que em vida o exalçára, ou a malvadez de carácter, que o tornará odiado ou temido, tudo isso se sumiu para sempre na voragem da morte, como secreções passageiras de um cérebro que apodreceu.

Virtudes? vícios? génio? ou malvadez? que valor pode isso ter após a decomposição de um cadáver?

Nesta doutrina subversiva de toda a moral individual ou social, não há, nem pode haver mérito nem demérito, tudo é fatal e irresponsável.

*

* *

Mas o espiritualista agremiado em qualquer culto, sustenta doutrina totalmente oposta, afirmando que êsse homem não morreu de todo; porque o espírito, imaterial e eterno, sobrevive á morte, e está sujeito a mérito e demérito, tornando-o assim responsável pelos seus actos.

E para tornar efectiva essa responsabilidade manda-o expiar as suas culpas num lugar hipotético, chamado purgatório e só depois de por aí passar é que pode ascender ao céu, onde passará a eternidade na mais santa ociosidade, contemplando absorto e face a face o Criador.

Se porêem êsse homem foi um perverso, então manda-o logo, sem apelo nem agravo, para o inferno, região igualmente hipotética, que nem a geografia nem a astronomia conhecem, onde, para expiar culpas passageiras, embora muito graves, terá de sofrer suplícios horríveis durante toda a eternidade.

Uma vez entrado aí não lhe resta a mínima esperança de melhoria de situação. Lasciate ogni speranza ó voi che entrate, perdi toda a esperança ó vós que entraís, diz o Dante no seu imortal poema aludindo ás hórridas e tórridas regiões do inferno.

Mas, em oposição a estas duas doutrinas, que pecam ambas por irracionais e opostas a toda a noção de justiça e de progresso, vem o espiritismo, e diz:

- Não! êsse homem, que dizem morto, não cessou de existir.

Desincarnou apenas, largou o invólucro material, que já não poderia servir-lhe, e, envolta a alma no seu corpo astral, mantendo a mesma forma humana (embora invisível), e a mesma personalidade, passa a viver no imenso espaço sideral uma vida mais livre e mais remontada.

Aí, livre já dos laços materiais, que lhe ocultavam o conhecimento das suas existências anteriores, e inventariando assim todos os progressos realizados até então, rememorando todos os seus lapsos e quedas, todos os seus vícios e crimes, a alma sofre pelos seus desejos e apetites de que não pôde ou não quiz despir-se na terra.

E quando a própria consciência se houver arvorado em juiz inexorável, quando pelo remorso salvador houver readquirido a noção exacta da sua situação real, e a consciência de quanto lhe falta para se aproximar do ideal que deve norteá-lo; êsse espírito, regenerado pelo remorso, resolverá por sua iniciativa própria reincarnar novamente, a fim de, em nova existência terrestre, prosseguir na expiação, que deve colocá-lo de novo na senda da perfectibilidade, de que se afastára na existência anterior.

E quando, após uma série mais ou menos longa de existências terrestres, êsse espírito houver atingido na Terra o seu máximo desenvolvimento intelectual e moral, imigrará para outros planetas ou mundos siderais, que em miríades de milhões povoam os campos do espaço, e aí, retomando corpos cada vez mais subtis, prosseguirá na sua marcha ascencional e eterna.

E só mais tarde, depois de encerrado o ciclo das suas reencarnações é que o espírito humano, depurado de todos os laivos da animalidade, rico de ciência e de virtude, pode passar a viver uma vida puramente espiritual, mas independente de tudo quanto o rodeia.

Porque os espíritos, já o vimos, não são, como erroneamente se julga, seres vagos e indefinidos, mas antes são seres nítidos de formas e essencialmente pessoais, tendo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível para os nossos olhos materiais.

*

* *

Segundo nos afirmam os espíritos mais elevados, no mundo espiritual há sete esferas, ou melhor sete estados da alma, visto que estas esferas não são mundos ou lugares de expiação, mas sim graus de perfectibilidade.

Na 1.^a esfera, que se pode dizer confundida com a atmosfera terrestre e suas imediações, o espírito, impregnado ainda de todas as paixões terrestres, sofre não só pelo remorso e pela vergonha do mal que fez mas também pelas sensações múltiplas que o obsediam e que agora se tornam insaciadas.

É assim que o assassino vê constantemente ante si as suas vítimas sanguinolentas, que julga perseguirem-o incessantes.

O avaro sofre por vê dissiparem-se pródigamente as riquezas que em vida sórdidamente amontoara e guardara.

O orgulhoso e o soberbo sofre na sua vaidade pelo isolamento em que se acha, visto que o prestígio e as hipocrisias da vida terrestre cessaram de todo com a morte do adolado.

O sensual e o vicioso sofrem por não poderem saciar os seus instintos animais e as paixões que constituíram o objectivo constante da sua vida terrena.

Desta sorte enquanto a consciência dos seus êrros lhe não abre as portas salvadoras do remorso, o espírito desincarnado sofre um verdadeiro suplício de Tântalo.

Na 2.^a esfera, o espírito mais depurado pelo remorso e pelo sofrimento, sofre ainda, mas não tanto, e progride pelos seus próprios esforços e pela colaboração dos vivos, mediante a oração; não porque esta vá por qualquer forma alterar os decretos imutáveis da Providência; mas porque, actuando no espírito desincarnado, aumenta a sua fôrça moral e dá-lhe coragem para lutar com a adversidade, abrindo-lhe os horisontes da esperança.

É nestas circunstâncias que o espírito ou toma a resolução de incarnar novamente para expiar os seus êrros, ou passa, se lhe é possível, á esfera fluídica imediata.

Os bons espíritos, que conosco se comunicam, vivem geralmente na quarta e quinta esferas, onde se aperfeiçoam no estudo superior das leis da Natureza, e nas missões de paz e caridade, que eles assumem voluntariamente sôbre a Terra ou em outros planetas. É assim que de espaço a espaço aparecem os grandes génios nas sciências e nas artes, os grandes modelos de caridade, os grandes reformadores, a fim de darem á humanidade do seu tempo um impulso verdadeiramente genial.

Tais foram o Crisna, o Buda, o Cristo, S. Vicente de Paula, Joana d'Arc, Rafael, Newton, etc.

Por seu turno os maus espíritos, a que melhor chamaremos espíritos atrasados, terão de reincarnar vezes inúmeras, até que um dia, depurados pelo sofrimento, justa expiação de seus êrros, possam alfim ascender á vida espiritual.

Desta sorte, nêste sistema filosófico, essencialmente racional e justo, não há penas nem sofrimentos eternos, não há eleitos nem condenados; todos são eleitos em praso mais ou menos longo, conforme os seus merecimentos; porque todos são filhos do mesmo Pai.

Isto mesmo ensinou o Cristo, embora não fosse então compreendido, quando disse: "Assim, vosso Pai, que está nos ceus, não quer que pereça um só de seus filhos. (S. Mateus, cap. XVIII, v. 11).

Perante esta concepção, única que se coaduna perfeitamente com a noção da Justiça Divina, imanente no fundo dos nossos corações, não há lugar para desânimos, porque a lei soberana do progresso não admite excepções: todos hão de ir para a frente, todos hão de atingir a meta, porque a felicidade é para todos. É uma questão de tempo.

*

* *

Podem, porém, perguntar-nos: quais são as condições reais da vida dos espíritos desincarnados?

Não é muito fácil responder perentoriamente a esta pergunta; já porque as condições da existência astral são mil diversas das da vida terrena, faltando-nos assim palavras com que traduzir rigorosamente essas condições, já porque a tal respeito não são completamente harmónicas as revelações dos Espíritos, atento o seu diverso grau de cultura, resultando dêsse facto cada um pintar os factos conforme o que sabe e que consigo se passa.

Só os espíritos superiores (que aliás raras vezes se comunicam) é que poderiam dizer-nos a verdade inteira a tal respeito.

Há todavia alguns dados certos, que se podem considerar como adquiridos para a ciência.

Em primeiro lugar cumpre fixar bem êste facto, que de uma maneira geral é verdadeiro: e é que a personalidade terrestre é um ser analítico, ao passo que a personalidade espiritual ou astral é um ser sintético.

E, com efeito, na vida terrena cada função vital tem seu órgão distinto, cada percepção anímica tem ao seu serviço um órgão especialmente conformado para tal fim.

Na vida psíquica nem o corpo fluídico precisa de órgãos para viver, nem a alma carece de sentidos para sentir.

Não há por consequência órgãos dos sentidos, distintos e diversos para cada um, mas apenas um sentido único, fusão de todos eles, a que poderíamos dar o nome de consciência geral, sentido êste que se estende por toda a massa (permita-se-nos o termo) do perespírito.

Esta consciência, mais ou menos extensa, mais ou menos livre, mais ou menos afectiva e emotiva, permite-lhes apreciar com maior ou menor intensidade, a verdade, o belo e o bem.

Posto isto, é fácil compreender que a situação e a capacidade psíquica dos desincarnados é mui diversa, consoante o seu desenvolvimento intelectual e moral anterior.

Nos animais inferiores, sendo o seu perespírito muito grosseiro e em certo modo material, isso torna o seu estado psíquico muito obscuro e quasi inconsciente; por isso para estes seres a reencarnação é quasi rápida, porque é ela o único meio de progresso para eles.

Nos animais superiores, e no homem, que moralmente está pouco desenvolvido, o perespírito é já menos denso, mas ainda pouco apurado, por isso as suas recordações são pouco nítidas e a consciência é vaga e nebulosa.

O desincarnado desta categoria compreende mal, ou quasi nada, a sua nova situação.

Muitos supõem que ainda vivem a sua vida terrena e esforçam-se por praticar os mesmos actos, que lhes eram habituais.

E assim vão vivendo uma vida de sonho, numa meia inconsciência, até que se opera uma nova incarnação.

Quando, porém, o falecido tem uma intelectualidade mais elevada e moralmente mais desenvolvida, o seu espírito, após a morte e passado um curto período de perturbação, resultante da passagem para um meio muito diverso, cêdo adquire a consciência não só da sua última personalidade; mas também as das existências anteriores, deduzindo assim dessas biografias sucessivas, a noção nítida das necessidades futuras, que mais lhe interessam.

Para estes a reencarnação é sempre consciente e voluntária dentro de uns certos limites; pois é sempre indispensável que haja uma relação de similhaça entre o organismo físico dos futuros pais e o estado de adiantamento do espírito que vai de novo tomar corpo.

Estes espíritos, guiados umas vezes pelo seu próprio raciocínio, outras vezes cedendo ás sugestões de espíritos superiores, calculam os trabalhos e provas a que precisam sujeitar-se e escolhem, para regressar á Terra, as condições de vida que lhes parecem mais aptas para o seu progressivo desenvolvimento.

Quando, porém, os desincarnados atingem uma mentalidade superior e teem adquirido um conhecimento bastante intenso das leis superiores da Natureza, a sua consciência e a sua liberdade atingem um grau muito desenvolvido, que lhes permite conhecer o seu passado e entrever o seu futuro dentro de limites bastantes largos.

Para eles não há obstáculos materiais: o seu perespírito resplandecente transporta-se a distâncias enormes com a rapidez do pensamento.

Livres já das reencarnações penosas, continuarão a elevar-se de mais em mais na escala da perfectibilidade.

Podem, porém, incarnar ainda, não por necessidade do seu progresso, mas sim voluntariamente para desempenhar uma missão de progresso.

CAPÍTULO XII

Trabalhos experimentais de Espiritismo

Sessões e Mediuns

Toda a teoria e sôbre tudo toda a moral que dimana do Espiritismo não resulta da imaginação mais ou menos fecunda do homem, nem de um sistema preconcebido por qualquer filósofo ou moralista, mas unicamente das revelações feitas por diversos espíritos desincarnados, de uma categoria moral muito superior á normal.

E essas revelações, lentamente coligidas em todos os pontos do globo constituem o corpo de doutrina mais completo e variado que pode desejar-se.

Sempre harmónicas e concordantes no fundo essencial da doutrina, estas comunicações representam apenas pequenas divergências meramente secundárias, resultantes do modo de sentir individual de cada um dos reveladores, que muitas vezes manifestam um certo apêgo ao seu modo de pensar terreno.

É por isso de toda a conveniência, para não sermos induzidos em êrro, não atribuímos a essas revelações de além túmulo um character de infalibilidade ou de verdade absoluta, que elas não podiam ter; porque se ressentem muitas vezes do modo de pensar que esses indivíduos tiveram, quando habitaram sôbre a Terra.

O homem prudente e cauteloso deverá estar sempre de sobre-aviso com as revelações desta origem, mórmente quando elas dizem respeito a interêsses materiais; porque é um facto mil vezes averiguado que muitos espíritos se apresentam com nomes supostos, pretendendo fazer-se passar pelo que não são, afim de mais facilmente serem acreditados; e, como nós os não vemos, podemos muitas vezes ser iludidos quanto á sua verdadeira personalidade.

Importa sobremaneira a todas as pessoas estudiosas, que desejam estudar praticamente o Espiritismo, saber qual a forma porque devem procurar entrar em relação com os espíritos desincarnados, afim de obterem deles conselho e ensinamento.

Para a consecução do seu fim devem os espíritas reunir-se em grupos de 4 a 12 indivíduos, e quando o grupo está já funcionando regularmente, poderá excepcionalmente o grupo ultrapassar êsse número, que não deverá nunca exceder as 20 pessoas.

Sempre que fôr possível deverá compreender homens e mulheres em número aproximadamente igual.

As sessões devem ser feitas em dias e horas certas, e o pessoal deve ser sempre o mesmo.

Geralmente as sessões fazem-se de noite, com uma luz moderada, ou luz vermelha; porque uma luz branca intensa prejudica sempre mais ou menos a intensidade dos fenómenos.

Há sempre um director do grupo, que, em regra, deve ser o mais versado no assunto, e em regra deve ser êle o único que deve usar da palavra.

Aberta a sessão pelo director, devem todos colocar-se numa atitude passiva e espectante, procurando afugentar do seu pensamento quaisquer ideias de ordem material, e elevar-se ás regiões do mundo espiritual. Para mais facilmente conseguirem êsse alheamento completo das vicissitudes da vida material, podem todos pôr o seu pensamento num mesmo e único objecto, que lhe deve ser indicado pelo director do grupo, pois que é da máxima importância que todos os circunstantes constituam uma única fôrça viva e pensante, uma só pessoa moral, que se resume no pensamento e vontade do director.

Para melhor se conseguir essa identificação de pensamento e vontade, costuma geralmente o director da sessão fazer em voz alta uma invocação ás potências superiores, a qual é repetida mentalmente pelos circunstantes, que assim se põem em unísono com o director do grupo.

Não há fórmula definida para êste fim. Todas podem servir. Todavia, como amostra damos a seguinte que é muito usada.

"Deus Onipotente e Criador dos Universos, nós te invocámos e venerámos!

"Espíritos bons e tutelares, fazei com que algum de vós tome êste grupo sob a sua direcção e protecção, permitindo que ás nossas sessões só venham espíritos benevolentes, que nos inspirem para o bem, e os espíritos soffredores, que possam receber de nós auxílio e conselho."

Toda a sessão espírita, para que possa ser proveitosa e livre de perigos, deve ser constituída por pessoas tão homogéneas quanto possível no seu modo de pensar, sérias e cortezes, devendo tratar-se os espíritos com as mesmas atenções com que os trataríamos, se eles fossem vivos e tivéssemos de conversar com eles.

Julga muita gente que todo e qualquer medium pode fazer comparecer na sessão qualquer espírito que se deseje.

É um êrro crasso: em primeiro lugar os mediuns não são entidades activas, antes pelo contrário o seu papel é essencialmente passivo, e, sobretudo os mediuns superiores, só produzem os fenómenos que os seus espíritos-guias lhes permitem. E é por intermédio e com o consentimento dêstes, que outros espíritos se podem manifestar por êsse medium.

Já o dissemos: o medium é um ser de uma sensibilidade muito exaltada, cujo corpo astral vibra com uma intensidade desusada, o que lhe dá a capacidade precisa para produzir uma certa ordem de fenómenos extra-vulgares, que ou são puramente anímicos, ou entram de facto no campo do espiritismo.

No primeiro caso, isto é, no caso de produzir sómente fenómenos anímicos, o corpo astral do médium exterioriza as suas próprias fôrças e faculdades, que habitualmente se acham latentes, produzindo assim fenómenos variadíssimos e transcendentais, tais como a exteriorização da sensibilidade, da motricidade e de todos os sentidos, dando assim lugar a todos os fenómenos sonambulicos, chegando até á exteriorização material do seu próprio duplo.

Os mediuns desta categoria, chamam-se vulgarmente sugets ou passivos magnéticos.

No segundo caso, isto é, quando produz fenómenos propriamente espíritas, o medium empresta o seu ser e aptidões fisiológicas a um espírito desincarnado que, apossando-se dêle ou dominando-o, produz assim todos os fenómenos denominados espíritas.

Assim, pois, o medium é um ser essencialmente passivo, é uma faculdade e não uma força, é um instrumento que, para produzir sons, precisa de um músico que o faça tocar. Ora os músicos neste caso são os espíritos desincarnados.

E é por isso que os mediums não produzem fenómenos quando querem, mas só quando lho consentem.

E alguns destes espíritos-guias por tal forma se impõem ao medium, que o subjugam e impedem de comunicar com os outros espíritos. É isto o que vulgarmente se chama obsessão.

É por esta razão que muitas vezes sucede perder um medium subitamente a faculdade de mediar, e manter-se nesse estado negativo durante um tempo mais ou menos longo, até que mais tarde se resolvem a levantar-lhe a interdição.

Tal qual como sucede com as pessoas vivas, os espíritos desincarnados são quasi sempre atraídos aos grupos pelos laços de simpatia ou similhaça de carácter e gostos.

É por isso que os espíritos de uma certa elevação não frequentam os grupos formados por pessoas levianas, onde se faz do espiritismo um mero divertimento.

Importa por isso que os grupos espíritas evitem nas suas sessões perguntas e consultas frívolas e banais, pois tais grupos só poderiam atrair espíritos levianos e maus, que só buscam ocasiões de enganar e embair as pessoas crédulas, e muitas vezes assediam e perseguem com a sua má influência os mediums e mesmo os assistentes, obrigando-os muitas vezes com as suas sugestões a praticar actos disparatados ou condenáveis.

*

* *

Presumem geralmente as pessoas alheias ao Espiritismo, e até mesmo muitos espíritas incipientes, que os espíritos, pelo facto de se acharem livres da matéria, que os obcecava em vida, se tornam omniscientes, e podem responder ex cathedra a tudo quanto se lhes perguntar.

É isto um êrro grave que importa destruir.

Nos primeiros tempos após a morte, os espíritos não vêm mais longe do que viam cá na Terra.

É só muito mais tarde, depois de ter para eles passado o período de perturbação mental, (que é variável de uns para outros), que eles retomam pouco e pouco posse da sua consciência, que começam a rememorar as suas existências passadas, e a reconhecer o novo meio em que vivem. Só então é que eles começam a estar em condições de poderem saber alguma coisa mais do que nós, pois que é só com o tempo que podem adquirir uma soma considerável de novos conhecimentos. Porque a morte só por si, nem depura as consciências, nem lhes dá novos conhecimentos; o que as depura é o arrependimento dos passados êrros.

Durante os primeiros tempos a seguir á morte o espírito do criminoso ou o do selvagem conserva os mesmos instintos ferozes, o do homem leviano e futil, e o do homem vicioso mantem durante um largo período os mesmos defeitos e os mesmos vícios que os caracterizaram na Terra.

Arrastando na sua bagagem espiritual as ideias e crenças que cá tinham, conservam-as durante muito tempo e vêem tudo através dêsse falso prisma, iludindo-se a si próprios e iludindo-nos a nós inconscientemente, dando-nos como verdades incontestáveis o que não passa de ser a sua própria crença, e as suas velhas ideia terrenas.

Para que os espíritos do além possam falar-nos verdade, é indispensável que estejam já muito depurados e livres de preconceitos terrenos; só nêste caso é que os conhecimentos, que nos dão sôbre a vida do além, nos podem merecer inteira confiança.

Deve por isso haver a maior circunspecção na interpretação das suas comunicações, não devendo aceitar-se como verídico senão aquilo que fôr digno de crédito.

É certo que há espíritos que nos ilustram com as suas comunicações transcendentales; mas a grande maioria que acorrem ás sessões espíritas são levianos, zombeteiros ou mesmo espíritos maus, que só produzem banalidades, embustes ou incoerências, havendo também entre eles muitos espíritos sofredores, que vem buscar entre nós consolações, luz e auxílio.

É unicamente pela natureza da comunicação que nós podemos reconhecer se ela dimana de um espírito elevado ou culto, ou de um rude e atrazado.

E como as comunicações sérias dos espíritos teem por índole aconselhar-nos o desprendimento dos bens e cousas terrenas, não só não devemos consultá-los a tal respeito; mas quando espontaneamente nos aconselham actos dessa natureza, devemos por cautela estar de prevenção contra tais conselhos ou sugestões, que muitas vezes obedecem a planos e intuitos que nós não percebemos e que, embora o não pareça, só vem a produzir mais tarde desgostos e arrependimentos, que não teríamos, se não houvéssemos tido a fraqueza de abdicar da nossa opinião própria, e do nosso livre arbítrio, para ceder cegamente ás suas sugestões.

Falamos assim, porque sabemos positivamente que nalguns casos se tem tramado no além verdadeiras conpirações formadas por vários espíritos com o intuito de forçarem pelo mêdo determinados indivíduos a praticarem actos, que lhes repugnavam em princípio, apesar de, em tese geral, serem inocentes e anódinos.

Tem-se chegado mesmo a servir-se do nome de Deus, para dar mais fôrça obrigatória a tais sugestões.

Qual será o intuito a que obedecem essas conpirações de além túmulo? Será com o fim de fazer expiar na terra passadas culpas? Não sabemos; se bem que seja essa a explicação mais plausível. O que sabemos e podemos afirmar é que os actos assim sugeridos, e que por fraqueza de ânimo se realizaram, só deram como resultado - o que aliás era de prevêr - desgostos e arrependimentos.

Por isso não nos cansaremos de dizer a todos os espíritas sinceros, que, quando as comunicações do além dizem respeito a interêsses materiais, estejam sempre de pé atrás com elas. Não abdiqueis nunca da vossa razão, nem do vosso livre arbítrio e fugi sempre de vos deixardes dominar pela credence ou pela superstição; pois são esses dois escolhos onde pode naufragar o espírito desacautelado.

Um outro conselho: evitai fazer invocações a personagens célebres e determinados, pois correis o risco de terdes resposta, não deles, mas de qualquer outra entidade desconhecida, que, sem procuração, vem todavia responder por eles.

Há muitos espíritos inferiores e zombeteiros, que, conhecendo a vaidade e pouca seriedade dos invocadores, se aprazem a representar o papel de grandes homens, e veem por isso responder-lhes disfarçados de Homero, Platão ou Galileu.

É por isso que, em vez de invocar espíritos determinados, é preferível e mais seguro fazer ma invocação genérica aos bons espíritos, deixando-lhes assim a plena liberdade de virem os que quiserem e puderem.

*

* *

Constituído um grupo de 6, 8 ou 10 pessoas sérias e de boa vontade, é de crêr que entre elas haja pelo menos um medium tiptológico. Se passados dois ou tres quartos de hora a mesa não se mexeu, suspende-se a sessão e repete-se a mesma experiência cinco ou seis dias. Se passados eles o resultado fôr sempre negativo, introduz-se no grupo mais uma ou duas pessoas, até aparecer um medium, o que mais tarde ou mais cedo sucederá.

Além dos movimentos da mesa produzidos pelo simples contacto dos assistentes sôbre o tampo da mesa, seguem-se por vezes pancadas parecendo sair do interior da mesa. Podem também revelar-se mediuns de escrita automática, ou que produzam movimentos de objectos sem contacto algum com eles.

São estes os fenómenos que se podem obter com os mediuns vulgares, cuja potência é em regra muito limitada.

Quando porém o medium dispõe de um poder mais elevado, pode então ir-se muito mais longe; prescinde-e então da mesa e podem obter-se, por exemplo, a escrita directa, os aportos ou transportes de objectos de um lugar para outro, as encarnações ou incorporações e as materializações.

*

* *

Em geral só pela experiência é que se pode reconhecer que uma pessoa é medium; todavia a observação nos mostra que em geral os bons mediuns se encontram entre as pessoas, que facilmente se podem magnetizar, que obedecem facilmente a sugestões e em geral entre os nevropatas e em pessoas nimamente impressionáveis e históricas.

Os mediuns fornecem aos desincarnados uma parte mais ou menos considerável do seu fluído nervoso. podendo até no mediumnismo transcendente fornecer-lhe uma porção da sua

substância orgânica, o que lhes permite materializarem-se.

Pode sem dúvida esta afirmação parecer incrível para os não conhecedores dos mistérios do espiritismo; mas isso não obsta a que ela seja uma verdade indubitável, atestada por notabilidades científicas dignas de todo o crédito.

Como os mediums são muito impressionáveis e obedecem facilmente á sugestão, mesmo mental, dos assistentes, importa que estes se mantenham num estado de passividade mental completa, para assim evitar que o medium possa reflectir os pensamentos dos assistentes, o que aliás é fácil, visto que, para a produção de fenómenos transcendentos o medium perd sempre a sua consciência normal, ficando num estado especial denominado transe.

Como os fenómenos espíritas nem sempre se produzem quando o medium quer, daqui resulta que alguns deles, para manterem os seus créditos (porque são geralmente vaidosos) são muitas vezes levados a praticar fraudes conscientes ou inconscientes.

A fraude inconsciente consiste geralmente em pequenos movimentos mais ou menos instintivos, movimentos que de per si seriam insuficientes para produzir o fenómeno; mas que, segundo parece, tendem a facilitá-lo.

A fraude consciente consiste em simular o fenómeno, empregando para isso meios fraudulentos.

Esta é que é a verdadeira fraude, a única que desacredita o medium.

Para evitar fraudes deve o medium ser atentamente vigiado, por maior que seja a confiança que depositemos nêle.

A mediumnidade é um dom natural, que pode aumentar com o exercício; e para o conservar deve o medium evitar a fadiga física ou moral, e abster-se de bebidas alcoólicas e do uso de narcóticos.

*

* *

Agora que já dissemos o que julgamos indispensável saber-se àcerca dos mediums, é conveniente dizer alguma coisa sôbre as diversas espécies de sessões espíritas.

Os mediums mais vulgares são os tiptológicos, isto é, aqueles que dão comunicações por meio de pancadas batidas com os pés de uma pequena mesa redonda de pé central.

São as sessões tiptológicas aquelas por onde todos começam.

Para se fazer uma sessão desta espécie, sentam-se em roda de uma pequena mesa redonda de pé central quatro ou cinco dos membros do grupo ficando de fora pelo menos um que, munido de papel e lapis, serve de secretário. Poem todos as mãos sôbre as bordas da mesa fazendo a menor pressão possível, podendo as mãos de todos tocarem-se ou não.

O director faz a invocação e os que rodeiam a mesa fitam todos o centro desta afim de mais facilmente se concentrarem, e aguardam em silêncio os acontecimentos.

Se entre os circunstantes há algum medium, passados alguns minutos ou mesmo um quarto de hora, a mesa começa a oscilar, a ranger, até que, levantando um dos pés, bate uma pancada.

Então faz-se a convenção de que uma pancada significará - sim, duas pancadas, - não; e tres pancadas, - talvez, ou - não sei.

Combina-se depois que ao a corresponderá uma pancada, ao b duas, ao c tres e assim por diante.

Depois designam-se os circunstantes por números, designando o director por uma pancada e os que se lhe seguem pelos números 2, 3, 4, etc.

Deve-se então perguntar ao espírito qual ou quais dos circunstantes são mediuns.

Seguidamente pergunta-se ao espírito o seu nome e sobrenome, a época em que morreu, os anos que tinha nessa data e todas as mais perguntas que forem convenientes para se poder verificar a sua identidade.

Desconfiai sempre dos espíritos que se negam a dizer o seu nome, ou a terra da sua morada. Ou são geralmente grandes criminosos, ou espíritos zombeteiros que querem divertir-se connosco.

Quando virdes que não tirais deles nada de util, levantai as mãos da mesa, dando por finda a sessão.

Quando o medium tem bastante fôrça, a mesa pode bater as pancadas tendo os circunstantes e mesmo o medium as mãos por cima da mesa; mas um pouco afastadas desta.

*

* *

Nas sessões de escrita automática não se forma cadeia; os circunstantes sentam-se onde melhor lhes aprás; o medium, ou aquele que pretende sê-lo, toma uma folha de papel e um lapis e senta-se na posição própria para escrever.

Se o futuro medium tem tendência para vir a ser medium escrevente, passado um certo tempo, ou passadas algumas tentativas inuteis, começa por fazer traços mais ou menos tremidos, até que, passadas várias sessões, aparecem as primeiras palavras inteligiveis.

É preciso muita persistência e teimosia para chegar a escrever correntiamente. Em compensação quando se atinge êsse resultado fica-se plenamente compensado do tempo anteriormente perdido.

Há mediuns desta espécie que não tem consciência alguma do que escrevem; só o sabem depois de lerem o que escreveram. São os mediuns automáticos. O braço direito está hirto e não o podem governar. São os de maior valor. Há porém outros que sabem perfeitamente o que escrevem. Os espíritos que se comunicam actuam sôbre o cérebro e não sobre o braço; são por isso de pouca confiança.

Os próprios mediuns são os primeiros a duvidar de si próprios; porque não sabem ao certo se o que escrevem é produto da sua inteligência ou de um cérebro alheio. São os mediuns intuitivos, que pouco valor podem ter scientificamente considerados.

Quando o medium está já treinado na escrita automática, chega a atingir uma velocidade pasmosa e é tal a inconsciência com que o fazem, que muitas vezes estão escrevendo e conversado animadamente com outras pessoas ao mesmo tempo.

Sucedem muitas vezes cessar a mediunidade por completo durante alguns dias ou meses. Em tal hipótese aceita-se com resignação êsse facto e suspendem-se as tentativas de mediunidade durante tres semanas ou um mês.

Geralmente a mediunidade volta mais cedo ou mais tarde.

Os espíritos, passado o período de perturbação mental, teem em geral faculdades muito mais apuradas do que as nossas, podendo por isso ler facilmente no nosso pensamento e responder com acerto a perguntas mentais.

Para se fazerem experiências de valor nêsse sentido procede-se da seguinte forma:

Em pequenos bilhetes, todos iguais em tamanho e qualidade de papel, cada um dos circunstantes escreve um pensamento, de que só êle tem conhecimento.

Dobram-se os bilhetes em quatro partes e deitam-se numa caixa, mexendo-os bem. Então o director tira um ao acaso e pede ao espírito que o leia ou que responda ao seu conteúdo.

Como ninguém sabe o que está escrito no bilhete nem mesmo aquele que o escreveu, a resposta, quando certa, não pode ser atribuida a sugestão de ninguém.

Dada a resposta ao bilhete, abre-se êste então, e vêndo-se o que nêle está escrito, mostra-se aos circunstantes..

E procede-se da mesma forma para com os outros pensamentos.

Os espíritos conservam na sua vida astral, quasi sempre, as mesmas afeições que levaram da vida terrena, a não ser que lá, lendo já no íntimo de cada um, eles hajam reconhecido que a amizade que alguns diziam professar-lhe era fementida ou interesseira.

Nem sempre o espírito convocado pode vir ao nosso chamamento; a vida no espaço não é, como muitos supõem, uma vida de ociosidade; há lá o trabalho espiritual, como aqui temos o trabalho material. E os espíritos mais adiantados teem missões a cumprir e a que não podem faltar só para acorrer ao nosso apêlo. Outras vezes não acorrem á nossa chamada ou por falta de laço simpático entre eles e o medium, ou porque, tendo essa evocação a satisfazer uma simples curiosidade de algum dos circunstantes, o espírito invocado não se presta a servir de recreio ou passatempo a ociosos.

*

* *

Passo em claro a mediumnidade intuitiva, auditiva e visual, porque essas mediumnidades não sendo, por sua natureza, exteriorizáveis em factos, que todos possam perceber, não podem ser scientificamente estudadas e analisadas. por isso passarei a tratar da mediumnidade de incorporação ou vocal, que é interessantíssima a todos os respeitos.

*

* *

Estas sessões realizam-se ou em completa obscuridade ou então apenas iluminadas com uma luz vermelha.

O medium deve estar comodamente sentado numa cadeira de braços, muito sólida e atado a ela pela cintura e também pelos pulsos e pernas, se porventura as sessões forem muito agitadas, como por vezes sucede.

Estas cautelas teem por fim evitar que o medium se possa magoar a si próprio; pois muitas vezes sucede os mediuns baterem em si por tal forma que ficam com o corpo cheio de nódoas e contusões.

Sentado o medium a meio da sala os assistentes sentam-se em tórno formando círculo e dão-se as mãos, formando cadeia fechada, a qual não se deve interromper enquanto durar a sessão e só por ordem do director.

Todos os assistentes devem inteirar-se do perigo enormíssimo, que pode correr o medium se a cadeia se quebrar antes de tempo, sobretudo nas sessões de materialização.

Mme. de Esperance, um dos mediuns mais notáveis da Europa, esteve quatro meses ás portas da morte pela imprudência de um assistente que repentinamente rompeu a cadeia e acendeu um fósforo.

É bom que a recordação dêste facto sirva de lição aos imprudentes.

Formada a cadeia, o director recita a meia voz a invocação e faz-se então um silêncio profundo.

Passado um quarto de hora, pouco mais ou menos, ouve-se o medium soltar alguns suspiros e gemidos, ficando em seguida em estado letárgico.

Porêm em breve passa da letargia ao estado cataléptico mais ou menos pronunciado.

Nesta ocasião divisam-se ás vezes em tórno do medium, aqui e além, pequeníssimas luzes azuladas, que nem todos ás vezes apercebem. É o perispírito do medium que começa a exteriorizar-se, tornando-se assim visível para os assistentes.

O medium começa então a sentir a invasão de um espírito desincarnado, que tenta apossar-se dos seus órgãos, e a luta que se trava entre o invasor e o invadido traduz-se por sintomas muito variáveis - gritos, gemidos, deglutições em sêco mais ou menos ruidosas e muitas vezes repetidas e vozes inarticuladas variadíssimas.

Depois de muitos esforços o medium consegue articular as primeiras palavras.

Começa então o interrogatório feito pelo director da sessão no intuito de averiguar os nomes e apelidos do espírito, a sua última morada, o ano em que morreu e todas as confissões convenientes, para se poder ulteriormente averiguar, se o espírito é realmente quem diz ser.

Terminadas estas investigações, passa-se a perguntar-lhe o que deseja de nós, se sofre muito, se deseja confessar alguns êrros e arrepende-se deles, e tudo o mais que as circunstâncias aconselharem para lhe minorar o sofrimento, etc.

Os sintomas da incorporação, que acima expuzemos, são os que se podem chamar clássicos ou normais; mas há mediuns que oferecem tão pouca resistência á invasão dos espíritos errantes, que a incorporação se dá com a maior facilidade. Nêste caso podemos perguntar a nós mesmos se a incorporação é real ou simulada. Todavia devemos reconhecer que, embora sejam menos frequentes estas incorporações sem esforço fisiológico, sem prova em contrário não devemos supô-las fictícias.

Se a sessão é feita com luz vermelha, observa-se também em muitos mediuns não só a mudança de voz e de gestos, mas também alterações fisionómicas importantes, conforme os espíritos que se vão incarnando.

Quando a sessão se prolongou bastante e que calculamos que o medium deve estar fatigado, deve dar-se a sessão por terminada; e para isso pede-se ao espírito que está falando, que, quando tiver dito tudo o que se deseja, se retire suavemente, despertando o medium completamente, e deixando-o perfeitamente sereno e tranquilo.

Se o espírito é bom e razoável, atende sem relutância o nosso pedido, e em breve o medium solta alguns suspiros de alívio e desperta.

Nesta ocasião o director auxilia também o medium fazendo-lhe sôbre a cabeça e tronco alguns passes magnéticos transversais, e dá-lhe alguns sopros enérgicos sôbre os olhos.

Devemos, em regra, tratar os espíritos com a maior afabilidade e boas maneiras; mas ha circunstâncias em que é indispensável ser enérgico e até violento.

Tal é a hipótese de se ter incorporado no medium um espírito maléfico, e completamente rebelde ás atenções e delicadezas, com que o temos tratado.

Quando se der um caso dêstes convida-se primeiro com bons modos a sair do seu corpo de empréstimo e a deixar o medium tranquilo.

Se êle recalcitra e declara que não sairá, a convite do director da sessão, os assistentes unem-se ao director em uma só vontade, e então êste, forte com essa união de vontades, falando em nome de todos, ordena, com toda a fôrça da sua vontade ao espírito - que saia imediatamente.

Se êle ainda tentar resistir ordena-se-lhe novamente que saia em nome de Jesus.

É raro que desobedeçam a esta intimidação; mas, se porventura êsse caso se dêr, então é indispensável recorrer a vias de facto e dar no medium uma ou duas bofetadas.

Êste procedimento brutal pode parecer estranho; mas para quem não desconhece os mistérios do além e da vida psíquica, êste procedimento é perfeitamente razoável.

No estado de transe o medium nada sofre; quem levou a bofetada foi o espírito rebelde que naquele momento estava dando vida ao corpo do medium.

Deve porém notar-se que a relutância de qualquer espírito em obedecer às ordens do chefe do grupo é proveniente do facto de alguns dos circunstantes sentirem medo, resultante de não saberem a força enorme de que pode dispôr um grupo, quando é unido e confiante na sua fôrça.

A soma de muitas vontades unidas e conscias do seu valor há de sempre vencer a vontade de um só embora êle seja um espírito livre.

Pessoas medrosas são um perigo no seio de qualquer grupo, porque lhes tiram a fôrça moral de que um dia podem carecer.

*

* *

Para se realizarem as sessões de apports, de fenómenos luminosos, de materializações, etc., o dispositivo é quasi igual; simplesmente a cadeia é aberta e os assistentes ficam sentados em linha em frente do reposteiro, que separa a sala do gabinete escuro onde o medium fica sentado e atado, em completa escuridão, ao passo que a sala é iluminada com uma luz vermelha.

Nas sessões de apports costumam atar-se as mãos do medium e metê-lo dentro de um grande saco atado ao pescoço dêle. Desta sorte fica êle impossibilitado de praticar qualquer fraude consciente ou inconsciente.

Origem das comunicações

Quando temos assistido a numerosas sessões de várias espécies e temos observado com toda a atenção os fenómenos que se tem produzido com todas as suas variadíssimas modalidades, não poucas vezes sucede que as respostas dadas pela mesa, pela prancheta, ou traçadas pela mão do medium escrevente, se umas vezes parece responderem áquilo que temos no pensamento, muitas outras vezes são diversas e inesperadas a ponto que nos deixam atónitos. E então somos forçados a fazer a nós mesmos esta pergunta:

Serão com efeito estas respostas dadas pelos espíritos das pessoas falecidas, ou poderão algumas delas ter uma origem diversa?

Durante muitos anos admitiu-se que todas essas respostas eram produzidas por espíritos de pessoas falecidas; porém modernamente surgiu uma nova teoria, que, pretendendo a princípio destronar por completo a teoria espírita, não conseguiu afinal mais do que restringir o campo de acção do espiritismo aos seus justos e devidos limites.

Porque a verdade é que a teoria anímica é uma fracção da teoria espírita e está toda inteira contida nesta.

Ora, quando duas hipóteses, igualmente possíveis, se apresentam para explicar uma determinada ordem de fenómenos, é conforme ao espírito científico preferir aquela, que explica satisfatoriamente todos os fenómenos, áquela que apenas pode explicar uma parte deles.

Ora, sempre que as comunicações espíritas nos dão provas frisantes de identidade, ou nos revelam factos, que o medium não pode por forma alguma saber, é claro e perentório que a teoria anímica nada pode explicar. E o mesmo sucede nos casos em que a sugestão de qualquer dos assistentes é completamente inadmissível, por se tratar de factos por eles ignorados.

Não podemos, é claro, alongar-nos agora em considerações a tal respeito, remetendo por isso o leitor para a obra magistral de Alexandre Aksakoff, *Animisme et Spiritisme*, que tratou ex professo dêste assunto.

Mas, no fundo, Animismo e Espiritismo, são uma e a mesma coisa; porque o Animismo occupa-se dos fenómenos extra vulgares produzidos pela alma de um vivo (passivo magnético ou medium), e o Espiritismo trata dos fenómenos produzidos pela alma de um morto por intervenção de um medium.

Em qualquer dos casos não é a parte material do ser humano quem produz esses efeitos, mas sim a sua parte imaterial, invisível.

Como porêm importa distinguir os fenómenos anímicos dos que só o espiritismo pode explicar, vamos dar alguns tópicos, que ajudam a distingui-los; mas em caso de dúvida sôbre a sua natureza, devemos seguir o seguinte conselho de AksaKoff: - Sempre que um fenómeno se possa cabalmente explicar pela teoria anímica, chamar-lhe hemos anímico; quando porêm transcende as possibilidades do animismo, chamar-lhe hemos então espírita.

Assim, devemos considerar como anímicos:

- 1.º - Todos os fenómenos magnéticos e sonmbulicos.
- 2.º - Os fenómenos telepáticos de todas as categorias.
- 3.º - Os duplos de pessoas vivas, tantos os duplos que só são perceptíveis para os sonâmbulos, como também aqueles que são visíveis para todos.
- 4.º - Os apports de objectos inanimados.
- 5.º - Os efeitos físicos, em que se compreende também a levitação. Todavia, estes fenómenos podem por vezes ter uma causa espírita.

Porêm são de natureza espírita:

- 1.º - A escrita automática, e a escrita directa sôbre ardósias e sôbre outros objectos.

2.º - Aparições de pessoas conhecidas dos circunstantes, e falecidas há mais ou menos tempo, e a aparição de mãos, pés, etc.

3.º - As fotografias de personagens invisíveis e as de fantasmas materializados.

4.º - As moldagens em parafina de mãos e pés.

Todavia, nalguns casos, se bem que raros, pode essa moldagem ser uma produção anímica, tal é a moldagem de um pé obtida pelo medium Eglinton, que depois se reconheceu ser cópia fiel de um pé do próprio medium.

Porém, em regra, essas moldagens reproduzem mãos e pés de pessoas falecidas, cuja identidade foi ulteriormente reconhecida pelos parentes.

Tal é o facto que se deu com o dr. Nichols, que obteve a materialização da mão de sua filha, que era reconhecível por determinados sinais.

5.º - As materializações de pessoas falecidas, que andam, pensam e falam, como se fossem pessoas, que vivem na Terra.

6.º - Finalmente todos os fenómenos fisiológicos produzidos pelo medium, quando revelam um conteúdo intelectual.

*

* *

A grande generalidade das comunicações verdadeiramente espíritas, quer elas sejam feitas por meio da mesa, ou da prancheta, quer por meio da escrita automática, quer mesmo pela mediumnidade vocal ou de incorporação, partem todas de uma personalidade inteligente.

1.º - Observa-se sempre que essa personalidade afirma sempre ser o espírito de um indivíduo, que, mesmo após a morte, conservou a sua individualidade anterior, e a memória mais ou menos clara do seu passado.

2.º - Que essa personalidade conserva sempre as mesmas características, em sessões diversas, e mesmo com mediuns diferentes; o que nos leva a crer que é sempre uma e a mesma pessoa.

3.º - Que essa entidade, tão fixa e permanente, como a de um ser vivo, recorda, na maioria dos casos, a personalidade do falecido que diz ser; ou seja revelando-nos certos factos, desconhecidos de todos; mas que posteriormente se averigua serem verdadeiros; ou seja revelando-se pelas suas qualidades ou defeitos morais, enviando-nos muitas vezes as suas comunicações na sua língua própria, com a sua caligrafia usual, ou com o mesmo timbre de voz, características estas de que raras vezes o medium tem conhecimento.

4.º - Finalmente, que, em regra, essa entidade do além se reveste de todas as características próprias da última época da sua encarnação terrestre.

Outras vezes, porém, aparecem-nos comunicações que se dizem ser de personagens determinados e bem conhecidos, mas cujo conteúdo destoa, por banal, do que esse personagem poderia produzir em vida.

Nestes casos deveremos concluir que a comunicação não é da pessoa que se diz ser.

Estas comunicações ou são um produto anímico, devido á sugestão consciente ou inconsciente do medium, ou de algum dos assistentes, ou é devida a um espírito folgazão, que veio embair-nos, tomando um nome de fantasia.

Mas, tirando casos destes, não devemos em regra atribuir ao medium comunicações sensatas, mórmente quando o seu conteúdo é superior á capacidade intelectual dêle.

*

* *

Procurando agora entrar na apreciação do valor intrínseco das comunicações espíritas, devemos dizer que nada há mais inconstante e variável.

Se muitas vezes nos inculcam verdades incontestáveis e doutrinas de uma subtileza que assombra, outras vezes só nos dizem banalidades, mentiras, grosserias e mesmo injúrias, e outras ainda só nos contam coisas sem nexos, incoerentes, perfeitamente obscuras.

Todavia, mesmo nas correspondências banais podemos por vezes encontrar matéria do mais vivo interesse; quando nos dão provas indubitáveis da identidade do espírito que se revela, o que nos traz satisfações do mais subido quilate, mórmente quando partem de indivíduos que nos foram caros e que assim voltamos a encontrar, através das brumas que separam os dois mundos.

Mas, muitas vezes, quando dispomos de um medium razoável, em vez da banalidade vulgar, obtemos comunicações transcendentais e remontadas, que revelam uma inteligência lucidíssima e uma soma de conhecimentos, que excede em muito a capacidade intelectual do medium e dos assistentes.

E, quando isto se dá, podemos então esperar conselhos preciosos e conhecimentos transcendentais.

Foram as comunicações desta classe, ministrando-nos conhecimentos preciosos sôbre a vida espiritual, que serviram de base para êsse conjunto admirável de conhecimentos filosóficos, que constituem a doutrina espírita.

Estas comunicações, espontâneas quasi sempre, da parte dos espíritos superiores, não tratam nunca de questões de interesse material, e apenas ministram conhecimentos científicos superiores, ou conselhos morais da maior vantagem para o progresso social.

São exemplos frisantes da importância destas comunicações o precioso livro de Mme. Rufina de Noggerrath que se intitula *La Survie*; e os tres volumes de correspondências do Astral publicadas pelo distinto medium Fernando de Lacerda, sob o título *Do Paiz da Luz*.

Esta obra, póstumamente colaborada pelos distintos homens de letras e de ciência de Portugal e da França é um repositório precioso da mais pura doutrina filosofico-moral que pode conceber-se.

*

* *

Mas, como é que havemos de explicar a desigualdade tão frisante, que se nota nas comunicações espíritas?

É porque para bem as apreciarmos precisamos de atender:

- 1.º - Á situação actual dos desencarnados, que se comunicam.
- 2.º - Às condições mediante as quais eles se estão comunicando connosco.

Ora, quanto ao primeiro ponto de vista cumpre não esquecer que, como na Natureza tudo se modifica gradualmente e com lentidão, não pode haver para os desencarnados uma transformação considerável, mórmente nos primeiros tempos após a morte; portanto quer moral, quer intelectualmente não podem em curto praso tornar-se nem muito melhores, nem muito piores, do que eram nos últimos tempos da sua vida terrena.

Só os espíritos mais depurados e moralmente mais elevados, ou os que já desencarnaram há muito tempo é que gosam de amplas faculdades que lhes permitem ter uma largueza de vistas considerável.

Quanto aos de categoria média, que são a grande maioria, êsses pouco avançam nos primeiros tempos, enquanto que os espíritos inferiores, que moralmente se acham muito atrasados, êsses, longe de serem superiores ao que eram na terra, em consequência de se verem privados dos seus sentidos materiais, experimentam logo após a morte um obscurecimento psíquico maior ou menor, que não lhes deixa perceber nitidamente a sua situação actual.

Porque, desenganemo-nos, uma vez por todas, os desencarnados nem são (nos primeiros tempos) bem-aventurados, que gosam de uma meia omnisciência, nem são condenados ou réprobos, que sofrem suplícios eternos.

São apenas seres humanos que transitam da vida terrena para a sidéria, procurando afazer-se á vida dêste novo meio.

E quanto ao segundo ponto de vista, isto é, quanto ás condições, mediante as quais o espírito está comunicando connosco, cumpre atender a que o desencarnado só pode manifestar-se actuado sôbre um organismo vivo e alheio.

Portanto tem de haver:

1.º - Acção sugestiva do espírito livre sôbre o medium, que tem de reproduzir alheios pensamentos.

2.º - Capacidade fisiológica e intelectual do medium, que pode restringir e modificar na forma o pensamento do espírito livre.

Porque aqui dá-se como que uma reencarnação efémera do espírito na pessoa do medium, e consequentemente ficará o espírito submetido ás consequências fatais, embora atenuadas, das incarnações normais; (tais são o obscurecimento relativo da consciência do espírito livre, o esquecimento parcial do passado, etc.).

Assim como o ar, passando através de diversos instrumentos musicais, produz sons diversos consoante a forma e natureza de cada instrumento, assim também um espírito desincarnado actuando sôbre o organismo de um medium, se modifica fatalmente, consoante o organismo e a capacidade dêste.

De tudo isto resulta que as comunicações espíritas são o que são, e não o que desejaríamos que fossem.

Nada é pois para estranhar que sejam muito frequentes as comunicações mediócras ou inferiores; pois que a grande maioria dos espíritos, que connosco se comunicam, não estão intelectualmente em nível superior á humanidade actual, e as leis fisiológico-psíquicas que regem essas comunicações, exigem que elas se coadunem com a capacidade do medium.

Além do que, para serem reconhecidas mais facilmente, os espíritos mostram-se quasi sempre quais eram no último período da sua derradeira incarnação terrena, por isso que a reencarnação parcial, que se torna necessária para a comunicação se dar, tende a fazer-se sôbre o modelo orgânico mais moderno.

Admiram-se alguns de que as aparições espíritas façam em certos casos lembrar os caracteres físicos ou psíquicos do medium, querendo com isto inculcar que o fenómeno é anímico e não espírita.

Nada porém é para admirar que tal similhaça se dê; porque, sendo indubitável que todas as materializações parciais ou totais são feitas á custa da parte física do medium, e sendo certo que estes fenómenos se regem por leis análogas ás que governam os fenómenos psico-físicos normais, nada admira que por vezes se observe essa acusada parecença, visto que a analogia é a grande lei do Universo.

Ora, assim como na vida normal a criança participa do físico e do moral dos pais, que lhe deram o corpo, assim também as manifestações espíritas, produzidas pela combinação dos elementos psíquicos do espírito com os fisiológicos do medium, traduzem por vezes um misto, que participa de ambos.

E não é só isto; os próprios assistentes, se não se mantiverem numa passividade completa, podem, por sugestões mais ou menos involuntárias actuar sobre o medium, e fazer com que êste traduza os pensamentos dêsse assistente.

Por outro lado as comunicações de natureza elevada são fornecidas geralmente pela mediumnidade vocal ou pela escrita automática, e não pelos espíritos materializados; e isto compreende-se facilmente; porque no primeiro caso o espírito serve-se do medium, actuando nêle por sugestão; ao passo que no segundo caso, criando o espírito provisoriamente para seu uso um organismo de empréstimo, a inteligência do desincarnado perde grande parte da sua liberdade espiritual, vendo-se forçada a servir-se de um organismo de empréstimo, de que já não sabe usar convenientemente.

CAPÍTULO XIII

O Plano Divino

De tudo quanto deixamos dito se conclui que o homem foi destinado pela Providência para viver alternadamente em dois meios ou planos diversos: no plano físico ou terreal e no plano psíquico ou astral.

E é isto tão verdade que, até mesmo durante a vida terrena, se verifica, em ponto muito reduzido, esta mesma alternativa de vida em planos diversos.

Assim, durante a vigília, quando todos os nossos órgãos funcionam normalmente, e que os sentimos, todos despertos, nos põem em relação constante e directa com o mundo físico, que por toda a parte nos rodeia, nós vivemos no plano físico, a que vulgarmente se chama o mundo real.

Mas, algumas horas mais tarde, quando o nosso organismo está já fatigado pelo trabalho diurno, as pálpebras tornam-se pesadas, os olhos fecham-se, mau grado nosso, os membros todos tornam-se flácidos, inertes, os ouvidos tornam-se indiferentes aos ruídos externos de pouca intensidade, ficando assim privados das relações com o mundo externo, a nossa alma, isolada assim do mundo material, concentra-se sobre si mesma, e passa a viver exclusivamente das suas recordações num mundo interno, completamente imaterial ou psíquico.

Porêm, enquanto os órgãos dos sentidos dormitam, as faculdades sensitivas e afectivas da nossa alma velam, pondo-nos em relação apenas com o mundo imaterial e fantástico.

Quando sonhamos, entramos nos domínios de uma segunda existência, diversa da primeira, e da qual sómente persiste indestrutível a consciência da nossa personalidade anterior ao sono.

E durante as horas, que dura o estado de sono, nós esquecemos por completo os factos mais recentes, que nos afectaram durante a vigília anterior.

Reciprocamente, quando, ao despertar, regressamos ao estado de vigília, esquecemos, em regra, tudo quanto sonhamos; ou, se alguma recordação nos resta, é ela tão vaga e inconsistente, que não tarda a apagar-se de todo.

E, todavia, despertos ou sonhando, nós temos a consciência plena de que somos uma e a mesma pessoa, e de que os actos respectivos a essas duas fases da nossa existência são igualmente nossos.

É pois evidente que mesmo durante a existência terrestre nós vivemos alternadamente em dois mundos ou planos diversos; e que ao passar de um para o outro, nós nos esquecemos, em regra, de todos os factos respeitantes ao plano ou mundo anterior.

Em face dêste facto, que é incontestável, que admira pois que, quando reincarnâmos, nós nos esqueçamos por completo da nossa existência anterior?

E note-se que êste esquecimento periódico se dá em nós, ficando a nossa personalidade física e psíquica a mesma, quer estejamos despertos ou a dormir.

Nada admira pois que o mesmo esquecimento se dê quando reincarnamos, pois nêste caso se a nossa personalidade psíquica continua sendo a mesma, fisicamente os organismos são totalmente diversos.

*

* *

Podem talvez dizer-nos que a teoria da reincarnação vai em certo modo destruir a imortalidade da alma, visto que para que o homem seja imortal é mister que haja continuidade do ser, que êle guarde a recordação das diversas fases, porque vai passando através dos tempos; ora as sucessivas reincarnações, dando aos homens personalidades diversas e independentes, vem quebrar essa unidade do ser que a imortalidade exige.

Não tem porêem razão de ser essa objecção.

A unidade do ser mantém-se inquebrantável; porque a alma, que é o princípio estável e indestrutível do homem, permanece sempre a mesma. O que muda é o invólucro, a personalidade.

E embora essas diversas pessoas se não recordem umas das outras, basta que a alma, princípio comum a todas, se recorde dessas diversas fases ou personalidades.

Ora é isso mesmo o que se dá. Durante os períodos, em que a alma vive transitória e no plano astral, ela evoca a si a recordação do passado; tem conhecimento do ponto donde partiu, sabe qual é o estado em que se encontra, e compreende qual a mira a que deve aspirar.

Assim o presente liga-se intimamente ao passado, e o futuro torna-se o ideal do presente.

Para manter a unidade indivisível do ser humano, basta-lhe esta recordação intermitente durante os períodos da vida astral.

Dá-se assim a conexão íntima entre as diversas personalidades do mesmo homem, sem haver os inconvenientes gravíssimos que lhe adviriam, se êsse conhecimento do seu passado pudesse ser permanente.

Desta sorte o homem entra nas novas existências com a consciência limpa e tranquila, sem que o remorso de passados êrros venha perturbar-lhe a quietude de espírito, nem o conhecimento dêsse passado pelas pessoas possa lançar um labéu de vergonha sôbre o novo personagem que vai entrar na vida terrena.

Nem a memória das vidas passadas poderia ser logicamente explicada pelas leis físicas que regem o nosso planeta.

Pois é evidente que, sendo a memória (na vida terrena) uma força psíquica, que só se manifesta e actua mediante órgãos especiais, que a morte vem mais tarde destruir, é evidente que, como os órgãos mentais do homem reincarnado não são os mesmos do ser que faleceu, não podem encontrar-se no novo ser vestígios alguns das ideias ou pensamentos que tinham sido elaborados pelo personagem anterior.

Quando porêm o espírito vive a sua vida puramente psíquica, como a alma é identicamente a mesma, nada obsta a que ela se recorde de todo o seu passado anterior.

Antes pelo contrário é lógico que se recorde, faça a história retrospectiva do seu passado, para assim melhor preparar a sua futura existência terrena.

E não se diga que a recordação permanente das existências passadas era indispensável para nos dar a certeza da imortalidade.

Uma tal afirmação é um êrro gravíssimo.

Que mérito poderia haver para o homem em acreditar na imortalidade, se essa crença lhe fosse imposta pela evidência esmagadora dos factos, pois, que, em tal hipótese, ela estaria permanentemente gravada nas suas mais íntimas e indestrutíveis recordações?...

Nenhum! O mérito de cada um não pode ser outorgado ou imposto por um poder qualquer: só pode resultar do esforço, ou do trabalho individual de cada um de nós.

A certeza da imortalidade, como a de todas as grandes verdades, é o homem que deve conquistá-la, pelo esforço da sua inteligência e pelas deduções da sua razão.

A Providência não tem necessidade de inocular essa crença, ou qualquer outra, no espírito de cada um de nós: - nós é que temos toda a conveniência em adquirir essa crença pelo nosso esforço.

A Providência não se impõe ao homem, nem actua directamente sobre êle: é por via indirecta ou por delegação de poderes, que ela procede.

Fornece-lhe tudo quanto êle pode precisar para o seu desenvolvimento integral; mas não tenta deslumbrá-lo com o seu poder e maravilhas.

Assim no mundo animal, e muito especialmente na animalidade superior, é sempre por intermédio de um outro ser da mesma espécie, que a Providência actua; é por intermédio da Mãe; que ela afirma disfarçadamente o seu poder e acção.

Porque nos animais superiores a Mãe é sempre a providência do filho.

Ela o cria no seu seio, ela o alimenta e protege com toda a sua solicitude do seu amor sem igual, ela o educa e prepara para a vida independente.

Mas no reino humano a Providência não se limita a Mãe. Passado o tempo de puerícia, a Providência materna é insuficiente para preparar a criança para a luta da vida.

Surge então uma nova ordem de cousas que leva a Providência a difundir-se, a multiplicar-se, individualizando-se cada vez mais.

Como a acção directa da Mãe e do Pae não bastam, em regra, para a instrução e educação do filho, a acção providencial delega-se em outras entidades, os mestres de todas as ordens e categorias, que pela acção persistente sobre a mentalidade e aptidões fisiológicas da criança, a preparam para entrar na vida social.

Os mestres, se são bons e tem a consciência da sua augusta missão, podem transformar essa criança num cidadão prestante e honesto, ou num homem de génio, se porêm são inaptos, ou tem uma mentalidade viciosa, a sua acção sobre os cérebros infantis pode transformá-los em elementos danosos a uma verdadeira cultura social.

É assim que o observador consciencioso vai, sem receio de errar, encontrar as causas dos males gravíssimos de que enferma a sociedade actual, nos êrros acumulados de uma viciosa educação literária, científica e moral.

Que tremenda responsabilidade moral a dos educadores da mocidade!...

Mas, para não nos desviarmos do nosso caminho, deixemos por agora de parte a viciosa educação e instrução que, em geral, se dá á mocidade.

*

* *

Tinhamos nós dito que a acção providencial da Natureza era delegada, primeiro na Mãe e no Pae, os quais, levados instintivamente para êsse sentimento, sagrado entre nós, que se apelida amor materno e paterno, rodeiam o seu descendente com todos os cuidados de que são capazes para que nada lhe falte, de quanto êle possa precisar.

E tinhamos acrescentado que, quando a tutela providencial dos paes se torna insufficiente, começa então a acção dos mestres, porque são estes que formam os cidadãos e são estes que constituem depois a sociedade.

*

* *

Por seu turno a sociedade, tal como o individuo, carece também do amparo e da protecção da Providência.

Vejamos pois agora como é que esta vela pela sociedade.

Como esta é composta de seres livres e responsáveis pelos seus actos, é indispensável que a acção da Providência se exerça de uma forma tão disfarçada e indirecta, que não possa coagir por forma alguma a liberdade humana, e tirar-lhe por êsse carácter imperativo a sua responsabilidade, ou atenuar-lhe o mérito.

Limitando-se por isso a Providência a empregar o conselho, o exemplo, a sugestão fecunda.

Dado assim o impulso divino, fica ao homem a liberdade plena de se orientar como quizer, e a responsabilidade inteira dos seus actos.

E é dessa liberdade de acção, ou livre arbítrio que dimana todo o seu mérito ou demérito.

Vejâmos agora qual é a forma prática que a Providência emprega para exercer essa influência indirecta, lançando na humanidade de uma época qualquer, os germens das verdades fecundas.

Quanto a êste ponto a concepção teológica varia consideravelmente nas diversas religiões.

Assim a religião dos antigos Persas, e a dos Hebreus admitia que a Divindade - Ormuzd, ou Jeová comunicava com os homens por intermédio de homens eleitos - os profetas, que ditavam depois aos homens a vontade divina.

Outras religiões, tais como o paganismo greco-romano, e o bramanismo seguiam uma cocepção antropomórfica, supondo que a própria Divindade tomava corpo humano e vinha assim habitar entre os homens.

Inspirando-se mais ou menos na mesma ideia, o Cristianismo fez baixar á Terra o Filho de Deus, e revestir um corpo humano, para assim vir prègar aos homens a Lei Divina.

*

* *

A filosofia espírita, formando da Divindade um conceito muito mais elevado, e do Universo uma síntese muito mais completa e lógica, segue uma orientação diversa e mais coerente.

Admite ela que a influência divina se exerce graças á intervenção de Espíritos Superiores, que voluntariamente assumem a missão providencial de virem prègar aos homens as grandes verdades morais, incarnando para êsse fim num corpo humano, pondo-se assim em relação directa com a humanidade de diversas épocas, que, vendo que esses homens se destacavam de todos os outros pela sua elevadíssima doutrina, e pelos seus poderes superiores, os classificou como Filhos de Deus.

Tais como Crisna, Sakia-Muni, ou Buda e o Cristo.

Todos esses Génios Superiores tentaram redimir a humanidade dessas épocas da onda materialista que as avassalava, e lançaram as bases de uma crença mais remontada e pura.

Mas as diversas doutrinas dêsses reformadores, sublimes em demasia para as épocas atrasadas, em que tentaram abrir caminho entre os homens, apenas fizeram prosélitos entre as almas mais espiritualizadas; e, quando estas desapareceram da terra, os seus sucessores não tardaram em, pouco e pouco, desnaturar mais ou menos profundamente essas verdades divinas para assim as amoldarem melhor ás suas conveniências terrenas.

E alguns séculos após a aparição na Terra dêsses divinos mensageiros da Boa Nova, as verdades sublimes que eles proclamaram, acham-se por tal forma adulteradas pela vasa imunda das paixões humanas, que se torna difícil reconhecê-las.

Confronte-se o que foi o Cristianismo dos primeiros séculos com o que é hoje o Catolicismo, e ter-se há logo a confirmação das nossas palavras.

Porque sucede isto? Porque é que tão rápidamente se adulteram essas verdades sublimes?

A razão é simples: É porque não sendo essas ideias produtos da humanidade terrestre dessas eras, mas sim oriundas das esferas superiores, essas concepções são muitíssimo mais elevadas do que o permite o nível médio dos homens dessas épocas atrasadas. Daí resulta a dificuldade de se adaptarem aos costumes da época.

Por isso é que os homens, não querendo repudiar essas verdades, as desvirtuam para as acomodarem ás suas conveniências.

Já não sucede o mesmo ás verdades laboriosamente conquistadas pela inteligência verdadeiramente humana. Essas não se corrompem facilmente, porque são elaboradas pouco e pouco, e pouco e pouco vão servindo de base á elaboração de novas ideias.

As verdades de origem superior são como relâmpagos, cuja luz fulgurante deslumbra a humanidade num dado momento, passado o qual tudo volta ao estado anterior.

O raio celeste rompe com o seu fulgor as trevas da inteligência humana, deslumbra os homens; mas êsse deslumbramento lança á terra germens de luz, que só mais tarde podem desabrochar em frutos sazonados.

O que é um facto incontestável é que a humanidade terrestre tem tido em várias épocas Salvadores misteriosos, que a tem socorrido, iniciando-a nas verdades morais supremas; tem tido

Redentores, que, materialmente considerados, são homens, como nós; mas cuja mentalidade é muitíssimo superior ás almas entre as quais vieram lançar os clarões da sua inteligência remontada.

Pode a fraqueza intelectual e moral dos seus discípulos deixar-se avassalar em parte pelas sugestões materiais do meio ambiente, parecendo assim que essas verdades ficaram perdidas para a humanidade; mas não: - essa luz ficou velada, mas não se apagou.

Esses clarões, embora fugazes, impediram ainda assim que a humanidade recaísse de novo na noite caliginosa em que anteriormente jazia.

Dentre todos os Reveladores que tem aparecido á superfície da Terra, há dois, cujos nomes se impõem ainda hoje á adoração das massas, e que partilham entre si a consciência de toda a humanidade. São eles - o Buda e o Cristo.

Ambos eles prègaram a fraternidade entre os homens, e a união de todos os corações em nome do Pai Celeste, do Pai Comum; ambos condenaram o domínio pela espada, símbolo da fôrça, e chamaram a si os espíritos pelo atractivo soberano do amor e da caridade.

Ambos proclamaram a verdadeira lei da vida moral: a igualdade de todos os homens perante o Criador; e afirmaram ser a bondade do coração a única nobreza, o único mérito real do homem; ambos prègaram a sua doutrina pela palavra, e a consolidaram pelo exemplo.

Um, filho de um poderoso rei do Hindustão, abandonou o fausto da côrte e a onipotência do mando para estender a mão ao pária, chamando-lhe seu irmão.

O outro, filho de um carpinteiro da Galileia, estendeu a mão caritativamente aos escravos, para os elevar á categoria de homens, e expiou numa cruz o crime inaudito de só fazer o bem, e de se proclamar Filho de Deus!

*

* *

Desta sorte a grandiosidade do plano da Criação alarga-se de mais em mais: a humanidade do insignificante planeta, que habitamos, torna-se solidário com as humanidades dos outros mundos, que povoam o espaço. E essas humanidades tão longínquas auxiliam-se mutuamente no seu desenvolvimento progressivo.

Esta hipótese da solidariedade recíproca dos diversos mundos entre si, e da solidariedade dos espíritos que os povoam, e que torna possível que alguns Espíritos Superiores possam voluntariamente vir desempenhar nos mundos moralmente inferiores missões de luz e progresso, é por certo a concepção mais tocante e grandiosa da unidade do Cosmos que o espírito humano pode conceber, e é por certo bem mais racional e aceitável do que a teoria abstrusa e miraculosa da encarnação do Ser Infinito no seio acanhado de uma virgem terrestre, como admite o budismo e o cristianismo.

Se a ciência astronómica e cosmogónica dêses tempos remotos estivesse tão adiantada como o está hoje, a ponto de poder prescindir da ideia de milagre para a explicação de certos factos transcendentales, é muito provável que tivessem substituído a ideia da encarnação divina pela dos missionários providenciais voluntários.

Desta sorte se afirma de uma forma deslumbrante a ideia da Unidade Divina, da qual resulta como consequência fatal a Unidade do Cosmos e a da espécie humana, síntese final da Criação.

F I M.

INDEX

Capítulo I

A Ciência Antiga.....4

Capítulo II

Os componentes do homem.....18

Capítulo III

Donde vem êle?.....26

Capítulo IV

O Magnetismo.....39

Capítulo V

A Telepatia.....81

Capítulo VI

Alucinações telepáticas.....95

Capítulo VII

A Teoria Espírita.....110

Capítulo VIII

Ideias gerais sôbre a história do Espiritismo.....119

Capítulo IX

Primeiros fenómenos.....128

Capítulo X

Considerações Gerais.....167

Capítulo XI

Filosofia Espírita.....178

Capítulo XII

Trabalhos experimentais de Espiritismo – Sessões e Mediuns.....191

Capítulo XIII

O Plano Divino.....207

